



Orlando: Uma Biografia

Virginia Woolf

Tradução Literunico

Edição Literunico gratuita. Gerada em 21/05/2026 00:07.

Nota editorial

Esta edição em português brasileiro foi preparada pela Literunico a partir de *Orlando: A Biography*, de Virginia Woolf, em texto público validado pelo Wikisource. A tradução compõe o corpo do livro; comentário e orientação de leitura ficam separados no Almanaque, no curso e nos arquivos de descoberta.

Auditoria: 7 partes, 1 seções internas, 451 parágrafos e cerca de 77.265 palavras.

Sumário

1. **01** Prefácio
2. **02** Capítulo Um
3. **03** Capítulo Dois
4. **04** Capítulo Três
5. **05** Capítulo Quatro
6. **06** Capítulo Cinco
7. **07** Capítulo Seis

01. Prefácio

Texto preliminar da edição original de 1928.

Prefácio

Muitos amigos me ajudaram a escrever este livro. Alguns estão mortos e são tão ilustres que mal ousa nomeá-los, mas ninguém sabe ler ou escrever sem estar perpetuamente em dívida com Defoe, Sir Thomas Browne, Sterne, Sir Walter Scott, Lord Macaulay, Emily Brontë, De Quincey e Walter Pater - para citar os primeiros que me vêm à mente. Outros estão vivos e, embora talvez tão ilustres à sua maneira, são menos formidáveis por essa mesma razão. Estou especialmente grato ao Sr. C. P. Sanger, sem cujo conhecimento da lei de propriedade imobiliária este livro nunca poderia ter sido escrito. A ampla e peculiar erudição do Sr. Sydney-Turner me salvou, espero, de alguns erros lamentáveis. Tive a vantagem — quão grande só eu posso estimar — do conhecimento chinês do Sr. Arthur Waley. Madame Lopokova (Sra. J. M. Keynes) esteve presente para corrigir meu russo. À simpatia e imaginação incomparáveis do Sr. Roger Fry, devo qualquer compreensão da arte da pintura que possa possuir. Espero que tenha lucrado em outro departamento com as críticas singularmente penetrantes, embora severas, dirigidas ao meu sobrinho, o Sr. Juliano Bell. As infatigáveis pesquisas da senhorita M. K. Snowdon nos arquivos de Harrogate e Cheltenham não foram menos árduas por serem vãs. Outros amigos me ajudaram de maneiras muito diversas para serem especificadas. Devo me contentar em nomear o Sr. Angus Davidson; Sra. Senhorita Janet Caso; Lord Berners (cujo conhecimento da música elisabetana revelou-se inestimável); Sr. meu irmão, Dr. Adrian Stephen; Sr. F. L. Lucas; Sr. e Sra. Desmond Maccarthy; o mais inspirador dos críticos, meu cunhado, Sr. Clive Bell; Sr. G. H. Rylands; Lady Colefax; Senhorita

Nellie Boxall; Sr. JM Keynes; Senhorita Violeta Dickinson; o Exmo. Edward Sackville Oeste; Sr. e Sra. St. John Hutchinson; Sr. Sr. e Sra. Stephen Tomlin; Sr. e Lady Ottoline Morrell; minha sogra, Sra. Sidney Woolf; Sr. Madame Jacques Raverat; Coronel Cory Bell; Senhorita Valerie Taylor; Sr. JT Sheppard; Sr. e Sra. TS Eliot; Senhorita Ethel Sands; Senhorita Nan Hudson; meu sobrinho, Sr. Quentin Bell (um antigo e valioso colaborador na ficção); Sr. Senhorita Emphie Caso; Lady Gerald Wellesley; Sr. a Viscondessa Cecil; Senhorita Hope Mirrlees; Sr. EM Forster; o Exmo. Harold Nicolson; minha irmã, Vanessa Bell - mas a lista ameaça crescer muito e já é muito distinta. Pois embora desperte em mim lembranças das mais agradáveis, inevitavelmente despertará no leitor expectativas que o próprio livro só pode decepcionar. Concluirei, portanto, agradecendo aos funcionários do British Museum and Record Office pela sua costumeira cortesia; minha sobrinha, Srta. Angelica Bell, por um serviço que ninguém além dela poderia ter prestado; e ao meu marido pela paciência com que invariavelmente ajudou em minhas pesquisas e pelo profundo conhecimento histórico ao qual estas páginas devem qualquer grau de precisão que possam atingir. Finalmente, eu agradecerá, se não tivesse perdido seu nome e endereço, a um cavalheiro na América, que corrigiu generosa e gratuitamente a pontuação, a botânica, a entomologia, a geografia e a cronologia de meus trabalhos anteriores e, espero, não poupará seus serviços na presente ocasião.

V.W.

02. Capítulo Um

Orlando jovem, a casa ancestral, a rainha e Sasha no grande gelo.

Ele — pois não havia dúvida quanto ao seu sexo, embora a moda da época fizesse algo para disfarçá-lo — estava prestes a cortar a cabeça de um mouro que pendia das vigas. Era da cor de uma bola de futebol velha, e mais ou menos do formato de uma, exceto pelas bochechas encovadas e uma ou duas mechas de cabelo áspero e seco, como o cabelo de um coco. O pai de Orlando, ou talvez o seu avô, golpeara-o nos ombros de um vasto pagão que surgira sob a lua nos campos bárbaros da África; e agora balançava, suave e perpetuamente, na brisa que nunca parava de soprar pelos quartos do sótão da gigantesca casa do senhor que o matara.

Os pais de Orlando cavalgaram em campos de asfódelos, em campos pedregosos e em campos banhados por rios estranhos, e arrancaram muitas cabeças de muitas cores de muitos ombros e as trouxeram de volta para serem penduradas nas vigas. O mesmo aconteceria com Orlando, ele jurou. Mas como ele tinha apenas dezesseis anos e era jovem demais para cavalgar com eles na África ou na França, ele se afastava da mãe e dos pavões no jardim e ia para o quarto do sótão e lá atacava, mergulhava e cortava o ar com sua lâmina. Às vezes ele cortava a corda de modo que o crânio batia no chão e ele tinha que amarrá-la novamente, prendendo-a com um cavalheirismo quase fora de alcance, de modo que seu inimigo sorria para ele triunfantemente através dos lábios negros e encolhidos. O crânio balançava de um lado para o outro, pois a casa, no topo da qual ele morava, era tão vasta que parecia preso nela o próprio vento, soprando para cá, soprando para lá, no inverno ou no verão. O arras verde com os caçadores movia-se perpetuamente. Seus pais eram nobres desde que o eram. Eles saíram das

brumas do norte usando diademas na cabeça. As barras de escuridão na sala e as poças amarelas que marcavam o chão não eram feitas pelo sol que entrava pelos vitrais de um vasto brasão na janela? Orlando estava agora no meio do corpo amarelo de um leopardo heráldico. Quando ele colocou a mão no parapeito da janela para abri-la, ela ficou instantaneamente vermelha, azul e amarela como a asa de uma borboleta. Assim, aqueles que gostam de símbolos e têm habilidade para decifrá-los, poderão observar que embora as pernas bem torneadas, o corpo bonito e os ombros bem definidos fossem todos decorados com vários tons de luz heráldica, o rosto de Orlando, ao abrir a janela, estava iluminado apenas pelo próprio sol. Seria impossível encontrar um rosto mais sincero e taciturno. Feliz a mãe que dá à luz, mais feliz ainda o biógrafo que registra a vida de tal pessoa! Ela nunca precisa se irritar, nem ele invoca a ajuda de um romancista ou poeta. De ação em ação, de glória em glória, de cargo em cargo ele deve ir, seu escriba o seguindo, até que alcancem qualquer assento que seja o cúmulo de seu desejo. Orlando, ao olhar, foi talhado precisamente para uma carreira desse tipo. O vermelho das bochechas estava coberto de penugem cor de pêssego; a penugem dos lábios era apenas um pouco mais espessa do que a penugem das bochechas. Os próprios lábios eram curtos e ligeiramente recuados sobre dentes de uma brancura requintada e amendoada. Nada perturbou o nariz pontiagudo em seu voo curto e tenso; o cabelo era escuro, as orelhas pequenas e bem ajustadas à cabeça. Mas, infelizmente, esses catálogos de beleza juvenil não podem terminar sem mencionar a testa e os olhos. Infelizmente, as pessoas raramente nascem desprovidas de todos os três; pois assim que olhamos para Orlando parado junto à janela, devemos admitir que ele tinha olhos como violetas encharcadas, tão grandes que a água parecia ter transbordado neles e os alargado; e uma sobrancelha semelhante

ao inchaço de uma cúpula de mármore pressionada entre os dois medalhões vazios que eram suas têmporas. Olhamos diretamente para os olhos e para a testa, e assim nos entusiasmos. Assim que olhamos para os olhos e para a testa, temos de admitir mil coisas desagradáveis que todo bom biógrafo pretende ignorar. As visões o perturbavam, assim como a de sua mãe, uma linda senhora vestida de verde saindo para alimentar os pavões com Twitchett, sua criada, atrás dela; as vistas o exaltavam - os pássaros e as árvores; e fez com que ele se apaixonasse pela morte - o céu noturno, as gralhas; e assim, subindo a escada em espiral até seu cérebro — que era espaçoso —, todas essas visões, e também os sons do jardim, o bater do martelo, o corte de lenha, deram início a esse tumulto e confusão de paixões e emoções que todo bom biógrafo detesta. Mas, para continuar, Orlando desenhou lentamente a cabeça, sentou-se à mesa e, com o ar semiconsciente de quem faz o que faz todos os dias de sua vida a esta hora, pegou um livro intitulado "Æthelbert: Uma tragédia em cinco atos" e mergulhou na tinta uma pena de ganso velha e manchada.

Logo ele cobriu dez páginas ou mais com poesia. Ele era fluente, evidentemente, mas era abstrato. Vício, Crime, Miséria foram os personagens de seu drama; houve Reis e Rainhas de territórios impossíveis; conspirações horríveis os confundiram; sentimentos nobres os impregnaram; nunca houve uma palavra dita como ele próprio a teria dito, mas tudo foi dito com uma fluência e doçura que, considerando a sua idade - ele ainda não tinha dezassete anos - e o fato de o século XVI ainda ter alguns anos de curso pela frente, eram bastante notáveis. Por fim, porém, ele parou. Ele estava descrevendo, como todos os jovens poetas sempre descrevem, a natureza, e para combinar com precisão o tom de verde ele olhou (e aqui ele mostrou mais audácia do que a maioria) para a coisa em si, que por acaso era um

arbusto de louro crescendo sob a janela. Depois disso, é claro, ele não conseguiu mais escrever. Verde na natureza é uma coisa, verde na literatura é outra. A natureza e as letras parecem ter uma antipatia natural; junte-os e eles se despedaçarão. O tom de verde que Orlando viu agora estragou sua rima e dividiu sua métrica. Além disso, a natureza tem seus próprios truques. Uma vez que olhemos pela janela para as abelhas entre as flores, para um cachorro bocejando, para o pôr do sol, uma vez pensemos "quantos sóis mais verei se pôr", etc., etc. Pois Orlando era um pouco desajeitado.

Ele teve o cuidado de evitar encontrar alguém. Lá estava Stubbs, o jardineiro, vindo pela trilha. Ele se escondeu atrás de uma árvore até passar. Ele saiu por um pequeno portão no muro do jardim. Ele contornou todos os estábulos, canis, cervejarias, carpintarias, lavadouros, lugares onde se fazem velas de sebo, matam bois, forjam ferraduras, costuram gibões - pois a casa era uma cidade repleta de homens trabalhando em seus vários ofícios - e ganhou o caminho cheio de samambaias que subia a colina através do parque, sem ser visto. Talvez haja um parentesco entre as qualidades; um atrai outro junto; e o biógrafo deveria aqui chamar a atenção para o fato de que essa falta de jeito costuma estar associada ao amor pela solidão. Tendo tropeçado em um baú, Orlando naturalmente amou lugares solitários, paisagens vastas e se sentiu sozinho para todo o sempre.

Então, depois de um longo silêncio, "Estou sozinho", ele finalmente respirou, abrindo os lábios pela primeira vez neste disco. Ele havia caminhado muito rapidamente morro acima, por entre samambaias e arbustos de espinheiro, assustando veados e pássaros selvagens, até chegar a um lugar coroado por um único carvalho. Era muito alto, tão alto que dezenove condados ingleses podiam ser vistos abaixo, e em dias claros trinta, ou quarenta talvez, se o tempo estivesse bom. Às vezes era possível ver o Canal da Mancha, onda

após onda. Podia-se ver rios e barcos de recreio deslizando sobre eles; e galeões partindo para o mar; e armadas com nuvens de fumaça de onde vinha o baque surdo dos tiros de canhão; e fortes na costa; e castelos entre os prados; e aqui uma torre de vigia; e ali uma fortaleza; e novamente alguma vasta mansão como a do pai de Orlando, aglomerada como uma cidade no vale cercada por muralhas. A leste ficavam os pináculos de Londres e a fumaça da cidade; e talvez na própria linha do céu, quando o vento soprava do lado certo, o topo escarpado e as bordas serrilhadas do próprio Snowden pareciam montanhosos entre as nuvens. Por um momento Orlando ficou contando, olhando, reconhecendo. Essa era a casa de seu pai; que é do tio dele. Sua tia era dona daquelas três grandes torres entre as árvores de lá. A charneca era deles e a floresta; o faisão e o veado, a raposa, o texugo e a borboleta.

Suspirou profundamente e atirou-se - havia uma paixão nos seus movimentos que merece a palavra - no chão, aos pés do carvalho. Ele adorava, sob toda a transitoriedade do verão, sentir a espinha dorsal da Terra abaixo dele; para tal ele considerou a raiz dura do carvalho; ou, para imagem seguida de imagem, era o dorso de um grande cavalo que ele montava; ou o convés de um navio em queda - era qualquer coisa, desde que fosse duro, pois ele sentia a necessidade de algo ao qual pudesse unir seu coração flutuante; o coração que puxou seu lado; o coração que parecia cheio de ventos picantes e amorosos todas as noites nessa hora em que ele saía. Ele o amarrou ao carvalho e, enquanto estava ali deitado, gradualmente a vibração dentro e ao redor dele se acalmou; as folhinhas penduradas; o cervo parou; as pálidas nuvens de verão ficaram; seus membros ficaram pesados no chão; e ele ficou tão quieto que aos poucos os cervos se aproximaram e as gralhas giraram em torno dele e as andorinhas mergulharam e giraram e as libélulas passaram

voando, como se toda a fertilidade e atividade amorosa de uma noite de verão estivessem tecidas como uma teia ao redor de seu corpo.

Depois de mais ou menos uma hora — o sol estava se pondo rapidamente, as nuvens brancas haviam ficado vermelhas, as colinas estavam roxas, as florestas roxas, os vales pretos — uma trombeta soou. Orlando levantou-se de um salto. O som estridente veio do vale. Veio de um ponto escuro lá embaixo; um spot compacto e mapeado; um labirinto; uma cidade, mas cercada por muros; vinha do coração de sua grande casa no vale, que, antes escura, enquanto ele olhava e a única trombeta se duplicava e se reduplicava com outros sons mais estridentes, perdia a escuridão e ficava perfurada de luzes. Algumas eram pequenas luzes apressadas, como se criados corresse pelos corredores para responder a convocações; outras eram luzes altas e brilhantes, como se ardessem em salões de banquetes vazios, preparados para receber convidados que não tinham vindo; e outros mergulhavam, acenavam, afundavam e subiam, como se estivessem nas mãos de tropas de servos, curvando-se, ajoelhando-se, levantando-se, recebendo, guardando e escoltando com toda a dignidade para dentro de casa uma grande Princesa que descia de sua carruagem. As carruagens viraram-se e rodaram no pátio. Os cavalos lançaram suas plumas. A Rainha havia chegado.

Orlando não olhou mais. Ele correu ladeira abaixo. Ele entrou por um portão. Ele subiu a escada em caracol. Ele chegou ao seu quarto. Ele jogou as meias para um lado do quarto e o gibão para o outro. Ele baixou a cabeça. Ele esfregou as mãos. Ele cortou as unhas. Com não mais do que quinze centímetros de espelho e um par de velas velhas para ajudá-lo, ele vestiu calças vermelhas, gola de renda, colete de tafetá e sapatos com rosetas do tamanho de dalias duplas em menos de dez minutos, segundo o relógio do estábulo. Ele estava pronto. Ele estava corado. Ele estava animado. Mas ele

estava terrivelmente atrasado.

Através de atalhos que conhecia, ele abriu caminho através do vasto amontoado de salas e escadarias até o salão de banquetes, a cinco acres de distância, do outro lado da casa. Mas a meio caminho, nos fundos onde moravam os criados, ele parou. A porta da sala de estar da Sra. Stewkley estava aberta - ela havia partido, sem dúvida, com todas as chaves para servir sua patroa. Mas ali, sentado à mesa de jantar dos criados, com uma caneca ao lado e um papel à frente, estava sentado um homem um tanto gordo e um tanto maltrapilho, cuja gola era considerada suja e cujas roupas eram de um marrom desbotado. Ele segurava uma caneta na mão, mas não estava escrevendo. Ele parecia estar no ato de rolar algum pensamento para cima e para baixo, para frente e para trás em sua mente, até que ganhasse forma ou impulso de acordo com sua preferência. Seus olhos, globosos e nublados como uma pedra verde de textura curiosa, estavam fixos. Ele não viu Orlando. Apesar de toda a pressa, Orlando parou. Este era um poeta? Ele estava escrevendo poesia? "Diga-me", ele queria dizer, "tudo no mundo inteiro" - pois ele tinha as idéias mais loucas, absurdas e extravagantes sobre poetas e poesia - mas como falar com um homem que não vê você? quem vê ogros, sátiros, talvez as profundezas do mar? Então Orlando ficou olhando enquanto o homem girava a caneta nos dedos, para um lado e para outro; e olhou e meditou; e então, muito rapidamente, escrevi meia dúzia de linhas e olhei para cima. Ao que Orlando, dominado pela timidez, disparou e chegou ao salão de banquetes bem a tempo de cair de joelhos e, abaixando a cabeça em confusão, oferecer uma tigela de água de rosas à própria grande Rainha.

Tamanha era sua timidez que ele não a viu mais do que sua mão cheia de anéis na água; mas foi o suficiente. Foi uma mão memorável; uma mão fina com dedos longos sempre enrolados como se fosse um orbe redondo ou um

cetro; uma mão nervosa, doentia e doentia; uma mão comandante; uma mão que bastava levantar-se para que uma cabeça caísse; uma mão, supôs ele, presa a um corpo velho que cheirava a um armário onde se guardam peles em cânfora; cujo corpo ainda estava envolto em todos os tipos de brocados e pedras preciosas; e manteve-se muito ereto, embora talvez com dores ciáticas; e nunca vacilou, embora amarrado por milhares de medos; e os olhos da Rainha eram amarelos claros. Ele sentiu tudo isso quando os grandes anéis brilharam na água e então alguma coisa pressionou seu cabelo — o que, talvez, explique o fato de ele não ter visto nada que pudesse ser mais útil para um historiador. E, na verdade, a sua mente era uma tal confusão de opostos - da noite e das velas acesas, do poeta miserável e da grande Rainha, dos campos silenciosos e do barulho dos servos - que ele não conseguia ver nada; ou apenas uma mão.

Pela mesma demonstração, a própria Rainha só pode ter visto uma cabeça. Mas se é possível deduzir de uma mão um corpo, informado com todos os atributos de uma grande rainha, sua teimosia, coragem, fragilidade e terror, certamente uma cabeça pode ser tão fértil, desprezada de uma cadeira de estado por uma senhora cujos olhos estavam sempre, se podemos confiar nas estátuas de cera da Abadia, bem abertos. O cabelo longo e encaracolado, a cabeça escura inclinada com tanta reverência e inocência diante dela, sugeriam um par das mais belas pernas sobre as quais um jovem nobre já pisou; e olhos violetas; e um coração de ouro; e lealdade e charme viril - todas qualidades que a velha amava tanto mais quanto mais falhavam com ela. Pois ela estava envelhecendo, desgastada e curvada antes do tempo. O som do canhão estava sempre em seus ouvidos. Ela sempre via a brilhante gota de veneno e o longo estilete. Sentada à mesa, ela ouviu; ela ouviu os canhões no Canal da Mancha; ela temia - isso era uma maldição, era um

sussurro? A inocência e a simplicidade eram ainda mais queridas para ela devido ao fundo sombrio contra o qual as colocava. E foi naquela mesma noite, segundo a tradição, quando Orlando dormia profundamente, que ela entregou formalmente, colocando finalmente a mão e o selo no pergaminho, a doação da grande casa monástica que fora do Arcebispo e depois do Rei ao pai de Orlando.

Orlando dormiu a noite toda na ignorância. Ele havia sido beijado por uma rainha sem saber. E talvez, porque os corações das mulheres são intrincados, tenha sido a sua ignorância, e o sobressalto que deu quando os lábios dela o tocaram, que mantiveram a memória do seu jovem primo (pois tinham sangue em comum) verde na sua mente. De qualquer forma, ainda não se haviam passado dois anos desta vida tranquila no campo, e Orlando não tinha escrito mais do que talvez vinte tragédias, uma dúzia de histórias e uma vintena de sonetos quando chegou uma mensagem informando que deveria atender a rainha em Whitehall.

"Aqui", disse ela, observando-o avançar pela longa galeria em sua direção, "vem meu inocente!" (Havia sempre uma serenidade nele que parecia inocência quando, tecnicamente, a palavra não era mais aplicável.)

"Vir!" ela disse. Ela estava sentada ereta ao lado do fogo. E ela o segurou a um passo dela e olhou-o de cima a baixo. Estaria ela combinando suas especulações da outra noite com a verdade agora visível? Ela achou suas suposições justificadas? Olhos, boca, nariz, seios, quadris, mãos — ela os examinou; seus lábios se contraíram visivelmente enquanto ela olhava; mas quando ela viu as pernas dele, ela riu alto. Ele era a própria imagem de um nobre cavaleiro. Mas interiormente? Ela lançou para ele seus olhos amarelos de falcão como se fosse perfurar sua alma. O jovem resistiu ao

olhar dela, corando apenas como uma rosa adamsada, como lhe convinha. Força, graça, romance, loucura, poesia, juventude - ela o leu como uma página. Instantaneamente ela arrancou um anel do dedo (a junta estava bastante inchada) e, ao colocá-lo no dele, nomeou-o Tesoureiro e Regente; em seguida, penduravam-se correntes de cargos sobre ele; e ordenando-lhe que dobrasse o joelho, amarrou na parte mais delgada a ordem da Jarreteira com joias. Nada depois disso lhe foi negado. Quando ela dirigia com elegância, ele batia na porta da carruagem. Ela o enviou para a Escócia em uma triste embaixada à infeliz rainha. Ele estava prestes a embarcar para as guerras polonesas quando ela o chamou de volta. Pois como ela poderia suportar pensar naquela carne tenra dilacerada e naquela cabeça encaracolada rolada na poeira? Ela o manteve com ela. No auge de seu triunfo, quando os canhões disparavam na Torre e o ar estava denso o suficiente de pólvora para fazer alguém espirrar e os huzzas das pessoas ressoavam sob as janelas, ela puxou-o para baixo das almofadas onde suas mulheres a haviam deitado (ela estava tão desgastada e velha) e o fez enterrar o rosto naquela composição surpreendente - ela não trocava o vestido havia um mês - que cheirava a todo o mundo, ele pensou, relembrando sua memória de menino, como algum antigo armário em casa onde as peles de sua mãe eram guardadas. Ele se levantou, meio sufocado pelo abraço. "Esta", ela respirou, "é a minha vitória!" - mesmo quando um foguete rugiu e tingiu suas bochechas de vermelho.

Pois a velha o amava. E a Rainha, que conhecia um homem quando o via, embora não, dizem, da maneira usual, planejou para ele uma carreira esplêndida e ambiciosa. Foram-lhe dadas terras, foram-lhe atribuídas casas. Ele seria o filho de sua velhice; o membro de sua enfermidade; o carvalho no qual ela apoiou sua degradação. Ela resmungou essas promessas e ternuras

estranhas e dominadoras (eles estavam em Richmond agora), sentada empertigada em seus brocados rígidos perto do fogo que, por mais alto que fosse empilhado, nunca a mantinha aquecida.

Enquanto isso, os longos meses de inverno se aproximavam. Todas as árvores do parque estavam cobertas de gelo. O rio corria lentamente. Um dia, quando a neve estava no chão e os quartos escuros e apainelados estavam cheios de sombras e os veados latiam no Parque, ela viu no espelho, que ela mantinha sempre ao seu lado por medo de espiões, através da porta, que ela mantinha sempre aberta por medo de assassinos, um menino - seria Orlando? Agarrando sua espada de punho dourado, ela golpeou violentamente o espelho. O vidro quebrou; as pessoas vieram correndo; ela foi levantada e colocada novamente em sua cadeira; mas ela ficou abalada depois disso e gemeu muito, à medida que seus dias chegavam ao fim, por causa da traição do homem.

Talvez tenha sido culpa de Orlando; no entanto, afinal, devemos culpá-lo? A idade era a elisabetana; a moral deles não era a nossa; nem seus poetas; nem o seu clima; nem mesmo seus vegetais. Tudo era diferente. O próprio clima, o calor e o frio do verão e do inverno, era, podemos acreditar, de um temperamento completamente diferente. O brilhante dia amoroso foi dividido da noite tão nitidamente quanto a terra da água. O pôr do sol era mais vermelho e intenso; os amanheceres eram mais brancos e mais aurorais. Das nossas meias-luzes crepusculares e dos crepúsculos prolongados, eles nada sabiam. A chuva caiu com veemência, ou não caiu. O sol brilhava ou havia escuridão. Traduzindo isso para as regiões espirituais como costumam fazer, os poetas cantaram lindamente como as rosas murcham e as pétalas caem. O momento é breve eles cantaram; o momento acabou; uma longa noite será então dormida por todos. Quanto a usar os artificios da estufa ou do

conservatório para prolongar ou preservar essas rosas e rosas frescas, esse não era o seu jeito. As complexidades e ambiguidades murchas da nossa era mais gradual e duvidosa eram-lhes desconhecidas. A violência era tudo. A flor desabrochou e murchou. O sol nasceu e se pôs. O amante amou e foi. E o que os poetas diziam em rima, os jovens traduziam na prática. As meninas eram rosas e as estações eram curtas como as das flores. Devem ser colhidos antes do anoitecer; pois o dia foi breve e o dia foi tudo. Assim, se Orlando seguisse a orientação do clima, dos poetas, da própria época, e colhesse a sua flor no assento da janela, mesmo com a neve no chão e a Rainha vigilante no corredor, dificilmente poderíamos culpá-lo. Ele era jovem; ele era infantil; ele o fez, mas como a natureza lhe ordenou. Quanto à menina, não sabemos mais do que a própria rainha Elizabeth sabia qual era seu nome. Pode ter sido Doris, Chloris, Delia ou Diana, pois ele fazia rimas para todas elas; da mesma forma, ela pode ter sido uma dama da corte ou alguma criada. Pois o gosto de Orlando era amplo; ele não era um amante apenas das flores do jardim; a natureza e as ervas daninhas sempre tiveram um fascínio para ele.

Aqui, de fato, revelamos rudemente, como um biógrafo pode fazer, uma característica curiosa nele, que pode ser explicada, talvez, pelo fato de uma certa avó sua ter usado um avental e carregado baldes de leite. Alguns grãos da terra de Kentish ou Sussex foram misturados com o fluido fino e fino que veio da Normandia para ele. Ele sustentava que a mistura de terra marrom e sangue azul era boa. É certo que ele sempre gostou de companhia baixa, especialmente de pessoas letradas, cuja inteligência tantas vezes os mantém sob controle, como se houvesse simpatia de sangue entre eles. Nessa época de sua vida, quando sua cabeça transbordava de rimas e ele nunca ia para a cama sem demonstrar alguma presunção, o rosto da filha de um estalajadeiro parecia mais fresco e a inteligência da sobrinha de um guarda-caça parecia

mais rápida do que a das damas da corte. Conseqüentemente, ele começou a frequentar Wapping Old Stairs e lugares semelhantes à noite; envolto em uma capa cinza para esconder a estrela no pescoço e a liga no joelho. Ali, com uma caneca diante de si, entre as pistas arenosas, os campos de boliche e toda a arquitetura simples desses lugares, ele ouvia as histórias dos marinheiros sobre as dificuldades, o horror e a crueldade no mar espanhol; como alguns perderam os dedos dos pés, outros o nariz - pois a história falada nunca foi tão arredondada ou tão colorida quanto a escrita. Gostava especialmente de ouvi-los entoar as suas canções dos Açores, enquanto os periquitos, que traziam daquelas paragens, bicavam as argolas que tinham nas orelhas, batiam com os seus bicos duros e aquisitivos nos rubis que tinham nos dedos e praguejavam tão vilmente como os seus donos. As mulheres não eram menos ousadas no falar e menos livres nas maneiras do que os pássaros. Eles se empoleiraram em seu joelho, lançaram os braços em volta de seu pescoço e, adivinhando que algo fora do comum estava escondido sob sua capa, estavam tão ansiosos para descobrir a verdade sobre o assunto quanto o próprio Orlando.

Nem faltaram oportunidades. O rio agitava-se cedo e tarde com barcaças, cais e embarcações de todos os tipos. Todos os dias navegava para o mar algum belo navio com destino às Índias; de vez em quando, outro enegrecido e esfarrapado, com homens peludos desconhecidos a bordo, rastejava dolorosamente para ancorar. Ninguém sentia falta de um menino ou de uma menina se eles ficassem um pouco na água depois do pôr do sol; ou levantava uma sobranceira se a fofoca os visse dormindo profundamente entre os sacos de tesouros, seguros nos braços um do outro. Essa foi de fato a aventura que se abateu sobre Orlando, Sukey e o conde de Cumberland. O dia estava quente; o amor deles era ativo; eles haviam adormecido entre os rubis. Mais

tarde naquela noite, o conde, cuja fortuna estava muito ligada às aventuras espanholas, veio verificar o saque sozinho com uma lanterna. Ele apontou a luz para um barril. Ele começou a voltar com um juramento. Enrolados no barril, dois espíritos dormiam. Supersticioso por natureza, com a consciência carregada de muitos crimes, o conde levou o casal - eles estavam envoltos em uma capa vermelha e o peito de Sukey era quase tão branco quanto as neves eternas da poesia de Orlando - por um fantasma surgido dos túmulos de marinheiros afogados para repreendê-lo. Ele se benzeu. Ele jurou arrependimento. A fileira de casas de caridade que ainda existem na Sheen Road é o fruto visível do pânico daquele momento. Doze pobres idosas da paróquia hoje bebem chá e esta noite abençoam Sua Senhoria por um teto acima de suas cabeças; então aquele amor ilícito em um navio de tesouro - mas omitimos a moral.

Logo, porém, Orlando se cansou, não só do desconforto desse modo de vida e das ruas esburacadas do bairro, mas também dos costumes primitivos do povo. Pois é preciso lembrar que o crime e a pobreza não tiveram para os elisabetanos a atração que exercem sobre nós. Eles não tinham nada da nossa vergonha moderna de aprender livros; nada de nossa crença de que nascer filho de açougueiro é uma bênção e não saber ler uma virtude; nenhuma fantasia de que o que chamamos de “vida” e “realidade” esteja de alguma forma ligado à ignorância e à brutalidade; nem, de fato, qualquer equivalente para essas duas palavras. Não foi em busca da “vida” que Orlando andou entre eles; não em busca da “realidade” que ele os deixou. Mas depois de ter ouvido inúmeras vezes como Jakes perdera o nariz e Sukey a honra - e eles contavam as histórias de forma admirável, é preciso admitir - , começou a ficar um pouco cansado da repetição, pois um nariz só pode ser cortado de uma forma e a virgindade perdida de outra - ou assim lhe parecia

- enquanto as artes e as ciências tinham uma diversidade que despertou profundamente a sua curiosidade. Assim, guardando-os sempre na feliz memória, deixou de frequentar as cervejarias e as pistas de bowling, pendurou a capa cinzenta no guarda-roupa, deixou brilhar a estrela no pescoço e a liga brilhar no joelho, e apareceu mais uma vez na Corte do Rei Jaime. Ele era jovem, era rico, era bonito. Ninguém poderia ter sido recebido com maior aclamação do que ele.

É certo que muitas damas estavam dispostas a mostrar-lhe os seus favores. Os nomes de pelo menos três foram livremente associados ao seu em casamento - Clorinda, Favilla, Euphrosyne - para dar-lhes os nomes que ele lhes chamava em seus sonetos.

Para colocá-los em ordem; Clorinda era uma senhora bastante gentil e doce; na verdade, Orlando ficou muito encantado com ela durante seis meses e meio; mas ela tinha cílios brancos e não suportava ver sangue. Uma lebre assada na mesa do pai a fez desmaiar. Ela também estava muito sob a influência dos sacerdotes e restringia sua roupagem para dar aos pobres. Ela assumiu a responsabilidade de livrar Orlando de seus pecados, o que o adoeceu, de modo que ele desistiu do casamento, e não se arrependeu muito quando ela morreu logo depois de varíola.

Favilla, que vem a seguir, era de um tipo completamente diferente. Ela era filha de um pobre cavalheiro de Somersetshire; que, por pura assiduidade e uso dos olhos, subiu na corte, onde seu talento na equitação, seu belo peito do pé e sua graça na dança conquistaram a admiração de todos. Certa vez, porém, ela foi tão imprudente que chicoteou um spaniel que havia rasgado uma de suas meias de seda (e é preciso dizer com justiça que Favilla tinha poucas meias, e essas, em sua maior parte, de droga) até deixá-lo a poucos

centímetros de sua vida, sob a janela de Orlando. Orlando, que era um apaixonado amante dos animais, notou então que os dentes dela eram tortos e os dois da frente virados para dentro, o que, disse ele, é um sinal claro de uma disposição perversa e cruel na mulher, e assim rompeu o noivado naquela mesma noite para sempre.

A terceira, Euphrosyne, foi de longe a mais grave de suas chamadas. Ela era uma dos Desmonds irlandesas por nascimento e tinha, portanto, uma árvore genealógica própria, tão antiga e profundamente enraizada quanto a de Orlando. Ela era clara, corada e um pouco fleumática. Ela falava bem italiano, tinha uma dentição perfeita no maxilar superior, embora os inferiores estivessem ligeiramente descoloridos. Ela nunca ficava sem um chicote ou spaniel no joelho; alimentou-os com pão branco do seu próprio prato; cantou docemente para os virginais; e nunca se vestia antes do meio-dia devido ao extremo cuidado que tinha com sua pessoa. Em suma, ela teria sido a esposa perfeita para um nobre como Orlando, e as coisas tinham ido tão longe que os advogados de ambos os lados estavam ocupados com acordos, acordos, acordos, mensagens, cortiços e tudo o que fosse necessário antes que uma grande fortuna pudesse acasalar-se com outra quando, com a rapidez e a severidade que então caracterizavam o clima inglês, veio a Grande Geadada.

A Grande Geadada foi, dizem os historiadores, a mais severa que já visitou estas ilhas. Os pássaros congelaram no ar e caíram como pedras no chão. Em Norwich, uma jovem camponesa começou a atravessar a rua com a sua habitual saúde robusta e foi vista pelos espectadores transformando-se visivelmente em pó e sendo lançada numa nuvem de poeira sobre os telhados quando a explosão gelada a atingiu na esquina da rua. A mortalidade entre ovinos e bovinos foi enorme. Os cadáveres congelaram e não puderam ser

retirados dos lençóis. Não era incomum encontrar uma manada inteira de porcos congelados e imóveis na estrada. Os campos estavam cheios de pastores, lavradores, parelhas de cavalos e garotinhos assustadores de pássaros, todos atingidos no ato do momento, um com a mão no nariz, outro com a garrafa nos lábios, um terceiro com uma pedra erguida para atirar no corvo que estava sentado, como se estivesse empalhado, na sebe a um metro dele. A severidade da geada era tão extraordinária que às vezes ocorria uma espécie de petrificação; e era comum supor que o grande aumento de rochas em algumas partes de Derbyshire não se devia a nenhuma erupção, pois não houve nenhuma, mas à solidificação de infelizes viajantes que haviam sido literalmente transformados em pedra onde estavam. A Igreja pouco pôde ajudar no assunto e, embora alguns proprietários de terras tivessem abençoado essas relíquias, a maior parte preferia usá-las como marcos, postes para ovelhas ou, quando a forma da pedra permitia, bebedouros para o gado, finalidade a que servem, admiravelmente em sua maior parte, até hoje.

Mas enquanto a população do campo sofria o extremo da necessidade e o comércio do país estava paralisado, Londres desfrutava de um carnaval do máximo brilho. A Corte estava em Greenwich, e o novo rei aproveitou a oportunidade que sua coroação lhe deu para agradar os cidadãos. Ele ordenou que o rio, que estava congelado a uma profundidade de seis metros ou mais por seis ou sete milhas de cada lado, deveria ser varrido, decorado e ter toda a aparência de um parque ou área de lazer, com caramanchões, labirintos, becos, barracas de bebidas, etc., às suas custas. Para si e para os cortesãos reservou um determinado espaço imediatamente em frente às portas do Palácio; que, isolado do público apenas por uma corda de seda, tornou-se imediatamente o centro da sociedade mais brilhante da Inglaterra.

Grandes estadistas, com suas barbas e rufos, despachavam assuntos de Estado sob o toldo carmesim do Pagode Real. Os soldados planejaram a conquista dos mouros e a queda dos turcos em caramanchões listrados encimados por plumas de avestruz. Almirantes caminhavam para cima e para baixo pelos caminhos estreitos, de copo na mão, varrendo o horizonte e contando histórias da passagem noroeste e da Armada Espanhola. Os amantes flertavam em divãs cobertos de zibelina. Rosas congeladas caíam em chuva quando a rainha e suas damas caminhavam para o exterior. Balões coloridos pairavam imóveis no ar. Aqui e ali ardiam grandes fogueiras de madeira de cedro e carvalho, ricamente salgadas, de modo que as chamas eram de fogo verde, laranja e roxo. Mas por mais ferozmente que queimassem, o calor não foi suficiente para derreter o gelo que, embora de uma transparência singular, ainda tinha a dureza do aço. Era tão claro que podia ser visto, congelado a vários metros de profundidade, aqui um golfinho, ali uma solha. Cardumes de enguias jaziam imóveis em transe, mas se o seu estado era de morte ou apenas de animação suspensa que o calor reviveria, intrigava os filósofos. Perto da Ponte de Londres, onde o rio havia congelado a uma profundidade de cerca de vinte braças, um barco desembarcado naufragado era claramente visível, caído no leito do rio onde havia afundado no outono passado, sobrecarregado de maçãs. A velha vagabunda, que levava suas frutas para o mercado no lado de Surrey, estava sentada ali, de xadrez e farthingale, com o colo cheio de maçãs, como se estivesse prestes a servir um cliente, embora um certo tom azulado nos lábios sugerisse a verdade. Era uma visão que o rei Jaime gostava especialmente de contemplar, e ele trazia uma trupe de cortesãos para contemplá-lo. Em suma, nada poderia exceder o brilho e a alegria da cena durante o dia. Mas era à noite que o carnaval era mais alegre. Pois a geada

continuou ininterrupta; as noites eram de perfeita quietude; a lua e as estrelas brilhavam com a dura fixidez dos diamantes, e ao som da bela música da flauta e da trombeta os cortesãos dançavam.

Orlando, é verdade, não era nenhum daqueles que pisavam levemente o coranto e a lavolta; ele era desajeitado; e um pouco distraído. Ele preferia muito mais as danças simples de seu próprio país, que dançava quando criança, a essas fantásticas medidas estrangeiras. Na verdade, ele tinha acabado de juntar os pés, por volta das seis da tarde do dia 7 de janeiro, no final de alguma quadrilha ou minueto, quando contemplou, vindo do pavilhão da Embaixada Moscovita, uma figura que, fosse de menino ou de mulher, pois a túnica e as calças largas da moda russa serviam para disfarçar o sexo, o enchia da maior curiosidade. A pessoa, qualquer que fosse o nome ou o sexo, era de estatura mediana, de constituição muito esbelta e vestida inteiramente de veludo cor de ostra, enfeitada com uma pele de cor esverdeada desconhecida. Mas esses detalhes foram obscurecidos pela extraordinária sedução que emanava de toda a pessoa. Imagens, metáforas do mais extremo e extravagante entrelaçadas e distorcidas em sua mente. Ele a chamou de melão, abacaxi, oliveira, esmeralda e raposa na neve, tudo no espaço de três segundos; ele não sabia se a tinha ouvido, provado, visto ou todos os três juntos. (Pois embora não devamos parar nem um momento na narrativa, podemos aqui notar apressadamente que todas as suas imagens naquela época eram extremamente simples para combinar com seus sentidos e foram tiradas principalmente de coisas que ele gostava de saborear quando menino. Mas se seus sentidos eram simples, eles eram ao mesmo tempo extremamente fortes. Portanto, fazer uma pausa e procurar as razões das coisas está fora de questão.)... Um melão, uma esmeralda, uma raposa na neve - assim ele delirou, então ele a chamou. Quando o menino, que,

infelizmente, só pode ser um menino — nenhuma mulher conseguia patinar com tanta velocidade e vigor — passou por ele quase na ponta dos pés, Orlando estava pronto para arrancar os cabelos, irritado por a pessoa ser do seu próprio sexo, e assim todos os abraços estavam fora de questão. Mas o patinador chegou mais perto. Pernas, mãos, porte eram de menino, mas nenhum menino jamais teve uma boca assim; nenhum menino tinha aqueles seios; nenhum menino tinha aqueles olhos que pareciam ter sido pescados no fundo do mar. Finalmente, parando e fazendo uma reverência com a maior graça ao rei, que passava arrastando os pés de braço dado com algum senhor-em-espera, o patinador desconhecido parou. Ela não estava a um palmo de distância. Ela era uma mulher. Orlando ficou olhando; tremeu; ficou quente; ficou frio; ansiava por se atirar no ar do verão; esmagar bolotas sob os pés; para agitar os braços com as faias e os carvalhos. Na verdade, ele desenhava os lábios sobre os pequenos dentes brancos; abriu-os talvez um centímetro como se fosse morder e fechou-os como se tivesse mordido. A Lady Euphrosyne estava pendurada em seu braço.

O nome da estranha, descobriu ele, era princesa Marousha Stanilovska Dagmar Natasha Iliana Romanovitch, e ela viera no trem do embaixador moscovita, que talvez fosse seu tio, ou talvez seu pai, para assistir à coroação. Muito pouco se sabia sobre os moscovitas. Com suas grandes barbas e chapéus de pele, eles ficavam sentados quase em silêncio; bebendo um líquido preto que cuspiam de vez em quando no gelo. Ninguém falava inglês, e o francês, com o qual pelo menos alguns estavam familiarizados, era então pouco falado na corte inglesa.

Foi através deste acidente que Orlando e a Princesa se conheceram. Eles estavam sentados frente a frente na grande mesa espalhada sob um enorme toldo para entretenimento dos notáveis. A Princesa foi colocada entre dois

jovens Lordes, um Lord Francis Vere e o outro o jovem Conde de Moray. Foi ridículo ver a situação em que ela logo os colocou, pois embora ambos fossem bons rapazes à sua maneira, o bebê por nascer tinha tanto conhecimento da língua francesa quanto eles. Quando, no início do jantar, a princesa virou-se para o conde e disse, com uma graça que arrebatou seu coração: "Je crois avoir fait la connaissance d'un gentilhomme qui vous était apparenté en Pologne l'été dernier" ou "La beauté des dames de la cour d'Angleterre me met dans le ravissement. On ne peut voir une dame plus gracieuse que votre reine, ni une coiffure plus belle que la sienne", tanto Lord Francis quanto o conde demonstraram o maior constrangimento. Um deles serviu-lhe bastante o molho de raiz-forte, o outro assobiou para o cachorro e o fez implorar por um osso de tutano. Com isso a princesa não conseguiu mais conter o riso, e Orlando, olhando para as cabeças dos javalis e dos pavões empalhados, riu também. Ele riu, mas a risada em seus lábios congelou de admiração. Quem ele amou, o que ele amou, ele se perguntou num tumulto de emoção, até agora? Uma velha, respondeu ele, toda pele e osso. Trulls de bochechas vermelhas são muitos para serem mencionados. Uma freira pulo. Uma aventureira obstinada e de boca cruel. Uma massa ondulante de renda e cerimônia. O amor não significava para ele nada além de serragem e cinzas. As alegrias que ele teve com isso tinham um sabor insípido ao extremo. Ele ficou maravilhado como pôde ter passado por aquilo sem bocejar. Pois enquanto ele olhava, a espessura do seu sangue derreteu; o gelo transformou-se em vinho em suas veias; ele ouviu as águas correndo e os pássaros cantando; a primavera irrompeu na dura paisagem invernal; sua masculinidade acordou; ele segurava uma espada na mão; ele atacou um inimigo mais ousado do que o polonês ou o mouro; ele mergulhou em águas profundas; ele viu a flor do perigo crescendo numa fenda; ele estendeu a mão

- na verdade, ele estava recitando um de seus sonetos mais apaixonados quando a princesa se dirigiu a ele: "Você teria a bondade de passar o sal?"

Ele corou profundamente.

"Com todo o prazer do mundo, Madame", respondeu ele, falando francês com um sotaque perfeito. Pois, louvado seja o céu, ele falou a língua como se fosse sua; a empregada de sua mãe lhe ensinou. No entanto, talvez tivesse sido melhor para ele se nunca tivesse aprendido essa língua; nunca respondi aquela voz; nunca segui a luz daqueles olhos....

A princesa continuou. Quem eram aqueles caipiras que ela perguntou, que se sentavam ao lado dela com modos de cavalariços? Qual era a mistura nauseante que haviam derramado no prato dela? Os cachorros comiam na mesma mesa que os homens na Inglaterra? Aquela figura divertida na ponta da mesa com o cabelo preso como um mastro de maio (une grande perche mal fagotée) era realmente a rainha? E o rei sempre babava assim? E qual desses papagaios era George Villiers? Embora essas perguntas a princípio tenham perturbado Orlando, elas foram feitas com tanta maldade e graça que ele não pôde deixar de rir; e ao ver pelos rostos inexpressivos do grupo que ninguém entendia uma palavra, ele respondeu tão livremente quanto ela lhe perguntou, falando, como ela, em francês perfeito.

Assim começou uma intimidade entre os dois que logo se tornou o escândalo da Corte.

Logo se percebeu que Orlando prestava ao moscovita muito mais atenção do que a mera civilidade exigia. Ele raramente estava longe dela, e a conversa deles, embora ininteligível para os demais, era conduzida com tanta animação, provocava tantos rubores e risadas, que o mais estúpido conseguia

adivinhar o assunto. Além disso, a mudança no próprio Orlando foi extraordinária. Ninguém nunca o tinha visto tão animado. Numa noite, ele se livrou de sua falta de jeito infantil; ele passou de um jovem mal-humorado, que não conseguia entrar no banheiro feminino sem varrer metade dos enfeites da mesa, para um nobre, cheio de graça e cortesia viril. Vê-lo entregar a moscovita (como ela era chamada) ao seu trenó, ou oferecer-lhe a mão para a dança, ou pegar o lenço manchado que ela deixara cair, ou cumprir qualquer outro daqueles múltiplos deveres que a dama suprema exige e o amante se apressa em antecipar, era uma visão que inflamava os olhos opacos da idade e fazia o pulso rápido da juventude bater mais rápido. No entanto, sobre tudo isso pairava uma nuvem. Os velhos encolheram os ombros. Os jovens riram entre os dedos. Todos sabiam que Orlando estava noivo de outra. Lady Margaret O'Brien O'Dare O'Reilly Tyrconnel (pois esse era o nome próprio de Euphrosyne dos Sonetos) usava a esplêndida safira de Orlando no segundo dedo da mão esquerda. Era ela quem tinha o direito supremo às atenções dele. No entanto, ela poderia deixar cair todos os lenços de seu guarda-roupa (dos quais tinha muitos) no gelo e Orlando nunca se abaixou para pegá-los. Ela poderia esperar vinte minutos até que ele a entregasse ao trenó e, no final, teria que se contentar com os serviços de seu Blackamoor. Quando ela patinava, o que fazia de maneira bastante desajeitada, ninguém estava ao seu lado para encorajá-la, e, se ela caísse, o que ela fazia com muita força, ninguém a levantava e tirava a neve de suas anáguas. Embora ela fosse naturalmente fleumática, lenta em se ofender e mais relutante do que a maioria das pessoas em acreditar que um mero estrangeiro pudesse afastá-la do afeto de Orlando, mesmo assim até a própria Lady Margaret foi finalmente levada a suspeitar que algo estava fervendo contra sua paz de espírito.

Na verdade, com o passar dos dias, Orlando teve cada vez menos cuidado em esconder os seus sentimentos. Com uma ou outra desculpa, ele saía da companhia assim que jantavam, ou fugia dos patinadores, que formavam grupos para uma quadrilha. No momento seguinte, ver-se-ia que o moscovita também estava desaparecido. Mas o que mais indignava a Corte, e a magoava na sua parte mais terna, que é a sua vaidade, era que o casal era muitas vezes visto deslizando sob a corda de seda, que separava o recinto real da parte pública do rio e desaparecendo entre a multidão de pessoas comuns. Pois de repente a princesa batia o pé e gritava: "Leve-me embora. Detesto a sua turba inglesa", o que ela queria dizer com a própria corte inglesa. Ela não aguentava mais. Estava cheio de velhas curiosas, disse ela, que olhavam fixamente na cara das pessoas, e de jovens arrogantes que pisavam nos calos dos pés. Eles cheiravam mal. Seus cachorros corriam entre suas pernas. Era como estar em uma jaula. Na Rússia, havia rios com dezesseis quilômetros de largura, nos quais era possível galopar seis cavalos lado a lado durante todo o dia sem encontrar ninguém. Além disso, ela queria conhecer a Torre, os Beefeaters, os Heads no Temple Bar e as joalherias da cidade. Assim, Orlando a levou para a cidade, mostrou-lhe os Beefeaters e as cabeças dos rebeldes e comprou-lhe o que quisesse no Royal Exchange. Mas isso não foi suficiente. Cada vez mais desejavam a companhia do outro em privacidade durante todo o dia, onde não havia ninguém para se maravilhar ou olhar. Em vez de tomarem a estrada para Londres, portanto, viraram-se para o outro lado e rapidamente se afastaram da multidão, entre os confins congelados do Tâmsa, onde, excepto as aves marinhas e uma velha camponesa que cortava o gelo numa vã tentativa de tirar um balde cheio de água ou de juntar os gravetos ou folhas mortas que conseguia encontrar para atirar, nem uma alma viva alguma vez apareceu no seu caminho. Os pobres

mantinham-se próximos de suas casas, e os melhores, que podiam pagar por isso, aglomeravam-se na cidade em busca de calor e alegria.

Portanto, Orlando e Sasha, como ele a chamava abreviadamente, e porque era o nome de uma raposa russa branca que ele tivera quando menino — uma criatura macia como a neve, mas com dentes de aço, que o mordeu com tanta violência que seu pai mandou matá-la —, portanto, eles tinham o rio só para eles. Quentes de patinar e de amor, eles se jogariam em algum lugar solitário, onde os vimes amarelos orlavam a margem, e, envolto em um grande manto de pele, Orlando a tomaria nos braços e conheceria, pela primeira vez, ele murmurou, as delícias do amor. Então, quando o êxtase acabava e eles jaziam embalados e desmaiados no gelo, ele lhe contava sobre seus outros amores e como, comparados a ela, eles eram de madeira, de saco e de cinzas. E rindo de sua veemência, ela se virava mais uma vez em seus braços e lhe dava, por amor, mais um abraço. E então eles ficariam maravilhados com o fato de o gelo não derreter com o calor, e sentiriam pena da pobre velha que não tinha meios naturais de descongelá-lo, mas precisava cortá-lo com um picador de aço frio. E então, envoltos em suas zibelinas, falavam de tudo o que havia sob o sol; de pontos turísticos e viagens; de mouro e pagão; da barba deste homem e da pele daquela mulher; de um rato que se alimentava de sua mão à mesa; das arras que se moviam sempre no corredor de casa; de um rosto; de uma pena. Nada era pequeno demais para tal conversa, nada era grande demais.

Então, de repente, Orlando caía num dos seus estados de melancolia; a visão da velha mancando sobre o gelo pode ser a causa disso, ou nada; e se jogava de bruços no gelo e olhava para as águas congeladas e pensava na morte. Pois tem razão o filósofo que diz que nada mais grosso que a lâmina de uma faca separa a felicidade da melancolia; e ele prossegue opinando que um é

irmão gêmeo do outro; e tira daí a conclusão de que todos os extremos de sentimento estão aliados à loucura; e assim nos convida a refugiar-nos na verdadeira Igreja (na sua opinião, a Anabatista), que é o único porto, porto, ancoradouro, etc., disse ele, para aqueles que foram lançados neste mar.

“Tudo termina em morte”, dizia Orlando, sentando-se ereto, o rosto nublado pela tristeza. (Pois era assim que sua mente funcionava agora, em gangorras violentas da vida até a morte, parando em nada no meio, de modo que o biógrafo também não deveria parar, mas deveria voar o mais rápido que pudesse e assim acompanhar as ações impensadas, apaixonadas e tolas e as palavras súbitas e extravagantes com as quais, é impossível negar, Orlando, nesta época de sua vida, se entregava.)

“Tudo termina em morte”, dizia Orlando, sentando-se direito no gelo. Mas Sasha, que afinal de contas não tinha sangue inglês, mas era originária da Rússia, onde os pores-do-sol são mais longos, os amanheceres menos repentinos e as frases muitas vezes deixadas inacabadas devido à dúvida sobre a melhor forma de acabar com elas, Sasha olhou para ele, talvez zombou dele, pois ele deve ter parecido uma criança para ela, e não disse nada. Mas por fim o gelo esfriou embaixo deles, o que ela não gostou, então o colocou de pé novamente, ela falou de forma tão encantadora, tão espirituosa, tão sábia (mas infelizmente sempre em francês, que notoriamente perde seu sabor na tradução) que ele se esquecia das águas congeladas ou da noite chegando ou da velha ou o que quer que fosse, e tentava dizer a ela - mergulhando e chapinhando entre mil imagens que haviam ficado tão obsoletas quanto as mulheres que as inspiraram - como ela era. Neve, creme, mármore, cerejas, alabastro, fio dourado? Nada disso. Ela era como uma raposa ou uma oliveira; como as ondas do mar quando você as olha do alto; como uma esmeralda; como o sol em uma colina verde ainda

nublada - diferente de tudo que ele tinha visto ou conhecido na Inglaterra. Vasculhando a língua como podia, as palavras lhe faltaram. Ele queria outra paisagem e outra língua. Inglês era um discurso muito franco, sincero e meloso para Sasha. Pois em tudo o que ela dizia, por mais aberta e voluptuosa que parecesse, havia algo oculto; em tudo o que ela fazia, por mais ousado que fosse, havia algo oculto. Assim, a chama verde parece escondida na esmeralda, ou o sol aprisionado numa colina. A clareza era apenas externa; dentro havia uma chama errante. Ele veio; foi; ela nunca brilhou com o brilho constante de uma mulher inglesa - aqui, porém, lembrando-se de Lady Margaret e suas anáguas, Orlando correu selvagememente em seus transportes e arrastou-a sobre o gelo, cada vez mais rápido, jurando que perseguiria a chama, mergulharia em busca da pedra preciosa, e assim por diante, as palavras saindo de sua respiração ofegante com a paixão de um poeta cuja poesia é parcialmente pressionada para fora dele pela dor.

Mas Sasha ficou em silêncio. Quando Orlando acabou de lhe dizer que ela era uma raposa, uma oliveira ou um cume verdejante e lhe contou toda a história da sua família; como a casa deles era uma das mais antigas da Grã-Bretanha; como eles tinham vindo de Roma com os Césares e tinham o direito de caminhar pelo Corso (que é a rua principal de Roma) sob um palanquim enfeitado com borlas, que ele dizia ser um privilégio reservado apenas para aqueles de sangue imperial (pois havia nele uma credulidade orgulosa que era bastante agradável), ele fazia uma pausa e perguntava a ela: Onde ficava a casa dela? Qual era o pai dela? Ela tinha irmãos? Por que ela estava aqui sozinha com o tio? Então, de alguma forma, embora ela respondesse prontamente, um constrangimento surgiria entre eles. Ele suspeitou a princípio que a posição dela não era tão alta quanto ela gostaria;

ou que ela tinha vergonha dos costumes selvagens de seu povo, pois ele ouvira dizer que as mulheres na Moscóvia usam barba e os homens são cobertos de pelos da cintura para baixo; que ambos os sexos são untados com sebo para se protegerem do frio, rasgam a carne com os dedos e vivem em cabanas onde um nobre inglês teria escrúpulos em guardar o seu gado; de modo que ele se absteve de pressioná-la. Mas, refletindo, concluiu que o silêncio dela não poderia ser por esse motivo; ela mesma estava totalmente livre de pelos no queixo; ela se vestia de veludo e pérolas, e seus modos certamente não eram os de uma mulher criada em um estábulo.

O que então ela escondeu dele? A dúvida subjacente à tremenda força dos seus sentimentos era como uma areia movediça sob um monumento que se move subitamente e faz tremer toda a pilha. A agonia o dominaria de repente. Então ele explodiria com tanta raiva que ela não sabia como acalmá-lo. Talvez ela não quisesse acalmá-lo; talvez os acessos de raiva dele a agradassem e ela os provocasse de propósito — tal é a curiosa obliquidade do temperamento moscovita.

Para continuar a história, patinando mais longe do que o habitual naquele dia, chegaram à parte do rio onde os navios haviam ancorado e congelados no meio do rio. Entre eles estava o navio da Embaixada Moscovita que ostentava sua águia negra de duas cabeças no mastro principal, que estava pendurado com pingentes de gelo multicoloridos de vários metros de comprimento. Sasha havia deixado algumas de suas roupas a bordo e, supondo que o navio estivesse vazio, subiram ao convés e foram procurá-las. Lembrando-se de certas passagens de seu passado, Orlando não teria se admirado se alguns bons cidadãos procurassem esse refúgio antes deles; e assim aconteceu. Eles não haviam se aventurado muito longe, quando um belo jovem começou a trabalhar em algum negócio próprio atrás de um rolo

de corda e dizendo, aparentemente, porque falava russo, que fazia parte da tripulação e ajudaria a princesa a encontrar o que ela queria, acendeu um pedaço de vela e desapareceu com ela nas partes mais baixas do navio.

O tempo foi passando e Orlando, envolto em seus próprios sonhos, só pensava nos prazeres da vida; de sua joia; de sua raridade; de meios para torná-la irrevogável e indissolúvelmente sua. Obstáculos existiram e dificuldades a serem superadas. Ela estava determinada a viver na Rússia, onde havia rios congelados, cavalos selvagens e homens, disse ela, que cortavam a garganta uns dos outros. É verdade que uma paisagem de pinheiros e neve, hábitos de luxúria e matança, não o atraíam. Ele também não estava ansioso para abandonar seus agradáveis esportes campestres e o plantio de árvores; renunciar ao seu cargo; arruinar sua carreira; atirar nas renas em vez do coelho; beber vodca em vez de canário e enfiar uma faca na manga — com que propósito, ele não sabia. Ainda assim, tudo isso e mais que tudo isso ele faria por ela. Quanto ao seu casamento com Lady Margaret, embora fosse marcado para esta semana, a coisa era tão absurda que ele nem pensou no assunto. Seus parentes iriam insultá-lo por abandonar uma grande dama; seus amigos zombariam dele por arruinar a melhor carreira do mundo para uma mulher cossaca e um desperdício de neve — isso não pesava uma palha na balança em comparação com a própria Sasha. Na primeira noite escura voariam para norte; daí para a Rússia. Então ele ponderou; então ele planejou enquanto caminhava para cima e para baixo no convés.

Ele foi chamado de volta, virando-se para o oeste, pela visão do sol, pendurado como uma laranja na cruz de São Paulo. Estava vermelho sangue e afundando rapidamente. Deve ser quase noite. Sasha tinha partido esta hora e mais. Tomado instantaneamente por aqueles pressentimentos

sombrios que obscureciam até mesmo seus pensamentos mais confiantes sobre ela, ele mergulhou no porão do navio do jeito que os vira; e, depois de tropeçar entre baús e barris na escuridão, percebeu, por um leve brilho em um canto, que eles estavam sentados ali. Por um segundo, ele teve uma visão deles; viu Sasha sentada no joelho do marinheiro; a viu inclinar-se para ele; os viu se abraçarem antes que a luz fosse apagada em uma nuvem vermelha por sua raiva. Ele explodiu em tal uivo de angústia que todo o navio ecoou. Sasha se jogou entre eles, ou o marinheiro teria sido sufocado antes que pudesse sacar o cutelo. Então uma doença mortal se apoderou de Orlando, e eles tiveram que deitá-lo no chão e dar-lhe conhaque para beber antes que ele revivesse. E então, quando ele se recuperou e estava sentado sobre uma pilha de sacos no convés, Sasha pairou sobre ele, passando diante de seus olhos tontos suavemente, sinuosamente, como a raposa que o mordeu, ora bajulando, ora denunciando, de modo que ele passou a duvidar do que tinha visto. Se a vela não tivesse se apagado; as sombras não se moveram? A caixa era pesada, ela disse; o homem a estava ajudando a movê-lo. Orlando acreditou nela num momento - pois quem pode ter certeza de que sua raiva não pintou o que ele mais teme encontrar? - no seguinte foi ainda mais violento de raiva pelo engano dela. Então a própria Sasha ficou branca; bateu o pé no convés; disse que ela iria naquela noite e invocou seus deuses para destruí-la, se ela, uma Romanovitch, tivesse caído nos braços de um marinheiro comum. Na verdade, olhando para eles juntos (o que ele dificilmente conseguia fazer), Orlando ficou indignado com a imundície de sua imaginação, que poderia ter pintado uma criatura tão frágil nas patas daquele bruto marinho peludo. O homem era enorme; tinha um metro e noventa de altura em meias; usava argolas de arame comuns nas orelhas; e parecia um cavalo de carga sobre o qual alguma carriça ou tordo pousou em

seu vôo. Então ele cedeu; acreditou nela; e pediu-lhe perdão. No entanto, quando eles estavam descendo pela lateral do navio, novamente com amor, Sasha parou com a mão na escada e gritou de volta para aquele monstro moreno de bochechas largas com uma saraivada de saudações, brincadeiras ou carinhos russos, nenhuma palavra que Orlando pudesse entender. Mas havia algo no tom dela (talvez fosse culpa das consoantes russas) que lembrou a Orlando uma cena, algumas noites atrás, em que ele a encontrou em segredo, roendo num canto a ponta de uma vela que ela havia apanhado do chão. É verdade que era rosa; era dourado; e era da mesa do rei; mas era sebo e ela o mastigou. Não havia nela, pensou ele, entregando-a ao gelo, algo de rançoso, algo de sabor grosseiro, algo de origem camponesa? E ele imaginava que, aos quarenta anos, ela se tornaria desajeitada, embora agora fosse magra como um junco, e letárgica, embora agora fosse alegre como uma cotovia. Mas, novamente, enquanto patinavam em direção a Londres, essas suspeitas derreteram-se em seu peito, e ele se sentiu como se tivesse sido fisgado pelo nariz por um grande peixe e corrido pelas águas contra sua vontade, mas com seu próprio consentimento.

Foi uma noite de uma beleza surpreendente. À medida que o sol se punha, todas as cúpulas, pináculos, torres e pináculos de Londres erguiam-se na escuridão contra as furiosas nuvens vermelhas do pôr-do-sol. Aqui estava a cruz em Charing; ali a cúpula de São Paulo; ali, a enorme praça dos edifícios da Torre; ali, como um bosque de árvores despojadas de todas as folhas, exceto por uma protuberância na extremidade, estavam as cabeças das estacas em Temple Bar. Agora as janelas da Abadia estavam iluminadas e queimadas como um escudo celestial e multicolorido (na imaginação de Orlando); agora todo o oeste parecia uma janela dourada com tropas de anjos (novamente na imaginação de Orlando) subindo e descendo perpetuamente

as escadas celestiais. O tempo todo pareciam patinar nas profundezas insondáveis do ar, tão azul que o gelo se tornara; e era tão liso como o vidro que eles aceleravam cada vez mais em direção à cidade, com as gaivotas brancas circulando ao seu redor e cortando no ar com suas asas exatamente os mesmos movimentos que cortavam no gelo com seus patins.

Sasha, como que para tranquilizá-lo, estava mais terna do que de costume e ainda mais encantadora. Raramente ela falava sobre sua vida passada, mas agora ela lhe contava como, no inverno na Rússia, ela ouvia os lobos uivando nas estepes, e três vezes, para mostrar a ele, ela latia como um lobo. Ao que ele contou a ela sobre os veados na neve em casa, e como eles perambulavam pelo grande salão em busca de calor e eram alimentados por um velho com mingau de um balde. E então ela o elogiou; por seu amor pelos animais; por sua bravura; para suas pernas. Extasiado com seus elogios e envergonhado ao pensar em como a havia caluniado ao imaginá-la nos joelhos de um marinheiro comum e engordada e letárgica aos quarenta anos, ele disse-lhe que não conseguia encontrar palavras para elogiá-la; no entanto, ele imediatamente se lembrou de como ela era como a primavera, a grama verde e as águas correntes, e agarrando-a com mais força do que nunca, ele a empurrou com ele para o outro lado do rio, de modo que as gaivotas e os biguás também balançaram. E parando por fim, sem fôlego, ela disse, ofegante, que ele era como uma árvore de Natal com um milhão de velas (como as que existem na Rússia) pendurada com globos amarelos; incandescente; o suficiente para iluminar uma rua inteira; (assim se poderia traduzir) pois com suas bochechas brilhantes, seus cachos escuros, seu manto preto e carmesim, ele parecia estar queimando com seu próprio brilho, de uma lâmpada acesa dentro dele.

Toda a cor, exceto o vermelho das bochechas de Orlando, logo desapareceu. A noite chegou. À medida que a luz laranja do pôr do sol desapareceu e foi sucedida por um surpreendente branco

O brilho das tochas, fogueiras, tochas flamejantes e outros dispositivos pelos quais o rio era iluminado ocorreu a mais estranha transformação. Várias igrejas e palácios de nobres, cujas fachadas eram de pedra branca, apareciam em listras e manchas como se flutuassem no ar. Da Basílica de São Paulo, em particular, nada restou senão uma cruz dourada. A Abadia parecia o esqueleto cinzento de uma folha. Tudo sofreu emagrecimento e transformação. Os sons também pareciam fechados e concentrados. Ao se aproximarem do carnaval, ouviram uma nota profunda, como aquela tocada em um diapasão, que soava cada vez mais alto, até se tornar um alvoroço. De vez em quando, um grande grito acompanhava um foguete no ar. Gradualmente, eles puderam discernir pequenas figuras separando-se da vasta multidão e girando de um lado para outro como mosquitos na superfície de um rio. Acima e ao redor deste círculo brilhante, como uma tigela de escuridão, pressionava o negro profundo de uma noite de inverno. E então nesta escuridão começaram a surgir pausas que mantinham a expectativa alerta e a boca aberta, foguetes floridos; crescentes; serpentes; uma coroa. Num determinado momento, os bosques e as colinas distantes mostraram-se verdes como num dia de verão; no dia seguinte tudo foi inverno e escuridão novamente.

A essa altura, Orlando e a princesa estavam perto do recinto real e encontraram seu caminho barrado por uma grande multidão de pessoas comuns, que se aproximavam tão perto da corda de seda quanto podiam. Relutantes em acabar com sua privacidade e encontrar os olhos penetrantes que os vigiavam, o casal permaneceu ali, apoiado por aprendizes; alfaiates;

donas de peixe; negociantes de cavalos; caçadores de cones; estudiosos famintos; criadas em seus caprichos; meninas laranja; cavalaria; cidadãos sóbrios; taberneiros obscenos; e uma multidão de pequenos maltrapilhos, como os que sempre assombram os arredores de uma multidão, gritando e lutando entre os pés das pessoas - toda a ralé das ruas de Londres realmente estava lá, brincando e se acotovelando, aqui jogando dados, adivinhando a sorte, empurrando, fazendo cócegas, beliscando; aqui barulhento, ali taciturno; alguns deles com bocas abertas de um metro de largura; outros tão pouco reverentes quanto gralhas no telhado de uma casa; todos equipados de forma tão variada quanto sua bolsa ou estação permitiam; aqui em pele e pano; ali em farrapos, com os pés afastados do gelo apenas por um pano de prato amarrado sobre eles. A maioria das pessoas, ao que parecia, ficava em frente a uma cabine ou palco, algo parecido com o nosso show Punch and Judy, no qual algum tipo de apresentação teatral estava acontecendo. Um homem negro agitava os braços e vociferava. Havia uma mulher vestida de branco deitada em uma cama. Por mais difícil que fosse a encenação, os atores subindo e descendo alguns degraus e às vezes tropeçando, e a multidão batendo os pés e assobiando, ou quando estavam entediados, jogando um pedaço de casca de laranja nos atores que um cachorro correria para pegar, ainda assim a melodia surpreendente e sinuosa das palavras agitava Orlando como música. Pronunciadas com extrema velocidade e uma ousada agilidade de língua que lhe lembrava os marinheiros cantando nas cervejarias de Wapping, as palavras, mesmo sem sentido, eram como vinho para ele. Mas de vez em quando uma única frase lhe ocorria sobre o gelo, como se tivesse sido arrancada do fundo do seu coração. O frenesim do mouro parecia-lhe o seu próprio frenesim, e quando o mouro sufocou a mulher na sua cama foi Sasha que ele matou com as

próprias mãos.

Finalmente a peça terminou. Tudo havia escurecido. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. Olhando para o céu, não havia nada além de escuridão lá também. Ruína e morte, pensou ele, cobrem tudo. A vida do homem termina na sepultura. Vermes nos devoram.

Acho que deveria haver agora um enorme eclipse Do sol e da lua, e que o globo assustado Deveria bocejar -

No momento em que ele disse isso, uma estrela de certa palidez surgiu em sua memória. A noite estava escura; estava escuro como breu; mas foi por uma noite como esta que eles esperaram; foi numa noite como esta que eles planejaram voar. Ele se lembrou de tudo. Chegou a hora. Com uma explosão de paixão, ele agarrou Sasha e sussurrou em seu ouvido: "Jour de ma vie!" Foi o sinal deles. À meia-noite eles se encontrariam numa pousada perto de Blackfriars. Os cavalos esperavam lá. Tudo estava pronto para o voo. Então eles se separaram, ela para a tenda dela, ele para a dele. Ainda queria uma hora do tempo.

Muito antes da meia-noite, Orlando já estava à espera. A noite era tão escura que um homem estava em cima de você antes que pudesse ser visto, o que era muito bom, mas também era da mais solene quietude, de modo que o casco de um cavalo ou o choro de uma criança podiam ser ouvidos a uma distância de oitocentos metros. Muitas vezes Orlando, passeando pelo pequeno pátio, segurava o coração ao som dos passos firmes de algum chato nas pedras, ou ao farfalhar do vestido de uma mulher. Mas o viajante era apenas um comerciante, voltando para casa tarde; ou alguma mulher do bairro cuja missão não era tão inocente. Eles passaram e a rua estava mais silenciosa do que antes. Depois, aquelas luzes que brilhavam lá embaixo, nos

pequenos e amontoados bairros onde viviam os pobres da cidade, subiram para os quartos de dormir e depois, uma a uma, foram apagadas. As lanternas de rua neste subúrbio eram poucas, no máximo; e a negligência do vigia noturno muitas vezes fazia com que expirassem muito antes do amanhecer. A escuridão tornou-se ainda mais profunda do que antes. Orlando olhou para os pavios de sua lanterna, cuidou das cilhas da sela; preparou suas pistolas; examinou seus coldres; e fez todas essas coisas pelo menos uma dúzia de vezes até não encontrar mais nada que precisasse de sua atenção. Embora ainda faltassem uns vinte minutos para a meia-noite, ele não teve coragem de entrar no salão da estalagem, onde a recepcionista ainda servia saco e o tipo mais barato de vinho de canário para alguns marinheiros, que ficavam sentados cantando cantigas e contando histórias de Drake, Hawkins e Grenville, até que caíssem dos bancos e rolassem no chão lizado. A escuridão foi mais compassiva com seu coração inchado e violento. Ele ouviu cada passo; especulou sobre cada som. Cada grito bêbado e cada lamento de algum pobre coitado deitado na palha ou em outra situação de sofrimento feria seu coração, como se fosse um mau presságio para sua aventura. No entanto, ele não temia por Sasha. Sua coragem não fez nada pela aventura. Ela vinha sozinha, de capa e calça, com botas de homem. Por mais leves que fossem seus passos, dificilmente seriam ouvidos, mesmo neste silêncio.

Então ele esperou na escuridão. De repente, ele foi atingido no rosto por um golpe, suave, mas pesado, na lateral da bochecha. Ele estava tão tenso de expectativa que se assustou e colocou a mão na espada. O golpe foi repetido uma dúzia de vezes na testa e na bochecha. A geada seca durou tanto tempo que ele levou um minuto para perceber que eram gotas de chuva caindo; os golpes eram os golpes da chuva. A princípio, eles caíram lentamente,

deliberadamente, um por um. Mas logo as seis gotas tornaram-se sessenta; depois seiscentos; então correram juntos em um jato constante de água. Era como se o céu duro e consolidado se derramasse numa fonte profusa. No espaço de cinco minutos, Orlando ficou encharcado.

Escondendo-se apressadamente os cavalos, procurou abrigo sob o lintel da porta, de onde ainda podia observar o pátio. O ar estava mais denso agora do que nunca, e uma fumaça e um zumbido tão intensos subiam da chuva que nenhum passo de homem ou animal podia ser ouvido acima dele. As estradas, esburacadas como estavam, estariam submersas e talvez intransitáveis. Mas ele mal pensava no efeito que isso teria sobre a fuga deles. Todos os seus sentidos estavam concentrados em olhar ao longo do caminho de paralelepípedos - brilhando à luz da lanterna - para a chegada de Sasha. Às vezes, na escuridão, ele parecia vê-la envolta em pancadas de chuva. Mas o fantasma desapareceu. De repente, com uma voz terrível e sinistra, uma voz cheia de horror e alarme que arrepiou todos os fios de angústia da alma de Orlando, St. Paul's deu a primeira badalada da meia-noite. Quatro vezes mais, atingiu sem remorso. Com a superstição de um amante, Orlando fingiu que seria na sexta tacada que ela gozaria. Mas a sexta batida ecoou, e a sétima veio e a oitava, e para sua mente apreensiva pareciam notas primeiro anunciando e depois proclamando a morte e o desastre. Quando soou o décimo segundo, ele sabia que seu destino estava selado. Era inútil para a sua parte racional raciocinar; ela pode estar atrasada; ela pode ser impedida; ela pode ter perdido o caminho. O coração apaixonado e sentimental de Orlando sabia a verdade. Outros relógios bateram, tilintando um após o outro. O mundo inteiro parecia vibrar com a notícia do engano dela e do escárnio dele. As velhas suspeitas que operavam subterrâneamente nele surgiram abertamente da ocultação. Ele foi mordido por um enxame de

cobras, cada uma mais venenosa que a anterior. Ele ficou na porta sob uma chuva tremenda, sem se mover. Com o passar dos minutos, ele cedeu um pouco nos joelhos. A chuva continuou. No meio disso, grandes armas pareciam explodir. Ouviam-se enormes ruídos como o rasgo e o despedaçamento de carvalhos. Houve também gritos selvagens e gemidos terríveis e desumanos. Mas Orlando ficou ali imóvel até o relógio de Paul bater duas horas e então, gritando em voz alta com uma terrível ironia, e com todos os dentes à mostra: "Jour de ma vie!" ele jogou a lanterna no chão, montou em seu cavalo e galopou sem saber para onde.

Algum instinto cego, pois ele estava sem raciocínio, deve tê-lo levado a tomar a margem do rio em direção ao mar. Pois quando amanheceu, o que aconteceu com uma rapidez incomum, o céu ficando amarelo pálido e a chuva quase cessando, ele se viu às margens do Tâmsa, perto de Wapping. Agora uma visão da natureza mais extraordinária encontrou seus olhos. Onde, durante três meses ou mais, havia gelo sólido de tal espessura que parecia permanente como pedra, e toda uma cidade alegre se erguia sobre a sua calçada, era agora uma corrida de turbulentas águas amarelas. O rio ganhou liberdade durante a noite. Era como se uma fonte de enxofre (a que muitos filósofos se inclinavam) tivesse surgido das regiões vulcânicas abaixo e rompido o gelo com tal veemência que destruiu furiosamente os enormes e numerosos fragmentos. A simples aparência da água era suficiente para deixar alguém tonto. Tudo era tumulto e confusão. O rio estava repleto de icebergs. Algumas delas eram tão largas quanto uma pista de boliche e tão altas quanto uma casa; outros, não maiores que um chapéu de homem, mas fantasticamente retorcidos. Agora desceria todo um comboio de blocos de gelo afundando tudo que estivesse em seu caminho. Agora, girando e rodopiando como uma serpente torturada, o rio parecia estar se lançando

entre os fragmentos e jogando-os de margem em margem, de modo que podiam ser ouvidos batendo contra os pilares e pilares. Mas o que foi mais terrível e inspirador de terror foi a visão das criaturas humanas que tinham ficado presas durante a noite e agora vagavam pelas suas ilhas tortuosas e precárias na maior agonia de espírito. Quer eles pulassem na enchente ou permanecessem no gelo, seu destino era certo. Às vezes, um grande grupo dessas pobres criaturas caía junto, algumas de joelhos, outras amamentando seus bebês. Um velho parecia estar lendo em voz alta um livro sagrado. Outras vezes, e o seu destino talvez fosse o mais terrível, um desgraçado solitário caminhava sozinho pela sua estreita habitação. Ao navegarem para o mar, alguns puderam ser ouvidos clamando em vão por ajuda, fazendo promessas loucas de corrigir seus caminhos, confessando seus pecados e prometendo altares e riquezas se Deus ouvisse suas orações. Outros ficaram tão atordoados de terror que ficaram sentados, imóveis e em silêncio, olhando fixamente para a frente. Uma tripulação de jovens barqueiros ou mensageiros, a julgar pelas suas librés, rugiu e gritou as mais obscenas canções de taverna, como se fosse uma bravata, e foi esmagado até a morte e afundado com blasfêmias nos lábios. Um velho nobre - como assim o proclamavam seu vestido de pele e sua corrente de ouro - desceu não muito longe de onde Orlando estava, clamando vingança contra os rebeldes irlandeses, que, ele gritou em seu último suspiro, haviam planejado essa diabrura. Muitos morreram apertando contra o peito algum pote de prata ou outro tesouro; e pelo menos uma vintena de pobres coitados foram afogados pela sua própria cupidez, atirando-se da margem para a enchente em vez de deixarem escapar uma taça de ouro, ou verem diante dos seus olhos o desaparecimento de algum vestido de pele. Móveis, objetos de valor e pertences de todos os tipos foram levados nos icebergs. Entre outras visões

estranhas, foi visto um gato amamentando seus filhotes; uma mesa suntuosamente posta para um jantar de vinte pessoas; um casal na cama; juntamente com um número extraordinário de utensílios de cozinha.

Atordoado e surpreso, Orlando não pôde fazer nada por algum tempo, a não ser observar a terrível corrida das águas enquanto elas passavam por ele. Por fim, parecendo recompor-se, esporeou o cavalo e galopou forte ao longo da margem do rio em direção ao mar. Contornando uma curva do rio, chegou ao lado oposto ao local onde, há menos de dois dias, os navios dos Embaixadores pareciam imóveis e congelados. Apressadamente, ele contou todos eles; os franceses; os espanhóis; o austríaco; o turco. Tudo ainda fluuava, embora os franceses tivessem se soltado de suas amarras e o navio turco tivesse sofrido um grande rompimento na lateral e estivesse se enchendo rapidamente de água. Mas o navio russo não estava em lugar nenhum. Por um momento, Orlando pensou que devia ter afundado; mas, erguendo-se nos estribos e protegendo os olhos, que tinham a aparência de um falcão, conseguiu distinguir a forma de um navio no horizonte. As águas negras voavam do topo do mastro. O navio da Embaixada Moscovita estava no mar.

Atirando-se do cavalo, ele fez, em sua raiva, como se fosse enfrentar a enchente. Mergulhado até os joelhos na água, ele lançou contra a mulher infiel todos os insultos que já existiram em seu sexo. Infiel, mutável, inconstante, ele a chamava; diabo, adúltera, enganadora; e as águas turbulentas pegaram suas palavras e jogaram aos seus pés um pote quebrado e um pouco de palha.

03. Capítulo Dois

Solidão, escrita, biografia, a arquiduquesa Harriet e a partida diplomática.

O biógrafo enfrenta agora uma dificuldade que talvez seja melhor confessar do que encobrir. Até aqui, ao contar a história da vida de Orlando, os documentos, tanto privados como históricos, permitiram cumprir o primeiro dever do biógrafo, que é caminhar penosamente, sem olhar para a direita ou para a esquerda, nas pegadas indeléveis da verdade; não seduzido pelas flores; independentemente da sombra; continuamente e metodicamente até cairmos na sepultura e escrevermos finis na lápide acima de nossas cabeças. Mas agora chegamos a um episódio que está bem no nosso caminho, de modo que não há como ignorá-lo. No entanto, é sombrio, misterioso e não documentado; para que não haja explicação. Volumes podem ser escritos interpretando-o; sistemas religiosos inteiros fundados no seu significado. Nosso simples dever é expor os fatos na medida em que são conhecidos e, assim, deixar que o leitor faça deles o que quiser.

No verão daquele inverno desastroso que viu a geada, a enchente, a morte de muitos milhares de pessoas e a completa ruína das esperanças de Orlando — pois ele foi exilado da Corte; em profunda desgraça com os nobres mais poderosos de seu tempo; a casa irlandesa de Desmond ficou enfurecida com razão; o rei já tivera problemas suficientes com os irlandeses para não gostar dessa adição adicional — naquele verão, Orlando retirou-se para sua grande casa no campo e lá viveu em completa solidão. Numa manhã de junho — era sábado, dia 18 —, ele não se levantou no horário habitual e, quando seu noivo foi chamá-lo, foi encontrado dormindo profundamente. Nem ele poderia ser acordado. Ele ficou deitado como se estivesse em transe, sem respiração perceptível; e embora cães estivessem latindo sob sua janela;

pratos, tambores, ossos tocados perpetuamente em seu quarto; um arbusto de tojo colocado debaixo do travesseiro; e emplastros de mostarda aplicados nos pés, mesmo assim ele não acordou, não comeu nem deu qualquer sinal de vida durante sete dias inteiros. No sétimo dia, ele acordou no horário habitual (precisamente às oito e quinze) e expulsou de seu quarto todo o grupo de esposas chorosas e adivinhos da aldeia; o que era bastante natural; mas o que era estranho era que ele não demonstrava consciência de tal transe, mas vestiu-se e mandou chamar o cavalo como se tivesse acordado de uma única noite de sono. No entanto, suspeitava-se que alguma mudança devia ter ocorrido nas câmaras do seu cérebro, pois embora ele fosse perfeitamente racional e parecesse mais sério e mais calmo do que antes, parecia ter uma recordação imperfeita da sua vida passada. Ele ouvia quando as pessoas falavam da grande geada, da patinação ou do carnaval, mas nunca dava qualquer sinal, exceto passando a mão pela testa, como se quisesse limpar alguma nuvem, de tê-los testemunhado ele mesmo. Quando os acontecimentos dos últimos seis meses foram discutidos, ele parecia não tanto angustiado, mas sim perplexo, como se estivesse perturbado por lembranças confusas de algum tempo passado ou estivesse tentando recordar histórias contadas por outra pessoa. Observou-se que se a Rússia fosse mencionada, ou princesas ou navios, ele cairia em uma escuridão de um tipo inquieto e se levantaria e olharia pela janela ou chamaria um dos cães, ou pegaria uma faca e esculpiria um pedaço de madeira de cedro. Mas os médicos não eram mais sábios do que são agora, e depois de prescreverem repouso e exercício, fome e alimentação, sociedade e solidão, que ele deveria ficar deitado na cama o dia todo e cavalgar sessenta quilômetros entre o almoço e o jantar, junto com os habituais sedativos e irritantes, diversificados, conforme a fantasia lhes agradasse, com possets de

baba de salamandra ao se levantar, e goles de fel de pavão ao ir para a cama, eles o deixaram sozinho, e deram-no como seu opinião de que ele estava dormindo há uma semana.

Mas se foi um sono, de que natureza, dificilmente podemos deixar de perguntar: são sonos como estes? Serão medidas corretivas - transe em que as memórias mais irritantes, eventos que parecem provavelmente paralisar a vida para sempre, são escovados com uma asa escura que remove sua aspereza e os doura, mesmo os mais feios e mais básicos, com um brilho, uma incandescência? Deve o dedo da morte ser colocado sobre o tumulto da vida de vez em quando, para que não nos divida? Fomos feitos de tal forma que temos que suportar a morte em pequenas doses diariamente ou não poderíamos continuar com a vida? E então, que poderes estranhos são esses que penetram nos nossos caminhos mais secretos e alteram os nossos bens mais preciosos sem que o queiramos? Será que Orlando, esgotado pelo extremo do seu sofrimento, morreu durante uma semana e depois voltou à vida? E se sim, de que natureza é a morte e de que natureza é a vida? Tendo esperado mais de meia hora por uma resposta a estas perguntas, e nenhuma delas veio, vamos continuar com a história.

Agora Orlando se entregou a uma vida de extrema solidão. A sua desgraça na Corte e a violência da sua dor foram em parte a razão disso, mas como ele não fazia nenhum esforço para se defender e raramente convidava alguém para visitá-lo (embora tivesse muitos amigos que o teriam feito de bom grado), parecia que ficar sozinho na grande casa dos seus pais combinava com o seu temperamento. A solidão foi sua escolha. Como ele passava seu tempo, ninguém sabia ao certo. Os criados, dos quais ele mantinha um séquito completo, embora grande parte de sua tarefa fosse tirar o pó dos quartos vazios e alisar as colchas das camas que nunca eram usadas para

dormir, observavam, no escuro da noite, enquanto eles se sentavam sobre seus bolos e cerveja, uma luz passando pelas galerias, pelos salões de banquetes, subindo as escadas, até os quartos, e sabiam que seu senhor estava perambulando pela casa sozinho. Ninguém ousava segui-lo, pois a casa era assombrada por uma grande variedade de fantasmas, e a extensão dela tornava fácil perder-se e cair em alguma escada escondida ou abrir uma porta que, se o vento soprasse, fecharia para sempre - acidentes de ocorrência nada incomum, como a frequente descoberta de esqueletos de homens e animais em atitudes de grande agonia tornava evidente. Então a luz se apagaria completamente, e a Sra. Grimsditch, a governanta, diria ao Sr. Dupper, o capelão, como ela esperava que Sua Senhoria não tivesse sofrido algum acidente grave. O Sr. Dupper opinaria que Sua Senhoria estava de joelhos, sem dúvida, entre os túmulos de seus antepassados, na capela, que ficava na quadra de mesa de bilhar, a oitocentos metros de distância, no lado sul. Pois ele tinha pecados em sua consciência, o Sr. Dupper estava com medo; ao que a Sra. Grimsditch retrucava, com bastante severidade, que a maioria de nós também o fez; e a Sra. Stewkley, a Sra. Field e a velha enfermeira Carpenter levantariam suas vozes em louvor a Sua Senhoria; e os cavaleiros e os mordomos jurariam que era uma pena ver um nobre tão bom vagando pela casa quando ele poderia estar caçando a raposa ou perseguindo o veado; e até mesmo as pequenas lavadeiras e copeiras, as Judys e as Faiths, que distribuía canecas e bolos, davam testemunho da bravura de Sua Senhoria; pois nunca houve cavalheiro mais gentil, nem mais livre com aquelas pequenas moedas de prata que servem para comprar um nó de fita ou colocar um buquê no cabelo; até que até mesmo a Blackamoor, a quem chamavam de Grace Robinson, para fazer dela uma mulher cristã, entendeu o que eles queriam dizer e concordou que Sua Senhoria era um

cavalheiro bonito, agradável e querido da única maneira que podia, ou seja, mostrando todos os dentes de uma vez, num amplo sorriso. Em suma, todos os seus servos e mulheres tinham-no com grande respeito e amaldiçoavam a princesa estrangeira (mas chamavam-na por um nome mais grosseiro do que esse) que o trouxera a esta situação.

Mas embora tenha sido provavelmente a covardia, ou o amor pela cerveja quente, que levou o Sr. Dupper a imaginar Sua Senhoria seguro entre os túmulos, para que não precisasse ir em busca dele, pode muito bem ter sido que o Sr. Dupper estivesse certo. Orlando agora sentia um estranho prazer com pensamentos de morte e decadência e, depois de percorrer as longas galerias e salões de baile com uma vela na mão, olhando foto após foto como se procurasse a imagem de alguém que não conseguia encontrar, subia no banco da família e ficava sentado por horas observando as bandeiras se agitarem e o luar oscilar com um morcego ou uma mariposa caveira para lhe fazer companhia. Mesmo isso não era suficiente para ele, mas ele deveria descer até a cripta onde jaziam seus ancestrais, caixões empilhados sobre caixões, por dez gerações juntas. O lugar era tão raramente visitado que os ratos se libertaram com o trabalho de chumbo, e agora um osso da coxa ficaria preso em sua capa quando ele passasse, ou ele quebraria o crânio de algum velho Sir Malise enquanto ele rolasse sob seus pés. Era um sepulcro horrível; cavou fundo nos alicerces da casa, como se o primeiro Senhor da família, que viera da França com o Conquistador, quisesse testemunhar como toda pompa é construída sobre a corrupção; como o esqueleto fica sob a carne; como nós que dançamos e cantamos acima devemos ficar abaixo; como o veludo carmesim vira pó; como o anel (aqui Orlando, abaixando a lanterna, pegaria um círculo de ouro sem pedra, que havia rolado para um canto) perde seu rubi e o olho que era tão lustroso não brilha mais. “Nada

resta de todos esses príncipes”, dizia Orlando, entregando-se a algum exagero perdoável de sua posição, “exceto um dígito”, e ele pegava uma mão de esqueleto e dobrava as juntas para um lado e para outro. “De quem era a mão?” ele passou a perguntar. “A direita ou a esquerda? A mão do homem ou da mulher, da idade ou da juventude? Teria incitado o cavalo de guerra ou manuseado a agulha? Teria arrancado a rosa ou agarrado o aço frio? Tinha — —” mas aqui ou sua invenção falhou ou, o que é mais provável, forneceu-lhe tantos exemplos do que uma mão pode fazer que ele se esquivou, como era seu costume, do trabalho fundamental da composição, que é a excisão, e ele colocou isso junto com os outros ossos, pensando como havia um escritor chamado Thomas Browne, um Doutor de Norwich, cujos escritos sobre tais assuntos atraíram sua imaginação surpreendentemente.

Então, pegando sua lanterna e verificando se os ossos estavam em ordem, pois embora romântico, ele era singularmente metódico e detestava nada além de um novelo de barbante no chão, muito menos o crânio de um ancestral, ele voltou àquele passeio curioso e taciturno pelas galerias, em busca de algo entre os quadros, que foi finalmente interrompido por um verdadeiro espasmo de soluços, ao ver uma cena de neve holandesa de um artista desconhecido. Então lhe pareceu que a vida não valia mais a pena ser vivida. Esquecendo-se dos ossos dos seus antepassados e de como a vida se baseia numa sepultura, ficou ali parado, abalado por soluços, tudo pelo desejo de uma mulher com calças russas, olhos puxados, boca amuada e pérolas no pescoço. Ela tinha ido embora. Ela o havia deixado. Ele nunca mais a veria. E então ele soluçou. E então ele encontrou o caminho de volta para seus aposentos; e a Sra. Grimsditch, vendo a luz na janela, tirou a caneca dos lábios e disse: Louvado seja Deus, Sua Senhoria estava novamente em segurança em seu quarto; pois ela estava pensando durante

todo esse tempo que ele foi terrivelmente assassinado.

Orlando então puxou sua cadeira para perto da mesa; abriu os trabalhos de Sir Thomas Browne e passou a investigar a delicada articulação de uma das mais longas e maravilhosamente contorcidas cogitações do médico.

Pois embora estes não sejam assuntos sobre os quais um biógrafo possa ampliar proveitosamente, são bastante claros para aqueles que fizeram a parte do leitor ao compreender, a partir de simples sugestões deixadas aqui e ali, todos os limites e circunferências de uma pessoa viva; podemos ouvir naquilo que apenas sussurramos uma voz viva; podemos ver, muitas vezes quando não dizemos nada sobre isso, exatamente como ele era, e saber sem uma palavra para guiá-los exatamente o que ele pensava e sentia e é somente para leitores como esses que escrevemos - fica claro então para tal leitor que Orlando era estranhamente composto de muitos humores - de melancolia, de indolência, de paixão, de amor à solidão, para não falar de todas aquelas contorções e sutilezas de temperamento que foram indicadas na primeira página, quando ele atacou um morto cabeça de negro; corte-o; pendurou-o novamente, cavalheiresco, fora de seu alcance e depois foi até o assento da janela com um livro. O gosto pelos livros foi precoce. Quando criança, ele às vezes era encontrado à meia-noite por uma página que ainda estava lendo. Eles tiraram sua vela e ele criou pirilampos para servir ao seu propósito. Eles levaram embora os pirilampos e ele quase queimou a casa com uma isca. Resumindo, deixando ao romancista a tarefa de alisar a seda amassada e todas as suas implicações, ele era um nobre afligido pelo amor pela literatura. Muitas pessoas de sua época, ainda mais de sua posição, escaparam da infecção e ficaram assim livres para correr, cavalgar ou fazer amor à vontade. Mas alguns foram infectados precocemente por um germe que se dizia ser derivado do pólen do asfódelo e expelido da Grécia e da

Itália, que era de natureza tão mortal que apertava a mão quando ela era levantada para atacar, nublava os olhos quando procurava a sua presa e fazia a língua gaguejar ao declarar o seu amor. Era da natureza fatal desta doença substituir a realidade por um fantasma, de modo que Orlando, a quem a fortuna havia dado todos os presentes - pratos, lençóis, casas, criados, tapetes, camas em profusão - bastava abrir um livro para que toda a vasta acumulação se transformasse em névoa. Os nove acres de pedra que eram sua casa desapareceram; cento e cinquenta empregados internos desapareceram; seus oitenta cavalos tornaram-se invisíveis; demoraria muito para contar os tapetes, sofás, adornos, porcelanas, pratos, galhetas, rechauds e outros móveis, muitas vezes de ouro batido, que evaporavam como névoa do mar sob o miasma. Assim era, e Orlando ficava sentado sozinho, lendo, um homem nu.

A doença o atingiu rapidamente agora em sua solidão. Ele lia frequentemente durante seis horas da noite; e quando lhe procuravam ordens sobre o abate de gado ou a colheita de trigo, ele afastava o seu fólio e fazia cara de quem não entendia o que lhe diziam. Isso já era bastante ruim e torcia os corações de Hall, o falcoeiro, de Giles, o cavaliço, da Sra. Grimsditch, a governanta, do Sr. Dupper, o capelão. Um bom cavalheiro como aquele, diziam, não precisava de livros. Deixe-o deixar livros, disseram, aos paráliticos ou aos moribundos. Mas o pior estava por vir. Pois uma vez que a doença da leitura se apodera do sistema, ela o enfraquece, de modo que ele se torna presa fácil daquele outro flagelo que habita no tinteiro e se inflama na pena. O desgraçado começa a escrever. E embora isso já seja bastante ruim para um homem pobre, cuja única propriedade é uma cadeira e uma mesa colocadas sob um telhado gotejante - pois, afinal de contas, ele não tem muito a perder - a situação de um homem rico, que tem casas e

gado, criadas, burros e roupa de cama, e ainda assim escreve livros, é lamentável ao extremo. O sabor de tudo isso sai dele; ele está crivado de ferros quentes; roído por vermes. Ele daria cada centavo que possui (tal é a malignidade do germe) para escrever um livrinho e tornar-se famoso; no entanto, nem todo o ouro do Peru lhe comprará o tesouro de uma linha bem torneada. Então ele cai na tuberculose e na doença, explode os miolos, vira o rosto para a parede. Não importa em que atitude o encontrem. Ele passou pelos portões da Morte e conheceu as chamas do Inferno.

Felizmente, Orlando tinha uma constituição forte e a doença (por razões que serão apresentadas atualmente) nunca o derrubou, como destruiu muitos de seus colegas. Mas ele ficou profundamente apaixonado por isso, como mostra a sequência. Pois depois de ter lido por cerca de uma hora Sir Thomas Browne, e o latido do veado e o chamado do vigia noturno mostraram que era noite alta e todos dormiam em segurança, ele atravessou a sala, tirou uma chave de prata do bolso e destrancou as portas de um grande armário embutido que ficava no canto. Dentro havia cerca de cinquenta gavetas de madeira de cedro e em cada uma havia um papel cuidadosamente escrito com a letra de Orlando. Ele fez uma pausa, como se hesitasse em qual abrir. Uma tinha a inscrição "A Morte de Ajax", outra "O Nascimento de Píramo", outra "Ifigênia em Áulis", outra "A Morte de Hipólito", outra "Meléagro", outra "O Retorno de Odisseu" - na verdade, dificilmente havia uma única gaveta que não tivesse o nome de algum personagem mitológico em uma crise de sua carreira. Em cada gaveta havia um documento de tamanho considerável, todo escrito com a letra de Orlando. A verdade é que Orlando sofria assim há muitos anos. Nunca nenhum menino pediu maçãs como Orlando pediu papel; nem carnes doces enquanto ele implorava tinta. Fugindo das conversas e dos jogos, ele se escondia atrás de cortinas, nos

buracos dos padres ou no armário atrás do quarto de sua mãe, que tinha um grande buraco no chão e cheirava horrivelmente a esterco de estorninho, com um tinteiro em uma mão, uma caneta na outra e no joelho um rolo de papel. Assim foram escritas, antes de ele completar vinte e cinco anos, cerca de quarenta e sete peças, histórias, romances, poemas; alguns em prosa, alguns em verso; alguns em francês, alguns em italiano; tudo romântico e longo. Um que ele mandou imprimir por John Ball of the Feathers and Coronet em frente a St. Paul's Cross, Cheapside; mas embora a visão lhe desse extremo deleite, ele nunca ousara mostrá-lo nem mesmo à mãe, pois escrever, e muito mais publicar, era, ele sabia, para um nobre uma desgraça inexpiável.

Agora, porém, que era madrugada e ele estava sozinho, ele escolheu deste repositório um documento grosso chamado “Xenophila uma Tragédia” ou algum título semelhante, e um fino, chamado simplesmente “O Carvalho” (este era o único título monossilábico entre o lote), e então ele se aproximou do chifre de tinta, tocou a pena e fez outros passes como aqueles viciados neste vício iniciando seus ritos. Mas ele fez uma pausa.

Como esta pausa foi de extrema importância em sua história, mais ainda, na verdade, do que muitos atos que colocam os homens de joelhos e fazem os rios correrem com sangue, cabe a nós perguntar por que ele fez uma pausa; e responder, após a devida reflexão, que foi por algum motivo como este. A natureza, que nos pregou tantas peças estranhas, tornando-nos tão desigualmente feitos de argila e diamantes, de arco-íris e granito, e os enfiou em uma caixa, muitas vezes das mais incongruentes, pois o poeta tem rosto de açougueiro e o açougueiro, de poeta; natureza, que se deleita com a confusão e o mistério, de modo que mesmo agora (1º de novembro de 1927) não sabemos por que subimos, ou por que descemos novamente, nossos

movimentos mais diários são como a passagem de um navio em um mar desconhecido, e os marinheiros no topo do mastro perguntam, apontando seus óculos para o horizonte: Há terra ou não há nenhuma? ao qual, se somos profetas, respondemos “Sim”; se formos verdadeiros, dizemos “Não”; a natureza, que tem tantas coisas a responder além da extensão talvez pesada desta frase, complicou ainda mais a sua tarefa e aumentou a nossa confusão ao fornecer não apenas um saco de trapos perfeito de bugigangas dentro de nós - um pedaço de calça de policial encostado ao rosto do véu de casamento da Rainha Alexandra - mas também planejou que toda a coleção fosse levemente costurada por um único fio. A memória é a costureira, e caprichosa ainda por cima. A memória passa a agulha para dentro e para fora, para cima e para baixo, para cá e para lá. Não sabemos o que vem a seguir ou o que se segue. Assim, o movimento mais comum do mundo, como sentar-se a uma mesa e puxar o tinteiro para uma delas, pode agitar milhares de fragmentos estranhos e desconexos, ora brilhantes, ora obscuros, pendurados, balançando, mergulhando e ostentando, como a roupa de cama de uma família de catorze pessoas num varal num vendaval. Em vez de ser uma obra única, direta e direta, da qual nenhum homem precisa se envergonhar, nossos atos mais comuns são desencadeados por um bater de asas e um piscar de olhos, um subir e descer de luzes. Foi assim que Orlando, mergulhando a caneta na tinta, viu o rosto zombeteiro da princesa perdida e fez a si mesmo um milhão de perguntas instantaneamente, que eram como flechas mergulhadas em fel. Onde ela estava; e por que ela o deixou? O embaixador era seu tio ou amante? Eles planejaram? Ela foi forçada? Ela era casada? Ela estava morta? Tudo isso impulsionou tanto seu veneno nele que, como se quisesse desabafar sua agonia em algum lugar, ele mergulhou sua pena tão fundo no tinteiro que a tinta espirrou sobre a mesa,

cujo ato, explique como se pode (e talvez nenhuma explicação seja possível - a memória é inexplicável), imediatamente substituiu o rosto da Princesa por um rosto de um tipo muito diferente. Mas de quem era, ele se perguntou? E ele teve que esperar, talvez meio minuto, olhando para a nova imagem que estava em cima da antiga, enquanto um slide de lanterna é parcialmente visto através do seguinte, antes que ele pudesse dizer para si mesmo: "Este é o rosto daquele homem um tanto gordo e maltrapilho que estava sentado no quarto de Twitchett há tantos anos, quando a velha Rainha Bess veio aqui para jantar; e eu o vi", continuou Orlando, pegando outro daqueles trapos coloridos, "sentado à mesa, enquanto espiava enquanto descia, e ele tinha os olhos mais incríveis", disse Orlando, "que já existiram, mas quem diabos era ele?" — perguntou Orlando, pois aqui a Memória acrescentou à testa e aos olhos, primeiro, um babado grosseiro e manchado de gordura, depois um gibão marrom e, finalmente, um par de botas grossas, como as que os cidadãos usam em Cheapside. "Não é um nobre; nenhum de nós", disse Orlando (o que ele não teria dito em voz alta, pois era o mais cortês dos cavalheiros; mas isso mostra o efeito que o nascimento nobre tem sobre a mente e, incidentalmente, quão difícil é para um nobre ser escritor). "Um poeta, ousa dizer." Segundo todas as leis, a Memória, tendo-o perturbado o suficiente, deveria agora ter apagado tudo completamente, ou ter descoberto algo tão idiota e fora de controle - como um cachorro perseguindo um gato ou uma velha assoando o nariz em um lenço de algodão vermelho - que, no desespero de acompanhar seus caprichos, Orlando deveria ter batido a caneta com força no papel. (Pois podemos, se tivermos a resolução, expulsar de casa a vadia Memory e toda a sua maltrapilha e bobtail.) Mas Orlando fez uma pausa. A memória ainda guardava diante dele a imagem de um homem maltrapilho com olhos brilhantes. Ainda assim ele olhou; ainda assim ele fez

uma pausa. São essas pausas que são a nossa ruína. É então que a sedição entra na fortaleza e as nossas tropas levantam-se em insurreição. Uma vez antes ele havia parado, e o amor com sua derrota horrível, seus xales, seus címbalos e suas cabeças com cachos sangrentos arrancados dos ombros irrompeu. Por amor ele sofreu as torturas dos condenados. Agora, novamente, ele fez uma pausa e, na brecha assim feita, saltaram Ambição, a megera, e Poesia, a bruxa, e Desejo de Fama, a prostituta; todos deram as mãos e fizeram do seu coração o seu campo de dança. De pé na solidão de seu quarto, ele jurou que seria o primeiro poeta de sua raça e traria brilho imortal ao seu nome. Ele disse (recitando os nomes e façanhas de seus ancestrais) que Sir Boris lutou e matou os Paynim; Sir Gawain, o turco; Sir Miles, o polonês; Sir Andrew, o Franco; Sir Richard, o austríaco; Sir Jordan, o francês; e Sir Herbert, o espanhol. Mas de toda aquela matança e campanha, daquela bebida e do amor, dos gastos, da caça, da cavalgada e da comida, o que restou? Uma caveira; um dedo. Ao passo que, disse ele, voltando-se para a página de Sir Thomas Browne, que estava aberta sobre a mesa — e novamente fez uma pausa. Como um encantamento que se eleva de todas as partes da sala, do vento noturno e do luar, soava a melodia divina daquelas palavras que, para que não ultrapassem esta página, deixaremos onde jazem sepultados, não mortos, antes embalsamados, tão fresca é a sua cor, tão sonora é a sua respiração - e Orlando, comparando essa conquista com as dos seus antepassados, gritou que eles e os seus feitos eram pó e cinzas, mas este homem e as suas palavras eram imortais.

Ele logo percebeu, porém, que as batalhas que Sir Miles e os demais travaram contra cavaleiros armados para conquistar um reino não eram tão árduas quanto a que ele agora empreendeu para conquistar a imortalidade contra a língua inglesa. Qualquer pessoa moderadamente familiarizada com

os rigores da composição não precisará ouvir a história em detalhes; como ele escreveu e pareceu bom; li e parecia vil; corrigido e rasgado; recortar; colocar; estava em êxtase; em desespero; teve noites boas e manhãs ruins; agarrou ideias e as perdeu; viu seu livro diante dele e ele desapareceu; desempenhava o papel de seu povo enquanto comia; murmurou-os enquanto caminhava; agora chorei; agora riu; vacilou entre este estilo e aquele; agora preferia o heróico e o pomposo; em seguida, o puro e simples; agora os vales de Tempe; depois os campos de Kent ou Cornualha; e não conseguia decidir se ele era o gênio mais divino ou o maior tolo do mundo.

Foi para resolver esta última questão que ele decidiu, após vários meses de trabalho tão febril, romper uma solidão de muitos anos e comunicar-se com o mundo exterior. Ele tinha um amigo em Londres, um certo Giles Isham, de Norfolk, que, embora de nascimento nobre, conhecia escritores e sem dúvida poderia colocá-lo em contato com algum membro daquela fraternidade abençoada, na verdade sagrada. Pois, para Orlando, no estado em que se encontrava agora, havia uma glória em um homem que escreveu um livro e o imprimiu, que ofuscava todas as glórias do sangue e do estado. Para sua imaginação parecia que até mesmo os corpos daqueles instintos com pensamentos tão divinos deveriam ser transfigurados. Eles deviam ter auréolas no lugar dos cabelos, incenso no lugar do hálito e rosas deviam crescer entre seus lábios - o que certamente não era verdade nem para ele nem para o Sr. Dupper. Ele não conseguia pensar em felicidade maior do que poder sentar-se atrás de uma cortina e ouvi-los conversar. Até a imaginação daquele discurso ousado e variado fazia com que a lembrança daquilo sobre o que ele e seus amigos cortesãos costumavam conversar — um cachorro, um cavalo, uma mulher, um jogo de cartas — parecesse extremamente brutal. Ele pensava nele com orgulho por sempre ter sido chamado de estudioso e

zombava de seu amor pela solidão e pelos livros. Ele nunca foi hábil em frases bonitas. Ele ficava imóvel, corava e andava como um granadeiro em uma sala de estar feminina. Ele havia caído duas vezes, por pura distração, do cavalo. Ele quebrou o leque de Lady Winchilsea uma vez enquanto fazia uma rima. Recordando avidamente estes e outros exemplos de sua incapacidade para a vida em sociedade, uma esperança infável, de que toda a turbulência de sua juventude, sua falta de jeito, seu rubor, suas longas caminhadas e seu amor pelo país provavam que ele próprio pertencia à raça sagrada e não à nobre - era por nascimento um escritor, em vez de um aristocrata - o possuía. Pela primeira vez desde a noite do grande dilúvio ele estava feliz.

Ele agora encarregou o Sr. Isham de Norfolk de entregar ao Sr. Nicholas Greene do Clifford's Inn um documento que demonstrava a admiração de Orlando por suas obras (pois Nick Greene era um escritor muito famoso na época) e seu desejo de conhecê-lo; o que ele mal ousou perguntar; pois ele não tinha nada a oferecer em troca; mas se o Sr. Nicholas Greene se dignasse a visitá-lo, uma carruagem com quatro pessoas estaria na esquina da Fetter Lane, a qualquer hora que o Sr. Greene escolhesse, e o levaria em segurança para a casa de Orlando. Pode-se preencher as frases que se seguiram; e imagine a alegria de Orlando quando, em pouco tempo, o Sr. Greene manifestou sua aceitação do convite do Nobre Lorde; tomou seu lugar na carruagem e foi depositado no saguão ao sul do prédio principal, pontualmente às sete horas da segunda-feira, 21 de abril.

Muitos reis, rainhas e embaixadores foram recebidos ali; Os juízes estavam ali em seus arminhos. As mais adoráveis damas do país tinham ido até lá; e os guerreiros mais severos. Lá estavam penduradas faixas que estiveram em Flodden e em Agincourt. Ali estavam expostos os brasões pintados com seus

leões, seus leopardos e suas tiaras. Lá estavam as mesas compridas onde ficavam as baixelas de ouro e prata; e ali as vastas lareiras de mármore italiano trabalhado, onde todas as noites um carvalho inteiro, com seus milhões de folhas e seus ninhos de gralhas e carriça, era reduzido a cinzas. Nicholas Greene, o poeta, estava ali agora, vestido de maneira simples, com seu chapéu largo e gibão preto, carregando em uma das mãos uma pequena bolsa.

Que Orlando, ao se apressar em cumprimentá-lo, ficasse um pouco desapontado era inevitável. O poeta não tinha altura acima da média; era de uma figura mesquinha; era magro e um tanto curvado e, tropeçando no mastim ao entrar, o cachorro o mordeu. Além disso, Orlando, apesar de todo o seu conhecimento da humanidade, estava confuso sobre onde colocá-lo. Havia algo nele que não pertencia a servo, escudeiro ou nobre. A cabeça, com testa arredondada e nariz adunco, era bonita; mas o queixo recuou. Os olhos eram brilhantes, mas os lábios babavam. Contudo, era a expressão do rosto como um todo que era inquietante. Não havia nada daquela compostura imponente que torna os rostos da nobreza tão agradáveis de se olhar; nem tinha nada do servilismo digno do rosto de uma doméstica bem treinada; era um rosto vincado, enrugado e contraído. Por mais poeta que fosse, parecia que estava mais acostumado a repreender do que a lisonjear; brigar do que arrulhar; lutar do que cavalgar; lutar do que descansar; odiar do que amar. Isto também foi demonstrado pela rapidez dos seus movimentos; e por algo ardente e suspeito em seu olhar. Orlando ficou um tanto surpreso. Mas eles foram jantar.

Aqui, Orlando, que geralmente considerava tais coisas como certas, sentiu-se, pela primeira vez, inexplicavelmente envergonhado do número de seus criados e do esplendor de sua mesa. Mais estranho ainda, ele se lembrava

com orgulho — pois o pensamento era geralmente desagradável — daquela bisavó Moll que ordenava as vacas. Ele estava prestes a fazer alusão a essa mulher humilde e aos seus baldes de leite, quando o poeta o antecipou, dizendo que era estranho, visto quão comum era o nome de Greene, pois a família tinha vindo com o Conquistador e era da mais alta nobreza da França. Infelizmente, eles vieram ao mundo e pouco mais fizeram do que deixar seu nome para o bairro real de Greenwich. Outras conversas do mesmo tipo, sobre castelos perdidos, brasões de armas, primos que eram baronetes no norte, casamentos mistos com famílias nobres no oeste, como alguns Verdes soletavam o nome com um e no final, e outros sem, duraram até a carne de veado estar na mesa. Então Orlando deu um jeito de dizer algo sobre a vovó Moll e suas vacas, e aliviou um pouco o fardo de seu coração quando as aves selvagens chegaram diante deles. Mas foi só quando o Malmsey passou livremente que Orlando se atreveu a mencionar o que não podia deixar de considerar um assunto mais importante do que os Verdes ou as vacas; isto é, o tema sagrado da poesia. À primeira menção da palavra, os olhos do poeta brilharam; ele abandonou o ar de cavalheiro que usava; bateu o copo na mesa e começou a contar uma das histórias mais longas, mais intrincadas, mais apaixonadas e mais amargas que Orlando já ouvira, salvo dos lábios de uma mulher rejeitada, sobre uma peça sua; outro poeta; e um crítico. Da própria natureza da poesia, Orlando apenas concluiu que era mais difícil de vender do que a prosa e, embora os versos fossem mais curtos, demorava mais para ser escrito. Assim, a conversa prosseguiu com ramificações intermináveis, até que Orlando se aventurou a insinuar que ele próprio fora tão imprudente ao escrever — mas aqui o poeta saltou da cadeira. Um rato guinchou no lambril, disse ele. A verdade, explicou ele, é que seus nervos estavam num estado em que o guincho de um rato os perturbou durante duas

semanas. Sem dúvida a casa estava cheia de vermes, mas Orlando não os ouvira. O poeta então contou a Orlando a história completa de sua saúde nos últimos dez anos ou mais. Tinha sido tão ruim que só podíamos nos maravilhar por ele ainda estar vivo. Ele teve paralisia, gota, febre, hidropisia e três tipos de febre sucessivamente; além disso, ele tinha um coração dilatado, um baço grande e um fígado doente. Mas, acima de tudo, ele tinha, disse a Orlando, sensações na coluna que desafiavam qualquer descrição. Havia uma maçaneta, mais ou menos a terceira a partir do topo, que queimava como fogo; outra, mais ou menos a segunda a partir do fundo, que estava fria como gelo. Às vezes ele acordava com um cérebro que parecia chumbo; outras vezes, era como se mil velas de cera estivessem acesas e as pessoas jogassem fogos de artifício dentro dele. Ele podia sentir uma folha de rosa através do colchão, disse ele; e conhecia quase Londres pela sensação das pedras do calçamento. No todo, ele era uma peça de maquinaria tão finamente feita e tão curiosamente montada (aqui ele levantou a mão como se inconscientemente e, na verdade, era da melhor forma imaginável) que o confundiu pensar que havia vendido apenas quinhentos exemplares de seu poema, mas isso, é claro, se devia em grande parte à conspiração contra ele. Tudo o que pôde dizer, concluiu, batendo com o punho na mesa, foi que a arte da poesia estava morta na Inglaterra.

Como isso poderia acontecer com Shakespeare, Marlowe, Ben Jonson, Browne, Donne, todos agora escrevendo ou acabando de escrever, Orlando, desfiando os nomes de seus heróis favoritos, não conseguia imaginar.

Greene riu sarcasticamente. Shakespeare, ele admitiu, havia escrito algumas cenas que eram bastante boas; mas ele os havia tirado principalmente de Marlowe. Marlowe era um rapaz provável, mas o que se poderia dizer de um rapaz que morreu antes dos trinta anos? Quanto a Browne, ele gostava de

escrever poesia em prosa e as pessoas logo se cansaram de conceitos como esse. Donne era um charlatão que resumia sua falta de sentido em palavras duras. As gaiotas foram apanhadas; mas o estilo estaria fora de moda dentro de doze meses. Quanto a Ben Jonson - Ben Jonson era amigo dele e nunca falava mal de seus amigos.

Não, concluiu ele, a grande era da literatura já passou; a grande era da literatura foi a grega; o elisabetano era inferior em todos os aspectos ao grego. Nessas épocas, os homens nutriam uma ambição divina que ele poderia chamar de La Gloire (ele a pronunciava Glawr, de modo que Orlando a princípio não entendeu o que ele queria dizer). Agora todos os jovens escritores eram pagos pelos livreiros e despejavam todo o lixo que pudessem vender. Shakespeare foi o principal infrator desta forma e Shakespeare já estava pagando a pena. A sua própria época, disse ele, foi marcada por presunções preciosas e experiências selvagens - nenhuma das quais os gregos teriam tolerado nem por um momento. Por mais que lhe doesse dizer isso - pois ele amava a literatura como amava a sua vida - ele não via nada de bom no presente e não tinha esperança no futuro. Aqui ele se serviu de outra taça de vinho.

Orlando ficou chocado com estas doutrinas; contudo, não pude deixar de observar que o próprio crítico não parecia de forma alguma desanimado. Pelo contrário, quanto mais denunciava o seu próprio tempo, mais complacente se tornava. Ele se lembrava, disse ele, de uma noite na Cock Tavern, na Fleet Street, quando Kit Marlowe estava lá e alguns outros. Kit estava em alta, bastante bêbado, o que ele facilmente ficava, e com vontade de dizer coisas bobas. Ele podia vê-lo agora, brandindo seu copo para a companhia e soluçando: "Estampe meus sinais vitais, Bill" (isto era para Shakespeare), "há uma grande onda chegando e você está no topo dela", com

o que ele quis dizer, explicou Greene, que eles estavam tremendo à beira de uma grande era na literatura inglesa, e que Shakespeare seria um poeta de alguma importância. Felizmente para si mesmo, ele foi morto duas noites depois em uma briga de bêbados e, portanto, não viveu para ver o resultado dessa previsão. "Pobre sujeito tolo", disse Greene, "para dizer uma coisa dessas. Uma ótima idade, na verdade - o elisabetano, uma ótima idade!"

"Então, meu querido Senhor", continuou ele, acomodando-se confortavelmente em sua cadeira e esfregando a taça de vinho entre os dedos, "devemos tirar o melhor proveito disso, valorizar o passado e homenagear aqueles escritores - ainda restam alguns deles - que tomam a antiguidade como modelo e escrevem, não por dinheiro, mas para Glawr." (Orlando poderia ter desejado a ele um sotaque melhor.) "Glawr", disse Greene, "é o estímulo das mentes nobres. Se eu tivesse uma pensão de trezentas libras por ano paga trimestralmente, viveria apenas para Glawr. "Isso é o que chamo de Glawr. Mas é preciso ter uma pensão para isso."

A essa altura, Orlando já havia abandonado toda esperança de discutir seu próprio trabalho com o poeta; mas isso importava menos porque a conversa agora se voltava para as vidas e personagens de Shakespeare, Ben Jonson e o resto, todos os quais Greene conhecia intimamente e sobre os quais ele tinha mil anedotas do tipo mais divertido para contar. Orlando nunca riu tanto em sua vida. Estes, então, eram seus deuses! Metade estava bêbada e todos estavam apaixonados. A maioria deles brigou com as esposas; nenhum deles estava acima de uma mentira ou de uma intriga do tipo mais insignificante. Sua poesia estava rabiscada no verso de notas de lavagem entregues às cabeças dos impressores na porta da rua. Assim Hamlet foi para a imprensa; assim Lear; portanto, Otelo. Não é de admirar, como disse Greene, que essas peças mostrem os erros que cometem. O resto do tempo era passado em

farras e festas em tavernas e em cervejarias ao ar livre, quando eram ditas coisas que passavam de crença por humor, e eram feitas coisas que faziam com que a maior brincadeira dos cortesãos parecesse pálida em comparação. Tudo isso Greene contou com um espírito que despertou Orlando ao mais alto grau de alegria. Ele tinha um poder de mímica que dava vida aos mortos e podia dizer as melhores coisas dos livros, desde que tivessem sido escritos há trezentos anos.

Assim o tempo passou e Orlando sentiu por seu hóspede uma estranha mistura de simpatia e desprezo, de admiração e piedade, bem como algo indefinido demais para ser chamado por qualquer nome, mas tinha algo de medo e algo de fascínio. Ele falava incessantemente sobre si mesmo, mas era uma companhia tão boa que era possível ouvir para sempre a história de sua febre. Então ele era tão espirituoso; então ele era tão irreverente; então ele se tornou tão livre com os nomes de Deus e de Mulher; então ele era tão cheio de habilidades estranhas e tinha uma sabedoria tão estranha em sua cabeça; poderia fazer salada de trezentas maneiras diferentes; sabia tudo o que se podia saber sobre a mistura de vinhos; tocou meia dúzia de instrumentos musicais e foi a primeira pessoa, e talvez a última, a torrar queijo na grande lareira italiana. Que ele não distinguia um gerânio de um cravo, um carvalho de uma bétula, um mastim de um galgo, um teg de uma ovelha, trigo de cevada, terra arada de pousio; ignorava a rotação das culturas; pensei que laranjas cresciam no subsolo e nabos nas árvores; preferia qualquer paisagem urbana a qualquer paisagem; tudo isso e muito mais surpreendeu Orlando, que nunca havia conhecido ninguém de sua espécie antes. Até as criadas, que o desprezavam, riam das suas piadas, e os criados, que o detestavam, ficavam por perto para ouvir as suas histórias. Na verdade, a casa nunca esteve tão animada como agora que ele estava lá -

tudo isso deu a Orlando muito em que pensar e o levou a comparar esse modo de vida com o antigo. Lembrou-se do tipo de conversa a que estava habituado sobre a apoplexia do rei de Espanha ou o acasalamento de uma cadela; lembrou-lhe como passava o dia entre os estábulos e o vestiário; ele se lembrou de como os Lordes roncavam por causa do vinho e odiavam qualquer um que os acordasse. Ele pensou em quão ativos e valentes eles eram fisicamente; quão preguiçoso e tímido em mente. Preocupado com esses pensamentos e incapaz de encontrar um equilíbrio adequado, ele chegou à conclusão de que havia admitido em sua casa um espírito atormentador de inquietação que nunca mais o permitiria dormir profundamente.

No mesmo momento, Nick Greene chegou precisamente à conclusão oposta. Deitado na cama, de manhã, nos travesseiros mais macios, entre os lençóis mais macios, e olhando pela janela de sacada para a grama que, durante três séculos, não conhecera nem dente-de-leão nem erva daninha, ele pensava que, a menos que conseguisse de alguma forma escapar, seria sufocado vivo. Levantando-se e ouvindo o arrulhar dos pombos, vestindo-se e ouvindo as fontes caírem, ele pensou que, a menos que pudesse ouvir as carroças rugindo nas pedras da rua Fleet, nunca mais escreveria outra linha. Se isso continuar por muito mais tempo, pensou ele, ouvindo o lacaio consertar o fogo e espalhar a mesa com pratos de prata na casa ao lado, vou adormecer e (aqui ele deu um bocejo prodigioso) dormindo morrerei.

Então ele procurou Orlando em seu quarto, e explicou que não tinha conseguido pregar o olho a noite toda por causa do silêncio. (Na verdade, a casa era cercada por um parque de quinze milhas de circunferência e um muro de três metros de altura.) O silêncio, disse ele, era, de todas as coisas, a mais opressiva para seus nervos. Ele encerraria sua visita, com licença de

Orlando, naquela mesma manhã. Orlando sentiu algum alívio com isso, mas também uma grande relutância em deixá-lo ir. A casa, pensou ele, pareceria monótona sem ele. Ao despedir-se (pois nunca gostara de mencionar o assunto), teve a ousadia de impor ao poeta a sua peça sobre a Morte de Hércules e perguntar-lhe a sua opinião a respeito. O poeta pegou; murmurou algo sobre Glawr e Cícero, que Orlando interrompeu prometendo pagar a pensão trimestralmente; então Greene, com muitos protestos de afeto, pulou na carruagem e foi embora.

O grande salão nunca pareceu tão grande, tão esplêndido ou tão vazio enquanto a carruagem se afastava. Orlando sabia que nunca mais teria coragem de fazer queijo torrado na lareira italiana. Ele nunca teria a inteligência de fazer piadas sobre filmes italianos; nunca tenha a habilidade de misturar o ponche como deveria; mil boas piadas e excentricidades seriam perdidas para ele. No entanto, que alívio estar fora do som daquela voz queixosa, que luxo estar sozinho mais uma vez, assim ele não pôde deixar de refletir, enquanto soltava o mastim que estava amarrado havia seis semanas porque nunca via o poeta sem mordê-lo.

Nick Greene foi colocado na esquina da Fetter Lane naquela mesma tarde e descobriu que as coisas continuavam exatamente como as havia deixado. Quer dizer, a Sra. Greene estava dando à luz um bebê em um quarto; Tom Fletcher estava bebendo gim em outro. Os livros estavam espalhados pelo chão; o jantar - tal como estava - foi servido numa penteadeira onde as crianças faziam tortas de lama. Mas esta, Greene sentiu, era a atmosfera para escrever; aqui ele poderia escrever e ele escreveu. O assunto foi feito para ele. Um nobre Senhor em casa. Uma visita a um nobre do campo — seu novo poema deveria ter um título como esse. Agarrando a caneta com a qual seu filho fazia cócegas nas orelhas do gato e mergulhando-a no porta-ovos

que servia de tinteiro, Greene disparou uma sátira muito espirituosa naquele momento. Foi tão feito que ninguém poderia duvidar que o jovem Lord que foi assado era Orlando; suas palavras e ações mais íntimas, seus entusiasmos e loucuras, até a própria cor de seu cabelo e o jeito estranho que ele tinha de enrolar seus ers, estavam presentes na vida. E se houvesse alguma dúvida sobre isso, Greene resolveu o assunto introduzindo, quase sem qualquer disfarce, passagens daquela tragédia aristocrática, a Morte de Hércules, que ele considerou, como esperava, prolixo e bombástico ao extremo.

O panfleto, que teve várias edições ao mesmo tempo e pagou as despesas da décima estadia da Sra. Greene, logo foi enviado por amigos que cuidam de tais assuntos pessoalmente a Orlando. Depois de lê-lo, o que fez com uma compostura mortal do início ao fim, tocou a campainha para chamar o laçao; entregou-lhe o documento na ponta de uma pinça; ordenou-lhe que o jogasse no coração mais imundo do monturo mais imundo da propriedade. Então, quando o homem estava se virando para ir embora, ele o deteve: "Pegue o cavalo mais rápido do estábulo", disse ele, "camingue pela vida até Harwich. Lá embarque em um navio que você encontrará com destino à Noruega. Compre para mim, nos canis do próprio rei, os melhores cães de caça alces da linhagem real, machos e fêmeas. Traga-os de volta sem demora. Pois", ele murmurou, quase sem respirar enquanto se voltava para seus livros, "eu terminei com os homens."

O laçao, perfeitamente treinado em suas funções, fez uma reverência e desapareceu. Ele cumpriu sua tarefa com tanta eficiência que voltou naquele dia há três semanas, trazendo na mão uma coleira dos melhores cães de caça, um dos quais, uma fêmea, deu à luz naquela mesma noite, sob a mesa de jantar, uma ninhada de oito lindos filhotes. Orlando mandou trazê-los para seu quarto.

"Pois", disse ele, dando tapinhas na cabeça dos pequenos brutos, "eu acabei com os homens."

Mesmo assim, ele pagava a pensão trimestralmente.

Assim, aos trinta anos de idade, ou por aí, este jovem nobre não só teve todas as experiências que a vida tem para oferecer, mas também viu a inutilidade de todas elas. Amor e ambição, mulheres e poetas eram todos igualmente vaidosos. A literatura era uma farsa. Na noite seguinte à leitura de *Visita a um nobre no campo*, de Greene, ele queimou, num grande incêndio, cinquenta e sete obras poéticas, mantendo apenas "O Carvalho", que era seu sonho de menino e muito curto. Restavam-lhe apenas duas coisas nas quais ele agora depositava alguma confiança; cães e natureza; um Elkhound e uma roseira. O mundo, em toda a sua variedade, a vida em toda a sua complexidade tinha-se reduzido a isso. Um cachorro e um arbusto eram tudo. Então, sentindo-se afastado de uma vasta montanha de ilusão e, por consequência, muito nu, ele chamou seus cães e caminhou pelo Parque.

Ele passou tanto tempo isolado, escrevendo e lendo, que quase se esqueceu das comodidades da natureza, que em junho podem ser ótimas. Quando chegou àquele monte alto de onde, em dias bonitos, pode-se ver metade da Inglaterra com uma fatia do País de Gales e da Escócia, ele se jogou sob seu carvalho favorito e sentiu que, se não precisasse falar com outro homem ou mulher enquanto vivesse; se seus cães não desenvolveram a faculdade da fala; se nunca mais encontrasse um poeta ou uma princesa, poderia descobrir quantos anos lhe restavam com conteúdo tolerável.

Lá veio ele, dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano. Ele viu as faias ficarem douradas e as jovens samambaias desabrocharem; ele viu a lua crescente e depois circular; ele viu - mas provavelmente o leitor

pode imaginar a passagem que deveria seguir e como cada árvore e planta da vizinhança é descrita primeiro como verde, depois dourada; como as luas nascem e os sóis se põem; como a primavera segue o inverno e o outono e o verão; como a noite sucede ao dia e ao dia à noite; como primeiro há uma tempestade e depois um bom tempo; como as coisas permanecem como estão por cerca de duzentos ou trezentos anos, exceto por um pouco de poeira e algumas teias de aranha que uma velha pode varrer em meia hora; uma conclusão que, não podemos deixar de sentir, poderia ter sido alcançada mais rapidamente pela simples afirmação de que “o tempo passou” (aqui a quantidade exata poderia ser indicada entre parênteses) e nada aconteceu.

Mas o Tempo, infelizmente, embora faça animais e vegetais florescerem e murcharem com surpreendente pontualidade, não tem um efeito tão simples sobre a mente do homem. Além disso, a mente do homem trabalha com igual estranheza sobre o corpo do tempo. Uma hora, uma vez alojada no estranho elemento do espírito humano, pode ser esticada até cinquenta ou cem vezes a duração do relógio; por outro lado, uma hora pode ser representada com precisão no relógio da mente por um segundo. Esta extraordinária discrepância entre o tempo no relógio e o tempo na mente é menos conhecida do que deveria ser e merece uma investigação mais completa. Mas o biógrafo, cujos interesses são, como dissemos, altamente restritos, deve limitar-se a uma simples afirmação: quando um homem atinge a idade de trinta anos, como aconteceu com Orlando agora, o tempo em que ele pensa torna-se excessivamente longo; o tempo em que ele está fazendo torna-se excessivamente curto. Assim Orlando deu suas ordens e tratou de suas vastas propriedades num piscar de olhos; mas assim que ficou sozinho no monte sob o carvalho, os segundos começaram a girar e a preencher-se até parecer que nunca iriam cair. Além disso, encheram-se da mais estranha

variedade de objetos. Pois ele não apenas se viu confrontado com problemas que confundiram os homens mais sábios, como O que é o amor? Que amizade? Que verdade? mas assim que começou a pensar neles, todo o seu passado, que lhe parecia de extrema extensão e variedade, precipitou-se para o segundo que caía, inchou-o uma dúzia de vezes o seu tamanho natural, coloriu-o com todas as tonalidades do arco-íris e encheu-o com todas as probabilidades e fins do universo.

Pensando assim (ou por qualquer nome que deva ser chamado), ele passou meses e anos de sua vida. Não seria exagero dizer que ele sairia depois do café da manhã como um homem de trinta anos e voltaria para casa para jantar um homem de pelo menos cinquenta e cinco anos. Algumas semanas acrescentaram um século à sua idade, outras não mais do que três segundos, no máximo. No geral, a tarefa de estimar a duração da vida humana (da dos animais, presumimos não falar) está além da nossa capacidade, pois quando dizemos que ela dura séculos, somos lembrados de que é mais breve do que a queda de uma folha de rosa no chão. Das duas forças que alternadamente, e o que é ainda mais confuso, dominam ao mesmo tempo nossos infelizes estúpidos - a brevidade e a diuturnidade -, Orlando esteve às vezes sob a influência da divindade com pés de elefante, depois da mosca com asas de mosquito. A vida lhe parecia de uma duração prodigiosa. Mesmo assim, foi como um relâmpago. Mas mesmo quando o tempo se estendia por mais tempo e os momentos aumentavam ainda mais e ele parecia vagar sozinho pelos desertos da vasta eternidade, não havia tempo para alisar e decifrar aqueles pergaminhos densamente marcados que trinta anos entre homens e mulheres haviam enrolado em seu coração e cérebro. Muito antes de ele ter parado de pensar no Amor (o carvalho havia espalhado suas folhas e as sacudido até o chão uma dúzia de vezes no processo), a Ambição o

empurrava para fora do campo, para ser substituído pela Amizade ou pela Literatura. E como a primeira questão não havia sido resolvida - O que é o Amor? -, ele viria com a menor provocação ou nenhuma, e empurraria Livros ou Metáforas ou Por que se Vive para a margem, para esperar até que vissem sua chance de correr para o campo novamente. O que tornou o processo ainda mais demorado foi o fato de ser profusamente ilustrado, não só com imagens, como a da velha Rainha Isabel, deitada no seu divã de tapeçaria de brocado cor-de-rosa, com uma caixa de rapé de marfim na mão e uma espada com cabo de ouro ao lado, mas com aromas - ela estava fortemente perfumada - e com sons; os veados latiam no Richmond Park naquele dia de inverno. E assim, o pensamento do amor ficaria todo coberto de neve e inverno; com fogueiras acesas; com mulheres russas, espadas de ouro e cascas de veados; com a baba, os fogos de artifício e os sacos de tesouro do velho rei Jaime nos porões dos navios elisabetanos. Cada coisa, quando tentava desalojá-la do seu lugar na mente, encontrava-se assim sobrecarregada com outra matéria, como o pedaço de vidro que, depois de um ano no fundo do mar, está repleto de ossos e libélulas, e moedas e tranças de mulheres afogadas.

"Outra metáfora, de Júpiter!" ele exclamaria ao dizer isso (o que mostraria a maneira desordenada e tortuosa como sua mente funcionava e explicaria por que o carvalho florescia e murchava com tanta frequência antes que ele chegasse a qualquer conclusão sobre o Amor). "E qual é o sentido disso?" ele se perguntaria. "Por que não dizer simplesmente com tantas palavras — —" e então ele tentava pensar por meia hora — ou foram dois anos e meio? — como dizer simplesmente com tantas palavras o que é o amor. "Uma figura como essa é manifestamente mentirosa", argumentou ele, "pois nenhuma libélula, a menos que em circunstâncias muito excepcionais, poderia viver no

fundo do mar.

Então ele tentou dizer que a grama é verde e o céu é azul e assim apaziguar o espírito austero da poesia que ainda, embora a grande distância, ele não podia deixar de reverenciar. "O céu é azul", disse ele, "a grama é verde". Olhando para cima, viu que, pelo contrário, o céu é como os véus que mil Madonas deixaram cair dos seus cabelos; e a grama desaparece e escurece como um bando de meninas fugindo dos abraços de sátiros peludos de florestas encantadas. "Pela minha palavra", disse ele (pois adquirira o mau hábito de falar em voz alta), "não vejo que uma seja mais verdadeira do que a outra. Ambas são totalmente falsas." E ele perdeu a esperança de poder resolver o problema do que é a poesia e do que é a verdade e caiu num profundo desânimo.

E aqui podemos aproveitar uma pausa em seu solilóquio para refletir como foi estranho ver Orlando ali estendido sobre o cotovelo em um dia de junho e para refletir que esse belo sujeito com todas as suas faculdades e um corpo saudável, testemunhas de bochechas e membros - um homem que nunca pensou duas vezes antes de liderar um ataque ou travar um duelo - deveria estar tão sujeito à letargia do pensamento, e tornado tão suscetível por isso, que quando se tratava de uma questão de poesia, ou de sua própria competência nisso, ele era tão tímida como uma garotinha atrás da porta da casa da mãe. Em nossa crença, o ridículo de Greene sobre sua tragédia o magoou tanto quanto o ridículo que a princesa fez sobre seu amor. Mas para voltar—

Orlando continuou pensando. Ele ficava olhando para a grama e para o céu e tentando lembrar o que um verdadeiro poeta, que tem seus versos publicados em Londres, diria sobre eles. Enquanto isso, a memória (cujos

hábitos já foram descritos) mantinha diante de seus olhos o rosto de Nicholas Greene, como se aquele homem sardônico e de lábios soltos, traiçoeiro como se provara, fosse a Musa em pessoa, e era a ele que Orlando devia prestar homenagem. Então Orlando, naquela manhã de verão, ofereceu-lhe uma variedade de frases, algumas simples, outras figuradas, e Nick Greene continuou balançando a cabeça, zombando e murmurando algo sobre Glawr e Cícero e a morte da poesia em nosso tempo. Por fim, levantando-se (agora era inverno e fazia muito frio), Orlando fez um dos juramentos mais notáveis de sua vida, pois o prendia a uma servidão que ninguém é mais rigorosa. “Ficarei arrasado”, disse ele, “se algum dia escrever outra palavra, ou tentar escrever outra palavra para agradar Nick Greene ou a Musa. Mau, bom ou indiferente, escreverei, de hoje em diante, para agradar a mim mesmo”; e aqui ele fez como se estivesse rasgando todo um orçamento de papéis e jogando-os na cara daquele homem zombeteiro e de lábios soltos. Ao que, como um vira-lata se abaixa se você se abaixa para atirar uma pedra nele, Memory desviou sua efígie de Nick Greene para fora de vista; e substituí-lo - absolutamente nada.

Mas Orlando, mesmo assim, continuou pensando. Ele realmente tinha muito em que pensar. Pois quando ele rasgou o pergaminho, ele rasgou, em um só rasgo, o pergaminho brasonado que ele havia feito em seu próprio favor na solidão de seu quarto, nomeando-se, como o rei nomeia embaixadores, o primeiro poeta de sua raça, o primeiro escritor de sua época, conferindo imortalidade eterna à sua alma e concedendo a seu corpo um túmulo entre os louros e as bandeiras intangíveis da reverência de um povo perpetuamente. Por mais eloquente que tudo isso fosse, ele agora rasgou-o e jogou-o na lata de lixo. “A fama”, disse ele, “é como” (e como não havia nenhum Nick Greene para detê-lo, ele passou a deleitar-se com imagens das quais escolheremos

apenas uma ou duas das mais silenciosas) “um casaco trançado, que dificulta os membros; a obscuridade é escura, ampla e gratuita; a obscuridade permite que a mente siga seu caminho sem impedimentos. Sobre o homem obscuro é derramada a misericordiosa difusão das trevas. Ninguém sabe para onde ele vai ou vem. Ele pode buscar a verdade e dizê-la; só ele é livre; só ele é verdadeiro; só ele está em paz. E assim ele mergulhou em um estado de tranquilidade, sob o carvalho, cuja dureza de raízes, expostas acima do solo, lhe parecia mais confortável do que de outra forma.

Afundado por muito tempo em pensamentos profundos sobre o valor da obscuridade, e na delícia de não ter nome, mas ser como uma onda que retorna ao corpo profundo do mar; pensando em como a obscuridade livra a mente da irritação da inveja e do rancor; como faz correr nas veias as águas livres da generosidade e da magnanimidade; e permite dar e receber sem agradecimentos ou elogios; o que devia ter sido o estilo de vida de todos os grandes poetas, supunha ele (embora seu conhecimento de grego não fosse suficiente para sustentá-lo), pois, pensava ele, Shakespeare devia ter escrito assim, e os construtores de igrejas construíram assim, anonimamente, sem precisar de agradecimentos ou nomes, mas apenas de seu trabalho durante o dia e um pouco de cerveja, talvez à noite - "Que vida admirável é esta", pensou ele, esticando os membros sob o carvalho. "E por que não aproveitar neste exato momento?" O pensamento o atingiu como uma bala. A ambição caiu como um prumo. Livre da dor de cabeça do amor rejeitado e da vaidade repreendida, e de todas as outras ferroadas e picadas que o leito de urtigas da vida havia queimado sobre ele quando ambicioso de fama, mas não podia mais infligir a alguém descuidado com a glória, ele abriu os olhos, que estavam arregalados o tempo todo, mas tinha visto apenas pensamentos, e viu, deitado no buraco abaixo dele, sua casa.

Lá estava ele, sob o sol da primavera. Parecia mais uma cidade do que uma casa, mas uma cidade construída, não aqui e ali, como este ou aquele homem desejava, mas cautelosamente, por um único arquiteto com uma ideia na cabeça. Pátios e edifícios, cinzentos, vermelhos, cor de ameixa, estavam ordenados e simétricos; os pátios eram alguns oblongos e outros quadrados; nisto havia uma fonte; nisso uma estátua; os edifícios eram alguns baixos, outros pontiagudos; aqui havia uma capela, ali um campanário; espaços de grama mais verde jaziam entre eles e aglomerados de cedros e canteiros de flores brilhantes; todos estavam presos - mas tão bem dispostos que parecia que cada parte tinha espaço para se espalhar adequadamente - pelo rolo de uma parede maciça; enquanto a fumaça de inúmeras chaminés se enrolava perpetuamente no ar. Este edifício vasto, mas ordenado, que poderia abrigar mil homens e talvez dois mil cavalos, foi construído, pensou Orlando, por operários cujos nomes são desconhecidos. Aqui viveram por mais séculos do que posso contar as gerações obscuras de minha própria família obscura. Nenhum desses Richards, Johns, Annes, Elizabeths deixou um sinal de si mesmo atrás de si, mas todos, trabalhando juntos com suas espadas e agulhas, fazendo amor e tendo filhos, deixaram isso.

Nunca a casa pareceu mais nobre e humana.

Por que, então, ele desejou elevar-se acima deles? Pois parecia vão e arrogante ao extremo tentar melhorar aquela obra anônima de criação; o trabalho daquelas mãos desaparecidas. Melhor era permanecer desconhecido e deixar para trás um arco, um galpão para vasos, uma parede onde os pêssegos amadurecem, do que queimar como um meteoro e não deixar poeira. Afinal de contas, disse ele, entusiasmado ao olhar para a grande casa no gramado abaixo, os senhores e senhoras desconhecidos que moravam lá nunca se esqueciam de reservar algo para aqueles que viessem

depois; para o telhado que irá vaziar; para a árvore que vai cair. Sempre havia um cantinho aconchegante para o velho pastor na cozinha; sempre comida para os famintos; suas taças sempre foram polidas, embora estivessem doentes; e as janelas estavam iluminadas embora estivessem morrendo. Embora fossem senhores, contentavam-se em cair na obscuridade com o caçador de toupeiras e o pedreiro. Nobres obscuros, construtores esquecidos - assim ele os apostrofou com um calor que contrariou inteiramente os críticos que o chamavam de frio, indiferente, preguiçoso (a verdade é que uma qualidade muitas vezes está do outro lado da parede de onde a procuramos) - assim ele pôstrofou sua casa e sua raça em termos da mais comovente eloquência; mas quando se tratava de peroração — e o que é a eloquência que não tem peroração? — ele se atrapalhou. Ele teria gostado de ter terminado com um floreio no sentido de que seguiria os seus passos e acrescentaria mais uma pedra ao seu edifício. Como, porém, o edifício já cobria nove acres, acrescentar pelo menos uma única pedra parecia supérfluo. Seria possível mencionar móveis numa peroração? Poderíamos falar de cadeiras, mesas e esteiras para colocar ao lado das camas das pessoas? Pois o que quer que a peroração quisesse, era disso que a casa precisava. Deixando seu discurso inacabado por enquanto, ele desceu a colina novamente decidido a se dedicar doravante à mobília da mansão. A notícia - de que ela iria atendê-lo imediatamente - trouxe lágrimas aos olhos da boa e velha Sra. Grimsditch, agora um tanto idosa. Juntos eles perambularam pela casa.

O toalheiro no quarto do rei (“e aquele era o rei Jamie, meu senhor”, disse ela, insinuando que já fazia muitos dias que um rei não dormia sob seu teto; mas os odiosos dias do Parlamento haviam acabado e agora havia uma coroa na Inglaterra novamente) não tinha uma perna; não havia suportes para os

jarros no pequeno armário que dava para a sala de espera do pajem da Duquesa; O Sr. Greene havia deixado uma mancha no carpete com seu cachimbo nojento, que ela e Judy, apesar de toda a esfregação, nunca conseguiram lavar. Na verdade, quando Orlando chegou a considerar a questão de mobiliar cadeiras de jacarandá e armários de cedro, bacias de prata, tigelas de porcelana e tapetes persas em cada um dos trezentos e sessenta e cinco quartos que a casa continha, ele percebeu que não seria um quarto claro; e se restassem alguns milhares de libras de sua propriedade, estes fariam pouco mais do que pendurar algumas galerias com tapeçarias, equipar o refeitório com cadeiras finas e esculpidas e fornecer espelhos de prata maciça e cadeiras do mesmo metal (pelo qual ele tinha uma paixão desmedida) para o mobiliário dos aposentos reais.

Ele agora começou a trabalhar seriamente, como podemos provar sem sombra de dúvida se olharmos seus livros contábeis. Vejamos um inventário do que ele comprou naquela época, com as despesas somadas na margem - mas estas nós omitimos.

"A cinquenta pares de mantas espanholas, idem cortinas de tafetá carmesim e branco; a valência para eles de cetim branco bordado com seda carmesim e branca....

"A setenta cadeiras de cetim amarelo e sessenta bancos, adequados com suas capas de entretela para todos eles....

"Para sessenta e sete mesas de noqueira....

"Para dezessete dúzias de caixas contendo cada dúzia cinco dúzias de copos de Veneza....

"A cento e duas esteiras, cada uma com trinta metros de comprimento...

“Para noventa e sete almofadas de damasco carmesim forradas com renda de pergaminho prateado e escabelos de tecido e cadeiras adequadas....

"A cinquenta ramos por uma dúzia de luzes cada...."

Já — é um efeito que as listas têm sobre nós — estamos começando a bocejar. Mas se pararmos, é apenas que o catálogo é tedioso, não que esteja acabado. Há mais vinte e nove páginas e o montante total desembolsado ascendeu a muitos milhares — ou seja, milhões do nosso dinheiro. E se o seu dia fosse passado assim, à noite novamente, Lorde Orlando poderia ser encontrado calculando quanto custaria destruir um milhão de montículos, se os homens recebessem dez centavos por hora; e, novamente, quantas centenas de pregos a 5½ por guelra foram necessários para consertar a cerca ao redor do parque, que tinha quinze milhas de circunferência. E assim por diante.

A história, dizemos, é tediosa, pois um armário é muito parecido com outro, e um montículo não é muito diferente de um milhão. Algumas viagens agradáveis lhe custaram; e algumas boas aventuras. Como, por exemplo, quando ele colocou uma cidade inteira de mulheres cegas perto de Bruges para costurar cortinas para uma cama de dossel prateada; e a história de sua aventura com um mouro em Veneza, de quem comprou (mas apenas com a ponta da espada) seu armário laqueado, poderia, em outras mãos, valer a pena ser contada. Nem faltou variedade ao trabalho; pois ali viriam, atraídas por equipes de Sussex, grandes árvores, para serem serradas e colocadas ao longo da galeria como piso; e depois um grande baú da Pérsia, cheio de lã e serragem, do qual, finalmente, ele tiraria um único prato, ou um anel de topázio.

Por fim, porém, não havia espaço nas galerias para outra mesa; não há espaço nas mesas para outro armário; não há espaço no armário para outra roseira; não há espaço na tigela para mais um punhado de pot-pourri; não havia espaço para nada em parte alguma; em suma, a casa estava mobiliada. No jardim, pingos de neve, açafreões, jacintos, magnólias, rosas, lírios, ásteres, as dalias em todas as suas variedades, pereiras e macieiras e cerejeiras e amoreiras com uma enorme quantidade de arbustos raros e floridos, de árvores perenes e perenes, cresciam tão densamente nas raízes umas das outras que não havia pedaço de terra sem a sua flor, e nenhum pedaço de relva sem a sua sombra. Além disso, ele havia importado aves selvagens com plumagem alegre; e dois ursos malaios, cujo mau humor ocultava, ele tinha certeza, corações confiáveis.

Agora tudo estava pronto; e quando anoiteceu e os inúmeros candelabros de prata foram acesos e os ares leves que sempre se moviam pelas galerias agitaram os arras azuis e verdes, de modo que parecia que os caçadores estavam cavalgando e Daphne estava voando; quando a prata brilhou e a laca brilhou e a madeira acendeu; quando as cadeiras esculpidas estendiam os braços e os golfinhos nadavam nas paredes com sereias nas costas; quando tudo isso e muito mais do que tudo isso estava completo e ao seu gosto, Orlando caminhou pela casa seguido por seus cães de caça e sentiu-se satisfeito. Ele tinha assunto agora, pensou, para completar sua peroração. Talvez fosse bom recomeçar o discurso. No entanto, enquanto desfilava pelas galerias, sentia que ainda faltava alguma coisa. Cadeiras e mesas, por mais ricamente douradas e esculpidas que sejam, sofás apoiados em patas de leões com pescoços de cisne curvados sob eles, camas mesmo feitas da mais macia penugem de cisne não são por si só suficientes. As pessoas sentadas neles, as pessoas deitadas neles, melhoram-nos surpreendentemente.

Conseqüentemente, Orlando deu início a uma série de entretenimentos esplêndidos para a nobreza e a pequena nobreza do bairro. Os trezentos e sessenta e cinco quartos ficavam lotados durante um mês de cada vez. Os convidados se acotovelavam nas cinquenta e duas escadas. Trezentos criados movimentavam-se pelas despensas. Os banquetes aconteciam quase todas as noites. Assim, em poucos anos, Orlando tirou a penugem do veludo e gastou metade de sua fortuna; mas ele conquistou a boa opinião de seus vizinhos, ocupou vários cargos no condado e era presenteado anualmente com talvez uma dúzia de volumes dedicados a seu senhorio em termos bastante completos por poetas agradecidos. Pois embora naquela época ele tivesse o cuidado de não se relacionar com escritores e se mantivesse sempre distante das damas de sangue estrangeiro, ainda assim era excessivamente generoso tanto com as mulheres quanto com os poetas, e ambos o adoravam.

Mas quando o banquete estava no auge e seus convidados estavam em festa, ele costumava ir sozinho para seu quarto privado. Lá, quando a porta estava fechada e ele tinha certeza de sua privacidade, ele trazia para fora um velho livro de escrita, costurado com seda roubada da caixa de trabalho de sua mãe, e rotulado com uma caligrafia redonda de estudante: “O carvalho, um poema”. Nisto ele escreveria até a meia-noite soar e muito depois. Mas, à medida que riscava tantas linhas quantas escrevia, a soma delas era muitas vezes, no final do ano, um pouco menor do que no início, e parecia que, no processo de escrita, o poema ficaria completamente por escrever. Pois cabe ao historiador das letras observar que ele mudou surpreendentemente seu estilo. Sua floridez foi castigada; sua abundância foi controlada; a era da prosa estava congelando aquelas fontes quentes. A própria paisagem lá fora estava menos repleta de guirlandas e os próprios arbustos eram menos espinhosos e intrincados. Talvez os sentidos estivessem um pouco mais

embotados e o mel e as natas menos sedutores ao paladar. Também que as ruas eram mais bem drenadas e as casas mais bem iluminadas influenciaram o estilo, não há dúvida.

Um dia, ele estava acrescentando um ou dois versos com enorme esforço a "The Oak Tree, A Poem" quando uma sombra cruzou seu olho. Não era uma sombra, ele logo percebeu, mas a figura de uma senhora muito alta, com capuz e manto, cruzando o quadrilátero para onde dava seu quarto. Como este era o mais privado dos tribunais e a senhora lhe era uma estranha, Orlando ficou maravilhado com a forma como ela tinha chegado ali. Três dias depois a mesma aparição apareceu novamente; e na quarta-feira o meio-dia apareceu mais uma vez. Desta vez, Orlando estava decidido a segui-la, e aparentemente ela não teve medo de ser encontrada, pois afrouxou os passos quando ele se aproximou e olhou-o bem nos olhos. Qualquer outra mulher assim apanhada nos terrenos privados de um Lorde teria ficado com medo; qualquer outra mulher com aquele rosto, cocar e aspecto teria jogado a mantilha sobre os ombros para escondê-lo. Pois esta senhora parecia nada mais que uma lebre; uma lebre assustada, mas obstinada; uma lebre cuja timidez é superada por uma audácia imensa e tola; uma lebre que se senta ereta e encara seu perseguidor com olhos grandes e esbugalhados; com orelhas eretas, mas trêmulas, com nariz pontudo, mas se contorcendo. Além disso, essa lebre tinha um metro e oitenta de altura e usava um cocar de algum tipo antiquado que a fazia parecer ainda mais alta. Assim confrontada, ela fitou Orlando com um olhar em que a timidez e a audácia se combinavam de forma muito estranha.

Primeiro, ela pediu-lhe, com uma reverência adequada, mas um tanto desajeitada, que a perdoasse pela intrusão. Depois, elevando-se novamente à sua altura máxima, que devia ter mais de um metro e noventa de altura, ela

prosseguiu dizendo — mas com tantas gargalhadas nervosas, tantas risadas e ganidos que Orlando pensou que ela devia ter escapado de um asilo para lunáticos — que ela era a arquiduquesa Harriet Griselda de Finster-Aarhorn e Scand-op-Boom, no território romeno. Ela desejava acima de tudo conhecê-lo, disse ela. Ela tinha

alojado em uma padaria em Park Gates. Ela tinha visto a foto dele e era a imagem de uma irmã dela que estava — aqui ela deu uma gargalhada — morta há muito tempo. Ela estava visitando a corte inglesa. A rainha era sua prima. O rei era um sujeito muito bom, mas raramente ia para a cama sóbrio. Aqui ela deu atenção e gaguejou novamente. Em suma, não havia nada a fazer senão convidá-la para entrar e oferecer-lhe uma taça de vinho.

Dentro de casa, seus modos recuperaram a altivez natural de uma arquiduquesa romena; e se ela não tivesse demonstrado um conhecimento de vinhos raro numa senhora, e não tivesse feito algumas observações sobre armas de fogo e os costumes dos desportistas no seu país, que eram bastante sensatas, a conversa teria faltado espontaneidade. Finalmente ficando de pé, ela anunciou que ligaria no dia seguinte, fez outra reverência prodigiosa e partiu. No dia seguinte, Orlando partiu. No próximo, ele virou as costas; no terceiro ele fechou a cortina. No quarto dia choveu e, como não conseguia manter uma dama molhada, nem tinha aversão à companhia, convidou-a a entrar e perguntou-lhe a opinião se uma armadura, que pertencia a um dos seus antepassados, era obra de Jacobi ou de Topp. Ele se inclinou para Topp. Ela tinha outra opinião — pouco importa qual. Mas é de alguma importância para o curso da nossa história que, ao ilustrar o seu argumento, que tinha a ver com o funcionamento dos prendedores de gravata, a arquiduquesa Harriet pegou o estojo dourado da canela e o encaixou na perna de Orlando.

Que ele tinha um par das pernas mais bem torneadas que qualquer nobre já viu, já foi dito.

Talvez algo na maneira como ela prendeu a fivela no tornozelo; ou sua postura curvada; ou a longa reclusão de Orlando; ou a simpatia natural que existe entre os sexos; ou a Borgonha; ou o incêndio - qualquer uma dessas causas pode ter sido a culpada; pois certamente há culpa de um lado ou de outro, quando um nobre da linhagem de Orlando, recebendo uma senhora em sua casa, e ela é muitos anos mais velha, com um rosto de um metro de comprimento e olhos arregalados, vestido um tanto ridiculamente também, em um manto e capa de montaria embora a estação fosse quente - a culpa existe quando tal nobre é tão repentina e violentamente dominado por algum tipo de paixão que ele tem que sair da sala.

Mas que tipo de paixão, pode-se perguntar, poderia ser essa? E a resposta tem duas faces, como o próprio Amor. Por Amor - mas deixando o Amor fora da discussão por um momento, o evento real foi este:

Quando a arquiduquesa Harriet Griselda se abaixou para apertar a fivela, Orlando ouviu, repentina e inexplicavelmente, ao longe o bater das asas do Amor. O movimento distante daquela plumagem macia despertou nele mil lembranças de águas correntes, de beleza na neve e de falta de fé na enchente; e o som se aproximou; e ele corou e tremeu; e ele ficou comovido como havia pensado que nunca mais se comoveria; e ele estava pronto para levantar as mãos e deixar o lindo pássaro pousar em seus ombros, quando - horror! - um rangido como o que os corvos fazem ao cair sobre as árvores começou a reverberar; o ar parecia escuro com asas negras e grosseiras; vozes grasnaram; pedaços de palha, gravetos e penas caíram; e pousou sobre seus ombros o mais pesado e mais sujo dos pássaros; que é o abutre. Então

ele saiu correndo da sala e mandou o laçao acompanhar a arquiduquesa Harriet até sua carruagem.

Pois o Amor, ao qual podemos voltar agora, tem duas faces; um branco, o outro preto; dois corpos; um liso, o outro peludo. Tem duas mãos, dois pés, duas caudas, duas, aliás, de cada membro e cada um é exatamente o oposto do outro. No entanto, eles estão tão estritamente unidos que você não pode separá-los. Neste caso, o amor de Orlando iniciou sua fuga em direção a ele com o rosto branco voltado e o corpo macio e encantador para fora. Ela chegava cada vez mais perto, flutuando diante de seus ares de puro deleite. De repente (presumivelmente ao ver a arquiduquesa) ela se virou e virou-se para o outro lado; mostrou-se negra, peluda, bruta; e foi a Luxúria, o abutre, e não o Amor, o Pássaro do Paraíso, que caiu, suja e repugnantemente, sobre seus ombros. Daí ele correu; portanto, ele foi buscar o laçao.

Mas a harpia não é banida tão facilmente assim. Não só a arquiduquesa continuou a hospedar-se na padaria, como Orlando era assombrado todos os dias e todas as noites por fantasmas dos mais repugnantes. Em vão, ao que parecia, ele havia mobiliado sua casa com prata e pendurado as paredes com arras, quando a qualquer momento uma ave suja de esterco poderia pousar em sua escrivaninha. Lá estava ela, debatendo-se entre as cadeiras; ele a viu cambaleando desajeitadamente pelas galerias. Agora, ela estava empoleirada, pesadamente sobre uma tela de fogo. Quando ele a expulsou, ela voltou e bicou o vidro até quebrá-lo.

Percebendo assim que sua casa era inabitável e que medidas deveriam ser tomadas para encerrar o assunto imediatamente, ele fez o que qualquer outro jovem teria feito em seu lugar e pediu ao rei Carlos que o enviasse como Embaixador Extraordinário em Constantinopla. O rei estava caminhando em Whitehall. Nell Gwyn estava em seu braço. Ela estava

jogando avelãs nele. 'Foi uma pena, suspirou aquela senhora amorosa, que um par de pernas assim deixasse o país. No entanto, o destino foi difícil; ela não pôde fazer mais do que dar um beijo por cima do ombro antes de Orlando partir.

04. Capítulo Três

Constantinopla, embaixada, transformação e vida com os ciganos.

É, de fato, altamente lamentável, e muito lamentável, que nesta fase da carreira de Orlando, quando ele desempenhou um papel muito importante na vida pública do seu país, tenhamos menos informações em que nos basear. Sabemos que ele cumpriu seus deveres com admiração – veja-se seu Bath e seu ducado. Sabemos que ele participou de algumas das negociações mais delicadas entre o rei Carlos e os turcos – disso, os tratados guardados no cofre do Registro são testemunho disso. Mas a revolução que eclodiu durante o seu mandato, e o incêndio que se seguiu, danificaram ou destruíram de tal forma todos os documentos dos quais se poderia extrair qualquer registo confiável, que o que podemos fornecer é lamentavelmente incompleto. Frequentemente, o papel ficava chamuscado em um tom marrom escuro no meio da frase mais importante. Justamente quando pensávamos em elucidar um segredo que intrigava os historiadores há cem anos, havia um buraco no manuscrito grande o suficiente para passar um dedo. Fizemos o possível para extrair um breve resumo dos fragmentos carbonizados que restaram; mas muitas vezes foi necessário especular, supor e até fazer uso da imaginação.

O dia de Orlando foi passado, ao que parece, mais ou menos dessa maneira. Por volta das sete horas, ele se levantava, envolvia-se numa longa capa turca, acendia um charuto e apoiava os cotovelos no parapeito. Assim ele ficava, olhando para a cidade abaixo dele, aparentemente em transe. A essa hora a neblina seria tão densa que as cúpulas de Santa Sofia e o resto pareceriam flutuar; gradualmente a névoa os descobriria; as bolhas seriam vistas firmemente fixas; haveria o rio; ali a Ponte Galata; ali os peregrinos de turbante verde, sem olhos nem nariz, pedindo esmolas; ali os cães párias

colhendo miudezas; ali as mulheres de xale; ali os inúmeros burros; havia homens a cavalo carregando varas compridas. Em breve, toda a cidade estaria agitada com o estalar dos chicotes, o bater dos gongos, os gritos de oração, as chicotadas das mulas e o chocalho das rodas de latão, enquanto os odores azedos, feitos da fermentação do pão, do incenso e das especiarias, subiam até às alturas da própria Pera e pareciam o próprio sopro da população estridente, multicolorida e bárbara.

Nada, refletiu ele, contemplando a vista que agora brilhava ao sol, poderia ser menos parecido com os condados de Surrey e Kent ou com as cidades de Londres e Tunbridge Wells. À direita e à esquerda erguiam-se, em proeminência nua e pedregosa, as inóspitas montanhas asiáticas, às quais o árido castelo de um ou dois chefes ladrões poderia pendurar-se; mas não havia casa paroquial, nem casa senhorial, nem cabana, nem carvalho, olmo, violeta, hera ou eglantine selvagem. Não havia sebes onde pudessem crescer samambaias, nem campos onde as ovelhas pastassem. As casas estavam vazias e carecas como cascas de ovo. Que ele, que era de raiz e fibra inglesa, ainda exultasse do fundo do seu coração neste panorama selvagem, e contemplasse e contemplasse aquelas passagens e alturas distantes, planejando viagens até lá sozinho a pé, onde apenas a cabra e o pastor haviam ido antes; deveria sentir uma paixão de afeição pelas flores brilhantes e fora de estação, amar os cães párias desleixados, além até mesmo de seus cães de caça em casa, e aspirar ansiosamente o cheiro acre e pungente das ruas em suas narinas, o surpreendendo. Ele se perguntou se, na época das Cruzadas, um de seus ancestrais teria se envolvido com uma camponesa circassiana; pensei que fosse possível; imaginou uma certa escuridão em sua tez; e, voltando para dentro de casa, retirou-se para o banho.

Uma hora depois, devidamente perfumado, enrolado e ungido, recebia visitas de secretários e outros altos funcionários carregando, uma após a outra, caixas vermelhas que cediam apenas à sua própria chave de ouro. Dentro havia papéis da mais alta importância, dos quais apenas restam fragmentos, aqui um floreio, ali um selo firmemente preso a um pedaço de seda queimada. Do seu conteúdo, então, não podemos falar, mas podemos apenas testemunhar que Orlando foi mantido ocupado, com sua cera e sinetes, suas várias fitas coloridas que tiveram que ser fixadas de diversas maneiras, sua absorção de títulos e a confecção de floreios em letras maiúsculas, até a chegada do almoço - uma refeição esplêndida de talvez trinta pratos.

Depois do almoço, os lacaios anunciaram que seu treinador e seis estavam à porta e ele foi, precedido por janízaros roxos correndo a pé e agitando grandes leques de penas de avestruz acima de suas cabeças, visitar os outros embaixadores e dignitários do Estado. A cerimônia era sempre a mesma. Ao chegar ao pátio, os janízaros bateram com seus leques no portal principal, que imediatamente se abriu revelando uma grande câmara, esplendidamente mobiliada. Aqui estavam sentadas duas figuras, geralmente de sexos opostos. Profundas reverências e reverências foram trocadas. Na primeira sala era permitido apenas mencionar o clima. Tendo dito que estava bom ou úmido, quente ou frio, o Embaixador passou então para a câmara seguinte, onde novamente duas figuras se levantaram para cumprimentá-lo. Aqui só era permitido comparar Constantinopla como local de residência com Londres; e o embaixador disse naturalmente que preferia Constantinopla, e os seus anfitriões disseram naturalmente, embora não tivessem visto, que preferiam Londres. Na câmara seguinte, a saúde do rei Carlos e do sultão teve de ser discutida longamente. No seguinte foram discutidas a saúde do Embaixador e da esposa do seu anfitrião, mas de forma mais breve. Na próxima, o

Embaixador elogiou o anfitrião pela mobília, e o anfitrião elogiou o Embaixador pelo vestido. No seguinte, foram oferecidas carnes doces, o anfitrião deplorando a sua maldade, o Embaixador exaltando a sua bondade. A cerimônia terminou longamente com o fumo de um narguilé e o consumo de um copo de café; mas embora os movimentos de fumar e beber fossem executados meticulosamente, não havia tabaco no cachimbo nem café no copo, pois, se o fumo ou a bebida fossem reais, a estrutura humana teria afundado no excesso. Pois, assim que o Embaixador despachou uma dessas visitas, outra teve de ser realizada. As mesmas cerimônias eram realizadas exatamente na mesma ordem, seis ou sete vezes, nas casas dos outros grandes funcionários, de modo que muitas vezes já era tarde da noite antes que o Embaixador chegasse em casa. Embora Orlando desempenhasse essas tarefas com admiração e nunca negasse que elas fossem, talvez, a parte mais importante dos deveres de um diplomata, ele estava sem dúvida cansado por elas, e muitas vezes deprimido a tal ponto que preferia jantar sozinho com seus cachorros. Para eles, de fato, ele poderia ser ouvido falando em sua própria língua. E às vezes, dizem, ele saía de seus próprios portões tarde da noite, tão disfarçado que as sentinelas não o reconheciam. Depois misturava-se com a multidão na Ponte Galata; ou passeie pelos bazares; ou jogue fora os sapatos e junte-se aos fiéis nas mesquitas. Certa vez, quando foi divulgado que ele estava com febre, pastores, trazendo suas cabras ao mercado, relataram que haviam encontrado um lorde inglês no topo da montanha e o ouviram orando ao seu Deus. Pensava-se que este era o próprio Orlando, e a sua oração era, sem dúvida, um poema dito em voz alta, pois sabia-se que ele ainda carregava consigo, no seio do manto, um manuscrito muito pontuado; e os criados, escutando à porta, ouviam o Embaixador entoar algo com uma voz estranha e cantante quando estava sozinho.

É com fragmentos como esses que devemos fazer o possível para traçar um retrato da vida e do caráter de Orlando nesta época. Existem, até hoje, rumores, lendas, anedotas de tipo flutuante e não autenticado sobre a vida de Orlando em Constantinopla (citamos apenas alguns deles) - que provam que ele possuía, agora que estava no auge da vida, o poder de despertar a fantasia e prender o olhar que manterá uma memória verde por muito tempo depois de tudo o que qualidades mais duráveis podem fazer para preservá-la ter sido esquecido. O poder é misterioso, composto de beleza, nascimento e algum dom mais raro, que podemos chamar de glamour e pronto. "Um milhão de velas", como dissera Sasha, queimavam nele sem que ele se desse ao trabalho de acender uma única. Ele se movia como um cervo, sem necessidade de pensar nas pernas. Ele falou com sua voz comum e ecoou um gongo prateado. Daí rumores se acumularem em torno dele. Ele se tornou adorado por muitas mulheres e alguns homens. Não era necessário que falassem com ele ou mesmo que o vissem; eles o evocavam diante deles, especialmente quando o cenário era romântico, ou o sol estava se pondo, a figura de um nobre cavalheiro em meias de seda. Sobre os pobres e sem instrução, ele tinha o mesmo poder que tinha sobre os ricos. Pastores, ciganos, condutores de burros ainda cantam canções sobre o Lorde inglês "que deixou cair suas esmeraldas no poço", que sem dúvida se referem a Orlando, que uma vez parece ter arrancado dele suas joias em um momento de raiva ou embriaguez e as jogou em uma fonte; de onde foram pescados por um pajem. Mas é bem sabido que esse poder romântico é frequentemente associado a uma natureza de extrema reserva. Orlando parece não ter feito amigos. Pelo que se sabe, ele não formou ligações. Uma certa grande dama veio da Inglaterra para estar perto dele e importunou-o com suas atenções, mas ele continuou a cumprir seus deveres de forma tão

incansável que não havia sido embaixador no Horn por mais de dois anos e meio antes que o rei Carlos manifestasse sua intenção de elevá-lo ao posto mais alto da nobreza. Os invejosos disseram que esta foi a homenagem de Nell Gwyn à memória de uma perna. Mas, como ela o tinha visto apenas uma vez, e então estava ocupada em atirar cascas de nozes em seu mestre real, é provável que tenham sido seus méritos que lhe valeram o ducado, e não suas panturrilhas.

Aqui devemos fazer uma pausa, pois chegamos a um momento de grande importância em sua carreira. Pois a concessão do Ducado foi a ocasião de um incidente muito famoso e, na verdade, muito controverso, que devemos agora descrever, abrindo caminho entre papéis queimados e pequenos pedaços de fita adesiva da melhor maneira que pudermos. Foi no final do grande jejum do Ramadã que a Ordem do Banho e a patente da nobreza chegaram em uma fragata comandada por Sir Adrian Scrope; e Orlando fez disso a ocasião para um entretenimento mais esplêndido do que qualquer outro que tenha sido conhecido antes ou depois em Constantinopla. A noite estava boa; a multidão imensa e as janelas da Embaixada brilhantemente iluminadas. Mais uma vez, faltam detalhes, pois o incêndio atingiu todos esses registros e deixou apenas fragmentos tentadores que deixam obscuros os pontos mais importantes. Do diário de John Fenner Brigge, porém, um oficial da marinha inglesa, que estava entre os convidados, concluímos que pessoas de todas as nacionalidades "estavam amontoadas como arenques num barril" no pátio. A multidão se comprimiu de forma tão desagradável que Brigge logo subiu em uma árvore de Judas, para melhor observar os procedimentos. O boato se espalhou entre

os nativos (e aqui está uma prova adicional do misterioso poder de Orlando sobre a imaginação) de que algum tipo de milagre estava para ser realizado.

"Assim", escreve Brigge (mas seu manuscrito está cheio de queimaduras e buracos, algumas frases sendo bastante ilegíveis), "quando os foguetes começaram a subir no ar, houve uma inquietação considerável entre nós com medo de que a população nativa... repleta de consequências desagradáveis para todos,... senhoras inglesas na companhia,... reconheço que minha mão foi para o meu cutelo. Felizmente", continua ele em seu estilo um tanto prolixo, "esses medos pareciam, no momento, infundados e, observando o comportamento dos nativos,... cheguei à conclusão de que esta demonstração de nossa habilidade na arte da pirotecnia era valiosa,... porque impressionou-os... a superioridade dos britânicos.... Na verdade, a visão foi de uma magnificência indescritível. Eu me vi alternadamente louvando ao Senhor por ele ter permitido... e desejando que minha pobre e querida mãe.... Por ordem do Embaixador, as longas janelas, que são uma característica tão imponente da arquitetura oriental, embora ignorantes em muitos aspectos... foram escancaradas; e dentro, podíamos ver um tableau vivant ou exibição teatral em que damas e cavalheiros ingleses... representavam uma máscara obra de um... As palavras eram inaudíveis, mas a visão de tantos de nossos compatriotas, vestidos com a mais alta elegância e distinção... me levou a emoções das quais certamente não me envergonho, embora incapaz.... Eu tinha a intenção de observar a conduta surpreendente de Lady — — que era de natureza a fixar os olhos de todos sobre ela, e trazer descrédito sobre seu sexo e país, quando" - infelizmente um galho da árvore de Judas quebrou, o tenente Brigge caiu no chão, e o resto da entrada registra apenas sua gratidão à Providência (que desempenha um papel muito importante no diário) e a natureza exata de seus ferimentos.

Felizmente, a senhorita Penelope Hartopp, filha do general com esse nome, viu a cena por dentro e continua a história em uma carta, também muito

desfigurada, que finalmente chegou às mãos de uma amiga em Tunbridge Wells. A senhorita Penelope não era menos pródiga em seu entusiasmo do que o galante oficial. "Arrebatador", ela exclama dez vezes em uma página, "maravilhoso... totalmente além de qualquer descrição... placas de ouro... candelabros... negros em calças de pelúcia... pirâmides de gelo... fontes de negus... geléias feitas para representar os navios de Sua Majestade... cisnes feitos para representar nenúfares... pássaros em gaiolas douradas... cavalheiros em veludo carmesim cortado... toucados femininos com pelo menos dois metros de altura... caixas de música... Sr. Peregrine disse que eu estava linda, o que só repito para você, minha querida, porque eu sei... Oh! como eu ansiava por todos vocês!... superando tudo o que vimos em Pantiles... oceanos para beber... alguns cavalheiros superados... Lady Betty arrebatadora.... A pobre Lady Bonham cometeu o infeliz erro de sentar-se sem uma cadeira embaixo dela.... Cavalheiros, todos muito galantes... Desejei mil vezes para você e para a querida Betsy... Mas a visão de todos os outros, a sinecura de todos os olhos... como todos admitiram, pois ninguém poderia ser tão vil a ponto de negar isso, foi o próprio Embaixador. Que perna! Que semblante!! Que maneiras principescas!!! Vê-lo entrar na sala! Para vê-lo sair de novo! E há algo de interessante na expressão, que faz sentir, mal se sabe porquê, que sofreu! Dizem que uma senhora foi a causa disso. O monstro sem coração!!! Como pode um de nossos reputados sexos ternos ter tido tanto descaramento!!! Ele é solteiro, e metade das mulheres do lugar estão loucas por amor por ele... Mil, mil beijos para Tom, Gerry, Peter e o querido Mew" [provavelmente seu gato].

Da Gazeta da época, concluímos que "quando o relógio bateu meia-noite, o Embaixador apareceu na varanda central, que estava coberta com tapetes de valor inestimável. Seis turcos da Guarda Imperial, cada um com mais de um

metro e oitenta de altura, seguravam tochas à sua direita e esquerda. Foguetes subiram no ar com sua aparição, e um grande grito subiu do povo, que o Embaixador reconheceu, curvando-se profundamente e dizendo algumas palavras de agradecimento na língua turca, com a qual foi uma de suas realizações falar com fluência. Em seguida, Sir Adrian Scrope, com traje completo de almirante britânico, avançou; o embaixador ajoelhou-se sobre um joelho; o almirante colocou o colar da mais nobre ordem de Bath em volta de seu pescoço e, em seguida, prendeu a estrela em seu peito, após o que outro cavalheiro do corpo diplomático, avançando de maneira majestosa, colocou em seus ombros as vestes ducais e entregou-lhe em uma almofada carmesim, a tiara ducal.

Por fim, com um gesto de extraordinária majestade e graça, primeiro curvando-se profundamente, depois erguendo-se orgulhosamente ereto, Orlando pegou o diadema dourado de folhas de morango e colocou-o, com um gesto que ninguém que o viu jamais esqueceu, em suas sobrancelhas. Foi neste momento que começou a primeira perturbação. Ou o povo esperava um milagre - alguns dizem que foi profetizado que uma chuva de ouro cairia do céu - o que não aconteceu, ou este foi o sinal escolhido para o início do ataque; ninguém parece saber; mas quando a tiara pousou nas sobrancelhas de Orlando, um grande alvoroço aumentou. Os sinos começaram a tocar; os gritos ásperos dos profetas foram ouvidos acima dos gritos do povo; muitos turcos caíram no chão e tocaram a terra com a testa. Uma porta se abriu. Os nativos invadiram as salas de banquete. As mulheres gritaram. Uma certa senhora, que se dizia estar morrendo de amor por Orlando, agarrou um candelabro e o jogou no chão. O que poderia não ter acontecido, se não fosse a presença de Sir Adrian Scrope e de um esquadrão de casacos azuis britânicos, ninguém pode dizer. Mas o almirante ordenou que tocassem as

cornetas; cem casacos azuis ficaram instantaneamente em posição de sentido; a desordem foi reprimida e o silêncio, pelo menos por enquanto, tomou conta do local.

Até agora, estamos no terreno firme, embora bastante estreito, da verdade apurada. Mas ninguém jamais soube exatamente o que aconteceu naquela noite. O testemunho das sentinelas e de outros parece, no entanto, provar que a Embaixada estava vazia e fechada durante a noite da maneira habitual por volta das duas da manhã. O Embaixador foi visto indo para seu quarto, ainda usando a insígnia de sua posição, e fechando a porta. Alguns dizem que ele trancou, o que era contra o seu costume. Outros afirmam que ouviram música de tipo rústico, como a dos pastores, mais tarde naquela noite, no pátio sob a janela do Embaixador. Uma lavadeira, que estava acordada por causa de uma dor de dente, disse ter visto a figura de um homem, envolto em uma capa ou roupão, sair na varanda. Então, disse ela, uma mulher, muito abafada, mas aparentemente da classe camponesa, foi puxada por uma corda que o homem lhe desceu até a varanda. Ali, disse a lavadeira, eles se abraçaram apaixonadamente, “como amantes”, e entraram juntos no quarto, fechando as cortinas para que não se visse mais nada.

Na manhã seguinte, o duque, como devemos chamá-lo agora, foi encontrado por seus secretários mergulhado em sono profundo em meio a roupas de cama muito bagunçadas. A sala estava uma bagunça, sua coroa havia rolado no chão e sua capa e liga estavam amontoadas sobre uma cadeira. A mesa estava cheia de papéis. Nenhuma suspeita foi sentida a princípio, pois o cansaço da noite havia sido grande. Mas quando chegou a tarde e ele ainda dormia, um médico foi chamado. Aplicou os remédios usados na ocasião anterior, emplastos, urtigas, eméticos, etc., mas sem sucesso. Orlando continuou dormindo. Seus secretários consideraram então seu dever

examinar os papéis sobre a mesa. Muitos foram rabiscados com poesia, em que se fazia frequente menção a um carvalho. Havia também vários documentos estatais e outros de natureza privada relativos à gestão de suas propriedades na Inglaterra. Mas finalmente encontraram um documento de muito maior significado. Na verdade, era nada menos do que uma escritura de casamento, redigida, assinada e testemunhada entre Sua Senhoria, Orlando, Cavaleiro da Jarreteira, etc. As secretárias se entreolharam consternadas. E ainda assim Orlando dormia. Eles o observavam de manhã e à noite, mas, exceto pelo fato de sua respiração ser regular e suas bochechas ainda corarem com seu habitual rosa profundo, ele não dava sinais de vida. Tudo o que a ciência ou a engenhosidade puderam fazer para acordá-lo, eles fizeram. Mas ainda assim ele dormiu.

No sétimo dia de transe (quinta-feira, 10 de maio), foi disparado o primeiro tiro daquela terrível e sangrenta insurreição da qual o tenente Brigge detectara os primeiros sintomas. Os turcos levantaram-se contra o sultão, incendiaram a cidade e submeteram todos os estrangeiros que encontraram, à espada ou ao bastinado. Alguns ingleses conseguiram escapar; mas, como seria de esperar, os cavalheiros da Embaixada Britânica preferiram morrer em defesa das suas caixas vermelhas ou, em casos extremos, engolir molhos de chaves a deixá-los cair nas mãos do Infiel. Os desordeiros invadiram o quarto de Orlando, mas ao vê-lo estirado e aparentemente morto, eles o deixaram intocado, e apenas roubaram sua coroa e as vestes da Jarreteira.

E agora desce novamente a obscuridade, e de fato desejaria que fosse mais profunda! Será que quase podemos exclamar em nossos corações que fosse tão profundo que não pudéssemos ver nada através de sua opacidade! Oxalá pudéssemos pegar aqui a caneta e escrever Finis para o nosso trabalho! Quisera que pudéssemos poupar o leitor do que há de vir e dizer-lhe com

tantas palavras: Orlando morreu e foi sepultado. Mas aqui, infelizmente, a Verdade, a Franqueza e a Honestidade, os Deuses austeros que vigiam e protegem pelo tinteiro do biógrafo, clamam Não! Colocando suas trombetas de prata nos lábios, eles exigem de uma só vez: Verdade! E novamente eles clamam Verdade! e soando ainda pela terceira vez em concerto eles ressoam, A Verdade e nada além da Verdade!

Com isso - o céu seja louvado! pois nos proporciona um espaço para respirar - as portas se abrem suavemente, como se um sopro do mais suave e sagrado zéfiro as tivesse separado, e três figuras entram. Primeiro vem Nossa Senhora da Pureza; cujas sobranceiras estão amarradas com filetes da mais branca lã de cordeiro; cujo cabelo é uma avalanche de neve; e em cuja mão repousa a pena branca de um ganso virgem. Seguindo-a, mas com passo mais majestoso, vem Nossa Senhora da Castidade; em cuja testa está colocado como uma torre de fogo ardente, mas inesgotável, um diadema de pingentes de gelo; seus olhos são estrelas puras, e seus dedos, se tocarem em você, congelarão você até os ossos. Logo atrás dela, abrigada de fato à sombra de suas irmãs mais imponentes, vem Nossa Senhora da Modéstia, a mais frágil e bela das três; cujo rosto só é mostrado como a lua jovem mostra quando é fino e em forma de foice e meio escondido entre as nuvens. Cada um avança em direção ao centro do quarto onde Orlando ainda dorme; e com gestos ao mesmo tempo apelativos e de comando, Nossa Senhora da Pureza fala primeiro:

"Eu sou o guardião do cervo adormecido; a neve é querida para mim; e a lua nascendo; e o mar prateado. Com minhas vestes eu cubro os ovos de galinha manchados e a concha do mar malhada; eu cubro o vício e a pobreza. Sobre todas as coisas frágeis, escuras ou duvidosas, meu véu desce. Portanto, não fale, não revele. Poupe, ó poupe!"

Aqui as trombetas soam.

"Pureza Avaunt! Vá embora, Pureza!"

Então Nossa Senhora Castidade fala:

"Eu sou aquela cujo toque congela e cujo olhar se transforma em pedra. Eu mantive a estrela dançando e a onda caindo. Os Alpes mais altos são minha morada; e quando eu ando, os relâmpagos brilham em meus cabelos; onde meus olhos caem, eles matam. Em vez de deixar Orlando acordar, vou congelá-lo até os ossos. Poupe, ó poupe!"

Aqui as trombetas soam.

"Chastity Avaunt! Vá embora, Castidade!"

Então Nossa Senhora da Modéstia fala, tão baixo que mal se ouve:

"Eu sou aquela que os homens chamam de Modéstia. Virgem eu sou e sempre serei. Não são para mim os campos frutíferos e a vinha fértil. O aumento é odioso para mim; e quando as maçãs florescem ou os rebanhos se reproduzem, eu corro, corro; deixo meu manto cair. Meu cabelo cobre meus olhos. Eu não vejo. Poupe, ó Poupe!"

Novamente as trombetas soam:

"Modéstia Avaunt! Vá embora, modéstia!"

Com gestos de tristeza e lamentação, as três irmãs agora dão as mãos e dançam lentamente, jogando os véus e cantando enquanto caminham:

"Verdade, não saia de seu covil horrível. Esconda a Verdade mais profunda e terrível. Pois você exhibe no olhar brutal do sol coisas que eram melhor

desconhecidas e desfeitas; você revela o vergonhoso; a escuridão você deixa clara. Esconda-se! Esconda-se! Esconda-se!"

Aqui eles fazem como se quisessem cobrir Orlando com suas cortinas. As trombetas, entretanto, ainda soam:

"A verdade e nada além da verdade."

Com isso as Irmãs tentam lançar seus véus sobre a boca das trombetas para abafá-las, mas em vão, pois agora todas as trombetas soam juntas.

"Irmãs horríveis, vão!"

As Irmãs ficam distraídas e choram em uníssono, ainda circulando e jogando os véus para cima e para baixo.

"Nem sempre foi assim! Mas os homens não nos querem mais; as mulheres nos detestam. Nós vamos; nós vamos. Eu (a pureza diz isso) para o poleiro das galinhas. Eu (a castidade diz isso) para as alturas ainda intocadas de Surrey. Eu (a modéstia diz isso) para qualquer recanto aconchegante onde haja cortinas em abundância.

"Pois lá, não aqui (todos falam juntos dando as mãos e fazendo gestos de despedida e desespero em direção à cama onde Orlando dorme) habitam ainda em ninho e boudoir, escritório e tribunal aqueles que nos amam; aqueles que nos honram, virgens e homens da cidade; advogados e médicos; aqueles que proíbem; aqueles que negam; aqueles que reverenciam sem saber porquê; os que elogiam sem compreender; a ainda muito numerosa (Deus seja louvado) tribo dos respeitáveis; que preferem não ver; desejo de não saber; ame a escuridão; aqueles ainda nos adoram, e com razão; pois nós lhes demos Riqueza, Prosperidade, Conforto, Facilidade. Para eles nós

vamos, você nós partimos. Venham, irmãs, venham! Este não é lugar para nós aqui."

Eles se retiram às pressas, agitando as cortinas sobre a cabeça, como se quisessem impedir a entrada de algo que não ousam olhar, e fecham a porta atrás de si.

Ficamos, portanto, agora inteiramente sozinhos no quarto com o Orlando adormecido e os trompetistas. Os trompetistas, colocando-se lado a lado em ordem, tocam um toque terrível: -

"A verdade!"

quando Orlando acordou.

Ele se espreguiçou. Ele se levantou. Ele ficou de pé em completa nudez diante de nós, e enquanto as trombetas soavam a Verdade! Verdade! Verdade! não temos escolha a não ser confessar: ele era uma mulher.

O som das trombetas morreu e Orlando ficou completamente nu. Nenhum ser humano, desde o início do mundo, jamais pareceu mais encantador. Sua forma combinava a força de um homem e a graça de uma mulher. Enquanto ele estava ali, as trombetas prateadas prolongaram seu tom, como se relutassem em abandonar a bela visão que seu toque havia evocado; e Castidade, Pureza e Modéstia, inspiradas, sem dúvida, pela Curiosidade, espiou pela porta e jogou uma vestimenta semelhante a uma toalha na forma nua que, infelizmente, ficou aquém de vários centímetros. Orlando olhou-se de cima a baixo num espelho comprido, sem mostrar qualquer sinal de desconforto, e foi, provavelmente, para o banho.

Podemos aproveitar esta pausa na narrativa para fazer certas afirmações. Orlando havia se tornado uma mulher - não há como negar. Mas em todos os outros aspectos, Orlando permaneceu exatamente como era. A mudança de sexo, embora tenha alterado o seu futuro, não alterou em nada a sua identidade. Seus rostos permaneceram, como provam seus retratos, praticamente os mesmos. A memória dele — mas no futuro devemos, por uma questão de convenção, dizer “ela” em vez de “dele” e “ela” em vez de “ele” — a memória dela então retrocedeu através de todos os acontecimentos da sua vida passada sem encontrar qualquer obstáculo. Pode ter havido alguma leve nebulosidade, como se algumas gotas escuras tivessem caído no poço claro da memória; certas coisas ficaram um pouco turvas; mas isso foi tudo. A mudança parecia ter sido realizada de forma completa e sem dor, e de tal forma que a própria Orlando não demonstrou nenhuma surpresa. Muitas pessoas, tendo isto em conta, e sustentando que tal mudança de sexo é contra a natureza, têm feito um grande esforço para provar (1) que Orlando sempre foi uma mulher, (2) que Orlando é neste momento um homem. Deixe os biólogos e psicólogos determinarem. Basta-nos afirmar o simples fato; Orlando foi um homem até os trinta anos; quando ele se tornou mulher e assim permanece desde então.

Mas deixemos que outras canetas tratem de sexo e sexualidade; abandonamos assuntos tão odiosos assim que podemos. Orlando já havia se lavado e vestido aqueles casacos e calças turcos que podem ser usados indiferentemente por ambos os sexos; e foi forçada a considerar sua posição. Que foi precário e extremamente embaraçoso deve ser o primeiro pensamento de todo leitor que acompanhou sua história com simpatia. Jovem, nobre, bela, ela acordou e se viu numa posição que não podemos conceber mais delicada para uma jovem de posição social. Não deveríamos

tê-la culpado se ela tivesse tocado a campainha, gritado ou desmaiado. Mas Orlando não mostrou tais sinais de perturbação. Todas as suas ações foram deliberadas ao extremo e poderiam de fato ter sido consideradas sinais de premeditação. Primeiro, ela examinou cuidadosamente os papéis sobre a mesa; pegou o que parecia estar escrito em poesia e escondeu-o em seu seio; em seguida ela chamou seu cão de caça Seleuci, que nunca havia saído de sua cama todos esses dias, embora meio esfomeado, o alimentou e penteou; depois enfiou um par de pistolas no cinto; finalmente enrolou em seu corpo vários colares de esmeraldas e pérolas do mais fino oriente que faziam parte de seu guarda-roupa embaixador. Feito isso, ela se inclinou para fora da janela, deu um assobio baixo e desceu a escada quebrada e manchada de sangue, agora coberta com o lixo de cestos de lixo, tratados, despachos, selos, lacre, etc., e assim entrou no pátio. Ali, à sombra de uma figueira gigante, esperava um velho cigano montado num burro. Ele conduziu outro pela rédea. Orlando passou a perna por cima; e assim, acompanhado por um cão magro, montado num burro, na companhia de um cigano, o Embaixador da Grã-Bretanha na Corte do Sultão deixou Constantinopla.

Eles cavalgaram por vários dias e noites e enfrentaram uma variedade de aventuras, algumas nas mãos dos homens, algumas nas mãos da natureza, em todas as quais Orlando se saiu com coragem. Em uma semana chegaram ao terreno elevado nos arredores de Broussa, que era então o principal local de acampamento da tribo cigana à qual Orlando se aliara. Muitas vezes ela olhava para aquelas montanhas da varanda da Embaixada; muitas vezes ansiava por estar lá; e encontrar-se onde sempre desejamos estar, para uma mente reflexiva, dá o que pensar. Por algum tempo, porém, ela ficou muito satisfeita com a mudança para estragá-la pensando. O prazer de não ter documentos para selar ou assinar, nenhum floreio para fazer, nenhuma

chamada para pagar era suficiente. Os ciganos seguiram pela grama; quando foi derrubado, eles seguiram em frente novamente. Ela se lavava em riachos, se é que lavava; nenhuma caixa vermelha, azul ou verde foi apresentada a ela; não havia chave, muito menos chave de ouro em todo o acampamento; quanto a “visitar”, a palavra era desconhecida. Ela ordenhava as cabras; ela coletou mato; ela roubava um ovo de galinha de vez em quando, mas sempre colocava uma moeda ou uma pérola no lugar; ela pastoreava o gado; ela arrancou vinhas; ela pisou a uva; ela encheu a pele de cabra e bebeu dela; e quando ela se lembrou de como, mais ou menos a essa hora do dia, ela deveria estar bebendo e fumando com uma xícara de café vazia e um cachimbo sem tabaco, ela riu alto, cortou outro pedaço de pão e implorou por uma tragada no cachimbo do velho Rustum, embora estivesse cheio de esterco de vaca.

Os ciganos, com quem é óbvio que ela deve ter mantido comunicação secreta antes da revolução, parecem tê-la considerado como um deles (o que é sempre o maior elogio que um povo pode fazer) e o seu cabelo escuro e a sua tez escura confirmavam a crença de que ela era, por nascimento, um deles e tinha sido arrancada por um duque inglês de uma nogueira quando era bebê e levada para aquela terra bárbara onde as pessoas vivem em casas porque são demasiado fracas e doentes para suportarem o ar livre. Assim, embora em muitos aspectos inferiores a eles, estavam dispostos a ajudá-la a tornar-se mais semelhante a eles; ensinaram-lhe as artes de fazer queijo e de cestaria, a ciência do roubo e da captura de pássaros, e estavam até preparados para considerar deixá-la casar-se entre eles.

Mas Orlando contraiu na Inglaterra alguns dos costumes ou doenças (seja lá o que você decida considerá-los) que não podem, ao que parece, ser expulsos. Uma noite, quando todos estavam sentados em volta da fogueira e

o pôr do sol resplandecia sobre as colinas da Tessália, Orlando exclamou:

“Que bom comer!”

(Os ciganos não têm palavra para 'bonito'. Esta é a mais próxima.)

Todos os rapazes e moças começaram a rir ruidosamente. O céu é bom para comer, de fato! Os mais velhos, porém, que tinham visto mais estrangeiros do que eles, ficaram desconfiados. Eles notaram que Orlando muitas vezes ficava sentado por horas inteiras sem fazer absolutamente nada, exceto olhar aqui e ali; eles a encontrariam no topo de alguma colina, olhando diretamente para ela, não importando se as cabras estavam pastando ou perdidas. Eles começaram a suspeitar que ela tinha outras crenças além das suas e os homens e mulheres mais velhos pensaram que era provável que ela tivesse caído nas garras do mais vil e cruel entre todos os deuses, que é a Natureza. Nem estavam muito errados. A doença inglesa, o amor pela Natureza, era inata nela, e aqui, onde a Natureza era muito maior e mais poderosa do que na Inglaterra, ela caiu em suas mãos como nunca antes. A doença é demasiado conhecida e tem sido, infelizmente, descrita com demasiada frequência para necessitar de uma nova descrição, salvo muito brevemente. Havia montanhas; havia vales; havia riachos. Ela escalou as montanhas; vagou pelos vales; sentou-se às margens dos riachos. Ela comparou as colinas a muralhas e as planícies aos flancos das vacas. Ela comparou as flores ao esmalte e a grama aos tapetes de peru gastos. As árvores eram bruxas murchas e as ovelhas eram pedras cinzentas. Na verdade, tudo era outra coisa. Ela encontrou o lago no topo da montanha e quase se atirou em busca da sabedoria que pensava estar escondida ali; e quando, do topo da montanha, ela contemplou, ao longe, através do Mar de Mármara, as planícies da Grécia, e divisou (seus olhos eram admiráveis) a

Acrópole com uma ou duas faixas brancas que devia, ela pensou, ser o Partenon, sua alma se expandiu com seus globos oculares, e ela rezou para que pudesse compartilhar a majestade das colinas, conhecer a serenidade das planícies, etc., etc., como todos esses crentes fazem. Então, olhando para baixo, o jacinto vermelho, a íris roxa fez com que ela gritasse em êxtase pela bondade, pela beleza da natureza; Erguendo novamente os olhos, ela contemplou a águia voando alto, imaginou seus êxtases e tornou-os seus. Ao voltar para casa, ela saudou cada estrela, cada pico e cada vigia de fogo como se sinalizassem apenas para ela; e por fim, quando se atirou na esteira da tenda dos ciganos, não pôde deixar de exclamar de novo: Que bom comer! Como é bom comer! (Pois é um fato curioso que, embora os seres humanos tenham meios de comunicação tão imperfeitos, que só possam dizer “bom para comer” quando querem dizer “bonito” e vice-versa, ainda assim suportarão o ridículo e a incompreensão em vez de guardarem qualquer experiência para si.) Todos os jovens ciganos riram. Mas Rustum el Sadi, o velho que tirou Orlando de Constantinopla no seu burro, ficou em silêncio. Ele tinha um nariz que parecia uma cimitarra; suas bochechas estavam franzidas como se fosse resultado da longa descida de granizo férreo; ele era moreno e tinha olhos aguçados, e enquanto estava sentado puxando seu narguilé observou Orlando atentamente. Ele tinha a mais profunda suspeita de que o Deus dela era a Natureza. Um dia, ele a encontrou chorando. Interpretando isso como significando que seu Deus a havia punido, ele disse a ela que não estava surpreso. Mostrou-lhe os dedos da mão esquerda, ressecados pela geada; ele mostrou-lhe o pé direito, esmagado onde uma pedra havia caído. Isso, disse ele, foi o que o Deus dela fez aos homens. Quando ela disse “Mas tão lindo”, usando a palavra em inglês, ele balançou a cabeça; e quando ela repetiu isso ele ficou com raiva. Ele viu que ela não

acreditava no que ele acreditava, e isso foi o suficiente, por mais sábio e antigo que fosse, para enfurecê-lo.

Essa diferença de opinião perturbou Orlando, que até então estava perfeitamente feliz. Ela começou a pensar se a natureza era bela ou cruel; e então ela se perguntou o que era essa beleza; seja nas próprias coisas ou apenas nela mesma; então ela passou para a natureza da realidade, que a levou à verdade, que por sua vez, levou ao Amor, à Amizade, à Poesia (como nos dias no monte alto em casa), cujas meditações, já que ela não conseguia transmitir nenhuma palavra sobre elas, fizeram com que ela ansiasse, como nunca havia desejado antes, por caneta e tinta.

"Oh! se eu pudesse escrever!" ela gritou (pois ela tinha a estranha presunção daqueles que escrevem de que as palavras escritas são compartilhadas). Ela não tinha tinta; e apenas pouco papel. Mas ela fez tinta com frutas vermelhas e vinho; e encontrando algumas margens e espaços em branco no manuscrito de "The Oak Tree", conseguiu, escrevendo uma espécie de taquigrafia, descrever o cenário em um poema longo e em versos em branco, e manter um diálogo consigo mesma sobre esta Beleza e Verdade de forma bastante concisa. Isso a manteve extremamente feliz por horas a fio. Mas os ciganos ficaram desconfiados. Primeiro, notaram que ela era menos hábil do que antes na ordenha e na fabricação de queijo; em seguida, ela hesitava muitas vezes antes de responder; e uma vez um menino cigano que estava dormindo acordou aterrorizado ao sentir os olhos dela sobre ele. Às vezes, essa restrição era sentida por toda a tribo, contando com algumas dezenas de homens e mulheres adultos. Surgiu da sensação que eles tinham (e seus sentidos são muito aguçados e muito avançados em relação ao seu vocabulário) de que o que quer que estivessem fazendo desmoronava como cinzas em suas mãos. Uma velha fazendo uma cesta, um menino esfolando

uma ovelha, cantavam ou cantavam alegremente enquanto trabalhavam, quando Orlando entrava no acampamento, se jogava perto do fogo e olhava para as chamas. Ela nem precisava olhar para eles, mas eles sentiram: aqui está alguém que duvida; (fazemos uma tradução aproximada da língua cigana) aqui está alguém que não faz por fazer; nem olha por olhar; aqui está alguém que não acredita nem em pele de ovelha nem em cesto; mas vê (aqui eles olhavam apreensivos para a tenda) outra coisa. Então, uma sensação vaga, mas muito desagradável, começava a agir no menino e na velha. Eles quebraram suas cuecas; eles cortaram os dedos. Uma grande raiva os encheu. Eles desejavam que Orlando saísse da tenda e nunca mais se aproximasse deles. No entanto, ela era alegre e disposta, eles reconheciam; e uma de suas pérolas foi suficiente para comprar o melhor rebanho de cabras de Broussa.

Aos poucos, ela começou a sentir que havia alguma diferença entre ela e os ciganos que a fazia hesitar às vezes em se casar e estabelecer-se entre eles para sempre. A princípio ela tentou explicar isso dizendo que provinha de uma raça antiga e civilizada, ao passo que esses ciganos eram um povo ignorante, não muito melhores que os selvagens. Uma noite, quando a questionavam sobre a Inglaterra, ela não pôde evitar um certo orgulho ao descrever a casa onde nasceu, como tinha 365 quartos e estava na posse de sua família há quatrocentos ou quinhentos anos. Seus ancestrais eram condes, ou mesmo duques, acrescentou ela. Com isto ela notou novamente que os ciganos estavam inquietos; mas não zangada como antes, quando elogiou a beleza da natureza. Agora eles eram corteses, mas preocupados como as pessoas de boa educação ficam quando um estranho é obrigado a revelar seu baixo nascimento ou pobreza. Rustum a seguiu sozinho para fora da tenda e disse que ela não precisava se importar se seu pai fosse duque e

possuísse todos os quartos e móveis que ela descreveu. Nenhum deles pensaria o pior dela por isso. Então ela foi tomada por uma vergonha que nunca havia sentido antes. Estava claro que Rustum e os outros ciganos consideravam uma descida de quatrocentos ou quinhentos anos apenas a mais cruel possível. Suas próprias famílias remontavam a pelo menos dois ou três mil anos. Para os ciganos cujos antepassados construíram as pirâmides séculos antes do nascimento de Cristo, a genealogia dos Howards e dos Plantagenetas não era nem melhor nem pior do que a dos Smith e dos Jones: ambas eram insignificantes. Além disso, onde o pastor tinha uma linhagem tão antiga, não havia nada especialmente memorável ou desejável no nascimento antigo; vagabundos e mendigos compartilhavam tudo isso. E então, embora fosse demasiado cortês para falar abertamente, era evidente que o cigano pensava que não havia ambição mais vulgar do que possuir cem quartos (eles estavam no topo de uma colina enquanto falavam; era noite; as montanhas erguiam-se à sua volta) quando toda a terra é nossa. Visto do ponto de vista cigano, um duque, Orlando entendia, não passava de um aproveitador ou ladrão que roubava terras e dinheiro de pessoas que consideravam essas coisas de pouco valor, e não conseguia pensar em nada melhor para fazer do que construir trezentos e sessenta e cinco quartos quando um era suficiente, e nenhum era melhor do que um. Ela não podia negar que seus ancestrais acumularam campo após campo; casa após casa; honra após honra; ainda assim, nenhum deles foi santo ou herói, ou grande benfeitor da raça humana. Ela também não conseguia refutar o argumento (Rustum era cavalheiro demais para pressioná-lo, mas ela entendia) de que qualquer homem que fizesse agora o que seus ancestrais haviam feito trezentos ou quatrocentos anos atrás seria denunciado — e pela própria família em voz alta — como um arrivista vulgar, um aventureiro, um novo

rico.

Ela procurou responder a esses argumentos pelo método familiar, embora oblíquo, de considerar a própria vida cigana rude e bárbara; e assim, em pouco tempo, muita desavença se espalhou entre eles. Na verdade, tais diferenças de opinião são suficientes para causar derramamento de sangue e revolução. Cidades foram saqueadas por menos e um milhão de mártires sofreram na fogueira em vez de ceder um centímetro em qualquer um dos pontos aqui debatidos. Nenhuma paixão é mais forte no peito do homem do que o desejo de fazer os outros acreditarem como ele acredita. Nada corta tanto a raiz de sua felicidade e o enche de raiva quanto a sensação de que outro valoriza pouco o que ele valoriza muito. Whigs e Tories, Partido Liberal e Partido Trabalhista - pelo que eles lutam, exceto pelo seu próprio prestígio? Não é o amor à verdade, mas o desejo de prevalecer que coloca trimestre contra trimestre e faz com que o desejo da paróquia seja a ruína da paróquia. Cada um procura a paz de espírito e a subserviência em vez do triunfo da verdade e da exaltação da virtude - mas estas moralidades pertencem e devem ser deixadas ao historiador, uma vez que são tão monótonas como a água de um esgoto.

“Quatrocentos e setenta e seis quartos não significam nada para eles”, suspirou Orlando.

“Ela prefere o pôr do sol a um rebanho de cabras”, disseram os ciganos.

O que deveria ser feito, Orlando não conseguia pensar. Deixar os ciganos e voltar a ser embaixadora parecia-lhe intolerável. Mas era igualmente impossível permanecer para sempre onde não houvesse tinta nem papel para escrever, nem reverência pelos Talbots, nem respeito por uma multiplicidade de quartos. Assim pensava ela, numa bela manhã nas encostas do Monte

Athos, enquanto cuidava das cabras. E então a Natureza, em quem ela confiava, ou pregou-lhe uma peça ou operou um milagre – mais uma vez, as opiniões divergem demasiado para que seja possível dizer qual. Orlando olhava desconsolado para a encosta íngreme à sua frente. Estávamos no meio do verão e, se tivermos de comparar a paisagem com qualquer coisa, ela seria como um osso seco; ao esqueleto de uma ovelha; a um crânio gigantesco apanhado de branco por mil abutres. O calor era intenso e a pequena figueira sob a qual Orlando jazia só servia para imprimir desenhos de folhas de figueira em seu albornoz luminoso.

De repente, uma sombra, embora não houvesse nada que a projetasse, apareceu na encosta da montanha em frente. Aprofundou-se rapidamente e logo uma depressão verde mostrou onde antes havia rocha estéril. Enquanto ela olhava, a depressão se aprofundou e se alargou, e um grande espaço semelhante a um parque abriu-se no flanco da colina. Lá dentro, ela podia ver um gramado ondulado e gramado; ela podia ver carvalhos pontilhados aqui e ali; ela podia ver os tordos pulando entre os galhos. Ela podia ver os cervos caminhando delicadamente de sombra em sombra, e podia até ouvir o zumbido dos insetos e os suaves suspiros e arrepios de um dia de verão na Inglaterra. Depois que ela ficou olhando em transe por algum tempo, a neve começou a cair; logo toda a paisagem foi coberta e marcada com tons violetas em vez da luz solar amarela. Agora ela via carroças pesadas passando pelas estradas, carregadas de troncos de árvores, que eles levavam, ela sabia, para serem serrados como lenha; e então apareceram os telhados e campanários e torres e pátios de sua própria casa. A neve caía continuamente e ela agora podia ouvir o barulho e o barulho que ela fazia ao deslizar pelo telhado e cair no chão. A fumaça subia de mil chaminés. Tudo era tão claro e minucioso que ela podia ver uma gralha bicando minhocas na

neve. Depois, gradualmente, as sombras violetas aprofundaram-se e fecharam-se sobre as carroças, os gramados e a própria casa grande. Tudo foi engolido. Agora não restava mais nada do vale gramado e, em vez dos gramados verdes, havia apenas a encosta em chamas que milhares de abutres pareciam ter desnudado. Com isso, ela começou a chorar e, caminhando de volta ao acampamento dos ciganos, disse-lhes que deveria partir para a Inglaterra no dia seguinte.

Ficou feliz por ela ter feito isso. Os jovens já haviam planejado a morte dela. A honra, disseram eles, exigia isso, pois ela não pensava como eles. No entanto, eles teriam lamentado cortar-lhe a garganta; e acolheu com satisfação a notícia de sua partida. Um navio mercante inglês, por sorte, já estava navegando no porto, prestes a retornar à Inglaterra; e Orlando, ao quebrar outra pérola do colar, não só pagou a passagem, mas ainda sobrou algumas notas na carteira. Estas ela gostaria de apresentar aos ciganos. Mas eles desprezavam a riqueza que ela conhecia; e ela teve que se contentar com abraços, que da sua parte eram sinceros.

05. Capítulo Quatro

Retorno à Inglaterra, roupas, gênero, sociedade e século XVIII.

Com alguns dos guinéus que sobraram da venda da décima pérola de seu colar, Orlando comprou para si um traje completo com as roupas que as mulheres da época usavam, e foi com o vestido de uma jovem inglesa de posição social que ela agora se sentou no convés do *Enamored Lady*. É um fato estranho, mas verdadeiro, que até aquele momento ela mal tivesse pensado em seu sexo. Talvez as calças turcas que ela usava até então tivessem feito alguma coisa para distrair seus pensamentos; e as mulheres ciganas, exceto num ou dois detalhes importantes, diferem muito pouco dos homens ciganos. De qualquer forma, só quando sentiu o rolo de saias em volta das pernas e o capitão se ofereceu, com a maior delicadeza, para lhe estender um toldo no convés é que ela percebeu, assustada, as penalidades e os privilégios de sua posição. Mas esse começo não foi do tipo que se poderia esperar.

Não foi causado, isto é, simples e exclusivamente pela ideia de sua castidade e de como ela poderia preservá-la. Em circunstâncias normais, uma jovem encantadora sozinha não teria pensado em mais nada; todo o edifício do governo feminino baseia-se nessa pedra fundamental; a castidade é sua joia, sua peça central, que eles correm loucamente para proteger e morrem quando são violados. Mas se alguém é um homem há cerca de trinta anos, e ainda por cima um embaixador, se alguém tem uma rainha nos braços e uma ou duas outras damas, se o relato for verdadeiro, de posição menos elevada, se alguém se casou com uma Rosina Pepita, e assim por diante, talvez não se dê tanta importância a isso. O início do Orlando foi muito complicado e não se resume a um instante. Na verdade, ninguém jamais a acusou de ser uma

daquelas pessoas perspicazes, que chegam ao fim das coisas em um minuto. Ela levou toda a viagem para moralizar o significado de sua partida e, assim, em seu próprio ritmo, nós a seguiremos.

“Senhor”, pensou ela, quando se recuperou do começo, esticando-se longamente sob o toldo, “este é um estilo de vida agradável e preguiçoso, com certeza. Mas”, pensou ela, dando um chute nas pernas, “essas saias são coisas desagradáveis para se ter nos calcanhares. Eu, porém, salto no mar e nado com roupas como essas? Não. Portanto, eu deveria confiar na proteção de uma jaqueta azul. Será que me oponho a isso? ela se perguntou, encontrando aqui o primeiro nó na meada suave de seu argumento.

O jantar chegou antes que ela o desamarrasse, e então foi o próprio capitão — o capitão Nicholas Benedict Bartolus, um capitão do mar de aspecto distinto, quem fez isso por ela enquanto a servia com uma fatia de carne enlatada.

"Um pouco de gordura, senhora?" ele perguntou. "Deixe-me cortar apenas uma pequenina fatia do tamanho de sua unha." Com essas palavras, um tremor delicioso percorreu seu corpo. Os pássaros cantaram; as torrentes correram. Recordava a sensação de prazer indescritível com que vira Sasha pela primeira vez, centenas de anos atrás. Então ela perseguiu, agora ela fugiu. Qual é o maior êxtase? Do homem ou da mulher? E não são talvez iguais? Não, pensou ela, isso é o mais delicioso (agradecendo ao capitão, mas recusando) recusar e vê-lo franzir a testa. Bem, ela teria, se ele assim o desejasse, o menor e mais sutil arrepio do mundo. Isso foi o mais gostoso, ceder e vê-lo sorrir. "Pois nada", pensou ela, recolocando-se no sofá no convés e continuando a discussão, "é mais celestial do que resistir e ceder; ceder e resistir. Certamente isso lança o espírito em um êxtase tal que nada

mais pode. Portanto, não tenho certeza", continuou ela, "de que não vou me jogar ao mar, pelo mero prazer de ser resgatada por um casaco azul, afinal de contas."

(Deve ser lembrado que ela era como uma criança, tomando posse de um armário de brinquedos ou de brinquedos; seus argumentos não seriam recomendados para mulheres maduras, que tiveram o controle disso durante toda a vida.)

"Mas o que diríamos nós, jovens na cabine do Marie Rose, sobre uma mulher que se jogou ao mar pelo prazer de ser resgatada por um casaco azul?" ela disse. "Tínhamos uma palavra para eles. Ah! Eu a tenho..." (Mas devemos omitir essa palavra; era desrespeitosa ao extremo e soava estranha nos lábios de uma senhora.) "Senhor! Senhor!" ela gritou novamente ao concluir seus pensamentos, "devo então começar a respeitar a opinião do outro sexo, por mais monstruosa que eu a considere? Se eu usar saias, se eu souber nadar, se tiver que ser resgatada por uma jaqueta azul, por Deus!" ela gritou: "Eu devo!" Após isso, uma tristeza caiu sobre ela. Sincera por natureza e avessa a todo tipo de equívoco, contar mentiras a entediava. Parecia-lhe uma maneira indireta de trabalhar. No entanto, refletiu ela, o paduasoy florido — o prazer de ser resgatado por um casaco azul —, se só fosse possível obtê-lo por meios indiretos, era preciso recorrer ao desvio, supôs ela. Ela se lembrou de como, quando jovem, insistira que as mulheres deveriam ser obedientes, castas, perfumadas e vestidas com primor. "Agora terei que pagar pessoalmente por esses desejos", refletiu ela; "pois as mulheres não são (a julgar pela minha curta experiência do sexo) obedientes, castas, perfumadas e primorosamente vestidas por natureza. Elas só podem obter essas graças, sem as quais não podem desfrutar de nenhuma das delícias da vida, pela disciplina mais tediosa. pó; há mudança de seda para renda e de renda para

paduasoy; e há castidade ano após ano... "Aqui ela balançou o pé com impaciência e mostrou um ou dois centímetros de panturrilha. Um marinheiro no mastro, que por acaso olhava para baixo naquele momento, sobressaltou-se com tanta violência que perdeu o equilíbrio e só se salvou por um triz. "Se a visão dos meus tornozelos significa a morte de um sujeito honesto que, sem dúvida, tem esposa e família para sustentar, devo, com toda a humanidade, mantê-los cobertos", pensou Orlando. No entanto, suas pernas estavam entre suas principais belezas. E ela começou a pensar em que situação estranha chegamos quando toda a beleza de uma mulher tem que ser mantida coberta, para que um marinheiro não caia do topo do mastro. "Uma varíola para eles!" ela disse, percebendo pela primeira vez o que, em outras circunstâncias, teria aprendido quando criança, ou seja, as responsabilidades sagradas da feminilidade.

"E esse é o último juramento que poderei fazer", pensou ela; "assim que eu pisar em solo inglês. E nunca serei capaz de quebrar a cabeça de um homem, ou dizer-lhe que ele mente entre os dentes, ou desembainhar minha espada e atravessá-lo no corpo, ou sentar-me entre meus pares, ou usar uma coroa, ou andar em procissão, ou sentenciar um homem à morte, ou liderar um exército, ou desfilar por Whitehall em um cavalo de batalha, ou usar setenta e duas medalhas diferentes em meu peito. Tudo o que posso fazer, uma vez que coloquei os pés em solo inglês, é derramar chá e pergunte aos meus senhores como eles gostam. E medindo as palavras, ficou horrorizada ao perceber quão baixa era a opinião que formava sobre o outro sexo, o masculino, ao qual outrora tinha orgulho de pertencer. "Cair de um mastro", pensou ela, "porque você vê os tornozelos de uma mulher; vestir-se como um Guy Fawkes e desfilar pelas ruas, para que as mulheres possam elogiá-lo; negar ensino a uma mulher para que ela não ria de você; ser a escrava da

mais frágil menina de anágua e, ainda assim, andar por aí como se fossem os Senhores da criação. — Céus!", ela pensou, "que tolos eles nos fazem — que tolos nós somos!" compartilhava as fraquezas de cada um. Era um estado de espírito muito desconcertante e turbulento. O conforto da ignorância parecia totalmente negado a ela.

soprado no vendaval. Assim, não é de admirar que, quando ela colocou um sexo contra o outro, e encontrou cada um alternadamente cheio das mais deploráveis enfermidades, e não tinha certeza a que pertencia, não era de admirar que ela estivesse prestes a gritar que voltaria à Turquia e se tornaria novamente uma cigana quando a âncora caiu com grande estrondo no mar; as velas caíram no convés e ela percebeu (ela estava tão perdida em pensamentos que não via nada há vários dias) que o navio estava ancorado na costa da Itália. O capitão imediatamente mandou pedir a honra de sua companhia em terra firme no longo barco.

Quando voltou na manhã seguinte, estendeu-se no sofá sob o toldo e arrumou as cortinas com o maior decoro em torno dos tornozelos.

"Ignorantes e pobres como somos comparados com o outro sexo", pensou ela, continuando a frase que deixara inacabada no outro dia, "blindados com todas as armas que existem, enquanto nos impedem até mesmo de conhecer o alfabeto" (e a partir destas palavras iniciais fica claro que algo aconteceu durante a noite para lhe dar um empurrão em direção ao sexo feminino, pois ela estava falando mais como uma mulher fala do que como um homem, mas com uma espécie de conteúdo, afinal de contas) "ainda assim - eles caem do topo do mastro..." Aqui ela deu um grande bocejo e adormeceu. Quando acordou, o navio navegava sob uma brisa agradável, tão perto da costa que as cidades à beira dos penhascos só pareciam impedidas de escorregar para

a água pela interposição de alguma grande rocha ou pelas raízes retorcidas de alguma oliveira antiga. O aroma de laranjas exalava de um milhão de árvores, carregado de frutas, e chegou até ela no convés. Uma vintena de golfinhos azuis, torcendo as caudas, saltavam alto de vez em quando no ar. Esticando os braços (os braços, ela já havia aprendido, não têm efeitos fatais como as pernas), ela agradeceu aos Céus por não estar cavalgando por Whitehall num cavalo de guerra, nem mesmo sentenciando um homem à morte. "Melhor é", pensou ela, "estar vestida de pobreza e ignorância, que são as vestes escuras do sexo feminino; é melhor deixar o governo e a disciplina do mundo para outros; é melhor abandonar a ambição marcial, o amor ao poder e todos os outros desejos masculinos, para que possamos desfrutar mais plenamente dos mais exaltados êxtases conhecidos pelo espírito humano, que são", disse ela em voz alta, como era seu hábito quando profundamente comovido, "contemplação, solidão, amor".

"Louvado seja Deus por ser uma mulher!" ela gritou, e estava prestes a cair na extrema loucura - do que nada é mais angustiante na mulher ou no homem - de se orgulhar de seu sexo, quando ela parou na palavra singular, que, por mais que possamos fazer para colocá-la em seu lugar, apareceu no final da última frase; Amor. "Amor", disse Orlando. Instantaneamente - tal é a sua impetuosidade - o amor assumiu uma forma humana - tal é o seu orgulho. Pois onde outros pensamentos se contentam em permanecer abstratos, nada satisfará este, a não ser vestir carne e sangue, mantilha e anáguas, meias e jaqueta. E como todos os amores de Orlando tinham sido mulheres, agora, devido à culpável lentidão da estrutura humana para se adaptar às convenções, embora ela própria fosse uma mulher, ainda era uma mulher que ela amava; e se a consciência de ser do mesmo sexo teve algum efeito, foi o de acelerar e aprofundar os sentimentos que ela tivera como

homem. Por enquanto, milhares de dicas e mistérios tornaram-se claros para ela, que então eram obscuros. Agora, a obscuridade que divide os sexos e deixa permanecer em sua escuridão inúmeras impurezas, e se há alguma coisa no que o poeta diz sobre a verdade e a beleza, essa afeição ganhou na beleza o que perdeu na falsidade. Por fim, ela chorou, ela conhecia Sasha como ela era, e no ardor desta descoberta, e na busca por todos aqueles tesouros que agora eram revelados, ela ficou tão extasiada e encantada que foi como se uma bala de canhão tivesse explodido em seu ouvido quando uma voz de homem disse: "Permita-me, senhora", uma mão de homem a levantou; e os dedos de um homem com um veleiro de três mastros tatuado no dedo médio apontavam para o horizonte.

"Os penhascos da Inglaterra, senhora", disse o capitão, e ergueu a mão que apontava para o céu para a saudação. Orlando deu agora uma segunda largada, ainda mais violenta que a primeira.

"Cristo Jesus!" ela chorou.

Felizmente, a visão de sua terra natal após uma longa ausência justificou tanto o sobressalto quanto a exclamação, ou ela teria dificuldade em explicar ao capitão Bartolus as emoções furiosas e conflitantes que agora ferviam dentro dela. Como dizer-lhe que ela, que agora tremia em seu braço, fora duque e embaixadora? Como explicar a ele que ela, que tinha sido lambida como um lírio nas dobras de paduasoy, tinha cortado cabeças e se deitava com mulheres soltas entre sacos de tesouro nos porões dos navios piratas nas noites de verão, quando as tulipas floresciam e as abelhas zumbiam nas Wapping Old Stairs? Nem para si mesma conseguiu explicar o grande sobressalto que deu, enquanto a mão direita resoluta do capitão do mar indicava os penhascos das Ilhas Britânicas.

"Recusar e ceder", ela murmurou, "que delícia; perseguir e conquistar, que augusto; perceber e raciocinar, que sublime." Nenhuma dessas palavras tão unidas lhe pareceu errada; no entanto, à medida que os penhascos calcários se aproximavam, ela sentiu-se culpada; desonrado; impuro; o que, para quem nunca havia pensado no assunto, era estranho. Eles se aproximaram cada vez mais, até que os coletores de samphires, pendurados no meio do penhasco, ficaram visíveis a olho nu. E ao observá-los, ela sentiu, correndo para cima e para baixo dentro de si, como um fantasma zombeteiro que, em outro instante, pegaria suas saias e se exibiria até desaparecer de vista, Sasha, a perdida, Sasha, a memória, cuja realidade ela havia provado de forma tão surpreendente agora - Sasha, ela sentiu, esfregando e cortando a grama e fazendo todos os tipos de gestos desrespeitosos em direção aos penhascos e aos coletores de samphire; e quando os marinheiros começaram a gritar: "Então, adeus e adeus a vocês, senhoras da Espanha", as palavras ecoaram no coração triste de Orlando, e ela sentiu que por mais que desembarcar ali significasse conforto, significasse opulência, significasse consequência e estado (pois ela sem dúvida pegaria algum príncipe nobre e reinaria, sua consorte, sobre metade de Yorkshire), ainda assim, se isso significasse convencionalidade, significasse escravidão, significasse engano, significasse negar seu amor, acorrentar seus membros, franzir os lábios e contendo a língua, então ela daria meia-volta com o navio e zarparia mais uma vez para os ciganos.

Entre a pressa desses pensamentos, porém, surgiu agora, como uma cúpula de mármore branco e liso, algo que, fosse fato ou fantasia, era tão impressionante para sua imaginação febril que ela se acomodou sobre ele como se visse um enxame de libélulas vibrantes pousando, com aparente satisfação, no sino de vidro que abriga algum vegetal tenro. A forma dele,

pelo acaso da imaginação, lembrava aquela lembrança mais antiga e mais persistente - o homem com a testa grande na sala de estar de Twitchett, o homem que estava sentado escrevendo, ou melhor, olhando, mas certamente não para ela, pois ele nunca parecia vê-la ali parada, com todas as suas roupas elegantes, por mais adorável que ela devesse ser, ela não podia negar - e sempre que ela pensava nele, o pensamento se espalhava ao redor dele, como a lua nascida em águas turbulentas, um lençol de calma prateada. Agora sua mão foi para o peito (a outra ainda estava sob a guarda do Capitão), onde as páginas de seu poema estavam escondidas em segurança. Poderia ter sido um talismã que ela guardava ali. A distração do sexo, que era o dela e o que significava, diminuiu; ela pensava agora apenas na glória da poesia, e os grandes versos de Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson e Milton começaram a ressoar e a reverberar, como se um badalo dourado batesse contra um sino dourado na torre da catedral que era sua mente. A verdade é que a imagem da cúpula de mármore que os seus olhos descobriram tão vagamente que sugeria a testa de um poeta e assim deu origem a um bando de ideias irrelevantes, não era uma invenção, mas uma realidade; e à medida que o navio avançava pelo Tâmesa diante de um vendaval favorável, a imagem com todas as suas associações deu lugar à verdade e revelou-se nada mais nada menos do que a cúpula de uma vasta catedral erguendo-se entre uma rede de torres brancas.

"St. Paul's", disse o capitão Bartolus, que estava ao seu lado. "A Torre de Londres", continuou ele. "Green wich Hospital, erguido em memória da Rainha Maria por seu marido, sua falecida majestade, Guilherme III. Abadia de Westminster. As Casas do Parlamento." Enquanto ele falava, cada um desses edifícios famosos surgiu à vista. Era uma bela manhã de setembro. Uma miríade de pequenas embarcações navegava de margem a margem.

Raramente um espetáculo mais alegre ou mais interessante se apresentou ao olhar de um viajante que retornou. Orlando pairou na proa, absorto em admiração. Seus olhos estavam acostumados há muito tempo com os selvagens e a natureza para não ficarem fascinados por essas glórias urbanas. Essa, então, era a cúpula da Basílica de São Paulo que o Sr. Wren construía durante sua ausência. Perto dali, uma mecha de cabelos dourados irrompeu de um pilar - o capitão Bartolus estava ao seu lado para informá-la de que aquele era o Monumento; houve uma praga e um incêndio durante sua ausência, disse ele. Faça o que ela fizesse para contê-las, as lágrimas vieram aos seus olhos, até que, lembrando que é próprio de uma mulher chorar, ela as deixou fluir. Aqui, ela pensou, tinha sido o grande carnaval. Aqui, onde as ondas batiam com força, ficava o Pavilhão Real. Foi aqui que ela conheceu Sasha. Por aqui (ela olhou para as águas cintilantes) costumava-se ver a mulher congelada do bumboat com as maçãs no colo. Todo aquele esplendor e corrupção desapareceram. Também se foi a noite escura, a chuva monstruosa, as ondas violentas da enchente. Aqui, onde icebergs amarelos corriam em círculos com uma tripulação de desgraçados aterrorizados no topo, flutuava um bando de cisnes, orgulhosos, ondulantes, soberbos. A própria Londres havia mudado completamente desde a última vez que a vira. Então, ela lembrou, era um amontoado de casinhas pretas com sobranceiras de besouros. Os chefes dos rebeldes sorriam em lanças em Temple Bar. As calçadas de paralelepípedos cheiravam a lixo e excremento. Agora, enquanto o navio passava por Wapping, ela vislumbrava vias largas e ordenadas. Carruagens imponentes puxadas por parelhas de cavalos bem alimentados ficavam às portas das casas cujas janelas em arco, cujos vidros laminados e cujas aldravas polidas testemunhavam a riqueza e a dignidade modesta dos moradores. Senhoras vestidas de seda florida (colocava o

binóculo do capitão no olho) caminhavam por trilhas elevadas. Cidadãos com casacos bordados fumavam rapé nas esquinas, sob postes de iluminação. Ela avistou uma variedade de cartazes pintados balançando ao vento e pôde formar uma rápida noção, pelo que estava pintado neles, do tabaco, das coisas, da seda, do ouro, da prataria, das luvas, dos perfumes e de milhares de outros artigos que eram vendidos ali. Nem pôde fazer mais, enquanto o navio navegava para o ancoradouro junto à Ponte de Londres, do que olhar para as janelas dos cafés onde, nas varandas, como o tempo estava bom, um grande número de cidadãos decentes sentavam-se à vontade, com louças de porcelana à sua frente, cachimbos de barro ao lado, enquanto um deles lia um boletim de notícias, sendo frequentemente interrompido pelas risadas ou pelos comentários dos outros. Eram tabernas, eram espertos, eram poetas? ela perguntou ao capitão Bartolus, que gentilmente a informou que mesmo agora - se ela virasse a cabeça um pouco para a esquerda e olhasse ao longo da linha do dedo indicador dele - então - eles estavam passando pelo Cocoa Tree onde - sim, lá estava ele - alguém poderia ver o Sr. os outros dois cavalheiros - "ali, senhora, um pouco à direita do poste de luz, um deles curvado, o outro quase igual a você ou a mim" - eram o Sr. Dryden e o Sr. Pope. "Cães tristes", disse o capitão, querendo dizer com isso que eram papistas, "mas mesmo assim homens de partes", acrescentou, apressando-se para a popa para supervisionar os preparativos para o desembarque.

"Addison, Dryden, Pope", repetiu Orlando como se as palavras fossem um encantamento. Por um momento ela viu as altas montanhas acima de Broussa, no momento seguinte ela colocou os pés em sua costa natal.

Mas agora Orlando aprenderia quão pouco a mais tempestuosa agitação de excitação tem efeito contra o semblante férreo da lei; quão mais duro é do que as pedras da Ponte de Londres, e mais severo do que a boca de um

canhão. Assim que ela voltou para sua casa em Blackfriars, ela foi informada de uma sucessão de mensageiros de Bow Street e outros graves emissários dos tribunais de justiça de que ela era parte em três grandes processos que haviam sido movidos contra ela durante sua ausência, bem como inúmeros litígios menores, alguns decorrentes, outros dependendo deles. As principais acusações contra ela eram (1) que ela estava morta e, portanto, não podia possuir qualquer propriedade; (2) que ela era mulher, o que equivale praticamente à mesma coisa; (3) que ela era um duque inglês que se casou com Rosina Pepita, uma dançarina; e teve com seus três filhos, cujos filhos agora declarando que seu pai havia falecido, alegaram que todos os seus bens pertenciam a eles. Acusações tão graves como essas exigiriam, é claro, tempo e dinheiro para serem eliminadas. Todas as suas propriedades foram colocadas na Chancelaria e seus títulos foram suspensos enquanto os processos estavam em litígio. Assim, foi numa condição altamente ambígua, sem saber se ela estava viva ou morta, homem ou mulher, duque ou nulidade, que ela foi enviada para sua sede no campo, onde, enquanto se aguarda o julgamento legal, ela tinha a permissão da lei para residir em um estado de incógnito ou incógnita, conforme o caso.

Era uma bela noite de dezembro quando ela chegou, a neve caía e as sombras violetas eram tão oblíquas quanto ela as vira do topo da colina em Broussa. A grande casa parecia mais uma cidade do que uma casa, marrom e azul, rosa e púrpura na neve, com todas as suas chaminés fumegando como se estivessem inspiradas por uma vida própria. Ela não conseguiu conter um grito ao vê-lo ali, tranquilo e maciço, deitado sobre os prados. Quando a carruagem amarela entrou no parque e veio rolando pelo caminho entre as árvores, os veados vermelhos ergueram a cabeça como se esperassem, e foi observado que, em vez de demonstrarem a timidez natural da sua espécie,

eles seguiram a carruagem e ficaram parados no pátio quando esta parou. Alguns jogaram os chifres, outros bateram as patas no chão enquanto o degrau era baixado e Orlando descia. Diz-se que um deles realmente se ajoelhou na neve diante dela. Ela não teve tempo de estender a mão para a aldrava antes que ambas as alas da grande porta se abrissem, e lá, com luzes e tochas erguidas acima de suas cabeças, estavam a Sra. Grimsditch, o Sr. Dupper e toda uma comitiva de criados vêm cumprimentá-la. Mas a procissão ordeira foi interrompida primeiro pela impetuosidade de Canute, o cão de caça, que se lançou com tal ardor sobre a sua amante que quase a derrubou no chão; em seguida, pela agitação da Sra. Grimsditch, que, fazendo uma reverência, foi dominada pela emoção e não pôde fazer mais do que ofegar, Milorde! Minha senhora! Minha senhora! Milorde! até que Orlando a confortou com um beijo caloroso em ambas as bochechas. Depois disso, o Sr. Dupper começou a ler um pergaminho, mas os cães latindo, os caçadores enrolando seus chifres e os veados, que haviam entrado no pátio em confusão, latindo para a lua, não fizeram muito progresso, e o grupo se dispersou por dentro depois de se aglomerar em torno de sua Senhora, e testemunhar de todas as maneiras sua grande alegria com seu retorno.

Ninguém demonstrou a mínima suspeita de que Orlando não era o Orlando que conheciam. Se houvesse alguma dúvida na mente humana, a ação dos cervos e dos cães teria sido suficiente para dissipá-la, pois as criaturas mudas, como é bem sabido, são juízes muito melhores tanto de identidade quanto de caráter do que nós. Além disso, disse a Sra. Grimsditch, enquanto tomava seu prato de chá de porcelana para o Sr. Dupper naquela noite, se seu Senhor fosse uma Senhora agora, ela nunca tinha visto um mais adorável, nem havia um centavo para escolher entre eles; um era tão favorecido quanto o outro; pareciam dois pêssegos no mesmo galho; que,

disse a Sra. Grimsditch, tornando-se confidencial, ela sempre teve suas suspeitas (aqui ela acenou com a cabeça muito misteriosamente) o que não foi nenhuma surpresa para ela (aqui ela acenou com a cabeça muito conscientemente) e por sua parte, um grande conforto; pois com as toalhas precisando de conserto e as cortinas da sala do capelão sendo comidas pelas traças nas bordas, já era hora de terem uma Senhora entre elas.

“E alguns pequenos mestres e senhoras que virão depois dela”, acrescentou o Sr. Dupper, tendo o privilégio, em virtude de seu santo ofício, de expressar o que pensa sobre assuntos tão delicados como esses.

Assim, enquanto os velhos criados fofocavam na sala dos empregados, Orlando pegou uma vela de prata na mão e percorreu mais uma vez os corredores, as galerias, os pátios, os quartos; viu surgir sobre ela novamente o rosto sombrio deste Lord Keeper, aquele Lord Chamberlain entre seus ancestrais; sentei-me ora nesta cadeira de estado, ora reclinado naquele dossel de deleite; observei o arras, como ele balançava; observei os caçadores cavalgando e Daphne voando; banhou a mão, como adorava fazer quando criança, na poça de luz amarela que o luar fazia cair através do leopardo heráldico da janela; deslizou pelas tábuas polidas da galeria, cujo outro lado era de madeira tosca; tocou nesta seda, naquele cetim; imaginei que os golfinhos esculpidos nadassem; escovou o cabelo com a escova prateada do rei James; enterrou o rosto no pot pourri, que foi feito como o Conquistador lhes ensinara há muitas centenas de anos e com as mesmas rosas; olhou para o jardim e imaginou os açafrões adormecidos, as dalias adormecidas; viu as frágeis ninfas brilhando brancas na neve e as grandes sebes de teixo, grossas como uma casa, pretas atrás delas; viu os laranjais e as nêspersas gigantes; - tudo isso ela viu, e cada visão e som, rudemente como os escrevemos, encheu seu coração com tal luxúria e bálsamo de alegria, que

finalmente, cansada, ela entrou na Capela e afundou na velha poltrona vermelha em que seus ancestrais costumavam ouvir o serviço. Lá ela acendeu um charuto (era um hábito que ela trouxera do Oriente) e abriu o livro de orações.

Era um livrinho encadernado em veludo, costurado com ouro, que fora segurado por Maria, Rainha da Escócia, no cadafalso, e o olho da fé pôde detectar uma mancha acastanhada, supostamente feita de uma gota de sangue real. Mas que pensamentos piedosos despertou em Orlando, que paixões malignas acalmou os adormecidos, quem ousaria dizer, visto que de todas as comunhões, esta com a divindade é a mais inescrutável? Romancista, poeta, historiador, todos vacilam com a mão naquela porta; nem o próprio crente nos esclarece, pois ele está mais pronto para morrer do que outras pessoas, ou mais ansioso para compartilhar seus bens? Ele não mantém tantas criadas e cavalos de carruagem quanto o resto? e ainda assim, com tudo isso, mantém uma fé que deveria tornar os bens uma vaidade e a morte desejável. No livro de orações da Rainha, junto com a mancha de sangue, havia também uma mecha de cabelo e uma migalha de massa; Orlando então acrescentou a essas lembranças um pedaço de tabaco e, assim, lendo e fumando, foi levado pela confusão humana de todos eles - o cabelo, o doce, a mancha de sangue, o tabaco - a um estado de contemplação que lhe deu um ar reverente adequado às circunstâncias, embora ela não tivesse, dizem, nenhum contato com o Deus habitual. Nada, porém, pode ser mais arrogante, embora nada seja mais comum do que presumir que dos deuses existe apenas um, e que das religiões não existe outra senão a do orador. Orlando, ao que parecia, tinha fé própria. Com todo o ardor religioso do mundo, ela agora refletia sobre seus pecados e as imperfeições que haviam invadido seu estado espiritual. A letra S, refletiu ela, é a serpente do

Éden do Poeta. Faça o que ela faria, ainda havia muitos desses répteis pecaminosos nas primeiras estrofes de "The Oak Tree". Mas 'S' não era nada, na opinião dela, comparado com a terminação 'ing'. O particípio presente é o próprio Diabo, pensou ela (agora que estamos na posição de acreditar em Demônios). Evitar tais tentações é o primeiro dever do poeta, concluiu ela, pois como o ouvido é a antecâmara da alma, a poesia pode adular e destruir com mais segurança do que a luxúria ou a pólvora. O poeta ocupa então o cargo mais alto de todos, continuou ela. Suas palavras chegam onde outros ficam aquém. Uma canção boba de Shakespeare fez mais pelos pobres e pelos ímpios do que todos os pregadores e filantropos do mundo. Nenhum tempo, nenhuma devoção pode ser grande demais, portanto, o que torna o veículo da nossa mensagem menos distorcido. Devemos moldar nossas palavras até que elas sejam o mais fino tegumento para nossos pensamentos. Os pensamentos são divinos. Assim, é óbvio que ela estava de volta aos limites da sua própria religião, que o tempo só tinha fortalecido na sua ausência, e estava a adquirir rapidamente a intolerância da crença.

"Estou crescendo", pensou ela, pegando finalmente a vela. "Estou perdendo algumas ilusões", disse ela, fechando o livro de Queen Mary, "talvez para adquirir outras", e desceu entre os túmulos onde jaziam os ossos de seus ancestrais.

Mas mesmo os ossos dos seus antepassados, Sir Miles, Sir Gervase e o resto, tinham perdido algo da sua santidade desde que Rustum el Sadi acenou com a mão naquela noite nas montanhas asiáticas. De alguma forma, o fato de que apenas trezentos ou quatrocentos anos atrás esses esqueletos tivessem sido homens com seu caminho para fazer no mundo como qualquer arrivista moderno, e que eles tivessem feito isso através da aquisição de casas e escritórios, ligas e fitas, como qualquer outro arrivista faz, enquanto poetas,

talvez, e homens de grande inteligência e educação tivessem preferido a quietude do país, escolha pela qual eles pagaram a penalidade pela extrema pobreza, e agora apregoavam jornais no Strand, ou pastoreavam ovelhas nos campos, enchia-a de remorso. Ela pensou nas pirâmides egípcias e nos ossos que jaziam abaixo delas enquanto estava na cripta; e as vastas e vazias colinas que se estendem acima do Mar de Mármara pareciam, por enquanto, uma morada mais bela do que esta mansão de muitos quartos, onde nenhuma cama carecia da sua colcha e nenhum prato de prata a sua cobertura de prata.

“Estou crescendo”, pensou ela, pegando sua vela. “Estou perdendo minhas ilusões, talvez para adquirir novas”, e ela caminhou pela longa galeria até seu quarto. Foi um processo desagradável e problemático. Mas era interessante, espantoso, pensou ela, esticando as pernas em direção à lareira (pois não havia nenhum marinheiro presente), e revisou, como se fosse uma avenida de grandes edifícios, o progresso de si mesma ao longo do seu próprio passado.

Como ela adorava o som quando era menino e considerava a saraivada de sílabas tumultuadas dos lábios a mais bela de todas as poesias. Então — talvez por efeito de Sasha e de sua desilusão —, nesse alto frenesi deixou cair uma gota negra, que transformou sua rapsódia em lentidão. Lentamente, abriu-se dentro dela algo intrincado e de muitas câmaras, que é preciso pegar uma tocha para explorar, em prosa e não em verso; e ela se lembrou de quão apaixonadamente estudara aquele médico de Norwich, Browne, cujo livro estava ali ao seu alcance. Ela havia se formado aqui, na solidão, depois de seu caso com Greene, ou tentado formar, pois só Deus sabe que esses crescimentos demoram muito para surgir, um espírito capaz de resistência. “Escreverei”, ela disse, “o que gosto de escrever”; e assim rabiscou vinte e

seis volumes. No entanto, apesar de todas as suas viagens e aventuras e pensamentos profundos e reviravoltas de um lado para o outro, ela estava apenas em processo de fabricação. O que o futuro poderia trazer, só Deus sabia. A mudança era incessante e talvez nunca cessasse. Altas muralhas de pensamento; hábitos que pareciam duráveis como a pedra desciam como sombras ao toque de outra mente e deixavam um céu nu e estrelas frescas brilhando nele. Aí ela foi até a janela e, apesar do frio, não pôde deixar de destrancá-la. Ela se inclinou para o ar úmido da noite. Ela ouviu o latido de uma raposa na floresta e o barulho de um faisão rastejando entre os galhos. Ela ouviu a neve deslizar e cair do telhado até o chão. "Pela minha vida", exclamou ela, "isto é mil vezes melhor do que a Turquia. Rustum", gritou ela, como se estivesse discutindo com o cigano (e neste novo poder de ter uma discussão em mente e continuá-la com alguém que não estava lá para contradizê-la, ela mostrou novamente o desenvolvimento de sua alma) "você estava errado. Isto é melhor do que a Turquia. Cabelo, pastelaria, tabaco - de que probabilidades somos compostos", disse ela (pensando no livro de orações da Rainha Maria). "Que fantasmagoria é a mente e ponto de encontro de dissimáveis. A certa altura deploramos nosso nascimento e estado e aspiramos a uma exaltação ascética; no momento seguinte somos dominados pelo cheiro de algum caminho de jardim antigo e choramos ao ouvir o canto dos tordos." E tão perplexa como sempre pela multidão de coisas que exigem explicação e imprimem sua mensagem sem deixar qualquer indício de seu significado na mente, ela jogou seu charuto pela janela e foi para a cama.

Na manhã seguinte, prosseguindo com esses pensamentos, ela pegou papel e caneta e começou de novo em "O Carvalho", pois ter tinta e papel em abundância quando alguém se contenta com frutas e margens é uma delícia

que não pode ser concebida. Assim, ela estava ora riscando uma frase nas profundezas do desespero, ora no auge do êxtase, escrevendo uma, quando uma sombra escureceu a página. Ela escondeu apressadamente seu manuscrito.

Como sua janela dava para o pátio mais central, como ela havia dado ordens para não ver ninguém, como não conhecia ninguém e era ela mesma legalmente desconhecida, ela primeiro ficou surpresa com a sombra, depois indignada com ela, depois (quando olhou para cima e viu o que a causava) tomada de alegria. Pois era uma sombra familiar, uma sombra grotesca, a sombra de ninguém menos que a arquiduquesa Harriet Griselda de Finster-Aarhorn e Scand-op-Boom no território romeno. Ela estava galopando pela quadra com seu velho traje de montaria preto e manto como antes. Nem um fio de cabelo de sua cabeça foi mudado. Esta então foi a mulher que a expulsou da Inglaterra! Este era o ninho daquele abutre obscuro — esta era a própria ave fatal! Ao pensar que ela havia fugido para a Turquia para evitar suas seduções (agora excessivamente monótonas), Orlando riu alto. Havia algo inexprimivelmente cômico naquela visão. Ela parecia, como Orlando pensara antes, nada mais do que uma lebre monstruosa. Ela tinha os olhos arregalados, as bochechas esguias, o cocar alto daquele animal. Ela parou agora, como uma lebre fica ereta no milho quando pensa que não está sendo observada, e olhou para Orlando, que a encarava pela janela. Depois de terem ficado olhando assim por um certo tempo, não havia nada a fazer senão convidá-la para entrar, e logo as duas senhoras trocavam elogios enquanto a arquiduquesa tirava a neve de seu manto.

"Uma praga para as mulheres", disse Orlando para si mesma, indo até o armário buscar uma taça de vinho, "elas nunca deixam ninguém um momento de paz. Não existe um grupo de pessoas mais intrometidas,

curiosas e intrometidas. Foi para escapar deste mastro que deixei a Inglaterra, e agora" - aqui ela se virou para entregar a bandeja à arquiduquesa, e eis que - em seu lugar estava um cavalheiro alto vestido de preto. Uma pilha de roupas estava no para-choque. Ela estava sozinha com um homem.

Recordando assim subitamente a consciência do sexo dela, que ela havia esquecido completamente, e do dele, que agora era suficientemente remoto para ser igualmente perturbador, Orlando sentiu-se tomado por um desmaio.

"Lá!" ela gritou, colocando a mão ao lado do corpo, "como você me assusta!"

"Gentil criatura", gritou a arquiduquesa, caindo de joelhos e ao mesmo tempo pressionando um cordial nos lábios de Orlando, "perdoe-me pelo engano que pratiquei com você!"

Orlando tomou um gole do vinho e o arquiduque se ajoelhou e beijou sua mão.

Em suma, eles representaram os papéis de homem e mulher durante dez minutos com grande vigor e depois iniciaram um discurso natural. A arquiduquesa (mas no futuro ela deverá ser conhecida como arquiduque) contou sua história — que ele era um homem e sempre o foi; que viu um retrato de Orlando e se apaixonou perdidamente por ele; que, para atingir seus objetivos, ele se vestiu de mulher e se hospedou na padaria; que ficou desolado quando fugiu para a Turquia; que ele tinha ouvido falar da mudança dela e se apressou em oferecer seus serviços (aqui ele deu atenção e prestou atenção intoleravelmente). Pois para ele, disse o arquiduque Harry, ela era e sempre seria a Rosa, a Pérola, a Perfeição do seu sexo. Os três ps teriam sido mais persuasivos se não tivessem sido intercalados com tee-hees e haw-haws

do tipo mais estranho. “Se isso é amor”, disse Orlando consigo mesmo, olhando para o arquiduque do outro lado do para-choque, e agora do ponto de vista da mulher, “há algo de altamente ridículo nisso”.

Caindo de joelhos, o arquiduque Harry fez a declaração mais apaixonada de seu pedido. Ele disse a ela que tinha algo em torno de vinte milhões de ducados num cofre em seu castelo. Ele tinha mais hectares do que qualquer nobre da Inglaterra. A caça foi excelente: ele poderia prometer-lhe uma mistura de lagópodes e perdizes como nenhuma charneca inglesa, ou escocesa, poderia rivalizar. É verdade que os faisões tinham ficado boquiabertos na sua ausência, e as corças tinham perdido as suas crias, mas isso poderia ser corrigido, e seria com a ajuda dela quando vivessem juntos na Roménia.

Enquanto ele falava, lágrimas enormes formavam-se em seus olhos bastante proeminentes e escorriam pelas áreas arenosas de suas bochechas longas e esguias.

Que os homens choram com tanta frequência e de forma tão irracional quanto as mulheres, Orlando sabia por experiência própria como homem; mas ela estava começando a perceber que as mulheres deveriam ficar chocadas quando os homens demonstram emoção em sua presença, e então ela ficou chocada.

O arquiduque pediu desculpas. Ele se controlou o suficiente para dizer que iria deixá-la agora, mas retornaria no dia seguinte para receber sua resposta.

Isso foi numa terça-feira. Ele veio na quarta-feira; ele veio na quinta-feira; ele veio na sexta-feira; e ele veio no sábado. É verdade que cada visita começava, continuava ou terminava com uma declaração de amor, mas entre

elas havia muito espaço para o silêncio. Sentavam-se um de cada lado da lareira e às vezes o arquiduque derrubava os ferros do fogo e Orlando os pegava novamente. Então o arquiduque pensaria nele como ele havia abatido um alce na Suécia, e Orlando perguntaria se era um alce muito grande, e o arquiduque diria que não era tão grande quanto a rena que ele havia abatido na Noruega; e Orlando perguntaria se ele já havia atirado em um tigre, e o arquiduque diria que ele havia atirado em um albatroz, e Orlando diria (meio escondendo o bocejo) que era um albatroz do tamanho de um elefante, e o arquiduque diria - algo muito sensato, sem dúvida, mas Orlando não ouviu, pois ela estava olhando para sua escrivãzinha, pela janela, para a porta. Ao que o arquiduque diria: "Eu te adoro", no mesmo momento em que Orlando disse: "Olha, está começando a chover", e ambos ficaram muito envergonhados e coraram escarlates, e nenhum deles conseguiu pensar no que dizer a seguir. Na verdade, Orlando não sabia o que falar e se ela não tivesse pensado em um jogo chamado Fly Loo, no qual grandes somas de dinheiro podem ser perdidas com muito pouco gasto de espírito, ela teria que se casar com ele, ela supôs; pois de que outra forma se livrar dele ela não sabia. Por esse artifício, porém, e simples, precisando apenas de três torrões de açúcar e moscas suficientes, o constrangimento da conversa foi superado e a necessidade do casamento evitada. Por enquanto, o arquiduque apostaria quinhentas libras com um testador que uma mosca pousaria neste caroço e não naquele. Assim, eles teriam ocupação durante uma manhã inteira observando as moscas (que eram naturalmente preguiçosas nesta estação e muitas vezes passavam cerca de uma hora circulando pelo teto) até que finalmente uma bela garrafa azul fez sua escolha e a partida foi vencida. Muitas centenas de libras trocaram de mãos entre eles neste jogo, que o arquiduque, que era um jogador nato, jurou ser tão bom quanto corridas de

cavalos e jurou que poderia jogar para sempre. Mas Orlando logo começou a ficar cansado.

"De que adianta ser uma bela jovem no auge da vida", perguntou ela, "se tenho que passar todas as manhãs olhando garrafas azuis com um arquiduque?"

Ela começou a detestar a visão de açúcar; moscas a deixavam tonta. Devia haver alguma saída para a dificuldade, supôs ela, mas ainda era desajeitada nas artes do seu sexo, e como não conseguia mais bater na cabeça de um homem ou percorrê-lo no corpo com um florete, não conseguia pensar em nenhum método melhor do que este. Ela pegou uma garrafa azul, pressionou suavemente para tirar a vida dela (já estava meio morta, ou sua bondade para com as criaturas idiotas não teria permitido isso) e prendeu-a com uma gota de goma arábica em um torrão de açúcar. Enquanto o arquiduque olhava para o teto, ela habilmente substituiu aquele caroço por aquele em que havia apostado seu dinheiro e gritou: "Loo Loo!" declarou que havia ganhado a aposta. Ela calculou que o arquiduque, com todo o seu conhecimento de esportes e corridas de cavalos, detectaria a fraude e, como trapacear em Loo é o mais hediondo dos crimes, e os homens foram banidos da sociedade da humanidade para a dos macacos nos trópicos para sempre por causa disso, ela calculou que ele seria viril o suficiente para se recusar a ter qualquer coisa a ver com ela. Mas ela julgou mal a simplicidade do amável nobre. Ele não era um bom juiz de moscas. Uma mosca morta parecia-lhe muito parecida com uma mosca viva. Ela pregou a peça vinte vezes nele e ele pagou a ela mais de £ 17.250 (o que equivale a cerca de £ 40.885:6:8 do nosso próprio dinheiro) antes de Orlando trapacear tão grosseiramente que nem ele poderia mais ser enganado. Quando ele finalmente percebeu a verdade, uma cena dolorosa se seguiu. O arquiduque

levantou-se em toda a sua altura. Ele ficou escarlate. Lágrimas rolaram pelo seu rosto uma por uma. O fato de ela ter ganhado uma fortuna dele não era nada — ela era bem-vinda; que ela o tivesse enganado era alguma coisa — doía-lhe pensar que ela era capaz disso; mas o fato de ela ter trapaceado em Loo era tudo. Amar uma mulher que trapaceava nas brincadeiras era, disse ele, impossível. Aqui ele desabou completamente. Felizmente, disse ele, recuperando-se um pouco, não houve testemunhas. Afinal, ela era apenas uma mulher, disse ele. Em suma, ele estava se preparando, com o cavalheirismo de seu coração, para perdoá-la e se inclinou para pedir-lhe perdão pela violência de sua linguagem, quando ela interrompeu o assunto, enquanto ele abaixava a cabeça orgulhosa, deixando cair um pequeno sapo entre a pele e a camisa.

Para lhe fazer justiça, deve-se dizer que ela teria preferido infinitamente um florete. Sapos são coisas pegajosas para se esconder durante uma manhã inteira. Mas se os floretes são proibidos, é preciso recorrer aos sapos. Além disso, os sapos e as risadas entre eles às vezes fazem o que o aço frio não consegue. Ela riu. O arquiduque corou. Ela riu. O arquiduque amaldiçoou. Ela riu. O arquiduque bateu a porta.

"Céu seja louvado!" gritou Orlando ainda rindo. Ela ouviu o som das rodas da carruagem sendo conduzidas em ritmo furioso pelo pátio. Ela os ouviu chacoalhar ao longo da estrada. Cada vez mais fraco o som se tornou. Agora desapareceu completamente.

"Estou sozinho", disse Orlando em voz alta, pois não havia ninguém para ouvir.

Que o silêncio é mais profundo depois do ruído ainda precisa da confirmação da ciência. Mas essa solidão é mais aparente logo após alguém ter feito

amor, muitas mulheres faziam seu juramento. À medida que o som das rodas da carruagem do arquiduque se extinguia, Orlando sentiu que se afastava cada vez mais dela um arquiduque (ela não se importava com isso), uma fortuna (ela não se importava com isso), um título (ela não se importava com isso), a segurança e as circunstâncias da vida de casado (ela não se importava com isso), mas a vida que ela ouvia passar dela, e um amante. "A vida e um amante", ela murmurou; e indo até sua escrivaninha mergulhou a caneta na tinta e escreveu:

"A vida e um amante" — uma frase que não combinava e não fazia sentido com o que acontecia antes —, algo sobre a maneira correta de mergulhar as ovelhas para evitar a crosta. Lendo-o, ela corou e repetiu:

"Vida e um amante." Depois, deixando a caneta de lado, foi para o quarto, ficou em frente ao espelho e arrumou as pérolas no pescoço. Depois, como as pérolas não se destacam em comparação com um vestido de manhã de algodão com raminhos, ela mudou para um tafetá cinza-pomba; daí para uma flor de pêssego; daí para um brocado cor de vinho. Talvez fosse necessário um pouco de pó, e se o cabelo dela estivesse disposto - assim - sobre a testa, poderia ficar bem nela. Então ela calçou chinelos pontudos e desenhou um anel de esmeralda no dedo. "Agora", ela disse quando tudo estava pronto e acendeu as luminárias prateadas em ambos os lados do espelho. Que mulher não teria se entusiasmado ao ver o que Orlando viu então queimando na neve - pois ao redor do espelho havia gramados nevados, e ela era como um fogo, uma sarça ardente, e as chamas das velas em volta de sua cabeça eram folhas prateadas; ou ainda, o copo era água verde, e ela era uma sereia, pendurada com pérolas, uma sereia numa caverna, cantando tanto que os remadores se inclinavam dos barcos e caíam para abraçá-la; tão sombria, tão brilhante, tão dura, tão suave, ela era, tão surpreendentemente sedutora que

era uma pena que não houvesse ninguém lá para colocar isso em inglês simples e dizer abertamente: "Droga, senhora, você é a beleza encarnada", o que era a verdade. Até Orlando (que não tinha noção de sua pessoa) sabia disso, pois ela sorria o sorriso involuntário que as mulheres sorriem quando sua própria beleza, que parece não a sua, se forma como uma gota caindo ou uma fonte subindo e os confronta de repente no vidro - esse sorriso ela sorriu e então escutou por um momento e ouviu apenas o vento das folhas e o chilrear dos pardais, e então ela suspirou, "Vida, um amante", e então ela girou nos calcanhares com extraordinária rapidez; arrancou as pérolas do pescoço, tirou os cetins das costas, ficou ereta com suas elegantes calças de seda preta de um nobre comum e tocou a campainha. Quando o criado chegou, ela lhe disse para ordenar que uma carruagem e seis estivessem prontos imediatamente. Ela foi convocada para assuntos urgentes em Londres. Uma hora depois da partida do arquiduque, ela partiu.

E enquanto ela dirigia, poderíamos aproveitar a oportunidade, já que a paisagem era de um tipo inglês simples que dispensa descrição, para chamar a atenção do leitor, mais particularmente do que podíamos no momento, para uma ou duas observações que surgiram aqui e ali no decorrer da narrativa. Por exemplo, pode ter sido observado que Orlando escondeu seus manuscritos quando foi interrompido. Em seguida, ela olhou longa e atentamente para o espelho; e agora, enquanto dirigia para Londres, podia-se notar que ela se assustava e reprimia um grito quando os cavalos galopavam mais rápido do que ela gostaria. Sua modéstia quanto à escrita, sua vaidade quanto à sua pessoa, seus temores por sua segurança, tudo parece sugerir que o que foi dito há pouco sobre não haver mudança em Orlando, o homem, e em Orlando, a mulher, estava deixando de ser totalmente verdade. Ela estava se tornando um pouco mais modesta, como

são as mulheres, em termos de inteligência, e um pouco mais vaidosa, como são as mulheres, em relação à sua pessoa. Certas suscetibilidades afirmavam-se e outras diminuía. A mudança de roupa teve, dirão alguns filósofos, muito a ver com isso. Por mais vãs que pareçam, as roupas têm, dizem, funções mais importantes do que apenas nos manter aquecidos. Eles mudam nossa visão do mundo e a visão que o mundo tem de nós. Por exemplo, quando o capitão Bartolus viu a saia de Orlando, ele imediatamente estendeu um toldo para ela, pressionou-a para que pegasse outra fatia de carne e convidou-a para desembarcar com ele no longo barco. Esses elogios certamente não teriam sido feitos se suas saias, em vez de esvoaçantes, tivessem sido cortadas bem nas pernas, como calças. E quando recebemos elogios, cabe a nós retribuir. Orlando fez uma reverência; ela obedeceu; ela lisonjeou o humor do bom homem como não teria feito se suas calças elegantes fossem saias de mulher e seu casaco trançado, um corpete de cetim de mulher. Assim, há muito que apoia a ideia de que são as roupas que nos vestem e não nós as vestimos; podemos fazê-los assumir o molde do braço ou do peito, mas eles moldam nossos corações, nossos cérebros, nossas línguas ao seu gosto. Assim, já há muito tempo usando saias, uma certa mudança era visível em Orlando, que está presente até em seu rosto. Se compararmos a imagem de Orlando como homem com a de Orlando como mulher, veremos que, embora ambos sejam, sem dúvida, a mesma pessoa, há certas mudanças. O homem tem a mão livre para agarrar a espada; a mulher deve usar o dela para evitar que os cetins escorreguem de seus ombros. O homem olha o mundo de frente, como se fosse feito para seu uso e moldado ao seu gosto. A mulher lança um olhar de soslaio, cheio de sutileza, até mesmo de suspeita. Se ambos usassem as mesmas roupas, é possível que a perspectiva deles também tivesse sido a mesma.

Essa é a opinião de alguns filósofos e sábios, mas, no geral, inclinamo-nos para outra. A diferença entre os sexos é, felizmente, de grande profundidade. As roupas são apenas um símbolo de algo escondido nas profundezas. Foi uma mudança na própria Orlando que ditou a escolha do vestido feminino e do sexo feminino. E talvez nisto ela estivesse apenas a expressar-se de forma mais aberta do que o habitual - a abertura era, de fato, a alma da sua natureza - algo que acontece à maioria das pessoas sem ser assim claramente exposto. Pois aqui, novamente, chegamos a um dilema. Por mais diferentes que sejam os sexos, eles se misturam. Em todo ser humano ocorre uma oscilação de um sexo para o outro, e muitas vezes são apenas as roupas que mantêm a semelhança masculina ou feminina, enquanto por baixo o sexo é exatamente o oposto do que é acima. Das complicações e confusões que assim resultam, todos já tiveram experiência; mas deixamos aqui a questão geral e notamos apenas o estranho efeito que teve no caso particular da própria Orlando.

Pois era essa mistura nela de homem e mulher, um sendo o mais importante e depois o outro, que muitas vezes dava à sua conduta uma reviravolta inesperada. Os curiosos do seu próprio sexo argumentariam como, por exemplo, se Orlando fosse mulher, ela nunca demorava mais de dez minutos para se vestir? E não foram suas roupas escolhidas ao acaso e, às vezes, usadas de maneira bastante surrada? E então eles diriam, ainda assim, que ela não tem nenhuma formalidade de um homem, ou o amor de um homem pelo poder. Ela tem um coração excessivamente terno. Ela não suportava ver um burro espancado ou um gatinho afogado. Mais uma vez, notaram, ela detestava assuntos domésticos, acordava de madrugada e passeava pelos campos no verão, antes do sol nascer. Nenhum agricultor sabia mais sobre as colheitas do que ela. Ela podia beber com os melhores e gostava de jogos de

azar. Ela cavalgou bem e conduziu seis cavalos a galope pela Ponte de Londres. Mais uma vez, embora ousado e ativo como homem, observou-se que a visão de outra pessoa em perigo provocava as palpitações mais femininas. Ela desatava a chorar diante de uma leve provocação. Ela não era versada em geografia, achava a matemática intolerável e tinha alguns caprichos que são mais comuns entre as mulheres do que entre os homens, como, por exemplo, que viajar para o sul é descer uma colina. Se, então, Orlando era mais homem ou mulher, é difícil dizer e não pode ser decidido agora. Pois a carruagem dela agora chacoalhava nas pedras do calçamento. Ela havia chegado a sua casa na cidade. Os degraus estavam sendo abaixados; os portões de ferro estavam sendo abertos. Ela estava entrando na casa do pai, em Blackfriar's, que, embora a moda estivesse abandonando rapidamente aquele extremo da cidade, ainda era uma mansão agradável e espaçosa, com jardins que desciam até o rio e um agradável bosque de noqueiras para passear.

Aqui ela se alojou e começou imediatamente a procurar ao seu redor o que ela tinha vindo em busca - isto é, a vida e um amante. Sobre o primeiro pode haver alguma dúvida; a segunda ela encontrou sem a menor dificuldade dois dias depois de sua chegada. Foi numa terça-feira que ela veio à cidade. Na quinta-feira ela foi passear no Shopping, como era hábito das pessoas de qualidade. Ela não tinha feito mais do que uma ou duas curvas na avenida quando foi observada por um pequeno grupo de pessoas vulgares que vão até lá para espionar seus superiores. Ao passar por eles, uma mulher comum carregando uma criança no peito deu um passo à frente, olhou familiarmente para o rosto de Orlando e gritou: "Deixe-nos cair, se não é Lady Orlando!" Seus companheiros se aproximaram e Orlando se viu num momento no centro de uma multidão de cidadãos e esposas de comerciantes, todos

ansiosos por contemplar a heroína do célebre processo judicial. Tamanho foi o interesse que o caso despertou na mente das pessoas comuns. Ela poderia, de fato, ter ficado gravemente incomodada com a pressão da multidão - ela havia esquecido que as damas não deveriam andar sozinhas em lugares públicos - se um cavalheiro alto não tivesse imediatamente se adiantado e lhe oferecido a proteção de seu braço. Foi o arquiduque. Ela foi dominada pela angústia e ainda assim com alguma diversão com a visão. Este magnânimo nobre não apenas a perdoou, mas, para mostrar que aceitava em boa parte sua leviandade com o sapo, ele adquiriu uma joia feita no formato daquele réptil, que ele pressionou sobre ela repetindo seu traje enquanto a entregava à carruagem.

Com a multidão, com o duque, com a joia, ela voltou para casa com o temperamento mais vil que se possa imaginar. Seria então impossível dar um passeio sem ser meio sufocado, ser presenteado com um sapo engastado com esmeraldas e pedido em casamento por um arquiduque? Ela teve uma visão mais gentil do caso no dia seguinte, quando encontrou em sua mesa de café da manhã meia dúzia de propostas de algumas das maiores damas do país - Lady Suffolk, Lady Salisbury, Lady Chesterfield, Lady Tavistock e outras que a lembravam, da maneira mais educada, de antigas alianças entre suas famílias e a dela, e desejavam a honra de conhecê-la. No dia seguinte, que era sábado, muitas dessas grandes damas a atenderam pessoalmente. Na terça-feira, por volta do meio-dia, seus lacaios trouxeram cartões de convite para várias reuniões, jantares e reuniões no futuro próximo; de modo que Orlando foi lançado sem demora, e com algum respingo e espuma, nas águas da sociedade londrina.

Fornecer um relato verdadeiro da sociedade londrina naquela época ou mesmo em qualquer outra época está além dos poderes do biógrafo ou do

historiador. Somente aqueles que têm pouca necessidade da verdade e nenhum respeito por ela - os poetas e os romancistas - podem ser confiáveis para fazê-lo, pois este é um dos casos em que a verdade não existe. Nada existe. A coisa toda é um miasma - uma miragem. Para deixar claro o que queremos dizer: Orlando voltava para casa depois de uma dessas derrotas às três ou quatro da manhã, com bochechas como uma árvore de Natal e olhos como estrelas. Ela desamarrava um cadarço, andava pela sala várias vezes, desamarrava outro cadarço, parava e andava pela sala novamente. Muitas vezes o sol brilhava sobre as chaminés de Southwark antes que ela conseguisse se convencer a ir para a cama, e lá ela ficava deitada, revirando-se, rindo e suspirando por uma hora ou mais antes de finalmente dormir. E o que foi toda essa agitação? Sociedade. E o que a sociedade disse ou fez para deixar uma senhora razoável tão excitada? Em linguagem simples, nada. Examinando sua memória como faria, no dia seguinte Orlando nunca conseguiria se lembrar de uma única palavra para ampliar o nome de algo. Lord O. foi galante. Senhor A. educado. O Marquês de C. encantador. Sr. M. divertido. Mas quando ela tentava se lembrar em que consistia sua galanteria, polidez, charme ou inteligência, ela era obrigada a supor que sua memória estava errada, pois ela não conseguia nomear nada. Foi sempre a mesma coisa. Nada restou no dia seguinte, mas a emoção do momento foi intensa. Assim, somos forçados a concluir que a sociedade é uma daquelas bebidas que as donas de casa habilidosas servem quente na época do Natal, cujo sabor depende da mistura e agitação adequadas de uma dúzia de ingredientes diferentes. Retire um e ele será insípido. Retire Lord O., Lord A., Lord C. ou Mr. M. e separadamente cada um não é nada. Misture tudo e eles se combinam para exalar os sabores mais inebriantes, os aromas mais sedutores. No entanto, esta embriaguez, esta sedução, escapam inteiramente

à nossa análise. Ao mesmo tempo, portanto, a sociedade é tudo e a sociedade não é nada. A sociedade é a mistura mais poderosa do mundo e a sociedade não existe de forma alguma. Tais monstros só os poetas e os romancistas podem enfrentar; com tais coisas-nada, suas obras ficam em tamanhos prodigiosos; e para eles, com a melhor vontade do mundo, estamos contentes em deixá-lo.

Seguindo o exemplo dos nossos antecessores, portanto, diremos apenas que a sociedade no reinado da Rainha Ana era de um brilho incomparável. Ter a entrada ali era o objetivo de toda pessoa bem-educada. As graças eram supremas. Os pais instruíam seus filhos, as mães suas filhas. Nenhuma educação era completa para ambos os sexos se não incluísse a ciência do comportamento, a arte de se curvar e fazer reverências, o manejo da espada e do leque, o cuidado dos dentes, o comportamento das pernas, a flexibilidade dos joelhos, os métodos adequados de entrar e sair da sala, com mil etc. Como Orlando ganhou elogios da rainha Elizabeth pela maneira como entregava uma tigela de água de rosas quando menino, deve-se supor que ela era suficientemente experiente para ser aprovada. No entanto, é verdade que havia nela uma distração que às vezes a tornava desajeitada; ela tinha tendência a pensar em poesia quando deveria estar pensando em tafetá; seu andar era um pouco exagerado para uma mulher, talvez, e seus gestos, sendo bruscos, podiam ocasionalmente pôr em risco uma xícara de chá.

Se essa ligeira deficiência foi suficiente para contrabalançar o esplendor de sua postura, ou se ela herdou uma gota demais daquele humor negro que corria nas veias de toda a sua raça, é certo que ela não tinha estado no mundo mais do que uma vintena de vezes antes de poder ser ouvida perguntando a si mesma, se houvesse alguém além de seu spaniel Pippin

para ouvi-la: "Que diabos está acontecendo comigo?" A ocasião foi terça-feira, 16 de junho de 1712; ela acabara de voltar de um grande baile em Arlington House; o amanhecer estava no céu e ela estava tirando as meias. "Não me importo se nunca encontrar outra alma enquanto viver", gritou Orlando, desatando a chorar. Amantes ela teve em abundância, mas a vida, que afinal de contas tem alguma importância à sua maneira, escapou-lhe. "É isso", ela perguntou - mas não havia ninguém para responder, "é isso que as pessoas chamam de vida?" O spaniel ergueu a pata dianteira em sinal de simpatia. O spaniel lambeu Orlando com a língua. Orlando acariciou o spaniel com a mão. Orlando beijou o spaniel com os lábios. Em suma, havia entre eles a mais verdadeira simpatia que pode existir entre um cão e a sua dona e, no entanto, não se pode negar que a mudez dos animais é um grande impedimento aos refinamentos das relações. Eles abanam o rabo; curvam a parte frontal do corpo e elevam a traseira; eles rolam, pulam, dão patas, choramingam, latem, babam; eles têm todo tipo de cerimônias e artifícios próprios, mas a coisa toda é inútil, já que eles não podem falar. Essa era a sua briga, pensou ela, colocando o cachorro delicadamente no chão, com a gente importante de Arlington House. Eles também abanam o rabo, curvam-se, rolam, saltam, dão patadas e babam, mas não conseguem falar. "Todos esses meses em que estive pelo mundo", disse Orlando, jogando uma meia para o outro lado da sala, "não ouvi nada além do que Pippin poderia ter dito. Estou com frio. Estou feliz. Estou com fome. Peguei um rato. Enterrei um osso. Por favor, beije meu nariz." E não foi suficiente.

Como, em tão pouco tempo, ela passou da embriaguez ao desgosto, só procuraremos explicar supondo que essa composição misteriosa que chamamos de sociedade não é nada absolutamente boa ou má em si mesma, mas contém um espírito, volátil, mas potente, que ou deixa você bêbado

quando você pensa, como Orlando pensou, delicioso, ou lhe dá dor de cabeça quando você pensa, como Orlando pensou, repulsivo. Que a faculdade da fala tenha muito a ver com isso de qualquer maneira, podemos duvidar. Muitas vezes, uma hora muda é a mais arrebatadora de todas; inteligência brilhante pode ser entediante além de qualquer descrição. Mas deixamos isso aos poetas, e assim por diante com a nossa história.

Orlando jogou a segunda meia depois da primeira e foi para a cama bastante desanimado, determinado a renunciar à sociedade para sempre. Mas, novamente, ela foi muito precipitada em chegar às suas conclusões. Pois na manhã seguinte ela acordou e encontrou, entre os habituais cartões de convite em sua mesa, um de uma certa grande Dama, a Condessa de R. Tendo determinado durante a noite que nunca mais entraria na sociedade, só podemos explicar o comportamento de Orlando - ela enviou um mensageiro de pé quente para R — - Casa para dizer que atenderia sua Senhoria com todo o prazer do mundo - pelo fato de que ela ainda estava sofrendo com o veneno de três palavras melosas deixadas em seu ouvido no convés da Senhora Enamorada pelo Capitão Nicholas Benedict Bartolus enquanto navegavam pelo Tâmis. Addison, Dryden, Pope, ele havia dito, apontando para a Árvore do Cacau, e Addison, Dryden, Pope haviam ressoado em sua cabeça como um encantamento desde então. Quem pode dar crédito a tal loucura? mas assim foi. Toda a sua experiência com Nick Greene não lhe ensinou nada. Tais nomes ainda exerciam sobre ela o mais poderoso fascínio. Talvez devêssemos acreditar em alguma coisa, e como Orlando, como dissemos, não acreditava nas divindades habituais, ela concedeu sua credulidade aos grandes homens - ainda que com distinção. Almirantes, soldados, estadistas, não a comoveram em nada. Mas a simples ideia de um grande escritor levou-a a tal ponto de crença que ela quase acreditou que ele

fosse invisível. Seu instinto era sólido. Só se pode acreditar inteiramente, talvez, naquilo que não se pode ver. O pequeno vislumbre que ela teve dos poetas do convés do navio foi do tipo de uma visão. Que a xícara fosse de porcelana ou o jornal, ela duvidava. Quando Lord O. disse um dia que jantara com Dryden na noite anterior, ela não acreditou terminantemente. Ora, a sala de recepção de Lady R. tinha a fama de ser a antecâmara da sala de presença do gênio; era o lugar onde homens e mulheres se reuniam para balançar incensários e entoar hinos ao busto do gênio em um nicho na parede. Às vezes, o próprio Deus concedia sua presença por um momento. Somente o intelecto admitiu o suplicante, e nada (assim dizia o relatório) foi dito lá dentro que não fosse espiritualoso.

Foi assim com grande receio que Orlando entrou na sala. Ela encontrou uma companhia já reunida em semicírculo ao redor do fogo. Lady R., uma senhora idosa, de pele morena, com uma mantilha de renda preta na cabeça, estava sentada numa grande poltrona no centro. Sendo um tanto surda, ela podia controlar a conversa de ambos os lados. Em ambos os lados dela estavam sentados homens e mulheres da mais alta distinção. Todos os homens, dizia-se, tinham sido primeiros-ministros e todas as mulheres, dizia-se, tinham sido amantes de um rei. É certo que todos eram brilhantes e todos eram famosos. Orlando sentou-se com profunda reverência em silêncio... Depois de três horas, ela fez uma profunda reverência e saiu.

Mas o que, o leitor pode perguntar com alguma exasperação, aconteceu nesse meio tempo? Em três horas, tal companhia deve ter dito as coisas mais espirituosas, mais profundas e mais interessantes do mundo. Assim parece, de fato. Mas o fato parece ser que eles não disseram nada. É uma característica curiosa que partilham com todas as sociedades mais brilhantes que o mundo conheceu. A velha Madame du Deffand e suas amigas

conversaram durante cinquenta anos sem parar. E de tudo isso, o que resta? Talvez três frases espirituosas. De modo que temos a liberdade de supor que nada foi dito, ou que nada de espirituoso foi dito, ou que a fração de três ditos espirituosos durou dezoito mil duzentos e cinquenta noites, o que não deixa uma margem liberal de humor para nenhum deles.

A verdade parece ser - se ousarmos usar tal palavra em tal conexão - que todos esses grupos de pessoas estão sob um encantamento. A anfitriã é a nossa moderna Sibila. Ela é uma bruxa que enfeitiça seus convidados. Nesta casa eles se consideram felizes; naquele espirituoso; em um terceiro profundo. É tudo uma ilusão (o que não é nada contra, pois as ilusões são as mais valiosas e necessárias de todas as coisas, e quem consegue criá-las está entre os maiores benfeitores do mundo), mas como é notório que as ilusões são destruídas pelo conflito com a realidade, nenhuma felicidade real, nenhuma inteligência real, nenhuma profundidade real são toleradas onde a ilusão prevalece. Isto serve para explicar por que Madame du Deffand não disse mais do que três coisas espirituosas no decorrer de cinquenta anos. Se ela tivesse dito mais, seu círculo teria sido destruído. O Witticismo, ao sair de seus lábios, atravessou a conversa atual como uma bala de canhão derrubando violetas e margaridas. Quando ela fez seu famoso 'mot de Saint Denis', a própria grama estava chamuscada. Seguiram-se desilusão e desolação. Nenhuma palavra foi pronunciada. "Poupe-nos de outro igual, pelo amor de Deus, madame!" seus amigos choraram unanimemente. E ela obedeceu. Durante quase dezessete anos ela não disse nada memorável e tudo correu bem. A bela colcha de ilusão permanecia ininterrupta em seu círculo, assim como permanecia ininterrupta no círculo de Lady R. Os convidados pensaram que eram felizes, pensaram que eram espirituosos, pensaram que eram profundos e, ao pensarem isso, outras pessoas pensaram

ainda mais fortemente; e assim aconteceu que nada era mais encantador do que uma das assembléias de Lady R.; todos invejavam aqueles que eram admitidos; os admitidos invejavam-se porque outras pessoas os invejavam; e assim parecia não ter fim - exceto o que temos agora para relatar.

Pela terceira vez que Orlando foi lá, ocorreu um certo incidente. Ela ainda tinha a ilusão de estar ouvindo os epigramas mais brilhantes do mundo, embora, na verdade, o velho General C. estivesse apenas dizendo, com certa profundidade, como a gota havia saído de sua perna esquerda e ido para a direita, enquanto o Sr. de ilusão, soou como a réplica mais espirituosa, o comentário mais perspicaz sobre a vida humana e manteve a companhia em estrondo; quando a porta se abriu e entrou um senhorzinho cujo nome Orlando não entendeu. Logo uma sensação curiosamente desagradável tomou conta dela. A julgar pelos seus rostos, o resto começou a sentir isso também. Um cavalheiro disse que havia uma corrente de ar. A marquesa de C. temia que houvesse um gato debaixo do sofá. Era como se seus olhos se abrissem lentamente depois de um sonho agradável e nada encontrassem além de um lavatório barato e uma colcha suja. Era como se a fumaça de um vinho delicioso os estivesse deixando lentamente. O General continuou a falar e o Sr. L. ainda se lembrava. Mas tornou-se cada vez mais evidente quão vermelho era o pescoço do General, quão careca era a cabeça do Sr. Quanto ao que disseram, nada mais tedioso e trivial poderia ser imaginado. Todos ficaram inquietos e aqueles que tinham fã's bocejaram atrás deles. Por fim, Lady R. bateu com a sua no braço da sua grande cadeira. Os dois cavalheiros pararam de falar.

Então o pequeno cavalheiro disse:

Ele disse em seguida,

Ele disse finalmente,

Aqui, não se pode negar, estava a verdadeira inteligência, a verdadeira sabedoria, a verdadeira profundidade. A empresa ficou completamente consternada. Um desses ditados já era bastante ruim; mas três, um após o outro, na mesma noite! Nenhuma sociedade poderia sobreviver a isso.

"Sr. Pope", disse a velha Lady R. com a voz trêmula de fúria sarcástica, "você tem prazer em ser espirituoso." O Sr. Pope ficou vermelho. Ninguém falou uma palavra. Eles ficaram sentados em um silêncio mortal por cerca de vinte minutos. Então, um por um, eles se levantaram e saíram da sala. Que algum dia eles voltariam depois de tal experiência era duvidoso. Os meninos Link podiam ser ouvidos chamando seus treinadores por toda a South Audley Street. As portas foram batidas e as carruagens partiram. Orlando se viu perto do Sr. Pope na escada. Seu corpo magro e disforme foi abalado por uma variedade de emoções. Dardos de malícia, raiva, triunfo, sagacidade e terror (ele tremia como uma folha) dispararam de seus olhos. Ele parecia um réptil atarracado com um topázio ardente na testa. Ao mesmo tempo, a mais estranha tempestade de emoções apoderou-se agora do desafortunado Orlando. Uma desilusão tão completa como a infligida há menos de uma hora deixa a mente balançando de um lado para o outro. Tudo parece dez vezes mais vazio e austero do que antes. É um momento repleto do maior perigo para o espírito humano. As mulheres tornam-se freiras e os homens, padres nesses momentos. Nesses momentos, os homens ricos abrem mão de sua riqueza; e homens felizes cortam a garganta com facas de trinchar. Orlando teria feito tudo de bom grado, mas ainda havia algo mais precipitado para ela fazer, e foi o que ela fez. Ela convidou o Sr. Pope para voltar para casa com ela.

Pois se é temerário entrar desarmado na cova de um leão, temerário navegar pelo Atlântico num barco a remo, temerário ficar de pé sobre um só pé no topo da Basílica de São Paulo, é ainda mais temerário voltar para casa sozinho com um poeta. Um poeta é Atlântico e leão num só. Enquanto um nos afoga o outro nos rói. Se sobrevivermos aos dentes, sucumbiremos às ondas. Um homem que pode destruir ilusões é ao mesmo tempo uma fera e uma inundação. As ilusões são para a alma o que a atmosfera é para a terra. Enrole esse ar tenro e a planta morre, a cor desbota. A terra em que caminhamos é uma cinza ressequida. É marga que pisamos e pedras de fogo queimam nossos pés. Pela verdade estamos desfeitos. A vida é um sonho. É o despertar que nos mata. Aquele que nos rouba os nossos sonhos, rouba-nos a nossa vida - (e assim por diante, durante seis páginas, se preferir, mas o estilo é tedioso e pode muito bem ser abandonado).

Nesta exibição, porém, Orlando deveria ter sido um monte de cinzas quando a carruagem parou em sua casa em Blackfriars. O fato de ela ainda ser de carne e osso, embora certamente exausta, deve-se inteiramente a um fato para o qual chamamos atenção anteriormente na narrativa. Quanto menos vemos, mais acreditamos. Ora, as ruas que ficam entre Mayfair e Blackfriars eram naquela época mal iluminadas. É verdade que a iluminação foi uma grande melhoria em relação à era elisabetana. Então o viajante ignorante teve que confiar nas estrelas ou na chama vermelha de algum vigia noturno para salvá-lo dos poços de cascalho em Park Lane ou dos bosques de carvalhos onde os porcos criavam raízes na Tottenham Court Road. Mas mesmo assim queria muito da nossa eficiência moderna. Postes de luz iluminados com lamparinas a óleo aconteciam a cada duzentos metros ou mais, mas entre eles havia uma extensão considerável de escuridão total. Assim, durante dez minutos, Orlando e o Sr. Pope ficariam na escuridão; e

depois por cerca de meio minuto novamente à luz. Um estado de espírito muito estranho foi assim criado em Orlando. À medida que a luz se apagava, ela começou a sentir que o bálsamo mais delicioso se apoderava de si. "É realmente uma grande honra para uma jovem dirigir com o Sr. Pope", ela começou a pensar, olhando para o contorno do nariz dele. "Eu sou o mais abençoado do meu sexo. A meia polegada de mim - na verdade, sinto o nó das fitas de seus joelhos pressionando minha coxa - está o maior humor nos domínios de sua Majestade. As idades futuras pensarão em nós com curiosidade e me invejarão com fúria. " Aí veio o poste de luz novamente. "Que desgraçado tolo eu sou!" ela pensou. "Não existe fama e glória. Os séculos vindouros nunca pensarão em mim ou no Sr. Pope. O que é uma 'era', de fato? O que somos nós?" e seu avanço pela Berkeley Square parecia o tatear de duas formigas cegas, momentaneamente atiradas juntas, sem interesse ou preocupação em comum, através de um deserto enegrecido. Ela estremeceu. Mas aqui novamente estava a escuridão. Sua ilusão reviveu. "Quão nobre é a testa dele", pensou ela (confundindo uma protuberância numa almofada com a testa do Sr. Pope na escuridão). "Que peso de gênio reside nele! Que inteligência, sabedoria e verdade - que riqueza de todas aquelas jóias, na verdade, pelas quais as pessoas estão dispostas a trocar as suas vidas! A sua é a única luz que arde para sempre. Mas para você a peregrinação humana seria realizada em total escuridão"; (aqui a carruagem deu uma grande guinada ao cair em um buraco em Park Lane) "sem gênio, ficaríamos chateados e desfeitos. A mais augusta, a mais lúcida das vigas" - assim ela estava apóstrofando a protuberância na almofada quando eles passaram sob um dos postes de luz da rua Berkeley Square e ela percebeu seu erro. O Sr. Pope tinha uma testa não maior que a de outro homem. "Miserável homem", pensou ela, "como você me enganou! Tomei essa

corcunda pela sua testa. Quando alguém o vê claramente, quão ignóbil, quão desprezível você é! Deformado e fraco, não há nada para venerar em você, muito para ter pena, muito para desprezar."

Novamente eles estavam na escuridão e sua raiva mudou quando ela não conseguia ver nada além dos joelhos do poeta.

"Mas sou eu que sou uma desgraçada", ela refletiu, quando eles estavam novamente na completa obscuridade, "por mais vil que você seja, não sou ainda mais vil? em todos os lugares? Quão humilde, quão grato, quão dócil eu não deveria ser, portanto?"

Aqui eles chegaram ao grande poste de luz na esquina do que hoje é Piccadilly Circus. A luz brilhou em seus olhos e ela viu, além de algumas criaturas degradadas de seu próprio sexo, dois miseráveis pigmeus em uma terra deserta. Ambos estavam nus, solitários e indefesos. Um era impotente para ajudar o outro. Cada um tinha o suficiente para fazer para cuidar de si mesmo. Olhando bem de frente para o Sr. Pope, "é igualmente inútil", ela pensou, "que você pense que pode me proteger, ou que eu pense que posso adorá-lo.

Durante todo esse tempo, é claro, eles continuaram conversando agradavelmente, como costumam fazer as pessoas de nascimento e educação, sobre o temperamento da rainha e a gota do primeiro-ministro, enquanto a carruagem passava da luz à escuridão pelo Haymarket, ao longo da Strand, subia a Fleet Street e chegava, por fim, à sua casa em Blackfriars. Durante algum tempo, os espaços escuros entre as lâmpadas foram ficando mais brilhantes e as próprias lâmpadas menos brilhantes - isto é, o sol estava nascendo, e foi na luz uniforme, mas confusa, de uma manhã de verão, em que tudo é visto, mas nada é visto distintamente, que eles pousaram, o Sr.

Pope ajudando Orlando a descer de sua carruagem e Orlando fazendo uma reverência ao Sr.

Da passagem anterior, no entanto, não se deve supor que o gênio (mas a doença está agora erradicada nas Ilhas Britânicas, sendo o falecido Lord Tennyson, diz-se, a última pessoa a sofrer dela) esteja constantemente aceso, pois então veríamos tudo claramente e talvez devêssemos ser queimados até a morte no processo. Pelo contrário, assemelha-se ao farol no seu funcionamento, que emite um raio e depois não envia mais durante algum tempo; exceto que o gênio é muito mais caprichoso em suas manifestações e pode emitir seis ou sete raios em rápida sucessão (como fez o Sr. Pope naquela noite) e depois cair na escuridão por um ano ou para sempre. Dirigir-se por seus raios é, portanto, impossível, e quando o feitiço sombrio os atinge, os homens de gênio são, diz-se, muito parecidos com as outras pessoas.

Orlando ficou feliz, embora a princípio decepcionante, que isso acontecesse, pois ela agora começou a viver muito na companhia de homens de gênio, embora, afinal de contas, eles não fossem muito diferentes das outras pessoas. Addison, Pope, Swift provaram, ela descobriu, gostar de chá. Eles gostavam de caramanchões. Eles coletaram pequenos pedaços de vidro colorido. Eles adoravam grutas. Rank não era desagradável para eles. O elogio foi uma delícia. Eles usavam ternos cor de ameixa num dia e cinza no outro. O Sr. Swift tinha uma bela bengala de malaca. O Sr. Addison cheirou seus lenços. O Sr. Pope sofreu com a cabeça. Uma fofoca não veio mal. Eles também não estavam isentos de ciúmes. (Estamos anotando algumas reflexões que chegaram a Orlando desordenadamente.) No início, ela ficou irritada consigo mesma por perceber essas ninharias e manteve um livro para anotar suas frases memoráveis, mas a página permaneceu vazia. Mesmo

assim, seu ânimo se recuperou e ela começou a rasgar os cartões de convite para grandes festas; mantinha suas noites livres; comecei a ansiar pela visita do Sr. Pope, do Sr. Addison, do Sr. Swift's - e assim por diante. Se o leitor se referir aqui ao Rapto da Fechadura, ao Espectador, às Viagens de Gulliver, compreenderá precisamente o que estas palavras misteriosas podem significar. Na verdade, biógrafos e críticos poderiam poupar-se de todo o seu trabalho se os leitores apenas seguissem este conselho. Pois quando lemos:

Se a Ninfa violará a Lei de Diana, Ou alguma frágil Jarra de China receberá um Defeito, Ou manchará sua Honra, ou seu novo Brocado, Esquecerá suas Orações, - ou perderá um Baile de Máscaras, Ou perderá seu coração, ou Colar, em um Baile

- sabemos como se o ouvíssemos como a língua do Sr. Pope tremeluzia como a de um lagarto, como seus olhos brilhavam, como sua mão tremia, como ele amava, como mentia, como sofria. Em suma, cada segredo da alma de um escritor, cada experiência de sua vida, cada qualidade de sua mente está amplamente escrita em suas obras, mas exigimos que os críticos expliquem um e os biógrafos exponham o outro. O fato de o tempo pesar nas mãos das pessoas é a única explicação para o crescimento monstruoso.

Então, agora que lemos uma ou duas linhas do Rape of the Lock, sabemos exatamente por que Orlando estava tão divertido e tão assustado e com as bochechas e os olhos tão brilhantes naquela tarde.

A Sra. Nelly então bateu na porta para dizer que o Sr. Addison esperava por Sua Senhoria. Com isso, o Sr. Pope levantou-se com um sorriso irônico, preparou seu mingau e saiu mancando. Entrou o Sr. Addison. Vamos, enquanto ele se senta, ler a seguinte passagem do Spectator.

“Considero a mulher um animal lindo e romântico, que pode ser adornado com peles e penas, pérolas e diamantes, minérios e sedas. O lince lançará sua pele a seus pés para fazer dela um tippet, o pavão, o papagaio e o cisne pagarão contribuições para seu regalo; trabalho disso. Tudo isso, vou permitir-lhes, mas quanto à anágua de que tenho falado, não posso nem permitirei.

Seguramos aquele cavalheiro, com chapéu armado e tudo, nas mãos. Olhe mais uma vez para o cristal. Ele não está claro até a ruga da meia? Não estão expostas diante de nós todas as ondulações e curvas de sua inteligência, bem como sua benignidade, sua timidez, sua urbanidade e o fato de que ele se casaria com uma condessa e, no final, morreria de maneira muito respeitável? Tudo está claro. E quando o Sr. Addison dá a sua opinião, ouve-se uma batida terrível na porta, e o Sr. Swift, que tinha esses modos arbitrários com ele, entra sem avisar. Um momento, onde está As Viagens de Gulliver? Aqui está! Leiamos uma passagem da viagem aos Houyhnhnms:

"Gostei de perfeita saúde corporal e tranquilidade mental; não encontrei a traição ou inconstância de um amigo, nem as lesões de um inimigo secreto ou aberto. Não tive ocasião de subornar, lisonjear ou proxenetizar, para obter o favor de qualquer grande homem ou de seu assecla. Não queria nenhuma cerca contra fraude ou opressão; aqui não havia médico para destruir meu corpo, nem advogado para arruinar minha fortuna; nenhum informante para vigiar minhas palavras, e Ações, ou forjar acusações contra mim para contratar: Aqui não havia Gibers, Censuradores, Caluniadores, Batedores de Carteira, Ladrões de Estrada, Assaltantes, Advogados, Vadios, Bufões, Jogadores, Políticos, Espertezas, Faladores tediosos e esplênicos.... "

Mas pare, pare com suas palavras de ferro, para não esfolar todos nós vivos, e você também! Nada pode ser mais claro do que aquele homem violento. Ele é tão grosseiro e ao mesmo tempo tão limpo; tão brutal, mas tão gentil; despreza o mundo inteiro, mas fala linguagem infantil com uma menina e morrerá, podemos duvidar, em um hospício.

Então Orlando serviu chá para todos; e às vezes, quando o tempo estava bom, ela os levava consigo para o campo e os banqueteava majestosamente no Round Parlour, que ela havia pendurado com suas fotos todas em círculo, para que o Sr. Pope não pudesse dizer que o Sr. Eles também eram muito espirituosos (mas sua inteligência está toda em seus livros) e ensinaram-lhe a parte mais importante do estilo, que é o curso natural da voz ao falar - uma qualidade que ninguém que não a tenha ouvido pode imitar, nem mesmo Greene, com toda a sua habilidade; pois nasce do ar e quebra como uma onda nos móveis e rola e desaparece, e nunca mais será recapturado, muito menos por aqueles que aguçam os ouvidos, meio século depois, e tentam. Eles lhe ensinaram isso apenas pela cadência de suas vozes na fala; de modo que seu estilo mudou um pouco, e ela escreveu alguns versos e personagens em prosa muito agradáveis e espirituosos. E então ela lhes derramou vinho e colocou notas bancárias, que eles aceitaram muito gentilmente, sob seus pratos no jantar, e aceitou suas dedicatórias, e sentiu-se muito honrada pela troca.

Assim, o tempo passou, e Orlando podia ser ouvido muitas vezes dizendo para si mesma com uma ênfase que poderia, talvez, deixar o ouvinte um pouco desconfiado: "Pela minha alma, que vida é esta!" (Pois ela ainda estava em busca desse bem.) Mas as circunstâncias logo a forçaram a considerar o assunto de forma mais restrita. Um dia ela estava servindo chá para o Sr. Pope enquanto, como qualquer um pode perceber pelos versículos citados

acima, ele estava sentado com os olhos muito brilhantes, observador e todo encolhido em uma cadeira ao lado dela.

“Senhor”, pensou ela, enquanto erguia a pinça de açúcar, “como as mulheres nos séculos vindouros me invejarão! E ainda assim — —” ela fez uma pausa; pois o Sr. Pope precisava da atenção dela. E ainda assim - vamos terminar o pensamento dela - quando alguém diz: "Como as idades futuras me invejarão", é seguro dizer que eles estão extremamente inquietos no momento presente. Esta vida foi tão excitante, tão lisonjeira, tão gloriosa quanto parece quando o escritor de memórias fez seu trabalho sobre ela? Por um lado, Orlando tinha um verdadeiro ódio pelo chá; por outro, o intelecto, divino como é, e todo adorador, tem o hábito de se alojar nas carcaças mais decadentes, e muitas vezes, infelizmente, age como o canibal entre as outras faculdades, de modo que muitas vezes, onde a Mente é maior, o Coração, os Sentidos, a Magnanimidade, a Caridade, a Tolerância, a Bondade e o resto deles mal têm espaço para respirar. Então a opinião elevada que os poetas têm de si mesmos; depois o baixo que têm dos outros; depois, as inimizades, injúrias, invejas e réplicas nas quais estão constantemente envolvidos; depois a volubilidade com que os transmitem; depois, a rapacidade com que exigem simpatia por eles; tudo isso, pode-se sussurrar, para que a inteligência não nos ouça, faz com que servir o chá seja uma ocupação mais precária e, na verdade, árdua do que geralmente é permitido. Além disso (sussurrámos novamente para que as mulheres não nos ouçam), há um pequeno segredo que os homens compartilham entre eles; Lord Chesterfield sussurrou isso para seu filho com instruções estritas de sigilo: "As mulheres são apenas crianças de maior estatura... Um homem de bom senso apenas brinca com elas, brinca com elas, as agrada e as elogia", o que, visto que as crianças sempre ouvem o que não deveriam, e às vezes, até mesmo, crescem, pode de

alguma forma ter vazado, de modo que toda a cerimônia de servir o chá é curiosa. Uma mulher sabe muito bem que, embora um espirituoso lhe envie os seus poemas, elogie o seu julgamento, solicite a sua crítica e beba o seu chá, isso de forma alguma significa que ele respeite as suas opiniões, admire a sua compreensão, ou que se recusará, embora lhe seja negado o florete, a percorrê-la no corpo com a sua caneta. Tudo isso, dizemos, sussurramos o mais baixo que podemos, já pode ter vazado; de modo que, mesmo com o jarro de creme suspenso e a pinça de açúcar distendida, as senhoras podem ficar um pouco inquietas, olhar um pouco pela janela, bocejar um pouco e, assim, deixar o açúcar cair com um grande baque - como Orlando fez agora - no chá do Sr. Nunca um mortal esteve tão disposto a suspeitar de um insulto ou tão rápido em vingá-lo como o Sr. Pope. Ele virou-se para Orlando e apresentou-lhe imediatamente o rascunho de uma frase famosa dos "Personagens Femininos". Posteriormente, foi-lhe dado muito polimento, mas mesmo no original era bastante impressionante. Orlando recebeu com uma reverência. O Sr. Pope deixou-a com uma reverência. Orlando, para refrescar as bochechas, pois realmente sentia como se o homenzinho lhe tivesse batido, passeando no nogueiral ao fundo do jardim. Logo as brisas frescas fizeram seu trabalho. Para sua surpresa, ela descobriu que estava extremamente aliviada por se encontrar sozinha. Ela observou os alegres barcos remando rio acima. Sem dúvida, a visão a fez lembrar de um ou dois incidentes de sua vida passada. Ela sentou-se em profunda meditação debaixo de um salgueiro. Lá ela ficou sentada até que as estrelas estivessem no céu. Então ela se levantou, virou-se e entrou em casa, onde procurou seu quarto e trancou a porta. Abriu agora um armário onde ainda estavam penduradas muitas das roupas que usara quando jovem da moda, e dentre elas escolheu um terno de veludo preto ricamente enfeitado com renda

veneziana. Na verdade, estava um pouco fora de moda, mas combinava perfeitamente com ela e, vestida com ele, ela parecia a própria figura de um nobre Senhor. Ela deu uma ou duas voltas diante do espelho para se certificar de que suas anáguas não lhe haviam perdido a liberdade das pernas, e então saiu secretamente para fora de casa.

Foi uma bela noite no início de abril. Uma miríade de estrelas misturadas com a luz de uma lua crescente, que novamente era reforçada pelos postes de luz, criavam uma luz infinitamente adequada ao semblante humano e à arquitetura do Sr. Wren. Tudo aparecia na sua forma mais terna, mas, tal como parecia prestes a dissolver-se, uma gota de prata aguçava-o até ficar animado. Assim deveria ser a conversa, pensou Orlando (entregando-se a devaneios tolos); que a sociedade deveria ser, que a amizade deveria ser, que o amor deveria ser. Pois, só Deus sabe por quê, assim como perdemos a fé nas relações humanas, alguma colocação aleatória de celeiros e árvores ou um palheiro e uma carroça nos apresenta um símbolo tão perfeito do que é inatingível que começamos a busca novamente.

Ela entrou na Leicester Square enquanto fazia essas observações. Os edifícios tinham uma simetria arejada, mas formal, que não era deles durante o dia. A cobertura do céu parecia habilmente lavada para preencher o contorno do telhado e da chaminé. Uma jovem sentada desanimada, com um braço caído ao lado do corpo e o outro apoiado no colo, num assento debaixo de um plátano no meio da praça, parecia a própria figura da graça, da simplicidade e da desolação. Orlando tirou-lhe o chapéu como um galante que se dirige a uma dama da moda num lugar público. A jovem levantou a cabeça. Era da forma mais requintada. A jovem ergueu os olhos. Orlando viu que eles tinham um brilho semelhante ao que às vezes é visto em bules de chá, mas raramente em um rosto humano. Através desse esmalte prateado, a

garota olhou para ele (pois ele era um homem para ela) atraente, esperançosa, trêmula, temerosa. Ela se levantou; ela aceitou o braço dele. Pois — precisamos enfatizar esse ponto? — ela pertencia à tribo que todas as noites lustra seus produtos e os coloca em ordem no balcão comum para esperar pelo lance mais alto. Ela conduziu Orlando até o quarto na Gerrard Street que era seu alojamento. Senti-la pendurada levemente, mas como uma suplicante, em seu braço, despertou em Orlando todos os sentimentos que fazem de um homem. Ela olhou, ela sentiu, ela falou como uma. No entanto, tendo sido ela mesma uma mulher ultimamente, ela suspeitava que a timidez da menina e suas respostas hesitantes e a própria dificuldade com a chave na fechadura e com a dobra de sua capa e a inclinação de seu pulso eram todos usados para gratificar sua masculinidade. Eles subiram, e o esforço que a pobre criatura teve para decorar seu quarto e esconder o fato de que não tinha outro enganou Orlando nem por um momento. O engano despertou seu desprezo; a verdade despertou sua pena. Uma coisa transparecendo na outra gerava uma estranha variedade de sentimentos, de modo que ela não sabia se ria ou chorava. Entretanto Nell, como a rapariga se chamava, desabotoou as luvas; escondeu cuidadosamente o polegar da mão esquerda que precisava ser consertado; depois se escondeu atrás de um biombo, onde, talvez, ela passou ruge nas bochechas, arrumou as roupas, prendeu um lenço novo no pescoço - o tempo todo tagarelando como as mulheres fazem, para divertir seu amante, embora Orlando pudesse jurar, pelo tom de sua voz, que seus pensamentos estavam em outro lugar. Quando tudo estava pronto, ela saiu preparada - mas aqui Orlando não aguentou mais. No mais estranho tormento de raiva, alegria e pena, ela livrou-se de todo disfarce e admitiu ser mulher.

Com isso, Nell caiu na gargalhada que poderia ter sido ouvida do outro lado do caminho.

"Bem, minha querida", disse ela, quando se recuperou um pouco, "não lamento de forma alguma ouvir isso. Pois o Dunstable simples da questão é" (e foi notável como logo ao descobrir que eles eram do mesmo sexo, seus modos mudaram e ela abandonou seus modos queixosos e atraentes) "o verdadeiro Dunstable da questão é que não estou com humor para a companhia do outro sexo esta noite. Na verdade, estou em uma situação difícil." Depois disso, acendendo o fogo e mexendo uma tigela de ponche, ela contou a Orlando toda a história de sua vida. Como é a vida de Orlando que nos ocupa no momento, não precisamos relatar as aventuras da outra senhora, mas é certo que Orlando nunca conheceu a velocidade das horas mais rápida ou mais alegre, embora a Senhora Nell não tivesse uma partícula de inteligência sobre ela, e quando o nome do Sr. No entanto, para Orlando, tal é o encanto da facilidade e a sedução da beleza, a conversa desta pobre menina, embora temperada com as expressões mais comuns das esquinas, tinha gosto de vinho depois das belas frases a que ela estava acostumada, e ela foi forçada a concluir que havia algo no escárnio do Sr. respeitar suas obras.

Essas pobres criaturas, ela constatou, pois Nell trouxe Prue, e Prue Kitty, e Kitty Rose, tinham uma sociedade própria, da qual agora a elegeram membro. Cada uma contaria a história das aventuras que a levaram ao seu modo de vida atual. Várias eram filhas naturais de condes e uma delas estava muito mais próxima do que deveria estar da pessoa do rei. Ninguém era muito miserável ou muito pobre, a não ser ter algum anel ou lenço no bolso que a substituísse por pedigree. Assim, eles desenhavam em volta da tigela de ponche que Orlando se encarregava de fornecer generosamente, e muitas

eram as belas histórias que contavam e muitas as observações divertidas que faziam, pois não se pode negar que quando as mulheres se reúnem - mas isso - elas sempre tomam cuidado para garantir que as portas estejam fechadas e que nenhuma palavra sobre isso seja publicada. Tudo o que desejam é - mas novamente - isso não é um passo de homem na escada? Tudo o que desejam, íamos dizer quando o cavalheiro tirou essas palavras da nossa boca. As mulheres não têm desejos, diz este cavalheiro, entrando na sala de Nell; apenas afetações. Sem desejos (ela o serviu e ele se foi), a conversa deles não pode interessar a ninguém. “É bem sabido”, diz o Sr. S. W., “que quando lhes falta o estímulo do outro sexo, as mulheres não encontram nada para dizer umas às outras. E como não podem conversar entre si e os coçamentos não podem continuar sem interrupção e é bem sabido (o Sr. T. R. provou isso) “que as mulheres são incapazes de qualquer sentimento de afeição pelo seu próprio sexo e mantêm umas às outras com a maior aversão”, o que podemos supor que as mulheres fazem quando procuram a companhia umas das outras?

Como esta não é uma questão que possa atrair a atenção de um homem sensato, deixemos nós, que gozamos da imunidade de todos os biógrafos e historiadores de qualquer sexo, deixá-la de lado e apenas afirmar que Orlando professava grande prazer na sociedade do seu próprio sexo, e deixar aos cavalheiros provar, como eles gostam muito de fazer, que isso é impossível.

Mas dar um relato exato e particular da vida de Orlando nesta época torna-se cada vez mais fora de questão. À medida que espiamos e tateamos nos pátios mal iluminados, mal pavimentados e mal ventilados que existiam nas ruas Gerrard e Drury Lane naquela época, parecemos agora avistá-la e depois perdê-la novamente. O que torna a tarefa de identificação ainda mais difícil é

que ela achou conveniente, nesse momento, trocar frequentemente de um conjunto de roupas para outro. Assim, ela freqüentemente ocorre nas memórias contemporâneas como "Senhor" Fulano de Tal, que era na verdade seu primo; sua generosidade é atribuída a ele, e diz-se que foi ele quem escreveu os poemas que eram realmente dela. Parece que ela não teve dificuldade em sustentar as diferentes partes, pois seu sexo mudava com muito mais frequência do que aqueles que usaram apenas um conjunto de roupas podem conceber; nem pode haver dúvida de que ela colheu uma colheita dupla com esse artifício; os prazeres da vida aumentaram e suas experiências se multiplicaram. Da proibidade das calças ela passou à sedução das anáguas e desfrutou igualmente do amor de ambos os sexos.

Então, podemos esboçá-la passando a manhã com uma túnica chinesa de gênero ambíguo entre seus livros; depois, receber um ou dois clientes (pois ela tinha muitos suplicantes) com a mesma roupa; depois ela dava uma volta no jardim e cortava as nogueiras - para as quais calças até os joelhos eram convenientes; depois ela vestiria um tafetá florido que melhor se adequava a uma viagem até Richmond e a uma proposta de casamento de algum grande nobre; e então de volta à cidade, onde ela usaria um vestido cor de mel como o de um advogado e visitaria os tribunais para saber como estavam seus casos - pois sua fortuna estava sendo desperdiçada a cada hora e os processos não pareciam mais próximos da consumação do que estavam há cem anos; e assim, finalmente, quando a noite chegava, ela frequentemente se tornava um nobre completo da cabeça aos pés e andava pelas ruas em busca de aventura.

Retornando de algumas dessas viagens - das quais havia muitas histórias contadas na época, como a de que ela travou um duelo, serviu como capitã em um dos navios do rei, foi vista dançando nua em uma varanda e fugiu com

uma certa senhora para os Países Baixos, onde o marido da senhora os seguiu (mas sobre a verdade ou não dessas histórias, não expressamos opinião), retornando de qualquer que tenha sido sua ocupação, ela fazia questão de passar às vezes sob as janelas de uma cafeteria, onde podia ver os espertos sem serem vistos, e assim podiam imaginar, pelos seus gestos, que coisas sábias, espirituosas ou rancorosas estavam dizendo, sem ouvir uma palavra deles, o que talvez fosse uma vantagem; e uma vez ela ficou meia hora observando três sombras bebendo chá juntas numa casa em Bolt Court.

Nunca nenhuma peça foi tão absorvente. Ela queria gritar, Bravo! Bravo! Pois, sem dúvida, que belo drama foi aquele - que página arrancada do volume mais grosso da vida humana! Lá estava a pequena sombra com lábios carnudos, remexendo-se de um lado para o outro na cadeira, inquieta, petulante, intrometida; lá estava a sombra feminina curvada, enfiando um dedo na xícara para sentir a profundidade do chá, pois ela era cega; e lá estava a sombra rolante de aparência romana na grande poltrona — ele que torcia os dedos de maneira tão estranha, balançava a cabeça de um lado para o outro e engolia o chá em grandes goles. Dr. Johnson, Sr. Boswell e Sra. Williams, esses eram os nomes das sombras. Ela estava tão absorta na visão que se esqueceu de pensar em como outras épocas a teriam invejado, embora pareça provável que nesta ocasião o fizessem. Ela estava contente em olhar e olhar. Por fim, o Sr. Boswell levantou-se. Ele saudou a velha com uma aspereza azeda. Mas com que humildade ele não se humilhou diante da grande sombra ondulante, que agora se erguia em toda a sua altura e balançava um pouco enquanto ele estava ali, desenrolando as frases mais magníficas que já saíram dos lábios humanos; assim Orlando pensou neles, embora nunca tenha ouvido uma palavra do que qualquer uma das três

sombras disse enquanto estavam ali sentados tomando chá.

Por fim, uma noite, ela voltou para casa, depois de um desses passeios, e subiu para seu quarto. Ela tirou o casaco amarrado e ficou ali, de camisa e calça, olhando pela janela. Havia algo se agitando no ar que a impedia de ir para a cama. Uma névoa branca cobria a cidade, pois era uma noite gelada no meio do inverno e uma vista magnífica a rodeava. Ela podia ver a Basílica de São Paulo, a Torre, a Abadia de Westminster, com todos os pináculos e cúpulas das igrejas da cidade, o volume liso de suas margens, as curvas opulentas e amplas de seus salões e locais de reunião. Ao norte erguiam-se as alturas suaves e tosquidas de Hampstead, e ao oeste as ruas e praças de Mayfair brilhavam com um brilho claro. Diante dessa perspectiva serena e ordenada, as estrelas olhavam para baixo, brilhantes, positivas, duras, de um céu sem nuvens. Na extrema clareza da atmosfera era perceptível a linha de cada telhado, a cobertura de cada chaminé. Até as pedras do calçamento das ruas se distinguiam umas das outras; e Orlando não pôde deixar de comparar esta cena ordenada com os arredores irregulares e amontoados que tinham sido a cidade de Londres no reinado da rainha Elizabeth. Então, lembrou-se, a cidade, se é que se podia chamá-la assim, estava lotada, um mero amontoado e conglomerado de casas, sob as janelas de Blackfriars. As estrelas refletiam-se em poços profundos de água estagnada que jaziam no meio das ruas. Uma sombra negra na esquina onde ficava a loja de vinhos provavelmente era o cadáver de um homem assassinado. Ela conseguia se lembrar dos gritos de muitos feridos nessas brigas noturnas, quando ela era um menino, abraçada à janela de vidro em losango nos braços da babá. Tropas de rufiões, homens e mulheres, indescritivelmente entrelaçados, cambaleavam pelas ruas, cantando canções selvagens com joias brilhando nas orelhas e facas brilhando nos punhos. Numa noite como esta, o

emaranhado impermeável das florestas de Highgate e Hampstead seria delineado, contorcendo-se numa complexidade contorcida contra o céu. Aqui e ali, em uma das colinas que se erguiam acima de Londres, havia uma força austera, com um cadáver pregado para apodrecer ou ressecar em sua cruz; pois o perigo e a insegurança, a luxúria e a violência, a poesia e a imundície fervilhavam nas tortuosas estradas elisabetanas e zumbiam e fediam (Orlando ainda se lembrava do cheiro deles numa noite quente) nos pequenos quartos e nos caminhos estreitos da cidade. Agora — ela se debruçou na janela — tudo era luz, ordem e serenidade. Ouviu-se o leve barulho de uma carruagem nas pedras da calçada. Ela ouviu o grito distante do vigia noturno: "Apenas meio-dia de uma manhã gelada." Assim que as palavras saíram de seus lábios, soou a primeira badalada da meia-noite. Orlando então notou pela primeira vez uma pequena nuvem reunida atrás da cúpula da Basílica de São Paulo. À medida que a batida soava, a nuvem aumentava e ela a viu escurecer e espalhar-se com extraordinária velocidade. Ao mesmo tempo, soprou uma leve brisa e, quando soou a sexta badalada da meia-noite, todo o céu oriental estava coberto por uma escuridão irregular e móvel, embora o céu a oeste e ao norte permanecesse claro como sempre. Então a nuvem se espalhou para o norte. Altura após altura acima da cidade foi engolida por ela. Apenas Mayfair, com todas as suas luzes, brilhava com mais brilho do que nunca em contraste. Com a oitava braçada, alguns fragmentos de nuvens se espalharam sobre Piccadilly. Eles pareciam se concentrar e avançar com extraordinária rapidez em direção ao extremo oeste. Quando soaram a nona, a décima e a décima primeira batidas, uma enorme escuridão se espalhou por toda Londres. Com a décima segunda badalada da meia-noite, a escuridão estava completa. Uma turbulência turbulenta de nuvens cobriu a cidade. Tudo estava escuro; tudo era dúvida;

tudo era confusão. O século XVIII acabou; o século XIX havia começado.

↑ O capitão deve ter se enganado, como mostra uma referência a qualquer livro de literatura; mas o erro foi gentil e por isso deixamos como está. ^
Esses ditos são muito conhecidos para exigirem repetição e, além disso, todos podem ser encontrados em suas obras publicadas.

06. Capítulo Cinco

Século XIX, clima vitoriano, casamento, Shelmerdine e mudança de época.

Esta grande nuvem que pairava não apenas sobre Londres, mas sobre todas as Ilhas Britânicas no primeiro dia do século XIX, permaneceu, ou melhor, não permaneceu, pois era constantemente fustigada por vendavais tempestuosos, durante tempo suficiente para ter conseqüências extraordinárias sobre aqueles que viviam sob a sua sombra. Uma mudança parecia ter ocorrido no clima da Inglaterra. A chuva caía com frequência, mas apenas em rajadas intermitentes, que mal terminavam e começavam. O sol brilhava, é claro, mas estava tão cercado de nuvens e o ar tão saturado de água, que seus raios ficavam descoloridos e roxos, laranjas e vermelhos de um tipo opaco tomavam o lugar das paisagens mais positivas do século XVIII. Sob aquela copa machucada e taciturna, o verde das couves era menos intenso e o branco da neve turvo. Mas o que é pior é que a humidade começou agora a penetrar em todas as casas - humidade, que é o mais traiçoeiro de todos os inimigos, pois embora o sol possa ser tapado por persianas e a geada assada por um fogo quente, a humidade infiltra-se enquanto dormimos; a umidade é silenciosa, imperceptível, onipresente. A umidade incha a madeira, enche a chaleira, enferruja o ferro, apodrece a pedra. O processo é tão gradual, que só quando pegamos numa cómoda, ou num balde de carvão, e tudo se desfaz em pedaços nas nossas mãos, é que suspeitamos até que a doença está em ação.

Assim, furtivamente e imperceptivelmente, sem que ninguém marcasse o dia ou a hora exata da mudança, a constituição da Inglaterra foi alterada e ninguém sabia disso. Em todos os lugares os efeitos foram sentidos. O robusto cavalheiro rural, que se sentara alegremente para uma refeição de

cerveja e carne numa sala projetada, talvez pelos irmãos Adam, com dignidade clássica, agora sentia frio. Apareceram tapetes, barbas cresceram e calças bem apertadas sob o peito do pé. O frio que sentiu nas pernas logo transferiu para sua casa; os móveis estavam abafados; paredes e mesas também estavam cobertas. Então uma mudança na dieta tornou-se essencial. Foi inventado o muffin e o bolinho. O café suplantou o porto depois do jantar e, assim como o café levava a uma sala de estar para tomá-lo, e uma sala de estar a vitrines, e vitrines a flores artificiais, e flores artificiais a lareiras, e cornijas a pianofortes, e pianofortes a baladas de sala, e baladas de sala (pulando um ou dois palcos) a inúmeros cachorrinhos, esteiras e antimacassars, o lar - que se tornara extremamente importante - era completamente alterado.

Do lado de fora da casa — era outro efeito da umidade — a hera crescia em profusão sem igual. As casas que eram de pedra nua estavam cobertas de vegetação. Nenhum jardim, por mais formal que fosse seu projeto original, carecia de arbustos, de um deserto, de um labirinto. A luz que penetrava nos quartos onde as crianças nasciam era naturalmente de um verde ofuscado e a luz que penetrava nas salas onde viviam homens e mulheres adultos vinha através de cortinas de pelúcia marrom e roxa. Mas a mudança não parou nas coisas exteriores. A umidade atingiu o interior. Os homens sentiram um frio no coração; a umidade em suas mentes. Num esforço desesperado para aconchegar seus sentimentos em algum tipo de calor, um subterfúgio foi tentado após o outro. Amor, nascimento e morte estavam todos envoltos em uma variedade de frases bonitas. Os sexos se distanciaram cada vez mais. Nenhuma conversa aberta foi tolerada. Evasões e ocultações foram praticadas diligentemente em ambos os lados. E assim como a hera e as sempre-vivas se agitavam na terra úmida lá fora, a mesma fertilidade se

manifestava lá dentro. A vida da mulher média era uma sucessão de partos. Ela se casou aos dezenove anos e teve quinze ou dezoito filhos aos trinta; para gêmeos abundava. Assim surgiu o Império Britânico; e assim - pois não há como parar a umidade; entra no tinteiro assim como entra na madeira - as frases aumentaram, os adjetivos se multiplicaram, as letras se tornaram épicas e pequenas ninharias que antes eram ensaios de uma coluna agora eram enciclopédias em dez ou vinte volumes. Mas Eusebius Chubb será nossa testemunha do efeito que tudo isso teve na mente de um homem sensível que nada pôde fazer para impedir. Há uma passagem no final de suas memórias onde ele descreve como, depois de escrever trinta e cinco páginas de fólho certa manhã "tudo sobre nada", ele rosqueou a tampa de seu tinteiro e foi dar uma volta em seu jardim. Logo ele se viu envolvido nos arbustos. Inúmeras folhas rangeram e brilharam acima de sua cabeça. Ele parecia estar "esmagando o molde de mais um milhão sob seus pés". Uma fumaça espessa exalava de uma fogueira úmida no final do jardim. Ele refletiu que nenhum fogo na terra poderia jamais consumir aquele vasto estorvo vegetal. Para onde quer que ele olhasse, a vegetação era desenfreada. Pepinos "caíram rolando pela grama até seus pés". Couves-flores gigantescas erguiam-se de convés após convés até rivalizarem, para sua imaginação desordenada, com os próprios olmos. As galinhas botavam ovos incessantemente sem nenhuma coloração especial. Então, lembrando-se com um suspiro de sua própria fecundidade e de sua pobre esposa Jane, agora no meio de seu décimo quinto confinamento dentro de casa, como, perguntou-se ele, poderia culpar as aves? Ele olhou para cima, para o céu. O próprio céu, ou aquele grande frontispício do céu, que é o céu, não indicava o consentimento, na verdade, a instigação da hierarquia celestial? Pois ali, inverno ou verão, ano após ano, as nuvens giravam e caíam, como baleias,

ele ponderou, ou melhor, como elefantes; mas não, não havia como escapar do símile que lhe foi imposto de mil acres arejados; todo o céu, ao se espalhar por cima das Ilhas Britânicas, não passava de um vasto colchão de penas; e a fecundidade indistinta do jardim, do quarto e do galinheiro foi ali copiada. Ele entrou em casa, escreveu a passagem citada acima, colocou a cabeça em um forno a gás e, quando o encontraram mais tarde, ele já havia passado do reavivamento.

Embora isso acontecesse em todas as partes da Inglaterra, estava tudo bem para Orlando morar em sua casa em Blackfriars e fingir que o clima era o mesmo; que ainda se podia dizer o que se gostava e usar calças até os joelhos ou saias conforme a vontade. Até ela, por fim, foi forçada a reconhecer que os tempos haviam mudado. Certa tarde, no início do século, ela estava passando pelo St. James' Park em sua velha carruagem apainelada quando um daqueles raios de sol, que ocasionalmente, embora não com frequência, conseguiam atingir a Terra, conseguiu atravessá-la, marmorizando as nuvens com estranhas cores prismáticas à medida que passava. Tal visão era suficientemente estranha, depois dos céus claros e uniformes do século XVIII, para fazê-la baixar a janela e olhar para ela. As nuvens vermelhas e flamingas fizeram-na pensar com uma angústia prazerosa, o que prova que ela já estava insensivelmente atormentada pela umidade, pelos golfinhos morrendo nos mares Jônicos. Mas qual não foi a sua surpresa quando, ao atingir a terra, o raio de sol pareceu evocar, ou iluminar, uma pirâmide, hecatombe ou troféu (pois tinha uma espécie de ar de mesa de banquete) - um conglomerado, pelo menos, dos objetos mais heterogêneos e mal variados, empilhados desordenadamente em um vasto monte onde agora está a estátua da Rainha Vitória! Envolvidos em torno de uma vasta cruz de ouro ornamentado e florido estavam as ervas daninhas da

viúva e os véus de noiva; ligados a outras excrescências estavam palácios de cristal, berços, capacetes militares, coroas memoriais, calças, bigodes, bolos de casamento, canhões, árvores de Natal, telescópios, monstros extintos, globos, mapas, elefantes e instrumentos matemáticos - tudo apoiado como um gigantesco brasão no lado direito por uma figura feminina vestida de branco esvoaçante; à esquerda, por um senhor corpulento, vestindo sobrecasaca e calças de saco esponja. A incongruência dos objetos, a associação entre o totalmente vestido e o parcialmente drapeado, a extravagância das diferentes cores e suas justaposições em estilo xadrez afligiram Orlando com a mais profunda consternação. Ela nunca tinha visto, em toda a sua vida, algo tão indecente, tão hediondo e tão monumental. Poderia, e de fato deveria ser, o efeito do sol sobre o ar encharcado; desapareceria com a primeira brisa que soprasse; mas, apesar de tudo, parecia, enquanto ela passava, que estava destinado a durar para sempre. Nada, ela sentiu, afundando-se no canto de sua carruagem, nenhum vento, chuva, sol ou trovão, poderia demolir aquela ereção extravagante. Apenas os narizes ficariam manchados e as trombetas enferrujariam; mas ali permaneceriam, apontando para leste, oeste, sul e norte, eternamente. Ela olhou para trás enquanto seu treinador subia Constitution Hill. Sim, lá estava ele, ainda brilhando placidamente numa luz que - ela tirou o relógio do chaveiro - era, claro, a luz do meio-dia. Nenhum outro poderia ser tão prosaico, tão prático, tão imune a qualquer indício de amanhecer ou pôr do sol, tão aparentemente calculado para durar para sempre. Ela estava determinada a não olhar novamente. Ela já sentia as marés de seu sangue correrem lentamente. Mas o que era mais peculiar, um rubor, vívido e singular, espalhou-se por suas bochechas quando ela passou pelo Palácio de Buckingham e seus olhos pareciam forçados por um poder superior a cair

sobre seus joelhos. De repente, ela viu com um sobressalto que estava usando calças pretas. Ela nunca parou de corar até chegar à sua casa de campo, o que, considerando o tempo que quatro cavalos levam para trotar trinta milhas, será considerado, esperamos, como uma prova evidente de sua castidade.

Uma vez lá, ela seguiu o que agora se tornara a necessidade mais imperiosa de sua natureza e envolveu-se o melhor que pôde numa colcha de damasco que pegou da cama. Ela explicou à viúva Bartholomew (que sucedeu ao bom e velho Grimsditch como governanta) que sentia frio.

"Todos nós também, senhora", disse a Viúva, soltando um suspiro profundo. "As paredes estão suando", disse ela, com uma complacência curiosa e lúgubre, e, com certeza, bastava colocar a mão nos painéis de carvalho para que as impressões digitais ficassem ali marcadas. A hera tinha crescido tão abundantemente que muitas janelas estavam agora fechadas. A cozinha estava tão escura que mal conseguiam distinguir uma chaleira de um cullender. Um pobre gato preto foi confundido com carvão e jogado no fogo. A maioria das criadas já usava três ou quatro anáguas de flanela vermelha, embora o mês fosse agosto.

"Mas é verdade, senhora", perguntou a boa mulher, abraçando-se, enquanto o crucifixo dourado pesava sobre seu peito, "que a Rainha, abençoada seja, está usando um, como você chama, um — -", a boa mulher hesitou e corou.

"Uma crinolina", Orlando ajudou-a (pois a notícia chegou aos Blackfriars). A Sra. Bartholomew assentiu. As lágrimas já escorriam por seu rosto, mas enquanto ela chorava ela sorriu. Pois era agradável chorar. Não eram todas mulheres fracas? usar crinolinas para melhor esconder o fato; o grande fato; o único fato; mas, no entanto, o fato deplorável; que toda mulher modesta

fazia o possível para negar até que a negação fosse impossível; o fato de que ela estava prestes a ter um filho? ter realmente quinze ou vinte filhos, de modo que a maior parte da vida de uma mulher modesta era passada, afinal, negando o que, pelo menos um dia por ano, se tornava óbvio.

"Os muffins continuam bons", disse a Sra. Bartholomew, enxugando as lágrimas, "na biblioteca."

E, envolto numa colcha de damasco, Orlando sentou-se agora diante de um prato de muffins.

"Os muffins não ficam na geladeira" - Orlando mediu a horrível frase cockney no refinado sotaque cockney da Sra. Bartholomew enquanto ela bebia - mas não, ela detestava o líquido suave - seu chá. Foi nesta mesma sala, ela lembrou, que a Rainha Elizabeth estava montada na lareira com um jarro de cerveja na mão, que ela derramou de repente sobre a mesa quando Lord Burghley usou sem tato o imperativo em vez do subjuntivo. "Homenzinho, homenzinho", - Orlando pôde ouvi-la dizer - "é 'deve' uma palavra para ser dirigida a príncipes?" E o jarro caiu sobre a mesa: ainda havia a marca dele.

Mas quando Orlando se levantou de um salto, como o simples pensamento daquela grande Rainha ordenava, a colcha da cama a fez tropeçar e ela caiu para trás na poltrona, xingando. Amanhã teria de comprar vinte metros ou mais de bombazina preta, supôs, para fazer uma saia. E então (aqui ela corou), ela teria que comprar uma crinolina, e então (aqui ela corou) um berço, e depois outra crinolina, e assim por diante... Os rubores iam e vinham com a mais requintada iteração de modéstia e vergonha imaginável. Poderíamos ver o espírito da época soprando, ora quente, ora frio, em suas bochechas. E se o espírito da época soprou um pouco desigualmente, ficando a crinolina corada diante do marido, a sua posição ambígua deve desculpar-

lhe (até o seu sexo ainda estava em disputa) e a vida irregular que vivera antes.

Por fim, a cor de suas bochechas recuperou a estabilidade e parecia que o espírito da época - se é que realmente existia - permaneceu adormecido por um tempo. Então Orlando apalpou o peito de sua camisa como se procurasse algum medalhão ou relíquia de afeição perdida, e não tirou nada disso, mas um rolo de papel, manchado de mar, manchado de sangue, manchado de viagem - o manuscrito de seu poema, "O Carvalho". Ela carregava isso consigo há tantos anos, e em circunstâncias tão perigosas, que muitas das páginas estavam manchadas, algumas estavam rasgadas, enquanto as dificuldades que ela enfrentou para escrever papel quando estava com os ciganos a forçaram a ultrapassar as margens e cruzar as linhas até que o manuscrito parecesse um pedaço de cerzido executado com muito cuidado. Ela voltou para a primeira página e leu a data, 1586, escrita com sua própria caligrafia infantil. Ela vinha trabalhando nisso há quase trezentos anos. Era hora de acabar. E então ela começou a virar e a mergulhar e a ler e a pular e a pensar enquanto lia como havia mudado muito pouco em todos esses anos. Ela tinha sido um menino sombrio, apaixonado pela morte, como os meninos; e então ela foi amorosa e floreada; e então ela foi alegre e satírica; e às vezes ela tentava a prosa e às vezes tentava o drama. No entanto, apesar de todas essas mudanças, ela permaneceu, refletiu ela, fundamentalmente a mesma. Ela tinha o mesmo temperamento taciturno e meditativo, o mesmo amor pelos animais e pela natureza, a mesma paixão pelo campo e pelas estações.

"Afim", pensou ela, levantando-se e indo até a janela, "nada mudou. A casa, o jardim estão exatamente como eram. Nenhuma cadeira foi movida, nenhuma bugiganga foi vendida. Há os mesmos passeios, os mesmos gramados, as mesmas árvores e a mesma piscina, com, ousado dizer, a mesma

carpa dentro. É verdade que a Rainha Vitória está no trono e não a Rainha Elizabeth, mas que diferença..."

Assim que o pensamento tomou forma, como que para repreendê-lo, a porta se escancarou e entrou Basket, o mordomo, seguido por Bartholomew, a governanta, para retirar o chá. Orlando, que acabara de molhar a caneta na tinta e estava prestes a fazer alguma reflexão sobre a eternidade de todas as coisas, ficou muito irritado ao ser impedido por uma mancha que se espalhou e serpenteou em torno de sua caneta. Era alguma enfermidade da pena, ela supôs; estava dividido ou sujo. Ela mergulhou novamente. A mancha aumentou. Ela tentou continuar com o que estava dizendo; nenhuma palavra veio. Em seguida, ela tentou decorar a mancha com asas e bigodes, até que ela se tornou um monstro de cabeça redonda, algo entre um morcego e um vombate. Mas quanto a escrever poesia com Basket e Bartholomew na sala, era impossível. Assim que ela disse "Impossível", para seu espanto e alarme, a caneta começou a curvar-se e a caracolar com a fluência mais suave possível. Sua página estava escrita com a caligrafia italiana mais elegante e inclinada, com o verso mais insípido que ela já havia lido em sua vida:

Eu mesmo sou apenas um elo vil Em meio à cansativa corrente da vida, Mas pronunciei palavras sagradas, Oh, não diga em vão! Será que a jovem donzela, quando suas lágrimas, Sozinhas ao luar brilharem, Lágrimas pelos ausentes e pelos amados, Murmúrio — — —

ela escreveu sem parar enquanto Bartholomew e Basket grunhiam e gemiam pela sala, consertando o fogo, pegando os muffins.

Mais uma vez ela mergulhou a caneta e foi embora...

Ela estava tão mudada, a suave nuvem de cravo Uma vez cobrindo sua bochecha como aquela que paira sobre o céu, brilhando com tonalidade rosada, Desapareceu na palidez, quebrada por brilhantes rubores ardentes, tochas da tumba,

mas aqui, com um movimento abrupto, ela derramou a tinta sobre a página e apagou-a da vista humana, como esperava para sempre. Ela era toda uma aljava, toda um ensopado. Nada mais repulsivo poderia ser imaginado do que sentir a tinta fluindo assim em cascatas de inspiração involuntária. O que aconteceu com ela? Foi a umidade, foi Bartolomeu, foi Basket, o que foi? ela exigiu. Mas a sala estava vazia. Ninguém lhe respondeu, a menos que o gotejar da chuva na hera pudesse ser considerado uma resposta.

Enquanto isso, ela tomou consciência, enquanto estava na janela, de um extraordinário formigamento e vibração por todo o seu corpo, como se ela fosse feita de mil fios sobre os quais alguma brisa ou dedos errantes tocassem escalas. Agora seus dedos dos pés formigavam; agora sua medula. Ela teve as sensações mais estranhas em relação aos ossos da coxa. Seus cabelos pareciam se arrepiar. Seus braços cantavam e vibravam como os fios do telégrafo cantariam e vibrariam dentro de vinte anos ou mais. Mas toda essa agitação pareceu finalmente concentrar-se em suas mãos; e depois em uma mão, e depois em um dedo dessa mão, e finalmente contrair-se de modo que formasse um anel de sensibilidade trêmula em torno do segundo dedo da mão esquerda. E quando ela o ergueu para ver o que causava aquela agitação, não viu nada — nada além da vasta e solitária esmeralda que a rainha Elizabeth lhe dera. E isso não foi suficiente? ela perguntou. Era da melhor água. Valia pelo menos dez mil libras. A vibração parecia, da maneira mais estranha (mas lembrem-se que estamos lidando com algumas das manifestações mais sombrias da alma humana), dizer Não, isso não é

suficiente; e, ainda, assumir uma nota de interrogação, como se estivessem perguntando: o que significa esse hiato, esse estranho descuido? até que o pobre Orlando sentiu-se positivamente envergonhado do segundo dedo da mão esquerda, sem saber ao menos por quê. Nesse momento, Bartholomew entrou para perguntar que vestido ela deveria preparar para o jantar, e Orlando, cujos sentidos estavam muito aguçados, instantaneamente olhou para a mão esquerda de Bartholomew e percebeu instantaneamente o que ela nunca havia notado antes - um anel grosso de um amarelo um tanto icterício circulando o segundo dedo onde o seu estava descoberto.

"Deixe-me ver o seu anel, Bartholomew", disse ela, estendendo a mão para pegá-lo.

Com isso, Bartolomeu fez como se tivesse levado um golpe no peito de um bandido. Ela recuou um ou dois passos, cerrou a mão e a afastou com um gesto extremamente nobre. "Não", disse ela, com dignidade resoluta, Sua Senhoria poderia olhar se quisesse, mas quanto a tirar a aliança de casamento, nem o Arcebispo, nem o Papa, nem a Rainha Vitória no seu trono poderiam forçá-la a fazer isso. Seu Thomas colocou-o em seu dedo há vinte e cinco anos, seis meses, três semanas; ela havia dormido nele; trabalhou nisso; lavado nele; orou nele; e propôs ser enterrado nele. Na verdade, Orlando entendeu que ela dissesse, mas sua voz estava muito entrecortada pela emoção, que seria pelo brilho de sua aliança de casamento que ela receberia sua posição entre os anjos e que seu brilho ficaria manchado para sempre se ela a deixasse escapar por um segundo.

"Que Deus nos ajude", disse Orlando, parado na janela e observando as brincadeiras dos pombos. "Em que mundo vivemos! Que mundo, com certeza." Suas complexidades a surpreenderam. Agora lhe parecia que o

mundo inteiro estava rodeado de ouro. Ela entrou para jantar. As alianças de casamento eram abundantes. Ela foi à igreja. As alianças de casamento estavam por toda parte. Ela foi embora. Dourados, ou pinchbeck, finos, grossos, lisos, lisos, brilhavam fracamente em todas as mãos. Os anéis enchiam as joalherias, não as pastas brilhantes e os diamantes das lembranças de Orlando, mas simples pulseiras sem nenhuma pedra. Ao mesmo tempo, ela começou a notar um novo hábito entre as pessoas da cidade. Antigamente, era comum encontrar um menino brincando com uma menina sob uma cerca viva de espinheiro. Orlando havia acertado muitos com a ponta do chicote, rido e ido embora. Agora, tudo isso mudou. Casais caminhavam com dificuldade no meio da estrada, indissolúvelmente ligados. A mão direita da mulher passava invariavelmente pela esquerda do homem e os dedos dela eram firmemente agarrados aos dele. Muitas vezes, só quando os cavalos estavam com o focinho neles é que eles se moviam, e então, embora se movessem, tudo ficava inteiro, pesadamente, para o lado da estrada. Orlando só podia supor que alguma nova descoberta tivesse sido feita sobre a raça; eles estavam de alguma forma grudados, casal após casal, mas ela não conseguia adivinhar quem havia conseguido e quando. Não parecia ser a Natureza. Ela olhou para as pombas, os coelhos e os cães de caça e não conseguiu ver que a Natureza tivesse mudado seus hábitos ou os consertado, pelo menos desde a época de Elizabeth. Não havia nenhuma aliança indissolúvel entre os brutos que ela pudesse ver. Poderia então ser a Rainha Vitória ou Lord Melbourne? Foi deles que procedeu a grande descoberta do casamento? No entanto, ponderou ela, dizia-se que a rainha gostava de cães, e que lorde Melbourne, ela ouvira dizer, gostava de mulheres. Foi estranho - foi desagradável; na verdade, havia algo nesta indissolubilidade dos corpos que era repugnante ao seu sentido de decência

e higiene. Suas rumações, porém, eram acompanhadas por um tal formigamento e formigamento no dedo afetado que ela mal conseguia manter suas idéias em ordem. Eles estavam definhando e cobiçando como fantasias de uma empregada doméstica. Eles a fizeram corar. Não havia nada a fazer senão comprar uma daquelas pulseiras feias e usá-la como as outras. Ela fez isso, deslizando-o, dominada pela vergonha, sobre o dedo, à sombra de uma cortina; mas sem sucesso. O formigamento persistiu com mais violência, mais indignação do que nunca. Ela não dormiu nada naquela noite. Na manhã seguinte, quando ela pegou a caneta para escrever, ou ela não conseguia pensar em nada, e a caneta deixava uma grande mancha lacrimosa atrás da outra, ou ela se afastava, de forma ainda mais alarmante, em fluências melífluas sobre morte prematura e corrupção, que eram piores do que não pensar. Pois parece - o caso dela provou isso - que escrevemos, não com os dedos, mas com a pessoa inteira. O nervo que controla a caneta envolve cada fibra do nosso ser, atravessa o coração, perfura o fígado. Embora a origem de seu problema parecesse ser o dedo esquerdo, ela podia sentir-se completamente envenenada e foi forçada a considerar o mais desesperado dos remédios, que era render-se completa e submissamente ao espírito da época e arranjar um marido.

Que isso ia contra o seu temperamento natural, ficou suficientemente claro. Quando o som das rodas da carruagem do arquiduque desapareceu, o grito que lhe subiu aos lábios foi "Vida! Um Amante!" não "Vida! Um marido!" e foi em busca desse objetivo que ela foi para a cidade e correu pelo mundo, como foi mostrado no capítulo anterior. Contudo, tal é a natureza indomável do espírito da época, que ele derruba qualquer um que tente se opor a ele com muito mais eficácia do que aqueles que se curvam em seu próprio caminho. Orlando inclinara-se naturalmente para o espírito elisabetano, para o espírito

da Restauração, para o espírito do século XVIII e, em consequência, mal se apercebeu da mudança de uma época para outra. Mas o espírito do século XIX era extremamente antipático com ela e, portanto, agarrou-a e quebrou-a, e ela teve consciência da sua derrota nas suas mãos como nunca antes. Pois é provável que o espírito humano tenha o seu lugar no tempo atribuído a ele; alguns nascem nesta idade, outros naquela; e agora que Orlando se tornara mulher, um ou dois anos depois dos trinta, na verdade, as linhas de seu caráter estavam fixas, e dobrá-las para o lado errado era intolerável.

Então ela ficou triste diante da janela da sala de estar (Bartolomeu batizara assim a biblioteca), arrastada pelo peso da crinolina que ela havia adotado submissamente. Era mais pesado e mais monótono do que qualquer vestido que ela já usara. Ninguém jamais impediu seus movimentos. Já não conseguia caminhar pelo jardim com os seus cães, nem correr com leveza até ao monte alto e atirar-se para debaixo do carvalho. Suas saias acumulavam folhas úmidas e palha. O chapéu emplumado foi jogado pela brisa. Os sapatos finos ficaram rapidamente encharcados e cobertos de lama. Seus músculos haviam perdido a flexibilidade. Ela ficou nervosa com a possibilidade de haver ladrões atrás dos lambris e com medo, pela primeira vez na vida, de fantasmas nos corredores. Todas estas coisas inclinaram-na, passo a passo, a submeter-se à nova descoberta, quer da rainha Vitória quer de outra, de que cada homem e cada mulher tem outro atribuído a si durante a vida, a quem apoia, por quem é apoiado, até que a morte os separe. Seria um conforto, ela sentiu, inclinar-se; sentar; sim, deitar-se; nunca, nunca, nunca mais se levantar. Assim o espírito trabalhou sobre ela, apesar de todo o seu orgulho passado, e à medida que ela descia a escala da emoção até aquele local de alojamento humilde e incomum, aqueles tremores e formigamentos que haviam sido tão capciosos e tão interrogativos foram modulados nas mais

doces melodias, até que parecia que os anjos estavam dedilhando as cordas da harpa com dedos brancos e todo o seu ser estava permeado por uma harmonia seráfica.

Mas em quem ela poderia se apoiar? Ela fez aquela pergunta sobre os ventos selvagens do outono. Pois já era outubro e estava chuvoso como sempre. Não o arquiduque; ele se casou com uma senhora muito importante e já há muitos anos caçava lebres na Romênia; nem o Sr. M.; ele se tornou católico; nem o Marquês de C.; ele fez sacos em Botany Bay; nem o Senhor O.; ele há muito era alimento para peixes. De uma forma ou de outra, todos os seus antigos amigos já tinham ido embora, e os Nell e os Kits de Drury Lane, embora ela os favorecesse, dificilmente se apoiavam neles.

"Em quem", perguntou ela, lançando os olhos para as nuvens que giravam, juntando as mãos, enquanto se ajoelhava no parapeito da janela e olhando a própria imagem de uma feminilidade atraente ao fazê-lo, "em quem posso me apoiar?" Suas palavras se formaram, suas mãos se entrelaçaram, involuntariamente, exatamente como sua caneta havia escrito por conta própria. Não foi Orlando quem falou, mas o espírito da época. Mas seja lá o que for, ninguém respondeu. As gralhas caíam desordenadamente entre as nuvens violetas do outono. A chuva finalmente havia parado e havia uma iridescência no céu que a tentou a colocar o chapéu de plumas e os sapatinhos de cadarço e sair antes do jantar.

"Todo mundo está acasalado, exceto eu", ela refletiu, enquanto caminhava desconsolada pelo pátio. Lá estavam as gralhas; Até mesmo Canute e Pippin — por mais transitórias que fossem suas alianças, ainda naquela noite cada um parecia ter um parceiro. "Enquanto eu, que sou dona de tudo", pensou Orlando, olhando ao passar pelas inúmeras janelas estampadas do salão,

“sou solteiro, não tenho companheiro, estou sozinho”.

Tais pensamentos nunca haviam passado pela sua cabeça antes. Agora eles a derrubavam de forma inevitável. Em vez de abrir o portão, ela bateu com a mão enluvada para que o porteiro o desabotoasse para ela. É preciso apoiar-se em alguém, pensou ela, mesmo que seja apenas num porteiro; e metade queria ficar para trás e ajudá-lo a grelhar a costeleta num balde de brasas, mas era tímido demais para pedir isso. Então ela foi sozinha para o parque, a princípio vacilando e apreensiva com a possibilidade de que houvesse caçadores furtivos, guardas de caça ou mesmo mensageiros que se maravilhassem com o fato de uma grande dama caminhar sozinha.

A cada passo ela olhava nervosamente, temendo que alguma forma masculina estivesse escondida atrás de um arbusto de tojo ou alguma vaca selvagem estivesse abaixando os chifres para derrubá-la. Mas havia apenas as gralhas ostentando no céu. Uma pluma azul-azó de um deles caiu entre a urze. Ela adorava penas de pássaros selvagens. Ela costumava colecioná-los quando menino. Ela o pegou e enfiou no chapéu. O ar soprou um pouco sobre seu espírito e o reviveu. Enquanto as gralhas giravam e giravam acima de sua cabeça e pena após pena caíam brilhando no ar arroxeadado, ela os seguiu, seu longo manto flutuando atrás dela, sobre a charneca, colina acima. Ela não andava tão longe há anos. Ela pegou seis penas da grama e as puxou entre as pontas dos dedos e as pressionou contra os lábios para sentir sua plumagem suave e brilhante, quando viu, brilhando na encosta da colina, um lago prateado, misterioso como o lago no qual Sir Bedivere arremessou a espada de Arthur. Uma única pena estremeceu no ar e caiu no meio dele. Então, um estranho êxtase tomou conta dela. Alguma ideia maluca que ela tinha de seguir os pássaros até a borda do mundo e se jogar na grama esponjosa e ali beber o esquecimento, enquanto a risada rouca das gralhas

soava sobre ela. Ela acelerou o passo; ela correu; ela tropeçou; as duras raízes da urze a atiraram ao chão. Seu tornozelo estava quebrado. Ela não conseguia se levantar. Mas lá ela ficou satisfeita. O perfume da murta do pântano e da erva-doce estava em suas narinas. A risada rouca das gralhas estava em seus ouvidos. "Eu encontrei meu companheiro", ela murmurou. "É a charneca. Eu sou a noiva da natureza", ela sussurrou, entregando-se em êxtase aos abraços frios da grama enquanto estava deitada enrolada em seu manto na depressão à beira do lago. "Aqui vou mentir. (Uma pena caiu sobre sua testa.) Encontrei um louro mais verde que a baía. Minha testa sempre estará fresca. Estas são penas de pássaros selvagens - as corujas, os noitibós. Terei sonhos selvagens. Minhas mãos não usarão aliança de casamento", ela continuou, tirando-a de seu dedo. "As raízes se enrolarão neles. Ah!" ela suspirou, pressionando a cabeça luxuosamente em seu travesseiro esponjoso: "Eu procurei a felicidade por muitos anos e não a encontrei; a fama e a perdi; o amor e não a conheci; a vida - e eis que a morte é melhor. Conheci muitos homens e muitas mulheres", ela continuou; "Eu não entendi nada. É melhor que eu fique em paz aqui, apenas com o céu acima de mim - como o cigano me disse anos atrás. Isso foi na Turquia." E ela olhou diretamente para cima, para a maravilhosa espuma dourada em que as nuvens se agitavam, e viu no momento seguinte uma trilha nela, e camelos passando em fila indiana pelo deserto rochoso entre nuvens de poeira vermelha; e então, quando os camelos passaram, só havia montanhas, muito altas e cheias de fendas e com pináculos de rocha, e ela imaginou ter ouvido sinos de cabra tocando em suas passagens, e em suas dobras havia campos de íris e gencianas. Então o céu mudou e seus olhos desceram lentamente até chegarem à terra escurecida pela chuva e verem a grande protuberância de South Downs, fluindo em uma única onda ao longo da costa; e onde a terra se dividia, ali

estava o mar, o mar com os navios passando; e ela imaginou ter ouvido um canhão no mar, e pensou a princípio: "Essa é a Armada", e depois pensou: "Não, é o Nelson", e então se lembrou de como aquelas guerras terminaram e os navios eram navios mercantes ocupados; e as velas do rio sinuoso eram de barcos de recreio. Ela viu também gado espalhado pelos campos escuros, ovelhas e vacas, e viu as luzes vindo aqui e ali nas janelas das casas de fazenda, e lanternas movendo-se entre o gado enquanto o pastor e o vaqueiro faziam suas rondas; e então as luzes se apagaram e as estrelas surgiram e se enredaram no céu. Na verdade, ela estava adormecendo com as penas molhadas no rosto e o ouvido encostado no chão quando ouviu, lá no fundo, um martelo na bigorna, ou seria um coração batendo? Tic-tac, tic-tac, assim martelava, assim batia, a bigorna, ou o coração no meio da terra; até que, enquanto ouvia, ela pensou que tinha mudado para o trote dos cascos de um cavalo; um, dois, três, quatro, ela contou; então ela ouviu um tropeço; então, à medida que se aproximava cada vez mais, ela ouviu o estalar de um galho e o ruído do pântano úmido em seus cascos. O cavalo estava quase em cima dela. Ela sentou-se ereta. Elevando-se escuro contra o céu amarelo cortado da madrugada, com as tarambolas subindo e descendo ao seu redor, ela viu um homem a cavalo. Ele começou. O cavalo parou.

"Senhora", gritou o homem, saltando no chão, "você está ferida!"

"Estou morto, senhor!" ela respondeu.

Poucos minutos depois, eles ficaram noivos.

Na manhã seguinte, enquanto tomavam o café da manhã, ele lhe disse seu nome. Era Marmaduke Bonthrop Shelmerdine, Esquire.

"Eu sabia!" ela disse, pois havia algo romântico e cavalheiresco, apaixonado, melancólico, mas determinado nele, que combinava com o nome selvagem e de plumas escuras - um nome que tinha em sua mente o brilho azul-azul das asas das gralhas, o riso rouco de seus grasnados, a descida serpenteante de suas penas em um lago prateado e milhares de outras coisas além disso, que serão descritas em breve.

"O meu é Orlando", disse ela. Ele havia adivinhado. Pois se você vir um navio a todo vapor vindo com o sol varrendo orgulhosamente o Mediterrâneo vindo dos mares do Sul, dir-se-á imediatamente: "Orlando", explicou ele.

Na verdade, embora o seu conhecimento tenha sido tão curto, eles adivinharam, como sempre acontece entre os amantes, tudo o que havia de importante um sobre o outro em dois segundos no máximo, e agora faltava apenas preencher detalhes tão sem importância como o nome deles; onde moravam; e se eram mendigos ou pessoas ricas. Ele tinha um castelo nas Hébridas, mas estava em ruínas, disse-lhe. Gannets festejaram no salão de banquetes. Ele foi soldado e marinheiro e explorou o Oriente. Ele estava a caminho para se juntar ao seu brigue em Falmouth, mas o vento havia diminuído e só quando o vendaval soprou do sudoeste é que ele pôde navegar. Orlando olhou apressadamente pela janela da sala de café da manhã para o leopardo dourado no cata-vento. Felizmente, sua cauda apontava para leste e era firme como uma rocha. "Oh! Shel, não me deixe!" ela chorou. "Estou apaixonadamente apaixonada por você", disse ela. Assim que as palavras saíram de sua boca, uma terrível suspeita invadiu as mentes de ambos simultaneamente.

"Você é uma mulher, Shel!" ela chorou.

"Você é um homem, Orlando!" ele gritou.

Nunca houve tal cena de protesto e manifestação como aquela que ocorreu desde que o mundo começou. Quando tudo acabou e eles se sentaram novamente, ela perguntou a ele: o que era essa conversa sobre vendaval do sudoeste? Para onde ele estava indo?

"Para o Horn", ele disse brevemente, e corou. (Pois um homem tinha que corar como uma mulher, só que por coisas bem diferentes.) Foi apenas à força de grande pressão da parte dela e do uso de muita intuição que ela concluiu que a vida dele foi passada na mais desesperada e esplêndida das aventuras - que é viajar ao redor do Cabo Horn em meio a um vendaval. Os mastros foram arrancados; velas rasgadas em tiras (ela teve que arrancar dele a confissão). Às vezes o navio afundava e ele era o único sobrevivente numa jangada com um biscoito.

"É tudo o que um sujeito pode fazer hoje em dia", disse ele timidamente, e serviu-se de grandes colheradas de geleia de morango. A visão que ela teve então deste menino (pois ele era um pouco mais) chupando balas de hortelã, pela qual ele tinha uma paixão, enquanto os mastros estalavam e as estrelas giravam e ele rugia breves ordens para cortar aquilo à deriva, para guardar aquilo ao mar, trouxe lágrimas aos seus olhos, lágrimas, ela notou, de um sabor mais delicado do que qualquer outra que ela havia chorado antes. "Sou uma mulher", pensou ela, "finalmente uma mulher de verdade". Ela agradeceu a Bonthrop do fundo do coração por ter lhe proporcionado esse raro e inesperado deleite. Se ela não fosse manca do pé esquerdo, ela teria se sentado no joelho dele.

"Shel, meu querido", recomeçou ela, "diga-me..." e assim conversaram duas horas ou mais, talvez sobre o Cabo Horn, talvez não, e realmente não adiantaria nada escrever o que disseram, pois se conheciam tão bem que

podiam dizer o que quisessem, o que equivale a não dizer nada, ou dizer coisas tão estúpidas e prosaicas, como como preparar uma omelete, ou onde comprar as melhores botas de Londres, que não têm nenhum brilho tirado de seu ajuste, mas são positivamente de incrível beleza por dentro. isso. Pois aconteceu, pela sábia economia da natureza, que o nosso espírito moderno quase pode prescindir da linguagem; as expressões mais comuns sim, já que nenhuma expressão o faz; portanto, a conversa mais comum é muitas vezes a mais poética, e o mais poético é precisamente aquilo que não pode ser escrito. Por essas razões deixamos aqui um grande espaço em branco, que deve ser interpretado como uma indicação de que o espaço está preenchido até a plenitude.

Depois de mais alguns dias desse tipo de conversa,

"Orlando, meu querido", Shel estava começando, quando houve uma briga lá fora, e Basket, o mordomo, entrou com a informação de que havia dois Peelers lá embaixo com um mandado da Rainha.

"Mostre-os", disse Shelmerdine brevemente, como se estivesse em seu próprio convés, assumindo, por instinto, uma posição com as mãos atrás das costas em frente à lareira. Dois policiais com uniformes verde-garrafa e cassetetes na cintura entraram na sala e ficaram em posição de sentido. Terminadas as formalidades, entregaram nas próprias mãos de Orlando, como era a encomenda, um documento legal de um tipo muito impressionante, a julgar pelas manchas de lacre, pelas fitas, pelos juramentos e pelas assinaturas, que eram todos da mais alta importância.

Orlando passou os olhos por ele e então, usando o primeiro dedo da mão direita como indicador, leu os seguintes fatos como sendo os mais pertinentes ao assunto.

"Os processos estão resolvidos", leu ela... "alguns a meu favor, como por exemplo... outros não. Casamento turco anulado (fui embaixadora em Constantinopla, Shel", explicou ela). "Os filhos foram declarados companheiros ilegítimos (disseram que eu tinha três filhos com Pepita, uma dançarina espanhola). Então eles não herdam, o que é muito bom... Sexo? Ah! e o sexo? Meu sexo", ela leu com certa solenidade, "é pronunciado indiscutivelmente, e sem sombra de dúvida (o que eu estava lhe contando há pouco, Shel?) Feminino. As propriedades que agora são sequestradas para sempre descem e são vinculadas aos herdeiros masculinos do meu corpo, ou em caso de falta de casamento" - mas aqui ela ficou impaciente com esse palavreado legal e disse: "mas não haverá qualquer falta de casamento, nem de herdeiros também, então o resto pode ser considerado como lido. Ao que ela anexou sua própria assinatura abaixo da de Lord Palmerston e passou a partir daquele momento à posse ininterrupta de seus títulos, sua casa e sua propriedade - que agora estavam tão reduzidos, pois o custo dos processos judiciais havia sido prodigioso, que embora ela fosse infinitamente nobre novamente, ela também era excessivamente pobre.

Quando o resultado do processo foi divulgado (e os boatos correram muito mais rápido que o telégrafo que os suplantou), toda a cidade se encheu de alegria.

[Os cavalos foram colocados em carruagens com o único propósito de serem retirados. Carruagens e landaus vazios circulavam incessantemente pela High Street. Os endereços foram lidos na bula. As respostas foram feitas pelo Stag. A cidade estava iluminada. Os caixões de ouro foram selados com segurança em caixas de vidro. As moedas estavam bem e devidamente colocadas sob as pedras. Hospitais foram fundados. Foram inaugurados os clubes Rato e Pardal. Dezenas de mulheres turcas foram queimadas em

efígies no mercado, juntamente com dezenas de rapazes camponeses com o rótulo "Sou um pretendente vil", pendendo das suas bocas. Os pôneis creme da Rainha logo foram vistos trotando pela avenida com ordem para ir a Orlando jantar e dormir no Castelo, naquela mesma noite. Sua mesa, como em ocasião anterior, estava inundada de convites da Condessa de R., Lady Q., Lady Palmerston, da Marquesa de P., da Sra. Gladstone e outros, suplicando o prazer de sua companhia, lembrando-a de antigas alianças entre a família deles e a dela, etc.] - tudo isso está devidamente colocado entre colchetes, como acima, pela boa razão de que um parêntese não tinha qualquer importância na vida de Orlando. Ela pulou para continuar com o texto. Pois quando as fogueiras ardiam no mercado, ela estava sozinha na floresta escura com Shelmerdine. O tempo estava tão bom que as árvores estendiam seus galhos imóveis acima delas, e se uma folha caísse, ela caía, manchada de vermelho e dourado, tão lentamente que era possível observá-la por meia hora esvoaçando e caindo até que finalmente parou no pé de Orlando.

"Diga-me, Mar", dizia ela (e aqui é preciso explicar que, quando o chamava pela primeira sílaba do primeiro nome, ela estava com um humor sonhador, amoroso, aquiescente, doméstica, um pouco lânguida, como se lenha temperada estivesse queimando, e fosse noite, mas ainda não era hora de se vestir, e um pensamento molhado talvez lá fora, o suficiente para fazer as folhas brilharem, mas um rouxinol poderia estar cantando mesmo assim entre as azáleas, dois ou três cachorros latindo para fazendas distantes, um galo cantando - tudo isso o leitor deve imaginar em sua voz) - "Conte-me, Mar", ela dizia, "sobre o Cabo Horn". Então Shelmerdine faria um pequeno modelo no chão do Cabo com galhos e folhas mortas e uma ou duas conchas de caracol vazias.

"Aqui está o norte", ele dizia. "Lá está o sul. O vento está vindo daqui. Agora o Brig está navegando para oeste; acabamos de baixar a mezena da lança superior; e então você vê - aqui, onde está este pedaço de grama, ele entra na corrente que você encontrará marcada - onde estão meu mapa e bússolas, Bo'sun? - Ah! obrigado, isso basta, onde está a concha do caracol. A corrente a pega no lado de estibordo, então devemos equipar a bujarrona ou seremos carregados para bombordo, que é onde está aquela folha de faia, - pois você deve entender, minha querida -" e assim ele continuava, e ela ouvia cada palavra; interpretá-los bem, para ver, isto é, sem ter que contar a ela, a fosforescência nas ondas, os pingentes de gelo tilintando nas mortalhas; como ele subiu ao topo do mastro num vendaval; ali refletiu sobre o destino do homem; desceu novamente; tomou um uísque com refrigerante; desembarcou; foi preso por uma mulher negra; se arrependeu; raciocinou; leu Pascal; determinado a escrever filosofia; comprou um macaco; debateu o verdadeiro fim da vida; decidiu a favor do Cabo Horn, e assim por diante. Tudo isso e mil outras coisas ela entendeu que ele dizia e então quando ela respondeu: Sim, as negras são sedutoras, não são? tendo lhe contado que o suprimento de biscoitos havia acabado, ele ficou surpreso e encantado ao descobrir como ela havia entendido bem o que ele queria dizer.

"Você tem certeza de que não é um homem?" ele perguntava ansiosamente, e ela repetia,

"Será possível que você não seja uma mulher?" e então eles devem colocá-lo à prova sem mais delongas. Pois cada um ficou tão surpreso com a rapidez da simpatia do outro, e foi para cada um uma revelação tão grande que uma mulher poderia ser tão tolerante e de fala livre quanto um homem, e um homem tão estranho e sutil quanto uma mulher, que eles tiveram que colocar a questão à prova imediatamente.

E assim continuariam a falar, ou melhor, a compreender, o que se tornou a principal arte da fala numa época em que as palavras se tornam diariamente tão escassas em comparação com as ideias que "os biscoitos acabaram" significa beijar uma negra no escuro quando se acaba de ler a filosofia do Bispo Berkeley pela décima vez. (E daí resulta que só os mais profundos mestres do estilo podem dizer a verdade, e quando se encontra um simples escritor monossilábico, pode-se concluir, sem qualquer dúvida, que o pobre homem está mentindo).

Então eles conversavam; e então, quando seus pés estavam bastante cobertos de folhas manchadas de outono, Orlando se levantava e caminhava sozinho pelo coração da floresta, deixando Bonthrop sentado entre as conchas dos caracóis, fazendo modelos do Cabo Horn. "Bonthrop", ela dizia, "estou indo", e quando o chamava pelo segundo nome, "Bonthrop", isso deveria significar para o leitor que ela estava com um humor solitário, sentia os dois como partículas em um deserto, desejava apenas encontrar a morte sozinha, pois as pessoas morrem diariamente, morrem nas mesas de jantar, ou assim, ao ar livre, nas florestas de outono; e com as fogueiras acesas e Lady Palmerston ou Lady Derby convidando-a para jantar todas as noites, o desejo de morte a dominava, e assim dizendo "Bonthrop", ela dizia na verdade: "Estou morta", e abriu caminho como um espírito faria através das faias de uma palidez espectral, e então remou profundamente na solidão como se o pequeno lampejo de barulho e movimento tivesse acabado e ela estivesse livre agora para seguir seu caminho - tudo o que o leitor deveria ouvir em sua voz quando ela dissesse "Bonthrop"; e deveria acrescentar também, para melhor iluminar a palavra, que também para ele a palavra significava, misticamente, separação e isolamento e o desencarnado andando pelo convés de seu brigue em mares insondáveis.

Depois de algumas horas de morte, de repente um gaio gritou “Shelmerdine” e, curvando-se, ela pegou um daqueles açafrões de outono que para algumas pessoas significam essa mesma palavra, e colocou-o junto com a pena do gaio que caiu azul através das florestas de faias, em seu peito. Então ela chamou “Shelmerdine” e a palavra correu de um lado para o outro pela floresta e o atingiu onde ele estava sentado, fazendo modelos com conchas de caracol na grama. Ele a viu e ouviu-a vindo até ele com o açafrão e a pena de gaio no peito, e gritou “Orlando”, o que significava (e devemos lembrar que quando cores vivas como o azul e o amarelo se misturam em nossos pensamentos, algumas delas se refletem em nossas palavras) primeiro o arqueamento e o balanço das samambaias como se algo estivesse rompendo, o que provou ser um navio a todo vapor, balançando e balançando um pouco sonhadoramente, como se ela tivesse um ano inteiro de verão. dias para fazer sua viagem; e então o navio desce, balançando para um lado, balançando para aquele lado, nobremente, indolentemente e cavalga sobre a crista desta onda e afunda na cavidade daquela, e então, de repente, fica sobre você (que está em um pequeno barco como uma concha de berbigão, olhando para ela) com todas as velas tremendo e então eis que elas caem todas no convés - como Orlando caiu agora na grama ao lado dele.

Oito ou nove dias foram passados assim, mas no dia dez, que foi 26 de outubro, Orlando estava deitado nas samambaias, enquanto Shelmerdine recitava Shelley (cujas obras inteiras ele sabia de cor), quando uma folha que começara a cair lentamente do topo de uma árvore bateu vigorosamente no pé de Orlando. Seguiu-se uma segunda folha e depois uma terceira. Orlando estremeceu e ficou pálido. Foi o vento. Shelmerdine — mas agora seria mais apropriado chamá-lo de Bonthrop — levantou-se de um salto.

“O vento!” ele gritou.

Juntos eles correram pela floresta, o vento cobrindo-os de folhas enquanto corriam, até o grande pátio e através dele e dos pequenos pátios, servos assustados deixando suas vassouras, suas panelas, para segui-los até chegarem à Capela e lá uma dispersão de luzes foi acesa o mais rápido que pôde, uma derrubando este banco, outra apagando aquela vela. Sinos foram tocados. As pessoas foram convocadas. Por fim, lá estava o Sr. Dupper pegando as pontas da gravata branca e perguntando onde estava o livro de orações. E eles colocaram o livro de orações da Rainha Mary em suas mãos e ele procurou apressadamente, agitando as páginas, e disse: "Marmaduke Bonthrop Shelmerdine e Lady Orlando, ajoelhem-se"; e eles se ajoelharam, e agora estavam claros e agora estavam escuros enquanto a luz e a sombra voavam desordenadamente através das janelas pintadas; e entre o bater de inúmeras portas e um som semelhante ao de panelas de latão batendo, o órgão soou, seu rosnado saindo alto e fraco alternadamente, e o Sr. Dupper, que já era um homem muito velho, tentou agora levantar a voz acima do alvoroço e não conseguiu ser ouvido e então tudo ficou quieto por um momento, e uma palavra - poderia ser "as mandíbulas da morte" - soou clara, enquanto todos os servos da propriedade continuavam pressionando com ancinhos e chicotes ainda nas mãos para ouvir, e alguns cantavam em voz alta e outros oravam e agora um pássaro foi arremessado contra a vidraça, e agora houve um trovão, de modo que ninguém ouviu a palavra Obedeça falado ou visto, exceto como um clarão dourado, o anel passa de mão em mão. Tudo era movimento e confusão. E eles se levantaram com o órgão ressoando e os relâmpagos tocando e a chuva caindo e Lady Orlando, com seu anel no dedo, saiu para a quadra com seu vestido fino e segurou o estribo oscilante, pois o cavalo estava freio e freio e a espuma ainda estava em seu flanco, para seu marido montar, o que ele fez com um salto e o cavalo saltou para frente e Orlando, parado ali, gritou Marmaduke Bonthrop Shelmerdine!

e ele respondeu a ela Orlando! e as palavras corriam e circulavam como falcões selvagens juntos entre os campanários e cada vez mais alto, cada vez mais longe, cada vez mais rápido, eles circulavam, até que se chocaram e caíram numa chuva de fragmentos no chão; e ela entrou.

07. Capítulo Seis

Século XX, memória, publicação de O Carvalho e o retorno ao presente.

Orlando entrou em casa. Estava completamente imóvel. Estava muito silencioso. Ali estava o tinteiro: ali estava a caneta; ali estava o manuscrito de seu poema, interrompido no meio de uma homenagem à eternidade. Ela ia dizer, quando Basket e Bartholomew interromperam com as coisas do chá, nada muda. E então, no espaço de três segundos e meio, tudo mudou: ela quebrou o tornozelo, se apaixonou e se casou com Shelmerdine.

Havia a aliança de casamento em seu dedo para provar isso. É verdade que ela mesma o colocou lá antes de conhecer Shelmerdine, mas isso se revelou pior do que inútil. Ela então girou o anel várias vezes, com reverência supersticiosa, tomando cuidado para que ele não escorregasse pela junta do dedo.

“A aliança de casamento tem que ser colocada no segundo dedo da mão esquerda”, disse ela, como uma criança repetindo cautelosamente a lição, “para que tenha alguma utilidade”.

Ela falou assim, em voz alta e com muito mais pompa do que costumava, como se desejasse que alguém cuja boa opinião ela desejasse a ouvisse. Na verdade, ela tinha em mente, agora que finalmente conseguia organizar seus pensamentos, o efeito que seu comportamento teria sobre o espírito da época. Ela estava extremamente ansiosa para ser informada se as medidas que havia tomado para ficar noiva de Shelmerdine e casar-se com ele foram aprovadas. Ela certamente estava se sentindo mais ela mesma. Seu dedo não havia formigado nem uma única vez, nem nada que pudesse contar, desde aquela noite na charneca. No entanto, ela não podia negar que tinha dúvidas.

Ela era casada, é verdade; mas se o marido estivesse sempre navegando ao redor do Cabo Horn, seria isso casamento? Se alguém gostava dele, era casamento? Se alguém gostasse de outras pessoas, era casamento? E, finalmente, se alguém ainda desejasse, mais do que qualquer coisa no mundo, escrever poesia, seria isso o casamento? Ela tinha suas dúvidas.

Mas ela colocaria isso à prova. Ela olhou para o anel. Ela olhou para o tinteiro. Ela se atreveu? Não, ela não fez isso. Mas ela deve. Não, ela não poderia. O que ela deveria fazer então? Desmaiar, se possível. Mas ela nunca se sentiu melhor em sua vida.

"Pendure tudo!" ela gritou, com um toque de seu antigo espírito. "Aqui vai!"

E ela mergulhou o pescoço da caneta profundamente na tinta. Para sua enorme surpresa, não houve explosão. Ela tirou a ponta. Estava molhado, mas não pingando. Ela escreveu. As palavras demoraram um pouco para chegar, mas vieram. Ah! mas eles faziam sentido? ela se perguntou, um pânico tomando conta dela com medo de que pudesse ter participado de algumas de suas pegadinhas involuntárias novamente. Ela leu,

E então cheguei a um campo onde a grama brotando, Estava embotada pelas taças penduradas de fritilares, Sombria e de aparência estrangeira, a flor serpentina, Enfeitada com um roxo fosco, como garotas egípcias...

Neste ponto ela sentiu aquele poder (lembre-se que estamos lidando com as manifestações mais obscuras do espírito humano) que estava lendo sobre seu ombro, dizendo-lhe para parar. Grass, parecia dizer o poder, remontando ao início com uma régua como as governantas usam, está tudo bem; as xícaras penduradas de fritilares - admiráveis; a flor serpentina — um pensamento forte da pena de uma senhora, talvez, mas Wordsworth, sem dúvida, o

sanciona; mas... meninas? As meninas são necessárias? Você tem um marido em Cape, você disse? Ah, bem, isso basta.

E assim o espírito passou.

Orlando agora realizava em espírito (pois tudo isso aconteceu em espírito) uma profunda reverência ao espírito de sua época, tal como - para comparar coisas grandes com pequenas - um viajante, consciente de que tem um maço de charutos no canto de sua mala, faz ao funcionário da alfândega que gentilmente fez um rabisco com giz branco na tampa. Pois ela estava extremamente em dúvida se, se o espírito tivesse examinado cuidadosamente o conteúdo de sua mente, não teria encontrado algo altamente contrabandeado pelo qual ela teria que pagar a multa integral. Ela só havia escapado por um triz. Ela tinha acabado de conseguir, por alguma hábil deferência ao espírito da época, colocando um anel e encontrando um homem numa charneca, amando a natureza e não sendo satírica, cínica ou psicóloga (qualquer uma das quais teria sido descoberta imediatamente), passar no exame com sucesso. E ela soltou um profundo suspiro de alívio, como, de fato, bem poderia fazer, pois a transação entre um escritor e o espírito da época é de infinita delicadeza, e de um bom acordo entre os dois depende toda a fortuna de suas obras. Orlando havia ordenado isso de tal maneira que ela estava em uma posição extremamente feliz; ela não precisa lutar contra sua idade, nem se submeter a ela; ela era parte disso, mas permaneceu ela mesma. Agora, portanto, ela poderia escrever, e ela escreveu. Ela escreveu. Ela escreveu. Ela escreveu.

Agora era novembro. Depois de novembro, vem dezembro. Depois janeiro, fevereiro, março e abril. Depois de abril vem maio. Seguem junho, julho, agosto. O próximo é setembro. Depois outubro, e eis que aqui estamos de

volta a novembro, com um ano inteiro cumprido.

Este método de escrever biografias, embora tenha os seus méritos, é um pouco vazio, talvez, e o leitor, se continuarmos com ele, poderá queixar-se de que poderia recitar o calendário para si mesmo e assim poupar no bolso qualquer quantia que o editor considere adequada cobrar por este livro. Mas o que pode o biógrafo fazer quando o seu tema o colocou na situação em que Orlando nos colocou agora? A vida, como concordam todos cuja opinião vale a pena consultar, é o único assunto adequado para romancista ou biógrafo; a vida, decidiram as mesmas autoridades, não tem nada a ver com sentar-se imóvel numa cadeira e pensar. O pensamento e a vida são como pólos separados. Portanto - já que Orlando está fazendo agora sentar-se numa cadeira e pensar - não há nada a fazer senão recitar o calendário, contar o terço, assoar o nariz, atizar o fogo, olhar pela janela, até que ela termine. Orlando ficou tão quieto que dava para ouvir um alfinete cair. Seria, de fato, que um alfinete tivesse caído! Isso teria sido uma espécie de vida. Ou se uma borboleta tivesse voado pela janela e pousado em sua cadeira, alguém poderia escrever sobre isso. Ou suponhamos que ela tivesse se levantado e matado uma vespa. Então, imediatamente, poderíamos pegar nossas canetas e escrever. Pois haveria derramamento de sangue, mesmo que fosse o sangue de uma vespa. E se matar uma vespa é uma ninharia em comparação com matar um homem, ainda assim é um assunto mais adequado para um romancista ou biógrafo do que esta mera conversa fiada; esse pensamento; isso sentado em uma cadeira dia após dia, com um cigarro e uma folha de papel e uma caneta e um tinteiro. Se ao menos os sujeitos, poderíamos reclamar (pois nossa paciência está se esgotando), tivessem mais consideração por seus biógrafos! O que é mais irritante do que ver o tema de alguém, com quem se despendeu tanto tempo e problemas, escapar

completamente do alcance e se entregar - testemunhar seus suspiros e suspiros, seu rubor, sua palidez, seus olhos ora brilhantes como lâmpadas, ora abatidos como o amanhecer - o que é mais humilhante do que ver toda essa demonstração muda de emoção e excitação passando diante de nossos olhos quando sabemos que o que a causa - pensamento e imaginação - não tem qualquer importância?

Mas Orlando era uma mulher - Lord Palmerston acabara de provar isso. E quando escrevemos a vida de uma mulher, podemos, está acordado, renunciar à nossa exigência de ação e substituí-la pelo amor. O amor, disse o poeta, é toda a existência da mulher. E se olharmos por um momento para Orlando escrevendo em sua mesa, devemos admitir que nunca houve mulher mais adequada para essa vocação. Certamente, como ela é uma mulher, e uma mulher bonita, e uma mulher no auge da vida, ela logo abandonará essa pretensão de escrever e pensar e começará a pensar, pelo menos, em um guarda-caça (e enquanto ela pensar em um homem, ninguém se opõe a que uma mulher pense). E então ela lhe escreverá um pequeno bilhete (e desde que ela escreva pequenos bilhetes, ninguém se opõe a que uma mulher escreva também) e marcará um encontro para o anoitecer de domingo; e o crepúsculo de domingo chegará; e o guarda-caça assobiará debaixo da janela - tudo isso, é claro, a própria essência da vida e o único tema possível para a ficção. Certamente Orlando deve ter feito uma dessas coisas? Infelizmente, mil vezes, infelizmente, Orlando não fez nenhuma delas. Deve-se então admitir que Orlando foi um desses monstros de iniquidade que não amam? Ela era gentil com os cães, fiel aos amigos, generosa com uma dúzia de poetas famintos, tinha paixão pela poesia. Mas o amor - como o definem os romancistas masculinos - e quem, afinal, fala com maior autoridade? - não tem nada a ver com bondade, fidelidade, generosidade ou poesia. O amor é

tirar a anágua e... Mas todos nós sabemos o que é o amor. Orlando fez isso? A verdade nos obriga a dizer não, ela não disse. Se, então, o sujeito da biografia de alguém não amar nem matar, mas apenas pensar e imaginar, podemos concluir que ele ou ela não é melhor que um cadáver e assim abandoná-la.

O único recurso que nos resta agora é olhar pela janela. Havia pardais; havia estorninhos; havia várias pombas e uma ou duas gralhas, todas ocupadas à sua maneira. Um encontra um verme, outro um caracol. Um voa até um galho; outro dá uma pequena corrida na grama. Então um criado atravessa o pátio, vestindo um avental de baeta verde. Presumivelmente ele está envolvido em alguma intriga com uma das empregadas da despensa, mas como nenhuma prova visível nos é oferecida, no pátio, só podemos esperar pelo melhor e deixá-lo. As nuvens passam, finas ou grossas, com alguma perturbação na cor da grama abaixo. O mostrador solar registra a hora da maneira enigmática usual. A mente começa a lançar uma ou duas perguntas, ociosamente, em vão, sobre esta mesma vida. A vida, ela canta, ou melhor, canta, como uma chaleira no fogão, Vida, vida, o que és tu? Luz ou escuridão, o avental de baeta do lacaio ou a sombra do estorninho na grama?

Vamos então explorar, nesta manhã de verão, quando todos adoram a flor da ameixeira e a abelha. E cantarolando e gaguejando, perguntemos ao estorninho (que é um pássaro mais sociável que a cotovia) o que ele pode pensar à beira da lata de lixo, de onde ele cata entre os gravetos pentes de cabelo do ajudante de cozinha. O que é a vida, perguntamos, encostados no portão do curral; Vida, Vida, Vida! — grita o pássaro, como se tivesse ouvido e soubesse exatamente o que queríamos dizer com esse hábito incômodo e curioso de fazer perguntas dentro e fora de casa e de espiar e colher margaridas, como fazem os escritores quando não sabem o que dizer em

seguida. Aí eles vêm aqui, diz o pássaro, e me perguntam o que é a vida; Vida, Vida, Vida!

Seguimos então pelo caminho da charneca, até o cume alto da colina azul-vinho, púrpura-escura, e nos jogamos lá embaixo, e sonhamos lá e vemos ali um gafanhoto, carregando de volta para sua casa na depressão, uma palha. E ele diz (se é que se pode dar a serras como a sua um nome tão sagrado e terno) Trabalho de vida, ou assim interpretamos o zumbido de sua goela entupida de poeira. E a formiga e as abelhas concordam, mas se ficarmos aqui o tempo suficiente para perguntar às mariposas, quando elas vierem à noite, roubando entre os sinos de urze mais claros, elas vão soprar em nossos ouvidos bobagens tão selvagens como as que se ouvem nos fios telegráficos em tempestades de neve; tee hee, haw haw, riso, riso! dizem as mariposas.

Tendo então perguntado ao homem, aos pássaros e aos insetos, por peixes, dizem-nos os homens, que viveram em cavernas verdes, solitários durante anos para ouvi-los falar, nunca, nunca dizer, e então talvez saibam o que é a vida - tendo perguntado a todos eles e não ficando mais sábios, mas apenas mais velhos e mais frios (pois não oramos uma vez para embrulhar em um livro algo tão difícil, tão raro, que alguém poderia jurar que era o sentido da vida?) de volta, devemos ir e dizer diretamente ao leitor que espera um fique na ponta dos pés para ouvir o que é a vida - infelizmente, não sabemos.

Nesse momento, mas bem a tempo de salvar o livro da extinção, Orlando empurrou a cadeira, esticou os braços, largou a caneta, foi até a janela e exclamou: "Pronto!"

Ela quase caiu no chão pela visão extraordinária que agora encontrou seus olhos. Lá estava o jardim e alguns pássaros. O mundo estava acontecendo normalmente. Durante todo o tempo em que ela escreveu, o mundo

continuou.

"E se eu estivesse morto, seria a mesma coisa!" ela exclamou.

Tal era a intensidade dos seus sentimentos que ela podia até imaginar que havia sofrido uma dissolução, e talvez algum desmaio realmente a atacasse. Por um momento ela ficou olhando para o espetáculo belo e indiferente com olhos arregalados. Por fim, ela foi revivida de uma forma singular. O manuscrito que repousava sobre seu coração começou a se arrastar e a bater como se fosse uma coisa viva e, o que era ainda mais estranho, e mostrava quão grande era a simpatia entre eles, Orlando, inclinando a cabeça, conseguiu entender o que estava dizendo. Queria ser lido. Deve ser lido. Morreria em seu seio se não fosse lido. Pela primeira vez na vida ela recorreu à violência contra a natureza. Alces e roseiras estavam ao seu redor em profusão. Mas nenhum deles sabe ler alces e roseiras. É um descuido lamentável por parte da Providência que nunca a havia atingido antes. Somente os seres humanos têm esse poder. Os seres humanos tornaram-se necessários. Ela tocou a campainha. Ela ordenou que a carruagem a levasse para Londres imediatamente.

"Só temos tempo de pegar as onze e quarenta e cinco, senhora", disse Basket. Orlando ainda não havia percebido a invenção da máquina a vapor, mas tal era sua absorção nos sofrimentos de um ser que, embora não fosse ela mesma, mas dependia inteiramente dela, que viu pela primeira vez um trem, sentou-se em um vagão e colocou o tapete sobre os joelhos sem pensar "naquela invenção estupenda, que (dizem os historiadores) mudou completamente a face da Europa nos últimos vinte anos" (como, de fato, acontece com muito mais frequência do que os historiadores supõem). Ela notou apenas que era extremamente obsceno; sacudiu horivelmente; e as

janelas travaram. Perdida em pensamentos, ela foi levada para Londres em menos de uma hora e ficou na plataforma de Charing Cross, sem saber para onde ir.

A velha casa em Blackfriars, onde ela passara tantos dias agradáveis no século XVIII, foi agora vendida, parte ao Exército da Salvação, parte a uma fábrica de guarda-chuvas. Comprara outro em Mayfair, que era higiênico, conveniente e estava no coração do mundo elegante, mas seria em Mayfair que o seu poema se libertaria do desejo? Peço a Deus, pensou ela, lembrando-se do brilho dos olhos de suas senhorias e da simetria das pernas de suas senhorias, “eles não começaram a ler lá”. Pois isso seria mil penas. Depois houve Lady R.. O mesmo tipo de conversa ainda estaria acontecendo lá, ela não tinha dúvida. A gota pode ter passado da perna esquerda do General para a direita, talvez. O Sr. L. poderia ter ficado dez dias com R. em vez de T. Então o Sr. Pope entraria. Oh! mas o Sr. Pope estava morto. Quem seria o esperto agora, ela se perguntou — mas essa não era uma pergunta que se pudesse fazer a um carregador, e então ela seguiu em frente. Seus ouvidos estavam agora distraídos pelo tilintar de inúmeros sinos nas cabeças de inúmeros cavalos. Frotas das mais estranhas caixinhas sobre rodas foram formadas pela calçada. Ela saiu para Strand. Lá o alvoroço foi ainda pior. Veículos de todos os tamanhos, puxados por cavalos de sangue e por cavalos de carroça, transportando uma viúva solitária ou lotados até o topo por homens bigodudos e chapéus de seda, estavam inextricavelmente misturados. Carruagens, carroças e ônibus pareciam aos seus olhos, há muito acostumados à aparência de uma simples folha de papel almaço, alarmantemente em desacordo; e aos seus ouvidos, sintonizados com o arranhar de uma caneta, o alvoroço da rua soava violento e horrivelmente cacofônico. Cada centímetro da calçada estava lotado. Fluxos de pessoas,

entrando e saindo entre seus próprios corpos e o tráfego oscilante e pesado com incrível agilidade, fluíam incessantemente para leste e oeste. Ao longo da calçada havia homens segurando bandejas de brinquedos e gritando. Nos cantos, mulheres sentavam-se ao lado de grandes cestos de flores primaveris e gritavam. Meninos correndo para dentro e para fora dos narizes dos cavalos, segurando folhas impressas junto ao corpo, gritavam também: Desastre! Desastre! A princípio Orlando supôs que ela havia chegado em algum momento de crise nacional; mas se foi feliz ou trágico, ela não sabia dizer. Ela olhava ansiosamente para o rosto das pessoas. Mas isso a confundiu ainda mais. Aqui aparecia um homem mergulhado em desespero, murmurando para si mesmo como se conhecesse alguma tristeza terrível. Passando por ele, um sujeito gordo e de cara alegre empurrava-o, abrindo caminho como se fosse um festival para todo o mundo. Na verdade, ela chegou à conclusão de que não havia rima nem razão em nada disso. Cada homem e cada mulher estavam empenhados em seus próprios assuntos. E para onde ela deveria ir?

Ela seguiu em frente sem pensar, subindo uma rua e descendo outra, diante de vastas janelas cheias de bolsas, e espelhos, e roupões, e flores, e varas de pescar, e cestas de almoço; enquanto coisas de todos os matizes e padrões, espessuras ou finuras, eram enroladas, enfeitadas e infladas. Às vezes ela passava por avenidas de mansões tranqüilas, sobriamente numeradas como “um”, “dois”, “três”, e assim por diante, até duzentas ou trezentas, cada uma cópia da outra, com dois pilares e seis degraus e um par de cortinas bem fechadas e almoços de família postos em mesas, e um papagaio olhando por uma janela e um criado por outra, até que sua mente ficasse tonta com a monotonia. Então ela chegou a grandes praças abertas com estátuas pretas, brilhantes e bem abotoadas de homens gordos no meio, e cavalos de guerra

empinando, e colunas subindo e fontes caindo e pombos esvoaçando. Então ela caminhou e caminhou pelas calçadas entre as casas até sentir muita fome, e algo vibrando acima de seu coração a repreendeu por ter esquecido tudo sobre isso. Era o manuscrito dela, "The Oak Tree".

Ela ficou confusa com sua própria negligência. Ela parou onde estava. Nenhum treinador estava à vista. A rua, larga e bonita, estava singularmente vazia. Apenas um senhor idoso se aproximava. Havia algo vagamente familiar para ela em sua caminhada. À medida que ele se aproximava, ela teve certeza de que já o havia conhecido em algum momento. Mas quando? Mas onde? Será que esse cavalheiro, tão elegante, tão corpulento, tão próspero, com uma bengala na mão e uma flor na lapela, com um rosto rosado e rechonchudo e bigodes brancos penteados, poderia ser, Sim, caramba, era!

Ao mesmo tempo ele olhou para ela; lembrei dela; a reconheceu. "A Senhora Orlando!" ele gritou, varrendo seu chapéu de seda quase na poeira.

"Senhor Nicolau!" ela respondeu. Pois ela percebeu intuitivamente, por alguma coisa no comportamento dele, que o grosseiro brincalhão, que satirizara ela e muitas outras pessoas na época da Rainha Elizabeth, estava agora ascendendo no mundo e se tornando certamente um Cavaleiro e, sem dúvida, uma dúzia de outras coisas boas no negócio.

Com outra reverência, ele reconheceu que a conclusão dela estava correta; ele era um cavaleiro; ele era um pequeno. D.; ele era professor. Ele foi o autor de vários volumes. Ele foi, em suma, o crítico mais influente da era vitoriana.

Um violento tumulto de emoções assombrou-a ao conhecer o homem que lhe causara, anos atrás, tanta dor. Seria aquele o sujeito pestilento e inquieto

que fizera buracos nos tapetes dela, torrara queijo na lareira italiana e contara histórias tão alegres de Marlowe e dos demais que eles tinham visto o sol nascer nove em cada dez noites? Ele agora estava elegantemente vestido com um terno cinza, tinha uma flor rosa na lapela e luvas de camurça cinza para combinar. Mas mesmo enquanto ela se maravilhava, ele fez outra reverência profunda e perguntou se ela o homenagearia almoçando com ele. O arco talvez fosse um pensamento exagerado, mas a imitação de boa educação era digna de crédito. Ela o seguiu, imaginando, até um restaurante soberbo, todo de pelúcia vermelha, toalhas de mesa brancas e galheteiros de prata, tão diferente quanto poderia ser a velha taverna ou cafeteria com seu chão lixado, seus bancos de madeira, suas tigelas de ponche e chocolate, e seus panfletos e escarradeiras. Ele colocou as luvas cuidadosamente na mesa ao lado dele. Ainda assim, ela mal conseguia acreditar que ele era o mesmo homem. Suas unhas estavam limpas; onde costumavam ter uma polegada de comprimento. Seu queixo estava raspado; onde uma barba preta costumava brotar. Ele usava elos dourados nas mangas; onde seu linho esfarrapado costumava mergulhar no caldo. Na verdade, só depois de ele ter pedido o vinho, o que fez com um cuidado que a fez recordar o seu gosto pela Malvasia há muito tempo, é que ela se convenceu de que ele era o mesmo homem. "Ah!" ele disse, soltando um pequeno suspiro, que ainda era confortável o suficiente, "Ah! minha querida senhora, os grandes dias da literatura acabaram. Marlowe, Shakespeare, Ben Jonson - esses eram os gigantes. Dryden, Pope, Addison - esses eram os heróis. Todos, todos estão mortos agora. E quem eles nos deixaram? Tennyson, Browning, Carlyle!", - ele lançou uma imensa quantidade de desprezo em sua voz. "A verdade é", disse ele, servindo-se de uma taça de vinho, "que todos os nossos jovens escritores são pagos pelos livreiros. Eles despejam qualquer lixo que sirva

para pagar as contas do alfaiate. É uma época", disse ele, servindo-se de aperitivos, "marcada por conceitos preciosos e experimentos selvagens - nenhum dos quais os elisabetanos teriam tolerado por um instante."

"Não, minha cara senhora", continuou ele, passando com aprovação o pregado gratinado, que o garçom exibiu para sua sanção, "os grandes dias acabaram. Vivemos em tempos degenerados. Devemos valorizar o passado; homenagear aqueles escritores - ainda restam alguns deles - que tomam a antiguidade como modelo e escrevem, não por dinheiro, mas..." Aqui Orlando quase gritou "Glawr!" Na verdade, ela poderia jurar que o ouviu dizer as mesmas coisas trezentos anos atrás. Os nomes eram diferentes, claro, mas o espírito era o mesmo. Nick Greene não havia mudado, apesar de todo o seu título de cavaleiro. E ainda assim, houve alguma mudança. Pois enquanto ele falava sobre tomar Addison como modelo (era Cícero uma vez, ela pensava) e ficava deitado na cama de manhã (o que ela tinha orgulho de pensar que sua pensão paga trimestralmente lhe permitia fazer) rolando e girando as melhores obras dos melhores autores na língua por uma hora, pelo menos, antes de colocar a caneta no papel, para que a vulgaridade do tempo presente e a condição deplorável de nossa língua nativa (ele viveu muito tempo na América, ela acreditava) pudessem ser purificadas - enquanto ele corria Continuando da mesma maneira que Greene havia feito trezentos anos atrás, ela teve tempo de se perguntar: como foi então que ele havia mudado? Ele estava gordo; mas ele era um homem com quase setenta anos. Ele havia ficado elegante: a literatura tinha sido uma atividade próspera, evidentemente, mas de alguma forma a antiga vivacidade inquieta e inquieta havia desaparecido. Suas histórias, por mais brilhantes que fossem, não eram mais tão livres e fáceis. Ele mencionava, é verdade, "meu querido amigo Pope" ou "meu ilustre amigo, Addison" a cada segundo, mas tinha um ar de

respeitabilidade, o que era deprimente, e ele preferia, ao que parecia, esclarecê-la sobre os feitos e ditos de seus próprios parentes de sangue, em vez de contar-lhe, como costumava fazer, o escândalo sobre os poetas.

Orlando ficou inexplicavelmente desapontado. Ela pensara na literatura durante todos esses anos (sua reclusão, sua posição social, seu sexo deviam ser sua desculpa) como algo selvagem como o vento, quente como o fogo, rápido como um relâmpago; algo errante, incalculável, abrupto, e eis que a literatura era um senhor idoso de terno cinza falando de duquesas. A violência de sua desilusão foi tamanha que algum gancho ou botão que prendia a parte superior de seu vestido se abriu e sobre a mesa caiu "O Carvalho", um poema.

"Um manuscrito!" — disse Sir Nicholas, colocando seu pincenê de ouro. "Que interessante, que excessivamente interessante! Deixe-me dar uma olhada." E mais uma vez, depois de um intervalo de cerca de trezentos anos, Nicholas Greene pegou o poema de Orlando e, colocando-o entre as xícaras de café e os copos de licor, começou a lê-lo. Mas agora o seu veredicto foi muito diferente do que tinha sido então. Isso o lembrou, disse ele enquanto virava as páginas, do Cato de Addison. Comparou-se favoravelmente com Seasons de Thomson. Não havia nele nenhum vestígio, dizia ele com gratidão, do espírito moderno. Foi composto tendo em conta a verdade, a natureza, os ditames do coração humano, o que era realmente raro, nestes dias de excentricidade inescrupulosa. Deve, é claro, ser publicado instantaneamente.

Realmente Orlando não sabia o que ele queria dizer. Ela sempre carregava seus manuscritos consigo no decote do vestido. A ideia agradou consideravelmente a Sir Nicholas.

"Mas e os royalties?" ele perguntou.

A mente de Orlando voou para o Palácio de Buckingham e para alguns potentados sombrios que por acaso estavam hospedados lá.

Sir Nicholas estava muito distraído. Ele explicou que estava aludindo ao fato de que os Srs. — — (aqui ele mencionou uma conhecida firma de editores) ficariam encantados, se ele lhes escrevesse uma linha, em colocar o livro em sua lista. Ele provavelmente poderia conseguir um royalty de dez por cento sobre todas as cópias até duas mil; depois disso seriam quinze. Quanto aos revisores, ele próprio escreveria uma linha ao Sr. — — — que era o mais influente; então um elogio - digamos, uma pequena quantidade de seus próprios poemas - dirigido à esposa do editor do — — — nunca fez mal algum. Ele ligaria — — —. Então ele continuou correndo. Orlando não entendeu nada de tudo isso e, por experiência antiga, não confiou totalmente em sua boa natureza, mas não havia nada a fazer senão submeter-se ao que era evidentemente seu desejo e o desejo fervoroso do próprio poema. Então Sir Nicholas transformou o pacote manchado de sangue num embrulho bem cuidado; enfiou-o no bolso do peito, para que não perturbasse o conjunto do casaco; e com muitos elogios de ambos os lados, eles se separaram.

Orlando subiu a rua. Agora que o poema havia desaparecido - e ela sentia um lugar vazio em seu peito onde costumava carregá-lo - ela não tinha nada a fazer senão refletir sobre o que quisesse - as extraordinárias chances que isso poderia representar para a sorte humana. Ali estava ela, na rua St. James; uma mulher casada; com um anel no dedo; onde antes havia uma cafeteria agora existe um restaurante; eram cerca de três e meia da tarde; o sol estava brilhando; havia três pombos; um cachorro terrier vira-lata; dois táxis hansom e uma carruagem landau. O que então era a Vida? O pensamento surgiu em sua cabeça de forma violenta e irrelevante (a menos que o velho Greene fosse de alguma forma a causa disso). E isso pode ser

tomado como um comentário, adverso ou favorável, conforme o leitor decidir considerar sobre suas relações com o marido (que estava no Horn), que sempre que alguma coisa aparecia violentamente em sua cabeça, ela ia direto ao posto telegráfico mais próximo e telegrafava para ele. Havia um, por acaso, bem perto. "Meu Deus, Shel", ela telegrafou; "literatura de vida Greene bajulador..." aqui ela usou uma linguagem cifrada que eles haviam inventado entre eles para que todo um estado espiritual da maior complexidade pudesse ser transmitido em uma ou duas palavras sem que o funcionário do telégrafo percebesse, e acrescentou as palavras "Rattigan Glumphoboo", que resumiu tudo com precisão. Pois não só os acontecimentos da manhã lhe causaram profunda impressão, mas também não pode ter escapado à atenção do leitor que Orlando estava crescendo - o que não é necessariamente melhor - e "Rattigan Glumphoboo" descrevia um estado espiritual muito complicado - que se o leitor colocar toda a sua inteligência ao nosso serviço, ele poderá descobrir por si mesmo.

Não houve resposta ao seu telegrama durante algumas horas; na verdade, era provável, pensou ela, olhando para o céu, onde as nuvens superiores passavam rapidamente, que houvesse um vendaval no cabo Horn, de modo que seu marido estaria no topo do mastro, muito provavelmente, ou cortando alguma verga esfarrapada, ou mesmo sozinho em um barco com um biscoito. E assim, saindo do correio, ela se virou para se enganar até a loja seguinte, que era uma loja tão comum em nossos dias que dispensa descrição, mas, aos seus olhos, estranha ao extremo; uma loja onde vendiam livros. Durante toda a sua vida, Orlando conheceu manuscritos; ela segurava nas mãos as ásperas folhas marrons nas quais Spenser escrevera com sua caligrafia torta; ela tinha visto o roteiro de Shakespeare e de Milton. Ela possuía, de fato, um bom número de quartos e fólhos, muitas vezes com um soneto em seu elogio e

às vezes uma mecha de cabelo. Mas aqueles inúmeros pequenos volumes, brilhantes, idênticos, efêmeros, pois pareciam encadernados em cartão e impressos em papel de seda, surpreenderam-na infinitamente. Todas as obras de Shakespeare custam meia coroa e podem ser colocadas no seu bolso. Na verdade, dificilmente se conseguia lê-los, a letra era tão pequena, mas mesmo assim era uma maravilha. 'Obras' — as obras de todos os escritores que ela conheceu ou de quem ouviu falar e muitos mais, estendidas de ponta a ponta nas longas estantes. Sobre mesas e cadeiras, mais “obras” estavam empilhadas e caídas, e ela as viu, virando uma ou duas páginas, muitas vezes eram obras sobre outras obras de Sir Nicholas e uma vintena de outros que, em sua ignorância, ela supunha, já que estavam encadernados e impressos, também serem grandes escritores. Então ela deu uma ordem surpreendente ao livreiro para que lhe enviasse tudo de alguma importância que estivesse na loja e foi embora.

Ela entrou no Hyde Park, que ela conhecia há muito tempo (debaixo daquela árvore fendida, ela lembrava, o duque de Hamilton caiu atravessado no corpo por lorde Mohun) e seus lábios, que muitas vezes são os culpados no assunto, começaram a enquadrar as palavras de seu telegrama em uma canção monótona sem sentido; literatura de vida Greene bajulador, Rattigan Glumphoboo; de modo que vários zeladores do parque olharam para ela com suspeita e só foram levados a uma opinião favorável sobre sua sanidade ao notarem o colar de pérolas que ela usava. Ela havia levado consigo um maço de papéis e diários críticos da livraria e, por fim, apoiando-se nos cotovelos debaixo de uma árvore, espalhou essas páginas ao seu redor e fez o possível para compreender a nobre arte da composição em prosa tal como esses mestres a praticavam. Pois ainda a velha credulidade estava viva nela; até mesmo o tipo borrado de um jornal semanal tinha alguma santidade em seus

olhos. Então ela leu, apoiada no cotovelo, um artigo de Sir Nicholas sobre a coleção de obras de um homem que ela conhecera — John Donne. Mas ela havia se instalado, sem saber, não muito longe da Serpentina. O latido de mil cães soava em seus ouvidos. As rodas da carruagem giravam incessantemente em círculo ao seu redor. As folhas suspiraram no alto. De vez em quando, uma saia trançada e um par de calças escarlates justas cruzavam a grama a poucos passos dela. Certa vez, uma bola de borracha gigantesca quicou no jornal. Violetas, laranjas, vermelhos e azuis romperam os interstícios das folhas e brilharam na esmeralda de seu dedo. Ela estava distraída entre os dois. Ela olhou para o papel e ergueu os olhos; ela olhou para o céu e olhou para baixo. Vida? Literatura? Um para ser transformado no outro? Mas quão monstruosamente difícil! Pois — aí veio um par de calças escarlates justas — como Addison teria dito isso? Aí vieram dois cachorros dançando nas patas traseiras. Como Lamb teria descrito isso? Ao ler Sir Nicholas e seus amigos (como fazia nos intervalos em que olhava ao redor), ela de alguma forma teve a impressão - aqui ela se levantou e caminhou - eles faziam a gente sentir - era uma sensação extremamente desconfortável - nunca, nunca se deve dizer o que se pensa. (Ela estava nas margens do Serpentine. Era uma cor bronze; barcos finos como aranhas deslizavam de um lado para o outro.) Eles faziam a gente sentir, continuou ela, que era preciso sempre, sempre escrever como outra pessoa. (As lágrimas se formaram em seus olhos.) Pois, na verdade, pensou ela, empurrando um barquinho com a ponta do pé, acho que não conseguiria (aqui todo o artigo de Sir Nicholas veio diante dela como os artigos, dez minutos depois de serem lidos, com a aparência do quarto dele, sua cabeça, seu gato, sua escrivainha e a hora do dia incluídos), acho que não conseguiria, continuou ela, considerando o artigo desse ponto de vista, sentar em um escritório, não,

não é um escritório, é uma espécie de sala de estar mofada, o dia todo, e converso com rapazes bonitos e conto-lhes pequenas anedotas, que não devem repetir, sobre o que Tupper disse sobre Smiles; e então, ela continuou, chorando amargamente, eles são todos tão viris; e então, eu detesto Duquesas; e eu não gosto de bolo; e embora eu seja bastante rancoroso, nunca poderia aprender a ser tão rancoroso assim, então como posso ser um crítico e escrever a melhor prosa inglesa do meu tempo? Maldito seja! ela exclamou, lançando um navio a vapor tão vigorosamente que o pobre barquinho quase afundou nas ondas cor de bronze.

Ora, a verdade é que quando alguém está num estado de espírito (como as enfermeiras o chamam) - e as lágrimas ainda correm nos olhos de Orlando - a coisa que se está a olhar torna-se, não em si, mas noutra coisa, que é maior e muito mais importante e, no entanto, permanece a mesma coisa. Se olharmos para a Serpentina neste estado de espírito, as ondas logo se tornarão tão grandes quanto as ondas do Atlântico; os barcos de brinquedo tornam-se indistinguíveis dos transatlânticos. Então Orlando confundiu o barco de brinquedo com o brigue do marido; e a onda que ela fez com o dedo do pé em direção a uma montanha de água ao largo do Cabo Horn; e enquanto observava o barco de brinquedo subindo pela ondulação, ela pensou ter visto o navio de Bonthrop subindo cada vez mais por uma parede de vidro; subiu cada vez mais, e uma crista branca com mil mortes arqueou-se sobre ela; e através das milhares de mortes ele desapareceu — 'Afundou!' ela gritou em agonia - e então, eis que lá estava ele novamente navegando são e salvo entre os patos do outro lado do Atlântico.

"Êxtase!" ela chorou. "Êxtase! Onde fica o correio?" ela se perguntou. "Pois devo telegrafar imediatamente para Shel e contar a ele..." E repetindo "Um barco de brinquedo no Serpentine" e "Ecstasy" alternadamente, pois os

pensamentos eram intercambiáveis e significavam exatamente a mesma coisa, ela correu em direção a Park Lane.

“Um barco de brinquedo, um barco de brinquedo, um barco de brinquedo”, ela repetiu, reforçando assim para si mesma o fato de que não são os artigos de Nick Greene sobre John Donne, nem as contas de oito horas, nem os convênios, nem as leis de fábrica que importam; é algo inútil, repentino, violento; algo que custa uma vida; vermelho, azul, roxo; um espírito; um respingo; como aqueles jacintos (ela estava passando por um lindo canteiro deles); livre de mácula, dependência, sujeira da humanidade ou cuidado com sua espécie; algo precipitado, ridículo, “como meu jacinto, marido, quero dizer, Bonthrop: é isso que é - um barco de brinquedo no Serpentine, é êxtase - êxtase”. Assim ela falou em voz alta, esperando que as carruagens passassem em Stanhope Gate, pois a consequência de não viver com o marido, exceto quando o vento está fraco, é dizer bobagens em voz alta em Park Lane. Sem dúvida teria sido diferente se ela vivesse com ele o ano todo, como recomendou a rainha Vitória. Como era, o pensamento dele surgiria em um piscar de olhos. Ela achou absolutamente necessário falar com ele imediatamente. Ela não se importava nem um pouco com o absurdo que isso poderia causar ou com o deslocamento que poderia causar à narrativa. O artigo de Nick Greene mergulhou-a nas profundezas do desespero; o barco de brinquedo a elevou às alturas da alegria. Então ela repetiu: “Êxtase, êxtase”, enquanto esperava para atravessar.

Mas o trânsito estava intenso naquela tarde de primavera, e a manteve ali parada, repetindo êxtase, êxtase, ou um barco de brinquedo na Serpentine, enquanto a riqueza e o poder da Inglaterra, permaneciam sentados, como se esculpídos, de chapéu e capa, em quatro mãos, victoria e carruagem landau. Era como se um rio dourado tivesse coagulado e se aglomerado em blocos

dourados ao longo de Park Lane. As senhoras seguravam porta-cartões entre os dedos; os cavalheiros equilibravam bengalas com armação de ouro entre os joelhos. Ela ficou ali olhando, admirando, maravilhada. Um pensamento apenas a perturbou, um pensamento familiar a todos os que contemplam grandes elefantes, ou baleias de uma magnitude incrível, e é assim que estes leviatãs, para quem obviamente o stress, a mudança e a actividade são repugnantes, propagam a sua espécie? Talvez, pensou Orlando, olhando para os rostos imponentes e imóveis, o tempo de propagação deles tenha acabado; este é o fruto; esta é a consumação. O que ela viu agora foi o triunfo de uma era. Corpulentos e esplêndidos, ali estavam eles. Mas agora o policial deixou cair a mão; a corrente tornou-se líquida; o enorme conglomerado de objetos esplêndidos moveu-se, dispersou-se e desapareceu em Piccadilly.

Então ela atravessou Park Lane e foi para sua casa na Curzon Street, onde, quando o vento doce soprava ali, ela se lembrava de um maçarico chamando e de um homem muito velho armado.

Ela conseguia se lembrar, pensou, atravessando a soleira de sua casa, de como lorde Chesterfield havia dito — mas sua memória estava bloqueada. Seu discreto salão do século XVIII, onde ela podia ver Lord Chesterfield colocando o chapéu aqui e o casaco ali com uma elegância de comportamento que era um prazer observar, estava agora completamente cheio de embrulhos. Enquanto ela estava sentada no Hyde Park, o livreiro entregou seu pedido, e a casa estava abarrotada — havia pacotes escorregando escada abaixo — com toda a literatura vitoriana embrulhada em papel cinza e cuidadosamente amarrada com barbante. Ela carregou o máximo que pôde desses pacotes para seu quarto, ordenou aos lacaios que trouxessem os outros e, cortando rapidamente inúmeros cordões, logo foi cercada por inúmeros volumes.

Habitado às pequenas literaturas dos séculos XVI, XVII e XVIII, Orlando ficou horrorizado com as consequências da sua ordem. Pois, claro, para os próprios vitorianos, a literatura vitoriana significava não apenas quatro grandes nomes separados e distintos, mas quatro grandes nomes afundados e incorporados numa massa de Alexander Smiths, Dixons, Blacks, Milmans, Buckles, Taines, Paynes, Tuppens, Jamesons - todos vocais, clamorosos, proeminentes e que exigiam tanta atenção como qualquer outra pessoa. A reverência de Orlando pela imprensa tinha uma tarefa difícil pela frente, mas, aproximando a cadeira da janela para aproveitar a luz que poderia ser filtrada entre as casas altas de Mayfair, ela tentou chegar a uma conclusão.

E agora está claro que só existem duas maneiras de chegar a uma conclusão sobre a literatura vitoriana - uma é escrevê-la em sessenta volumes octavo, a outra é comprimi-la em seis linhas da extensão deste. Dos dois cursos, a economia, visto que o tempo é escasso, leva-nos a escolher o segundo; e assim prosseguimos. Orlando chegou então à conclusão (abrindo meia dúzia de livros) de que era muito estranho que não houvesse entre eles uma única dedicatória a um nobre; em seguida (folheando uma vasta pilha de memórias) que vários desses escritores tinham árvores genealógicas com metade da altura da dela; em seguida, que seria extremamente indelicado enrolar uma nota de dez libras nas pinças de açúcar quando a senhorita Christina Rossetti viesse tomar chá; depois (aqui havia meia dúzia de convites para comemorar centenários com jantares) que a literatura, desde que comeu todos esses jantares, deve estar ficando muito corpulenta; em seguida (ela foi convidada para uma série de palestras sobre a influência disso sobre aquilo; o renascimento clássico; a sobrevivência romântica e outros títulos do mesmo tipo envolvente) que a literatura, desde que ouviu todas essas palestras, deve estar ficando muito seca; depois (aqui ela

compareceu a uma recepção dada por uma nobre) que a literatura, por usar todas aquelas capas de pele, deve estar se tornando muito respeitável; em seguida (aqui ela visitou o quarto à prova de som de Carlyle em Chelsea), aquele gênio, já que precisava de todos esses mimos, deve estar ficando muito delicado; e assim finalmente chegou à sua conclusão final, que foi da maior importância, mas que, como já ultrapassamos em muito o nosso limite de seis linhas, devemos omitir.

Orlando, tendo chegado a esta conclusão, ficou olhando pela janela por um espaço de tempo considerável. Pois, quando alguém chega a uma conclusão, é como se tivesse jogado a bola por cima da rede e tivesse que esperar que o antagonista invisível a devolvesse. O que seria enviado a ela do céu incolor acima de Chesterfield House, ela se perguntou? E com as mãos entrelaçadas, ela ficou parada por um espaço considerável de tempo, pensando. De repente, ela sobressaltou-se - e aqui só podíamos desejar que, como numa ocasião anterior, Pureza, Castidade e Modéstia abrissem a porta e proporcionassem, pelo menos, um espaço para respirar onde pudéssemos pensar em como encerrar o que agora tem de ser contado delicadamente, como um biógrafo deveria fazer. Mas não! Tendo jogado sua roupa branca no Orlando nu e vendo-a cair vários centímetros, essas senhoras desistiram de todas as relações com ela durante tantos anos; e agora estavam ocupados de outra forma. Não vai acontecer nada, então, nesta pálida manhã de março para mitigar, velar, cobrir, ocultar, encobrir este evento inegável, seja ele qual for? Pois depois de dar aquele sobressalto súbito e violento, Orlando - mas Deus seja louvado, neste exato momento tocou do lado de fora um desses realejos frágeis, estridentes, flautas, espasmódicos e antiquados que às vezes ainda são tocados por tocadores de realejo italianos em ruas secundárias. Aceitemos a intervenção, por mais humilde que seja, como se

fosse a música das esferas, e permitamos que ela, com todos os seus suspiros e gemidos, encha esta página de som até chegar o momento que é impossível negar que está chegando; que o laçao viu chegando e a criada; e o leitor também terá que ver; pois a própria Orlando é claramente incapaz de ignorá-lo por mais tempo - deixe o realejo soar e nos transportar no pensamento, que não passa de um barquinho, quando a música soa, balançando nas ondas; no pensamento, que é, de todos os transportadores, o mais desajeitado, o mais errático, sobre os telhados e os jardins dos fundos onde a roupa está pendurada - que lugar é este? Você reconhece o Verde e no meio o campanário e os portões com um leão deitado de cada lado? Ah, sim, é Kew! Bem, Kew servirá. Então, aqui estamos em Kew, e vou mostrar-lhe hoje (2 de março) sob a ameixeira, um jacinto de uva, e um açafraão, e um botão também, na amendoeira; de modo que caminhar por ali é pensar em bulbos, peludos e vermelhos, cravados na terra em outubro; florescendo agora; e estar sonhando com mais do que pode ser dito com razão, e estar tirando de sua caixa um cigarro ou até mesmo um charuto, e estar jogando uma capa sob (como a rima exige) um carvalho, e ali ficar sentado, esperando o martim-pescador, que, dizem, foi visto uma vez cruzar à noite de margem em margem.

Espere! Espere! O guarda-rios vem; o guarda-rios não vem.

Eis, entretanto, as chaminés das fábricas e o seu fumo; eis os funcionários da cidade passando em seu outtrigger. Eis a velhinha levando seu cachorro para passear e a criada usando seu chapéu novo pela primeira vez não no ângulo certo. Veja todos eles. Embora o Céu tenha misericordiosamente decretado que os segredos de todos os corações estão ocultos, de modo que somos atraídos para sempre a suspeitar de algo que talvez não exista; ainda através da fumaça do cigarro, vemos acender e saudar a esplêndida realização dos

desejos naturais por um chapéu, por um barco, por um rato numa vala; como uma vez alguém viu um incêndio — saltos e saltos tão bobos que a mente dá quando ele se espalha assim por todo o disco e o realejo toca — viu acender um fogo em um campo contra minaretes perto de Constantinopla.

Saudação! desejo natural! Saudação! felicidade! felicidade divina! e prazeres de todos os tipos, flores e vinho, embora um desapareça e o outro embriague; e bilhetes de meia coroa para fora de Londres aos domingos, e cantar numa capela escura hinos sobre a morte, e qualquer coisa, qualquer coisa que interrompa e confunda o bater das máquinas de escrever e o arquivamento de cartas e a forja de elos e correntes, unindo o Império. Salve até mesmo os laços vermelhos e grosseiros nos lábios das vendedoras (como se Cupido, muito desajeitadamente, mergulhasse o polegar em tinta vermelha e rabiscasse um sinal de passagem). Salve, felicidade! martim-pescador piscando de margem em margem, e toda satisfação de desejo natural, seja o que o romancista diz que é; ou oração; ou negação; saudação! em qualquer forma que venha, e que haja mais formas e mais estranhas. Pois a escuridão flui o riacho - seria verdade, como a rima sugere "como um sonho" - mas mais monótono e pior do que esse é o nosso destino habitual; sem sonhos, mas vivo, presunçoso, fluente, habitual, sob árvores cuja sombra verde-oliva afoga o azul da asa do pássaro desaparecido quando ele dispara repentinamente de margem em margem.

Salve, felicidade, então, e depois da felicidade, não saude aqueles sonhos que incham a imagem nítida como os espelhos manchados fazem com o rosto no salão de uma pousada no campo; sonhos que estilhaçam o todo e nos despedaçam e nos ferem e nos separam durante a noite quando iríamos dormir; mas durma, durma, tão profundo que todas as formas se transformam em pó de infinita suavidade, água de obscuridade inescrutável,

e ali, dobrados, envoltos, como uma múmia, como uma mariposa, deitados, deitamo-nos na areia no fundo do sono.

Mas espere! mas espere! não vamos, desta vez, visitar a terra cega. Azul, como um fósforo riscado bem no fundo do olho, ele voa, queima, rompe o selo do sono; o guarda-rios; de modo que agora inunda de volta refluxo como uma maré, o fluxo vermelho e espesso da vida novamente; borbulhando, pingando; e nós nos levantamos, e nossos olhos (para ver como uma rima é útil para nos passar em segurança durante a estranha transição da morte para a vida) caem sobre - (aqui o realejo para de tocar abruptamente).

“É um menino muito bonito, senhora”, disse a Sra. Banting, a parteira. Em outras palavras, Orlando deu à luz um filho com segurança na quinta-feira, 20 de março, às três horas da manhã.

Mais uma vez Orlando ficou à janela, mas deixou o leitor tomar coragem; nada do mesmo tipo vai acontecer hoje, o que não é, de forma alguma, o mesmo dia. Não, pois se olharmos pela janela, como Orlando estava fazendo naquele momento, veremos que a própria Park Lane mudou consideravelmente. Na verdade, alguém poderia ficar ali por dez minutos ou mais, como Orlando estava agora, sem ver um único landau de carruagem. “Olha isso!”, exclamou ela, alguns dias depois, quando uma absurda carruagem truncada e sem cavalos começou a deslizar sozinha. Uma carruagem sem cavalos, de fato! Ela foi chamada assim que disse isso, mas voltou depois de um tempo e deu outra olhada pela janela. Estava um clima estranho hoje em dia. O próprio céu, ela não pôde deixar de pensar, havia mudado. Já não era tão denso, tão aguado, tão prismático agora que o rei Eduardo - vejam, lá estava ele, saindo da sua belíssima berlina para ir visitar uma certa senhora em frente - tinha sucedido à rainha Vitória. As nuvens

havam se reduzido a uma fina gaze; o céu parecia feito de metal, que no tempo quente manchava o verdete, cor de cobre ou laranja, como o metal fica na neblina. Foi um pouco alarmante – esse encolhimento. Tudo parecia ter encolhido. Passando pelo Palácio de Buckingham na noite passada, não havia nenhum vestígio daquela vasta ereção que ela considerara eterna; cartolas, ervas daninhas de viúva, trombetas, telescópios, guirlandas, tudo havia desaparecido e não deixava nenhuma mancha, nem mesmo uma poça, na calçada. Mas foi agora — depois de outro intervalo, ela voltou para sua estação favorita na janela — agora, à noite, que a mudança foi mais notável. Veja as luzes nas casas! Com um toque, uma sala inteira foi iluminada; centenas de salas foram iluminadas; e um era exatamente igual ao outro. Dava para ver tudo nas caixinhas quadradas; não havia privacidade; nenhuma daquelas sombras persistentes e cantos estranhos que costumavam existir; nenhuma daquelas mulheres de avental carregando lâmpadas bambas que colocavam cuidadosamente sobre esta ou aquela mesa. Com um toque, toda a sala ficou iluminada. E o céu ficou claro a noite toda; e as calçadas estavam iluminadas; tudo estava brilhante. Ela voltou novamente ao meio-dia. Como as mulheres se tornaram estreitas ultimamente! Pareciam talos de milho, retos, brilhantes, idênticos. E os rostos dos homens estavam tão nus quanto a palma da mão. A secura da atmosfera realçava a cor de tudo e parecia enrijecer os músculos das bochechas. Era mais difícil chorar agora. As pessoas eram muito mais gays. A água estava quente em dois segundos. Ivy morreu ou foi arrancada das casas. Os vegetais eram menos férteis; as famílias eram muito menores. As cortinas e as cobertas estavam arrepiadas e as paredes estavam nuas, de modo que novas imagens coloridas de coisas reais, como ruas, guarda-chuvas, maçãs, eram penduradas em molduras ou pintadas na madeira. Havia algo definido e distinto naquela época, que a

lembrava do século XVIII, exceto que havia uma distração, um desespero — enquanto ela pensava isso, o túnel imensamente longo no qual ela parecia ter viajado por centenas de anos se alargou; a luz entrou; seus pensamentos tornaram-se misteriosamente tensos e tensos, como se um afinador de piano tivesse colocado a chave em suas costas e esticado os nervos; ao mesmo tempo, sua audição acelerou; ela podia ouvir cada sussurro e estalo no quarto, de modo que o tique-taque do relógio sobre a lareira batia como um martelo. E assim, por alguns segundos, a luz foi ficando cada vez mais brilhante, e ela viu tudo cada vez mais claramente e o relógio bateu cada vez mais alto, até que houve uma explosão terrível bem em seu ouvido. Orlando saltou como se tivesse levado um golpe violento na cabeça. Ela foi atingida dez vezes. Na verdade, eram dez horas da manhã. Era onze de outubro. Era 1928. Era o momento presente.

Ninguém é de admirar que Orlando se sobressaltou, levou a mão ao coração e empalideceu. Pois que revelação mais aterrorizante pode haver do que a de que se trata do momento presente? Que sobrevivamos ao choque só é possível porque o passado nos protege de um lado, o futuro do outro. Mas não temos tempo agora para reflexões; Orlando já estava terrivelmente atrasado. Ela desceu correndo, pulou no carro, apertou a partida automática e partiu. Vastos blocos azuis de construção erguiam-se no ar; os capuzes vermelhos das chaminés apareciam irregularmente no céu; a estrada brilhava como pregos com pontas prateadas; ônibus avançavam sobre ela com motoristas esculturais de rosto branco; ela notou esponjas, gaiolas de pássaros, caixas de tecido verde americano. Mas ela não permitiu que essas visões penetrassem em sua mente nem por uma fração de centímetro enquanto ela cruzava a estreita tábua do presente, para não cair na torrente furiosa abaixo. "Por que você não olha para onde está indo?... Estenda a mão,

não é?" - foi tudo o que ela disse bruscamente, como se as palavras tivessem sido arrancadas dela. Pois as ruas estavam imensamente lotadas; as pessoas atravessavam sem olhar para onde iam. As pessoas zumbiam e zumbiam em volta das janelas de vidro, dentro das quais se podia ver um brilho vermelho, um brilho amarelo, como se fossem abelhas, pensou Orlando — mas seu pensamento de que eram abelhas foi violentamente cortado e ela viu, recuperando a perspectiva com um movimento de olho, que eram corpos. "Por que você não olha para onde está indo?" ela explodiu.

Por fim, porém, ela parou na Marshall & Snelgrove's e entrou na loja. Sombra e perfume a envolveram. O presente caiu dela como gotas de água escaldante. A luz balançava para cima e para baixo como coisas finas sopradas por uma brisa de verão. Ela tirou uma lista da bolsa e começou a ler com uma voz curiosamente rígida, a princípio, como se estivesse segurando as palavras — botas de menino, sais de banho, sardinhas — sob uma torneira de água multicolorida. Ela os observou mudar quando a luz caiu sobre eles. O banho e as botas tornaram-se rombos, obtusos; sardinhas serrilhadas como uma serra. Então ela ficou no departamento térreo dos Srs. Marshall & Snelgrove; olhou para um lado e para outro; apagou esse e aquele cheiro e assim perdeu alguns segundos. Então ela entrou no elevador, pela boa razão de que a porta estava aberta; e foi disparado suavemente para cima. A própria estrutura da vida agora, pensou ela ao se levantar, é mágica. No século XVIII sabíamos como tudo se fazia; mas aqui eu subo pelo ar; Eu ouço vozes na América; Vejo homens voando, mas não consigo nem começar a imaginar como isso é feito. Então minha crença na magia retorna. Agora o elevador deu um pequeno solavanco ao parar no primeiro andar; e ela teve uma visão de inúmeras coisas coloridas ostentando numa brisa de onde vinham cheiros distintos e estranhos; e cada vez que o elevador parava e

abria as portas, havia outra fatia do mundo exposta, com todos os cheiros desse mundo grudados nela. Ela se lembrou do rio perto de Wapping na época de Elizabeth, onde os navios do tesouro e os navios mercantes costumavam ancorar. Quão rica e curiosamente eles cheiravam! Como ela se lembrava bem da sensação dos rubis ásperos escorrendo por seus dedos quando ela os colocava em um saco de tesouro! E então deitar com Sukey — ou qualquer que fosse o nome dela — e ver a lanterna de Cumberland brilhar sobre eles! Os Cumberlands agora tinham uma casa em Portland Place e ela almoçou com eles outro dia e arriscou uma piadinha com o velho sobre asilos em Sheen Road. Ele piscou. Mas aqui, como o elevador não podia subir mais, ela precisava sair — só Deus sabe em que “departamento”, como o chamavam. Ela ficou parada para consultar sua lista de compras, mas seria abençoada se pudesse ver, como a lista lhe pedia, sais de banho ou botas de menino em qualquer lugar. E de fato, ela estava prestes a descer novamente, sem comprar nada, mas foi salva desse ultraje ao dizer em voz alta automaticamente o último item de sua lista; que por acaso eram "lençóis para cama de casal".

“Lençóis para cama de casal”, disse ela a um homem em um balcão e, por uma providência da Providência, foram lençóis que o homem naquele balcão em particular vendeu. Para Grimsditch, não, Grimsditch estava morto; Bartolomeu, não, Bartolomeu estava morto; Louise então - Louise veio até ela em grande surpresa outro dia, pois havia encontrado um buraco na parte inferior do lençol da cama real. Muitos reis e rainhas dormiram lá, Elizabeth; James; Carlos; Jorge; Vitória; Eduardo; não admira que o lençol tivesse um buraco. Mas Louise tinha certeza de que sabia quem havia feito isso. Foi o príncipe consorte.

"Venda Bosch!" ela disse (pois houve outra guerra; desta vez contra os alemães).

— Lençóis para cama de casal — repetiu Orlando sonhadoramente, para uma cama de casal com colcha prateada num quarto decorado com um gosto que ela agora considerava talvez um pouco vulgar — todo em prata; mas ela o forneceu quando tinha paixão por aquele metal. Enquanto o homem foi buscar lençóis para a cama de casal, ela tirou um pequeno espelho e um pó de pó. As mulheres não eram tão indiretas em seus modos, pensou ela, polvilhando-se com a maior despreocupação, como tinham sido quando ela própria se tornou mulher e se deitou no convés do Enamored Lady. Ela deu ao nariz a tonalidade certa deliberadamente. Ela nunca tocou suas bochechas. Honestamente, embora ela tivesse agora trinta e seis anos, ela mal parecia um dia mais velha. Ela parecia tão amuada, tão mal-humorada, tão bonita, tão rosada (como uma árvore de Natal com um milhão de velas, disse Sasha) quanto naquele dia no gelo, quando o Tâmis estava congelado e eles foram patinar...

"A melhor roupa de cama irlandesa, senhora", disse o vendedor, espalhando os lençóis sobre o balcão, - e eles encontraram uma velha catando gravetos. Aqui, enquanto ela manuseava distraidamente a roupa de cama, uma das portas de vaivém entre os departamentos se abriu e deixou passar, talvez do departamento de produtos de luxo, um cheiro de perfume, cera, tingido como se fosse de velas cor-de-rosa, e o perfume curvava-se como uma concha em torno de uma figura - era de menino ou de menina - peluda, perolada, em calças russas - jovem, esbelta, sedutora - uma menina, por Deus! mas sem fé, sem fé!

"Infiel!" - gritou Orlando (o homem tinha ido embora) e toda a loja pareceu balançar e agitar-se com a água amarela e ao longe ela viu os mastros do navio russo apontando para o mar, e então, milagrosamente (talvez a porta se abrisse novamente) a concha que o cheiro tinha feito tornou-se uma plataforma, um estrado, de onde saiu uma mulher gorda e peluda, maravilhosamente bem conservada, sedutora, diadema, amante de um grão-duque; ela que, debruçada sobre as margens do Volga, comendo sanduíches, viu homens se afogarem; e comecei a caminhar pela loja em direção a ela.

"Ah, Sasha!" Orlando chorou. Realmente, ela ficou chocada por ter chegado a esse ponto; ela havia engordado tanto; tão letárgico; e ela inclinou a cabeça sobre o linho para que aquela aparição de uma mulher cinzenta vestida de peles e uma garota com calças russas com todos aqueles cheiros de velas de cera, flores brancas e marinheiros russos que ela trazia pudessem passar pelas suas costas sem serem vistas.

"Tem guardanapos, toalhas, espanadores hoje, senhora?" o lojista persistiu. E é enorme o mérito da lista de compras, que Orlando agora consultou, que ela foi capaz de responder com toda a aparência de compostura, que só havia uma coisa no mundo que ela queria: sais de banho; que estava em outro departamento.

Mas ao descer novamente no elevador - tão insidiosa é a repetição de qualquer cena - ela foi novamente afundada muito abaixo do momento presente; e pensou que, quando o elevador bateu no chão, ela ouviu uma panela quebrada na margem de um rio. Quanto a encontrar o departamento certo, qualquer que fosse, ela ficou absorta entre as bolsas, surda às sugestões de todos os balconistas educados, negros, penteados, alegres, que desciam como desciam igualmente e alguns deles, talvez, tão

orgulhosamente, mesmo das profundezas do passado como ela, escolheram baixar a tela impermeável do presente para que hoje aparecessem apenas como balconistas da Marshall and Snelgrove's. Orlando ficou ali hesitante. Através das grandes portas de vidro ela podia ver o trânsito na Oxford Street. Omnibus parecia empilhar-se sobre omnibus e depois desmontar-se. Assim, os blocos de gelo foram lançados e atirados naquele dia no Tâmis. Um velho nobre de chinelos de pele estava montado em um deles. Lá foi ele — ela podia vê-lo agora — invocando maldições sobre os rebeldes irlandeses. Ele havia afundado ali, onde o carro dela estava.

"O tempo passou por mim", pensou ela, tentando se recompor; "este é o início da meia-idade. Como é estranho! Nada mais é uma coisa. Pego uma bolsa e penso em uma velha vagabunda congelada no gelo. Alguém acende uma vela rosa e vejo uma garota com calças russas. Quando saio de casa - como faço agora", aqui ela pisou na calçada da Oxford Street, "o que é que eu provo? Pequenas ervas. Ouço sinos de cabra. Vejo montanhas. Turquia? Índia? Pérsia?" Seus olhos se encheram de lágrimas.

O fato de Orlando ter se afastado um pouco demais do momento presente talvez impressionará o leitor que a vê agora se preparando para entrar no carro com os olhos cheios de lágrimas e visões das montanhas persas. E, de fato, não se pode negar que os praticantes mais bem sucedidos da arte da vida, muitas vezes pessoas desconhecidas, por sinal, conseguem de alguma forma sincronizar os sessenta ou setenta tempos diferentes que batem simultaneamente em cada sistema humano normal, de modo que, quando soarem as onze, todo o resto ressoe em uníssono, e o presente não seja uma perturbação violenta nem completamente esquecido no passado. Deles podemos dizer com razão que vivem precisamente os sessenta e oito ou setenta e dois anos que lhes foram atribuídos na lápide. Do resto, sabemos

que alguns estão mortos, embora andem entre nós; alguns ainda não nasceram, embora passem pelas formas de vida; outros têm centenas de anos, embora se autodenominam trinta e seis. A verdadeira duração da vida de uma pessoa, seja o que for que o Dicionário de Biografia Nacional diga, é sempre uma questão controversa. Na verdade, é uma tarefa difícil — manter o tempo; nada a perturba mais rapidamente do que o contato com qualquer uma das artes; e pode ter sido seu amor pela poesia o culpado por fazer Orlando perder a lista de compras e voltar para casa sem sardinhas, sais de banho ou botas. Agora, enquanto ela estava com a mão na porta do carro, o presente bateu-lhe novamente na cabeça. Onze vezes ela foi violentamente agredida.

"Dane-se tudo!" ela gritou, pois é um grande choque para o sistema nervoso ouvir o bater de um relógio - tanto que já há algum tempo não há nada a ser dito sobre ela, exceto que ela franziu ligeiramente a testa, mudou de marcha admiravelmente e gritou, como antes: "Olhe para onde você está indo!" "Você não conhece sua própria mente?" "Por que você não disse isso então?" enquanto o automóvel disparava, balançava, apertava e deslizava, pois ela era uma motorista experiente, pela Regent Street, pela Haymarket, pela Northumberland Avenue, pela ponte de Westminster, para a esquerda, em frente, para a direita, em frente de novo...

A velha Kent Road estava muito lotada na quinta-feira, 11 de outubro de 1928. Pessoas caíram da calçada. Havia mulheres com sacolas de compras. As crianças acabaram. Havia vendas em lojas de tecidos. As ruas se alargaram e estreitaram. Vistas extensas encolheram-se continuamente. Aqui estava um mercado. Aqui um funeral. Aqui, uma procissão com faixas nas quais estava escrito em letras maiúsculas "Ra-Un", mas o que mais? A carne estava muito vermelha. Açougueiros estavam na porta. As mulheres quase

tiveram os calcanhares cortados. Amor Vin - isso foi em uma varanda. Uma mulher olhava pela janela de um quarto, profundamente contemplativa e muito imóvel. Applejohn e Applebed, Undert—. Nada poderia ser visto inteiro ou lido do início ao fim. O que foi visto começando - como dois amigos começando a se encontrar do outro lado da rua - nunca foi visto terminado. Depois de vinte minutos, o corpo e a mente eram como pedaços de papel rasgado caindo de um saco e, de fato, o processo de sair de Londres em alta velocidade se assemelha tanto ao corte do corpo e da mente, que precede a inconsciência e talvez a própria morte, que é uma questão em aberto em que sentido se pode dizer que Orlando existiu no momento presente. Na verdade, teríamos dado-a por uma pessoa totalmente desmontada, se não fosse aqui, finalmente, uma tela verde estendida à direita, contra a qual os pedacinhos de papel caíam mais lentamente; e então outro foi estendido à esquerda para que se pudesse ver os pedaços separados agora girando sozinhos no ar; e então telas verdes foram mantidas continuamente em ambos os lados, de modo que sua mente recuperou a ilusão de conter coisas dentro de si e ela viu uma cabana, um curral e quatro vacas, todas exatamente em tamanho natural.

Quando isso aconteceu, Orlando deu um suspiro de alívio, acendeu um cigarro e deu uma tragada em silêncio por um ou dois minutos. Então ela chamou hesitante, como se a pessoa que ela procurava pudesse não estar lá, "Orlando?" Pois se há (por acaso) setenta e seis momentos diferentes, todos correndo na mente ao mesmo tempo, quantas pessoas diferentes não existem - Deus nos ajude - todas tendo alojamento em um momento ou outro no espírito humano? Alguns dizem dois mil e cinquenta e dois. Então é a coisa mais comum do mundo uma pessoa dizer, logo que está sozinha, Orlando? (se esse for o nome de alguém) querendo dizer com isso, Venha, venha! Estou

farto deste eu em particular. Eu quero outro. Daí as mudanças surpreendentes que vemos em nossos amigos. Mas também não é uma navegação totalmente fácil, pois embora se possa dizer, como disse Orlando (estar no campo e presumivelmente necessitando de outro eu), Orlando? ainda assim, o Orlando de que ela precisa pode não vir; esses eus dos quais somos constituídos, um em cima do outro, como pratos empilhados na mão de um garçom, têm ligações em outros lugares, simpatias, pequenas constituições e direitos próprios, chame-os como quiser (e para muitas dessas coisas não há nome), de modo que um só virá se estiver chovendo, outro em uma sala com cortinas verdes, outro quando a Sra. pois cada um pode multiplicar, a partir de sua própria experiência, os diferentes termos que seus diferentes eus fizeram com ele - e alguns são absurdamente ridículos para serem mencionados na imprensa.

Então Orlando, na esquina do celeiro, chamou “Orlando?” com uma nota de interrogação na voz e esperou. Orlando não veio.

“Tudo bem então”, disse Orlando, com o bom humor que as pessoas praticam nessas ocasiões; e tentei outro. Pois ela tinha uma grande variedade de eus aos quais recorrer, muito mais do que conseguimos encontrar espaço para, uma vez que uma biografia é considerada completa se apenas contabiliza seis ou sete eus, ao passo que uma pessoa pode muito bem ter tantos milhares. Escolhendo então apenas aqueles eus para os quais encontramos espaço, Orlando pode agora ter visitado o rapaz que cortou a cabeça do negro; o garoto que o pendurou novamente; o menino que estava sentado no morro; o menino que viu o poeta; o menino que entregou à Rainha a tigela de água de rosas; ou ela pode ter visitado o jovem que se apaixonou por Sasha; ou no Cortesão; ou no Embaixador; ou sobre o Soldado; ou no Viajante; ou ela pode ter desejado que a mulher fosse até ela; o Cigano; a Bela Dama; o Eremita; a

garota apaixonada pela vida; a Padroeira das Letras; a mulher que chamava Mar (significando banhos quentes e fogueiras noturnas) ou Shelmerdine (significando açafreões nas florestas de outono) ou Bonthrop (significando a morte que morremos diariamente) ou todos os três juntos — o que significava mais coisas do que temos espaço para escrever — todos esses eus eram diferentes e ela pode ter invocado qualquer um deles.

Talvez; mas o que parecia certo (pois estamos agora na região do “talvez” e do “aparece”) era que aquele de que ela mais precisava era mantido distante, pois ela estava, ao ouvi-la falar, mudando de si tão rapidamente quanto dirigia - havia um novo em cada esquina - como acontece quando, por alguma razão inexplicável, o eu consciente, que é o mais elevado, e tem o poder de desejar, deseja ser nada além de um eu. Isto é o que algumas pessoas chamam de verdadeiro eu, e é, dizem, o compacto de todos os eus que acreditamos ser; comandado e trancado pelo eu Capitão, o eu Chave, que amalgama e controla todos eles. Orlando certamente estava buscando esse eu, como o leitor pode julgar ao ouvi-la falar enquanto dirigia (e se for uma conversa desconexa, desconexa, trivial, monótona e às vezes ininteligível, a culpa é do leitor por ouvir uma senhora falando sozinha; apenas copiamos suas palavras conforme ela as pronunciou, acrescentando entre colchetes qual eu, em nossa opinião, está falando, mas nisso podemos muito bem estar errados).

"O que então? Quem então?", disse ela. "Trinta e seis; num automóvel; uma mulher. Sim, mas também um milhão de outras coisas. Sou uma esnobe? A jarreteira no salão? Os leopardos? Meus ancestrais? Orgulhosa deles? Sim! Gananciosa, luxuosa, viciosa? Sou? (aqui entrou um novo eu). Não me importo nem um pouco se sou. Verdadeira? Acho que sim. Generosa? Ah, mas isso não conta (aqui entrou um novo eu). Deitada na cama de manhã,

sobre linho fino; ouvindo os pombos; pratos de prata; vinho; criadas; lacaios. Mimada? Talvez (aqui entrou outro eu). Meus livros (aqui ela mencionou cinquenta títulos clássicos; que representavam, pensamos nós, as primeiras obras românticas que ela rasgara). Fácil, fluente, romântica. Mas (aqui entrou outro eu) uma trapalhona, uma atrapalhada. Mais desajeitada eu não poderia ser. E... e... (aqui ela hesitou em busca de uma palavra e, se sugerirmos 'Amor', talvez estejamos errados, mas certamente ela riu, enrubesceu e então exclamou) um sapo incrustado em esmeraldas! Harry, o Arquiduque! Moscas-varejeiras no teto! (aqui entrou outro eu). Mas Nell, Kit, Sasha? (ela mergulhou em tristeza: lágrimas chegaram a formar-se, e fazia muito tempo que ela deixara de chorar). Árvores, disse ela. (Ela passava por um grupo delas. Aqui entrou outro eu.) Amo árvores, árvores que crescem ali há mil anos. E celeiros (ela passou por um celeiro arruinado à beira da estrada). E cães pastores (aqui um veio trotando pela estrada. Ela o evitou cuidadosamente). E a noite. Mas as pessoas (aqui entrou outro eu). Pessoas? (Ela repetiu como pergunta.) Tagarelas, maldosas, sempre contando mentiras. (Aqui ela virou na rua principal de sua cidade natal, que estava cheia, pois era dia de mercado, com fazendeiros, pastores e velhas com galinhas em cestos). Gosto de camponeses. Entendo de colheitas. Mas (aqui outro eu saltou sobre o alto de sua mente como o feixe de um farol). Fama! (Ela riu.) Fama! Sete edições. Um prêmio. Fotografias nos jornais da tarde (aqui ela aludiu a 'O Carvalho' e ao Prêmio Memorial Burdett Coutts que havia ganhado; e aqui precisamos arrancar um momento para observar como é desconcertante para seu biógrafo que essa culminação e peroração nos sejam lançadas assim, casualmente, numa risada; mas a verdade é que, quando escrevemos sobre uma mulher, tudo fica fora de lugar: culminações e perorações; o acento nunca cai onde cai com um homem). "Fama!", repetiu

ela. "Um poeta, um charlatão; ambos todas as manhãs, com a mesma regularidade com que chega o correio. Jantar, encontrar; encontrar, jantar; fama, fama!" (Ela teve então de diminuir a velocidade para atravessar a multidão de gente do mercado. Mas ninguém a notou. Um boto numa peixaria atraía muito mais atenção do que uma senhora que havia ganhado um prêmio e poderia, se quisesse, usar três coronetas empilhadas na testa.) Dirigindo muito devagar, ela cantarolou como se aquilo fizesse parte de uma velha canção: "Com meus guinéus comprarei árvores floridas, árvores floridas, árvores floridas, e caminharei entre minhas árvores floridas e direi a meus filhos o que é a fama." Assim cantarolou, e então todas as suas palavras começaram a pender aqui e ali (outro eu entrou) como um colar bárbaro de contas pesadas. "E caminhar entre minhas árvores floridas", cantou ela, "e ver a lua subir devagar, as carroças seguirem..." Aqui ela parou de repente e fitou atentamente o capô do carro à sua frente, em profunda meditação.

"Ele estava sentado à mesa de Twitchett", ela refletiu, "com uma gola suja... Foi o velho Sr. Baker que veio medir a madeira? Ou foi Sh-p-re?" (pois quando falamos nomes reverenciamos profundamente a nós mesmos, nunca os falamos inteiros). Ela olhou dez minutos à frente, deixando o carro quase parar.

"Assombrado!" ela gritou, de repente pressionando o acelerador. "Assombrado! desde que eu era criança. Lá voa o ganso selvagem. Ele voa pela janela para o mar. Eu pulei (ela agarrou o volante com mais força) e me espreguicei atrás dele. Mas o ganso voa rápido demais. Eu o vi, aqui - ali - ali - Inglaterra, Pérsia, Itália. Sempre ele voa rápido para o mar e sempre eu atiro atrás dele palavras como redes (aqui ela estendeu a mão) que murcham como eu vi redes murcha desenhada no convés com apenas algas marinhas e às vezes há uma plegada de prata - seis palavras - no fundo da rede. Aqui

ela inclinou a cabeça, ponderando profundamente.

E foi nesse momento, quando ela havia parado de chamar “Orlando” e estava mergulhada em pensamentos sobre outra coisa, que o Orlando para quem ela havia chamado apareceu por si só; como foi provado pela mudança que agora ocorreu com ela ao passar pelos portões do alojamento para o parque.

Toda ela escureceu e assentou, como quando alguma folha cuja adição torna a superfície arredondada e sólida é adicionada a ela, e o raso se torna profundo e o próximo distante; e tudo está contido como a água está contida nas laterais de um poço. Então ela ficou agora obscurecida, acalmada e tornou-se, com a adição deste Orlando, o que é chamado, com ou sem razão, de um eu único, um eu real. E ela ficou em silêncio. Pois é provável que quando as pessoas falam em voz alta, os eus (dos quais pode haver mais de dois mil) estejam conscientes da divergência e tentem comunicar, mas quando a comunicação é estabelecida não há mais nada a ser dito.

Com maestria e rapidez, ela dirigiu pelo caminho sinuoso entre olmos e carvalhos através da grama do parque, cuja queda era tão suave que, se fosse água, teria espalhado pela praia uma maré verde e suave. Plantados aqui e em grupos solenes estavam faias e carvalhos. O cervo andou entre eles, um branco como a neve, outro com a cabeça inclinada para o lado, pois uma rede de arame havia ficado presa nos chifres. Tudo isso, as árvores, os veados e a grama, ela observou com a maior satisfação, como se sua mente tivesse se tornado um fluido que fluísse em torno das coisas e as envolvesse completamente. No minuto seguinte ela parou no pátio, onde, por tantas centenas de anos, ela vinha, a cavalo ou em carruagem e seis, com homens cavalgando à frente ou atrás; onde as plumas foram lançadas, as tochas brilharam, e as mesmas árvores floridas que agora deixavam cair as folhas

sacudiram as flores. Agora ela estava sozinha. As folhas de outono estavam caindo. O porteiro abriu os grandes portões. “Bom dia, James,” ela disse, “há algumas coisas no carro. palavras sem beleza, interesse ou significado em si mesmas, será admitido, mas agora tão carregadas de significado que caíram como nozes maduras de uma árvore, e provaram que quando a pele enrugada do comum é preenchida com significado, ela satisfaz os sentidos surpreendentemente. Isso era verdade de fato para cada movimento e ação agora, por mais usuais que fossem; mais de três minutos, ficou encantada com a beleza do movimento, como se Madame Lopokova estivesse usando sua arte mais elevada. Então ela entrou na sala de jantar, onde seus velhos amigos Dryden, Pope, Swift, Addison a olharam recatadamente, como quem deveria dizer Aqui está o vencedor do prêmio, mas quando refletiram que duzentos guinéus estavam em questão, eles acenaram com a cabeça em aprovação. Ela cortou uma fatia de pão e presunto, juntou os dois e começou a comer, andando de um lado para o outro na sala, abandonando assim seus hábitos de companhia num segundo, sem pensar. Depois de cinco ou seis voltas, ela bebeu uma taça de vinho tinto espanhol e, enchendo outra que carregava na mão, caminhou pelo longo corredor e através de uma dúzia de salas de estar e assim começou a perambular pela casa, acompanhada pelos cães de caça e spaniels que escolheram segui-la.

Isso também fazia parte da rotina diária. Assim que ela voltasse para casa e deixasse a própria avó sem um beijo, como voltaria e sairia de casa sem ser visitada. Ela imaginou que os quartos se iluminaram quando ela entrou; agitaram-se, abriram os olhos como se estivessem cochilando na ausência dela. Ela também imaginou que, centenas e milhares de vezes, como os vira, eles nunca pareciam iguais duas vezes, como se uma vida tão longa como a deles tivesse armazenado neles uma miríade de estados de espírito que

mudavam com o inverno e o verão, com o tempo claro e com a escuridão, com a sua própria sorte e com o caráter das pessoas que os visitavam. Educados, sempre foram com estranhos, mas um pouco cansados; com ela, eles estavam totalmente abertos e à vontade. Por que não, de fato? Eles se conheciam há quatro séculos. Eles não tinham nada a esconder. Ela conhecia suas tristezas e alegrias. Ela sabia a idade de cada parte e seus segredinhos: uma gaveta escondida, um armário escondido ou alguma deficiência, talvez, como uma peça inventada ou acrescentada posteriormente. Eles também a conheciam em todos os seus estados de espírito e mudanças. Ela não havia escondido nada deles; chegara até eles como criança, como homem, chorando e dançando, taciturno e alegre. Neste assento da janela ela escreveu seus primeiros versos; naquela capela ela havia se casado. E ela seria enterrada aqui, refletiu, ajoelhada no parapeito da janela da longa galeria e bebendo seu vinho espanhol. Embora ela não pudesse imaginar, o corpo do leopardo heráldico estaria formando poças amarelas no chão no dia em que o baixassem para repousar entre seus ancestrais. Ela, que não acreditava na imortalidade, não podia deixar de sentir que a sua alma iria e viria para sempre com os vermelhos nos painéis e os verdes no sofá. Pois o quarto — ela havia entrado no quarto do Embaixador — brilhava como uma concha que permaneceu no fundo do mar durante séculos e que foi incrustada e pintada com um milhão de cores pela água; era rosa e amarelo, verde e cor de areia. Era frágil como uma concha, igualmente iridescente e vazia. Nenhum embaixador jamais dormiria lá novamente. Ah, mas ela sabia onde o coração da casa ainda batia. Abrindo delicadamente uma porta, ela ficou na soleira para que (como ela imaginava) o quarto não pudesse vê-la e observou a tapeçaria subindo e descendo sob a brisa eterna e fraca que nunca deixava de movê-la. Mesmo assim o caçador cavalgou; ainda assim

Daphne voou. O coração ainda batia, pensou ela, por mais fraco que fosse, por mais retraído que fosse; o coração frágil e indomável do imenso edifício.

Agora, chamando sua tropa de cães, ela passou pela galeria cujo chão estava coberto de carvalhos serrados. Fileiras de cadeiras com todos os veludos desbotados estavam encostadas na parede, estendendo os braços para Elizabeth, para James, talvez para Shakespeare, para Cecil, que nunca apareceu. A visão a deixou sombria. Ela desenganchou a corda que os cercava. Ela sentou-se na cadeira da Rainha; ela abriu um livro manuscrito que estava sobre a mesa de Lady Betty; ela mexeu os dedos nas folhas envelhecidas da rosa; ela escovou o cabelo curto com escovas prateadas do rei James; ela saltou para cima e para baixo na cama dele (mas nenhum rei jamais dormiria lá novamente, apesar de todos os lençóis novos de Louise) e encostou o rosto na desgastada colcha prateada que estava sobre ela. Mas por toda parte havia saquinhos de lavanda para manter as traças afastadas e avisos impressos: "Por favor, não toque", que, embora ela mesma os tivesse colocado ali, pareciam repreendê-la. A casa não era mais inteiramente dela, ela suspirou. Agora pertencia ao tempo; para a história; estava além do toque e controle dos vivos. Nunca mais seria derramada cerveja aqui, pensou ela (ela estava no quarto que fora do velho Nick Greene) ou buracos seriam queimados no carpete. Nunca duzentos servos vêm correndo e brigando pelo corredores com aquecedores e grandes galhos para as grandes lareiras. Nunca se faria cerveja, nem se fariam velas, nem selas, nem se moldariam pedras nas oficinas fora de casa. Martelos e marretas estavam silenciosos agora. Cadeiras e camas estavam vazias; canecas de prata e ouro estavam trancadas em caixas de vidro. As grandes asas do silêncio batiam na casa vazia.

Então ela se sentou no final da galeria, com os cachorros aninhados ao seu redor, na poltrona dura da rainha Elizabeth. A galeria se estendia até um ponto onde a luz quase falhava. Era como um túnel perfurado profundamente no passado. Ao olhar para baixo, ela viu pessoas rindo e conversando; os grandes homens que ela conheceu; Dryden, Swift e Pope; e estadistas em colóquio; e amantes brincando nos assentos das janelas; e pessoas comendo e bebendo nas mesas compridas; e a fumaça da lenha enrolando-se em torno de suas cabeças e fazendo-os espirrar e tossir. Ainda mais abaixo, ela viu grupos de esplêndidos dançarinos formados para a quadrilha. Uma música flauta, frágil, mas ainda assim imponente, começou a tocar. Um órgão explodiu. Um caixão foi levado para a capela. Uma procissão de casamento resultou disso. Homens armados com capacetes partiram para as guerras. Eles trouxeram faixas de Flodden e Poitiers e as colaram na parede. A longa galeria encheu-se assim, e ainda olhando mais longe, ela pensou poder distinguir bem no final, além dos elisabetanos e dos Tudors, alguém mais velho, mais distante, mais escuro, uma figura encapuzada, monástico, severo, um monge, que caminhava com as mãos entrelaçadas, e um livro dentro delas murmurando:

Como um trovão, o relógio do estábulo bateu quatro horas. Nunca um terremoto destruiu tanto uma cidade inteira. A galeria e todos os seus ocupantes viraram pó. Seu próprio rosto, que estava escuro e sombrio enquanto ela olhava, estava iluminado como por uma explosão de pólvora. Nessa mesma luz, tudo perto dela aparecia com extrema nitidez. Ela viu duas moscas circulando e notou o brilho azul em seus corpos; ela viu um nó na madeira onde estava seu pé e a orelha de seu cachorro se contorcendo. Ao mesmo tempo, ela ouviu um galho rangendo no jardim, uma ovelha tossindo no parque, um grito rápido passando pela janela. Seu próprio corpo

estremeceu e formigou como se de repente estivesse nu em meio a uma geada forte. No entanto, ela manteve, como não fizera quando o relógio bateu dez horas em Londres, a compostura completa (pois ela era agora uma só e inteira, e apresentada, pode ser uma superfície maior para o choque do tempo). Ela se levantou, mas sem precipitação, chamou seus cachorros e desceu a escada com firmeza, mas com grande agilidade de movimento, e saiu para o jardim. Aqui as sombras das plantas eram milagrosamente distintas. Ela notou os grãos de terra separados nos canteiros de flores como se tivesse um microscópio colado no olho. Ela viu a complexidade dos galhos de cada árvore. Cada folha de grama era distinta e as marcas de veias e pétalas. Ela viu Stubbs, o jardineiro, vindo pelo caminho, e todos os botões de suas polainas; ela viu Betty e Prince, os cavalos da carroça, e nunca havia marcado tão claramente a estrela branca na testa de Betty e os três longos cabelos que caíam abaixo dos demais na cauda de Prince. Lá fora, no quadrilátero, as velhas paredes cinzentas da casa pareciam uma fotografia nova e raspada; ela ouviu o alto-falante condensando no terraço uma música dançante que as pessoas ouviam na ópera de veludo vermelho de Viena. Apoiada e nervosa pelo momento presente, ela também estava estranhamente assustada, como se toda vez que o abismo do tempo se abrisse e deixasse passar um segundo, algum perigo desconhecido pudesse acompanhá-lo. A tensão era implacável e rigorosa demais para ser suportada por muito tempo sem desconforto. Ela caminhou mais rapidamente do que gostaria, como se suas pernas fossem movidas por ela, através do jardim e saindo para o parque. Aqui ela se forçou, com grande esforço, a parar na carpintaria e ficar imóvel observando Joe Stubbs moldar uma roda de carroça. Ela estava parada com os olhos fixos na mão dele quando a moeda bateu. Ele passou por ela como um meteoro, tão quente que nenhum dedo

consegue segurá-lo. Ela viu com uma nitidez repugnante que o polegar da mão direita de Joe não tinha unha e havia um pires saliente de carne rosada onde deveria estar a unha. A visão foi tão repulsiva que ela se sentiu tonta por um momento, mas na escuridão daquele momento, quando suas pálpebras tremeram, ela se sentiu aliviada da pressão do presente. Havia algo estranho na sombra que o brilho dos seus olhos lançava, algo que (como qualquer um pode testar por si mesmo olhando agora para o céu) está sempre ausente do presente - daí o seu terror, o seu caráter indefinido - algo que alguém teme ao fixar um nome no corpo e chamar beleza, pois não tem corpo, é como uma sombra e sem substância ou qualidade própria, mas tem o poder de mudar tudo o que se acrescenta. Essa sombra agora, enquanto ela piscava os olhos em seu desmaio na carpintaria, saiu furtivamente e, ligando-se às inúmeras visões que vinha recebendo, compôs-as em algo tolerável, compreensível. Sim, pensou ela, soltando um profundo suspiro de alívio, ao sair da carpintaria para subir a colina, posso começar a viver novamente. Estou perto da Serpentina, pensou ela, o barquinho está subindo pelo arco branco das mil mortes. Estou prestes a entender...."

Essas foram as palavras dela, ditas com bastante clareza, mas não podemos esconder o fato de que ela era agora uma testemunha muito indiferente da verdade do que estava diante dela e poderia facilmente ter confundido uma ovelha com uma vaca, ou um velho chamado Smith com alguém que se chamava Jones e não era parente dele. Pois a sombra de fraqueza que o polegar sem unha lançara aprofundara-se agora, na parte posterior do seu cérebro (que é a parte mais distante da vista), num lago onde as coisas habitam numa escuridão tão profunda que mal sabemos o que são. Ela agora olhava para esse lago ou mar onde tudo se refletia - e, de fato, alguns dizem que todas as nossas paixões mais violentas, e a arte e a religião são os

reflexos que vemos na cavidade escura na parte de trás da cabeça quando o mundo visível fica obscurecido por algum tempo. Ela olhou para lá agora, longa, profundamente, profundamente, e imediatamente o caminho cheio de samambaias que subia a colina ao longo da qual ela caminhava tornou-se não inteiramente um caminho, mas parcialmente a Serpentina; os espinheiros eram em parte senhoras e senhores sentados com porta-cartões e bengalas com detalhes dourados; as ovelhas eram parcialmente altas casas Mayfair; tudo era parcialmente outra coisa, e cada um ganhava um estranho poder de movimento a partir desta união de si mesmo e de algo que não era ele mesmo, de modo que, com esta mistura de verdade e falsidade, sua mente se tornava como uma floresta na qual as coisas se moviam; luzes e sombras mudaram e uma coisa se tornou outra. Só que quando Canute, o cão de caça, perseguiu um coelho e lhe lembrou que deviam ser quatro e meia — na verdade faltavam vinte e três minutos para as seis —, ela esqueceu a hora.

O caminho de samambaias conduzia, com muitas curvas e sinuosidades, cada vez mais alto até o carvalho, que ficava no topo. A árvore tinha ficado maior, mais robusta e com mais nós desde que ela a conheceu, por volta do ano de 1588, mas ainda estava no auge da vida. As pequenas folhas com babados ainda tremulavam densamente em seus galhos. Jogando-se no chão, ela sentiu os ossos da árvore escorrendo como costelas de uma espinha para um lado e para o outro abaixo dela. Ela gostava de pensar que estava viajando no fundo do mundo. Ela gostava de se apegar a algo difícil. Quando ela se jogou no chão, um livrinho quadrado encadernado em tecido vermelho caiu do peito de sua jaqueta de couro - seu poema *The Oak Tree*. “Eu deveria ter trazido uma espátula”, ela refletiu. A terra era tão rasa sobre as raízes que parecia duvidoso que ela conseguisse fazer o que pretendia e enterrar o livro ali. Além disso, os cães iriam desenterrá-lo. Não há sorte em comparecer a

essas celebrações simbólicas, pensou ela. Talvez fosse melhor passar sem eles. Ela tinha um pequeno discurso na ponta da língua que pretendia falar sobre o livro enquanto o enterrava. (Era um exemplar da primeira edição, assinado pelo autor e artista.) “Enterro isto como uma homenagem”, diria ela, “um retorno à terra daquilo que a terra me deu”, mas Senhor! uma vez que alguém começava a pronunciar palavras em voz alta, como elas soavam tolas! Ela se lembrou do velho Greene subindo em uma plataforma outro dia, comparando-a com Milton (exceto pela cegueira) e entregando-lhe um cheque de duzentos guinéus. Ela pensou então no carvalho ali na colina, e o que isso tem a ver com isso, ela se perguntou? O que elogio e fama têm a ver com poesia? O que sete edições (o livro já teve nada menos) têm a ver com o valor dele? Escrever poesia não era uma transação secreta, uma voz respondendo a outra voz? De modo que toda essa conversa e elogios, e acusações e encontros com pessoas que admiravam alguém e encontros com pessoas que não admiravam, eram tão inadequados quanto poderiam ser para a coisa em si – uma voz respondendo a uma voz. O que poderia ter sido mais secreto, pensou ela, mais lento e parecido com o intercuro de amantes, do que a resposta gaguejante que ela dera durante todos esses anos à velha canção cantante da floresta, e das fazendas e dos cavalos marrons parados no portão, pescoço a pescoço, e da ferraria e da cozinha e dos campos, que tão laboriosamente produziam trigo, nabos, grama, e os jardins desabrochando íris e fritilares?

Então ela deixou o livro desenterrado e desgrenhado no chão, e observou a vasta vista, variada como o fundo do oceano naquela noite, com o sol iluminando-o e as sombras escurecendo-o. Havia uma aldeia com uma torre de igreja entre olmos; uma mansão com cúpula cinza em um parque, uma faísca de luz acesa em alguma estufa, um curral com pilhas de milho

amarelo. Os campos estavam marcados com touceiras de árvores negras, e além dos campos estendiam-se longos bosques, e havia o brilho de um rio, e depois colinas novamente. Ao longe, os penhascos de Snowdon ficaram brancos entre as nuvens; ela viu as distantes colinas escocesas e as marés selvagens que giram em torno das Hébridas. Ela ouviu o som de tiros no mar. Não — — só o vento soprou. Não houve guerra hoje. Drake tinha ido embora; Nelson tinha ido embora. “E aquela”, pensou ela, deixando seus olhos, que estavam olhando para aquelas distâncias distantes, baixarem mais uma vez para a terra abaixo dela, “já foi minha terra: aquele castelo entre as colinas era meu; e toda aquela charneca que se estendia quase até o mar era minha. “Aqui a paisagem (deve ter sido algum truque da luz moribunda) tremeu, amontoou-se, deixou todo esse estorvo de casas, castelos e bosques deslizar de suas laterais em forma de tenda. As montanhas nuas da Turquia estavam diante dela. Era meio-dia escaldante. Ela olhou diretamente para a encosta assada da colina. Cabras pastavam os tufo de areia a seus pés. Uma águia pairava acima dela. A voz rouca de antigamente Rustum, o cigano, resmungou em seus ouvidos: “Qual é a sua antiguidade, a sua raça e os seus bens comparados com isso? O que você precisa com quatrocentos quartos e tampas de prata em todos os pratos, e empregadas domésticas tirando o pó?

Nesse momento, algum relógio de igreja tocou no vale. A paisagem em forma de tenda desabou e caiu. O presente caiu sobre sua cabeça mais uma vez, mas agora que a luz estava desaparecendo, mais suave do que antes, não trazendo à vista nada detalhado, nada pequeno, mas apenas campos enevoados, lâmpadas nas janelas das casas, o volume adormecido de um bosque e uma luz em forma de leque empurrando a escuridão à sua frente ao longo de alguma alameda. Se foram nove, dez ou onze horas, ela não sabia dizer. A noite havia chegado - a noite que ela mais amava, noite em que os

reflexos no lago escuro da mente brilham com mais clareza do que durante o dia. Não era necessário desmaiar agora para olhar profundamente na escuridão onde as coisas se moldam e ver no lago da mente ora Shakespeare, ora uma menina de calças russas, ora um barco de brinquedo na Serpentina, e depois o próprio Atlântico, onde ele ataca em grandes ondas passando pelo Cabo Horn. Lá estava o brigue do marido, subindo ao topo da onda! Para cima, foi, e para cima e para cima. O arco branco de mil mortes surgiu diante dele. Oh, homem precipitado, ridículo, sempre navegando, tão inutilmente, ao redor do Cabo Horn, em meio a um vendaval! Mas o brigue passou pelo arco e saiu do outro lado; finalmente era seguro!

"Êxtase!" ela gritou, "êxtase!" E então o vento diminuiu, as águas ficaram calmas; e ela viu as ondas ondulando pacificamente ao luar.

"Marmaduke Bonthrop Shelmerdine!" ela gritou, parada perto do carvalho.

O lindo e brilhante nome caiu do céu como uma pena azul de aço. Ela o observou cair, girando e girando como uma flecha que caía lentamente e cortava lindamente o ar profundo. Ele vinha, como sempre vinha, em momentos de calma mortal; quando a onda ondulava e as folhas manchadas caíam lentamente sobre seus pés na floresta de outono; quando o leopardo estava parado; a lua estava nas águas e nada se movia entre o céu e o mar. Foi então que ele veio.

Tudo estava quieto agora. Era quase meia-noite. A lua surgiu lentamente sobre o campo. Sua luz ergueu um castelo fantasma na terra. Lá ficava a grande casa com todas as janelas revestidas de prata. De parede ou substância não havia nenhuma. Tudo era fantasma. Tudo estava quieto. Tudo estava iluminado como se fosse a vinda de uma rainha morta. Olhando abaixo dela, Orlando viu plumas escuras se agitando no pátio, tochas tremeluzindo e

sombras ajoelhadas. Uma rainha mais uma vez saiu de sua carruagem.

"A casa está ao seu serviço, senhora", ela gritou, fazendo uma profunda reverência. "Nada foi mudado. O Senhor morto, meu pai, irá guiá-lo."

Imediatamente, soou a primeira badalada da meia-noite. A brisa fria do presente roçou seu rosto com seu sopro de medo. Ela olhou ansiosamente para o céu. Estava escuro com nuvens agora. O vento rugia em seus ouvidos. Mas no rugido do vento ela ouviu o rugido de um avião aproximando-se cada vez mais.

"Aqui! Shel, aqui!" ela gritou, expondo o peito para a lua (que agora brilhava) de modo que suas pérolas brilhavam como os ovos de alguma enorme aranha lunar. O avião saiu das nuvens e ficou acima de sua cabeça. Pairou acima dela. Suas pérolas queimavam como um clarão fosforescente na escuridão.

E quando Shelmerdine, agora um excelente capitão do mar, vigoroso, de cores vivas e alerta, saltou para o chão, surgiu sobre sua cabeça um único pássaro selvagem.

"É o ganso!" Orlando chorou. "O ganso selvagem....."

E soou a décima segunda badalada da meia-noite; às doze badaladas da meia-noite, quinta-feira, onze de outubro de mil novecentos e vinte e oito.